

VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL

Nº 001253

Titulo do original francès:

Voyage à Rio Grande do Sul (Brésil)

OBRAS DO MESMO AUTOR

Nesta Serie:

Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Tauray — 2.^a edição — Vol. 5.

Viagem à Província de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira — Vol. 58.

Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz — 1.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa. — Vol. 68.

Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz — 2.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa — Vol. 78.

Segunda Viagem ao Interior do Brasil — "Espírito Santo" Trad. de Carlos Madeira — Vol. 79.

Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais — Em dois tomos — Edição Ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa. — Vols. 126-126-A.



AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE.

cujo nome de batismo era Augustin François César Proutins. d. nasceu a 4 de Outubro de 1779, em Orleans, França, e faleceu a 30 de Setembro de 1853, nessa mesma cidade. Escreveu 17 obras de grande valor, comprehendidas em 23 volumes, das quaes 7, em 11 volumes, são attinentes ás suas viagens no Brazil.

Serie 5.^a
BIBLIOTECA

BRASILIANA
PEDAGOGICA

Vol. 167
BRASILEIRA

Augusto de Saint-Hilaire

VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL

(1820-1821)

SEGUNDA EDIÇÃO

Tradução de
Leonam de Azeredo Pena



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO - RECIFE - PÔRTO-ALEGRE
1939

INDICE

CAPITULO I

Torres — Prisioneiros indígenas empregados na construção do fortim — Itapeva — Estância do Meio — Sítio do Inácio — Tramandai — Firmiano mordido por uma cobra — Fazenda do Arroio — Cultura da mandioca e do trigo — Pitanguoiras — Diálogo com a hospedeira à porta da casa — Lagoa dos Barros — Boa Vista — Cortume de José Egídio, barão de Santo Amaro — O Sr. Gavet — Descrição da Fazenda — Sítio — Capela do Viamão — Bela Igreja — Criação de gado 23

CAPITULO II

Porto Alegre — Descrição da cidade — Sua sujeira — Hábitos carnívoros — O conde de Figueira, general — Sua boa administração — Artigas derrotado em Taquembó — Prisioneiros guaranis — Sua semelhança com os cosacos — Caminho novo — Artigas — Duas vacas harmafroditas — A granda sêca — Dificuldade na organização do serviço de abastecimento das tropas — Soldo atrasado — Rendas da Capitania — Sistema de fazendas gerais — Sua adjudicação feita no Rio de Janeiro — Abusos — Junta criminal — Frutos — Vinha — Falta de lareiras — Clima salubre — O general Lecor — Um baile — Origens da guerra — Os povoadores desta Capitania são oriundos de Açores — Comparação com os de Santa Catarina — Continuação da descrição de Porto Alegre . . . 49

CAPITULO III

Capela do Viamão — População da Capitania — Boa Vista — Administração das aldeias (povos) das Missões — Palmaraes — Negros escravos — Estância dos Barros —

Os capitães gerais — Estância de S. Simão — Bujuru — Mostardas — Gado, carneiros — Freguezia do Estreito — Rio Grande do Sul — Recepção do Conde de Figueira — Exportações, arcas — A lagoa dos Patos — Ganhos excessivos da fazenda-geral — Baile em casa do sargento-mór Mateus da Cunha Teles — Posição de Rio Grande — Educação defeituosa das moças — Negociantes quasi todos europeus — Doenças — Aldeias do Norte

81

CAPÍTULO IV

A barra do Rio Grande — Profundidade variável — Francisco Inácio da Silveira, vigário de Rio Grande — Sistema de Contemporização do General Lecor em Montevideo — Influência do clima — Descrição de Rio Grande — Provável decadência desta cidade — Seu comércio — Nascimento em 1819 e 1820 — Rio Pelotas — Visita ao Sr. Chaves — Navegação sobre o Canal e sobre o rio Pelotas — Descrição da residência e do costume da Sr. Chaves — A paróquia de S. Francisco de Paula — Sr. Paiva, coletor geral dos dízimos — Dois franceses estabelecidos em S. Francisco de Paula — Estado da exportação do Rio Grande de 1805 a 1819 — Cultura do cânhamo — Máu trato dos escravos das xarqueadas — Sr. Chaves — S. Francisco de Paula — Importação do Rio Grande

112

CAPÍTULO V

Arroio das Cabeças — O tenente Vieira — Cães de guarda dos rebanhos, chamados ovelheiros — Estância do Silverio — Invasão das arcas — Cultura do trigo — Estância do Velho Terras — Estância de José Correia — O mate — Campos neutrais — Propriedade disputada — Estância da Tapera — Estância de José Bernardes — Estância de Francisco Correia — Estância de Medanos Chico — Estância do Curral Grande — Cheripá — Oftalmias causadas pela areia — Jerebatuba — O Sr. Delmont, francês — Rendimento das Estâncias segundo sua opinião — Estância do Chui — Estrados — Cultura do milho — Bódes — Rio e Serra de S.

Miguel — Bela paisagem — Forte do S. Miguel — Marro da Vigia — Estância de Angelo Nuñez, lugar destinado à fundação de uma aldeia — Chui — O Capitão Manoel Joaquim de Carvalho — Limites entre Rio Grande do Sul e Uruguai 150

CAPITULO XIV

Margens do arroio Santana — Indio guaicurus visto em Belém — Vocábulos do dialeto desses índios — Reflexões sobre Portugal e Brasil — Os dumentes insetos nocivos — Tigres — Ao ar livre, margens do arroio Guarapuitã — Mel de abelhas — Envenenamento — Ao ar livre junto às nascentes de Guarapuitã — Os três índios comem do mel, sem perigo — A vespa é chamada, pelos guaranis, lectiguana — Ingratidão de Firmiano — Incapacidade dos índios em compreender o futuro — Ao ar livre junto ao arroio Imbalá — Ao ar livre, próximo a um arroio sem nome — Estância de São Marcos — Rincão de Sanclon — Hábitos — Retorno à barbaria — Ausência de religião 191

CAPITULO XV

Ao ar livre, nas margens do rio Ibicuí — Passagem em piroga — À outra margem do Ibicuí — Estância do Alferes Antonio Francisco Souto — Rincão da Cruz — Pedras de limites — Produtos da criação — Produtos da lavoura — O Marechal Chagas — Chácara de Pedro Lino — Sentido da palavra chárara — Fazenda do Salto — O Padre Alexandre e sua insolência — Fazenda do Deumario (sic) — Colonos europeus — Seus filhos — Siti, chefe de índios 218

CAPITULO XVI

Margens do rio Butuí — Estância de São Donato, do marechal Chagas — Estância de Butuí, margem direita do rio desse nome — As pelotas, barcos de couro cru — S. Borja — Igreja — Notável partido que os Jesuítas

saberm tirar da imbecilidade dos índios — Música — Decadência das Missões depois que abandonaram o sistema dos Jesuitas — Mistura com os brancos — Moléstias — Despovoamento — Retôrno à barbaria — Caráter infantil dos Guaranis — Opinião do coronel Paulette — Descrição da aldeia — Estância de Santos Reis — Velha plantação de mate — Regimento dos Guaranis — Suas mulheres — Bicharia — Ruina da região devido às requisições militares — Observações obtidas por intermédio do Cura de São Borja — Ramirez 238

CAPÍTULO XVII

Estância do Silva — Estância do Souza — Aventura de um miliciano, duma índia e de um prisioneiro negro — Feiura das índias; paixão que inspiram aos brancos — Bonita paisagem — Estância de S. José — Propriedades do marechal Chagas — Escândalo dessas aquisições — Estância de Itaruquem — Ruínas das velhas estâncias dos Jesuitas — Chácara de Chico Pentiuado — Os moscardos — Significação das palavras, estância e chácara — Notas agrícolas — Chácara de Santa Maria — Passagem de Piratiní — Administração de S. Borja — Aldeia de São Nicolau — Descrição — Ruínas — Ao ar livre, às margens do Arroio de Caotchobai — Ao ar livre, a meio quarto de légua de S. Luiz 264

CAPÍTULO XVIII

São Luiz — As ruínas da civilização implantada pelos Jesuitas inspiram-nos respeito por esses Padres — Atual indigência dos índios — Mestre-escola — Os índios de S. Nicolau têm melhor aparência que os de S. Borja, provendo isso a ação corruptora dos brancos — Palestra com uma índia — Hospital construído pelos Jesuitas — Administração antiga e atual — Descrição de S. Luiz — Alguns artífices e um bom administrador — Variola — Chácara do administrador de São Lourenço — Chácara da comunidade de S. Luiz — Boa aparência desse estabelecimento — São Lourenço — Miséria dos índios — Mau administrador — Descrição da aldeia — Ve-

Iho quincôncio do erva-mate — Colheita do mate — São Miguel — Bom estado dessa aldeia — O marechal Chagas — Abusos — Soldados não pagos — Igreja de São Miguel — Hospital sem médicos e sem remédios — Essa aldeia é a menos pobre de todas — General Siti, índio, bêbado e ladrão — Pequenos índios frequentemente roubados — Engenho de açúcar construído pelos Jesuítas — São João — O cura de S. Miguel — Santo Angelo — O Juimirim e Juicuassú — População da aldeia — Triste condição das índias — Agricultura dos guaranis: sua charrua, trigo, mandioca, milho, algodão e feijão — Impudor ingênuo das índias 284

CAPITULO XIX

Choupana de Piratini — Notas sôbre São João — Habilidade manual dos índios, escrita, escultura — Ao ar livre, às margens do Itapiru-Guasau — Estância de Tupamirretã — Estância de Santiago — Respeito que se devia ter pelos direitos dos índios sôbre seus terrenos — Uma mulher do tempo dos Jesuítas — Estância de Salvador Lopes — Entrada do mato — Cultura de tabaco — S. Xavier — Maus costumes do Brasil — Comparação entre os negros e os índios — Toropi-Chico — Serra de São Xavier, de S. Martinho e Botucaraí — Fertilidade desta região; excesso de requisição — Ao ar livre, às margens do Toropi-Grande — Estância de São Lucas — Estância de Filipinho — Estância do Durasnal de S. João da Coxilha do Morro Grande — Estância do Rincão da Bôca do Monte — Propriedade incerta — Títulos de Sesmaria 312

CAPITULO XX

Capela do Sante Maria — Notícias da revolução no Brasil — A capela depende da paróquia de Cachoeira — Simonia — Estância da Tronqueira — Nota sôbre os cavalos selvagens — Violento furacão — História de Firmiano — Estância da Restinga-Sêca — Família do Silveira, componês de Tronqueira — A sexta-feira da Paixão — Jejum rigoroso 335

CAPITULO XXI

Margens do Rio Jacuí — Notas sobre a administração de Chagas — Chácara de Pedro Morales — Vila da Cachoeira — Margens do rio Botucaraí — Acidente — Os brasileiros desejam uma Constituição — Palestra sobre a província das Missões — Impossibilidades de empregar os negros — A moim légua da casa do major Felipe Carvalho — Lição de civilidade — Vila do Rio Pardo — O sargento-mór José Joaquim de Figueiredo — Seiscentas léguas sem uma ponte — Venda da carroça para continuar a viagem por água — Decadência dos índios, completada pelos portugueses — Comércio de Rio Pardo — Couros e trigo — Descrição da cidade — Paixão do jôgo, luxo de arreiaimes e comércio nas mãos dos europeus 358'

CAPITULO XXII

Sobre o rio Jacuí, próximo à estância dos Dourados — O cirurgião-mór, Vicente — Passagem das catamtas ou cachoeiras — Porto de D. Rita, sobre o Jacuí — Aldeia de Santo Amaro — Sobre o rio Jacuí a 3 léguas de Porto Alegre — Freguezia-nova — Canoas — Porto Alegre — O sargento-mór João Pedro da Silva Ferreira — Embarque para Rio Grande — As Pedras Brancas — Barra do Rio Pardo — Separação do Guíba e do Rio de Porto Alegre ou Lagoa de Viamão — Ancorado junto ao Morro do Coco — Notas sobre Porto Alegre — Inconvenientes do poder absoluto dos capitães-gerais — Ao pôr-do-sol à altura dos Três Irmãos — Reflexões sobre as Capitanias do Brasil — Saco de Bujurú — Tempestade — Partido do Rei para Portugal — Inconcebível ausência de balizamento do lago, para a navegação — A vista da ponta dos Lençóis — O Autor leva consigo um jovem guaraní 382

PREFACIO DA 2.^a EDIÇÃO

Em setembro de 1935 publicámos a 1.^a edição da tradução da Viagem de Auguste de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul, por intermedio da conceituada "Ariel Editora", graças ao apoio que encontrámos por parte do Dr. Gastão Cruis e de João Teixeira Soares Netto aos quais deixamos aqui manifestados os nossos agradecimentos.

Esgotando-se essa edição, feita com intuito de comparecer ás solenidades comemorativas do Centenario Farroupilha, vamos agora incluir "Viagem ao Rio Grande do Sul" na "Brasiliana" da Editora Nacional, biblioteca em boa hora iniciada e hoje presente a todas as estantes do país.

Saint-Hilaire tem sido talvez o cientista estrangeiro, do seculo passado, mais lido no Brasil. Todos os seus diarios de viagem, hoje vertidos para o português, adquirem grande numero de leitores e, em quasi todos os trabalhos de sociologia, etnografia e geografia do Brasil, seu nome comparece com enorme copia de observações e comentarios sempre seguros e honestos.

A série "Brasiliana" da Biblioteca Pedagógica Brasileira tem já publicado os volumes referentes ás viagens de Saint-Hilaire ás provincias de Minas, Rio Grande, São Paulo, Santa Catarina, Goiaz e ás nascentes do S. Francisco, todas muito interessantes e em ótimas traduções. Em todos esses livros o leitor fica surpreendido da segurança com que o grande botânico francês augurava o futuro das localidades por êle percorridas, fructo de uma acuidade notavel em um viajante cujo principal lito era coletar plantas e animais para estudos científicos.

Não nos árrecejamos de afirmar que no presente livro essas prophcias e observações assumem proporções bem maiores que nos outros livros de viagem, fato explicavel por ter sido o roteiro do Rio Grande o último feito pelo Autor, pois daí apenas foi Saint-Hilaire a Minas e a São Paulo (pela segunda vez), provincias dêle conhecidas.

O desenvolvimento da enologia no Rio Grande do Sul foi previsto por Saint-Hilaire em 1821, quando um ou outro "curioso" fabricava uma hebida somente apetecivel aos negros e classes menos favorecidas da fortuna, porque era preferivel um vinho ordinario á cachaça. Naquela ocasião aconselhava Saint-Hilaire, ao governo, o incremento da viticultura não só na capitania do Rio Grande, mas ainda em Goiaz, no distrito Diamantino e na comarca de Sabará (Minas). Seria demais, ainda hoje, insistir nessa sugestão?

Tambem a possibilidade do florescimento de Porto Alegre, atual "metropole sulina" foi fato que não passou despercebido ao botânico francês, e hoje, que tantos acontecimentos mudaram o cenário político brasileiro, vem a talho relembrar as sábias palavras de Saint-Hilaire, em seus diarios de 28 de janeiro e 20 de junho:

"... O temor de retornar ao dominio português levará os brasileiros á revolta, ou ao menos servirá de pretexto para isso. E, como a obediência que as diversas provincias do Brasil prestam ao soberano é o unico laço que as une, é evidente que elas se separarão quando tal laço deixar de existir. Sem falar do Pará e de Pernambuco, a capitania de Minas e a do Rio Grande, já menos distancidas, dilerem mais entre si que a França da Inglaterra. Como poderão os habitantes, abandonados a si próprios, entenderem-se e cooperar para a formação de um Estado unico? Não se pretenda citar o exemplo dos Estados Unidos, onde sectarios entusiastas não são para com-

parar com homens na maior parte sem moral e sem virtudes.

Os brasileiros, tomados em massa, são certamente superiores aos americanos-espanhóis; todavia não existe entre eles um verdadeiro patriotismo; não os creio capazes de arroubos de desprendimento. Em uma insurreição ver-se-ão chefes ambiciosos formarem partidos, arrebanhando essa multidão de preguiçosos e desprotegidos da fortuna que pululam no Brasil."

Ou então as conclusões que tirava da política do Império após a volta de D. João VI a Portugal:

"Era impossível continuar a considerar como colônia um país onde o Soberano tinha sua residência. Declararam-no, então, igual às províncias europeias e abriram seus portos a todas as nações. Mas pararam aí e, por singular contradição, deixaram uma administração colonial em um país que não era mais colônia. Cada capitania ficou sendo uma especie de "pachalick" onde o capitão-general continuava a gozar de um poder absoluto e onde podia, a seu talante, reunir em si todos os poderes.

Nada mudou no processo desigual de lançamento dos impostos. Assim, apesar do empobrecimento dos mineiros, continuaram a taxá-los com um imposto duplo sobre as mercadorias que haviam já pago um primeiro nos portos. Apesar dos goianos não tirarem mais ouro de suas terras, nada tendo para vender, continuaram a exigir-lhes os dizimos, que, aliás, só podem ser pagos em terras e objéto. Cada capitania conservou seu tesouro separado, sendo obrigada a viver de suas rendas. Entim, não existe, ainda, uma armada brasileira, mas todas as províncias têm suas tropas particulares, que não se entendem com uma direção comum e nem se compõem de um só conjunto.

Tive, já, occasião de expôr alguns inconvenientes dêsse sistema militar; para esta capitania elles existem e

muito graves. Como os corpos dela dependentes são quasi inteiramente compostos de homens da região, tendo a guerra necessidade de grandes verbas e dando lugar a grandes fortunas, formou-se, aqui, uma especie de aristocracia de familia, embaraçosa para os capitães-generais e perigosa para a paz dos cidadãos”.

No prefacio da 1.^a edição evitámos salientar as observações e conceitos contidos nesta obra, para não tirarmos ao leitor o prazer de descobri-las a cada passo. As duas citações acima, entretanto, são agora mais que oportunas porquanto evidenciam não apenas que desde o principio do seculo passado havia erros graves no sistema politico brasileiro, mais ainda — houve um cidadão estrangeiro pelo nascimento, brasileiro pelo coração, que soube ver essas falhas, registrando-as e apontando, sem vaidade nem arrogancia, o caminho a seguir.

Os livros de Saint-Hilaire apresentam a cada leitura novos aspectos e novos corolarios, que nós mesmos, pelo trabalho de rever a tradução, relendo-a um sem numero de vezes, sempre descobrimos, sem enfado.

A presente edição sairá melhor revista. Quando da publicação da primeira, mau grado nossos esforços e o auxilio eficiente dos drs. Donatelo Grieco e Gastão Cruls, a premencia do tempo não permitiu saissc um trabalho perfeito.

Agradecendo a quantos contribuíram para a publicação da 1.^a edição da “Viagem ao Rio Grande do Sul”, da casa editora á officina impressora, passando pela critica bondosa da imprensa brasileira, somos felizes em vermos nossa modesta tradução enfileirar-se ao lado dos primorosos trabalhos que constituem a “Coleção Brasileira”, da Companhia Editora Nacional.

Rio - Dezembro de 1938.

LEONAM.

PREFACIO DA 1.^a EDIÇÃO

TRADUTTORE, TRADITORE.

De todos os viajores que, no século passado, percorreram nossa terra, cuidando publicar observações e impressões, raros se interessaram pela vida e progresso do Brasil e pouquíssimos foram imparciais em julgar o brasileiro, quanto o foi Saint-Hilaire, o "grande amigo do Brasil."

Por isso os livros de viagem do notável botânico francês permaneceram interessantes através dos anos, pelo real valor sociológico e descritivo que encerram.

Dai nasceu nosso desejo de verter para o português o ultimo e alentado diário, já raro no dominio bibliografico, referente ás excursões desse sábio na então Capitania do Rio Grande do Sul. E, aproximando-se a data comemorativa do Centenário da Revolução Farrroupilha concorrer ás secções II e V do Pavilhão Cultural (1) da grande exposição a realizar-se em Porto Alegre, em Setembro do corrente ano, levando assim nosso modesto quinhão a essas solenidades comemorativas.

Queremos desse modo, com um só amplexo, homenagear a memória do grande Saint-Hilaire e o valoroso povo rio-grandense na data máxima de sua portentosa história.

(1) II — História Natural — b) Botânica. V. Livro Rio-Grandense — Secção em que figurará também tudo quanto foi escrito sobre o Rio Grande do Sul por viajantes estrangeiros que nos visitaram, outrora e hoje.

Além desses intuitos não nos move outro interesse.

Traduzindo "Voyage à Rio Grande do Sul" tivemos sempre em mente a velha advertência italiana segundo a qual os tradutores nem sempre são fieis aos autores.

No texto procurámos corrigir os vocábulos toponímicos, porquanto achamos não haver vantagem em mantê-los errados sómente para aparentarmos fidelidade ao original.

Sabido que entre os méritos de um livro como este salienta-se o seu caráter didático, empenhámo-nos, na medida do possível, em emendar os nomes portuguezes e indígenas. Para exemplificarmos lembraremos que no original (publicado após a morte do Autor) está: Rincão da Bom do Monte em vez de Rincão da Boca do Monte. E' visível tratar-se de erro de imprensa, talvez oriundo da caligrafia do Autor, aliada ao desconhecimento de nossa língua por parte do tipógrafo francês.

"Voyage à Rio Grande do Sul" contem observações conceitos e vaticínios sobre o ambiente brasileiro, interessando não só aos gaúchos como a todos quantos se dedicam às questões sociais, econômicas, científicas, geográficas e históricas em o nosso País. Enumerar ou salientar tais impressões e observações seria roubar ao leitor o sabor de descobri-las a cada passo.

Sendo nosso principal desejo concorrer às comemorações farroupilhas deliberámos sómente traduzir a parte do livro referente ao território sul-rio-grandense, saltando os sete capítulos alusivos ao território uruguaio, afim de que este nosso trabalho tenha cunho absolutamente condicionado à finalidade com que foi levado a efeito.

Dando à publicidade esta tradução esperamos, quando nada, ter contribuido para a reedição de um jornal de viagem, tão interessante, quão raro.

CAPÍTULO I

Torres — Prisioneiros indígenas empregados na construção do fortim — Itapeva — Estância do Meio — Sítio do Inácio — Tramandai — Firmiano mordido por uma cobra — Fazenda do Arroio — Cultura da mandioca e do trigo — Pitangueiras — Diálogo com a hospedeira à porta da casa — Lagoa dos Barros — Boa Vista — Cortume de José Egídio, barão de Santo Amaro — O Sr. Gavet — Descrição da Fazenda — Sítio. . . . — Capela do Viamão — Bela Igreja — Criação de gado.

Torres, 4 léguas (1) segunda-feira, 5 de Junho. — Sempre areia e mar. Todavia, si nos dias precedentes avistámos apenas uma praia pardacenta a confundir-se com o céu na linha do horizonte, hoje deparámos os dois montes denominados *Torres*, que efêtivamente avançam pelo mar dentro, à semelhança de duas torres arredondadas.

A oeste recomeçámos a perceber a grande cordilheira que há muito tempo não víamos.

(1) Léguas portugueza de 18 ao gráu, ou sejam: 6.173 metros.

A cerca de uma légua daqui achámo-nos à margem do rio Mampituba (*pai do rio*) o qual, atravessando a praia, se lança no mar, depois de servir de linha divisória entre a província de Santa Catarina e a capitania do Rio Grande. Passámo-lo de modo idêntico ao que empregámos na travessia do rio Araranguá, e pagando pedágio à guarda de Torres.

Continuando nossa caminhada eis-nos chegados aos montes que têm esse nome. Um relvado curto, rasteiro mesmo, se estende à beira-mar, um pouco acima do mais setentrional dos dois montes.

Como há o projeto de localizar-se em Torres a séde de uma paróquia iniciaram aí a construção de uma igreja, da qual apenas existe o madeiramento. Após passarmos por essa igreja chegámos a um forte cuja construção se última e junto ao qual se acha o alojamento dos soldados do posto e do alferes que os comanda. Tais edificações ficam na face ocidental do monte, local de onde gozei um panorama que me pareceu mais encantador do que realmente era, devido à monotonia dos areais áridos a que meus olhos se acostumaram nos dias anteriores.

Um lago alongado, de águas tranquilas e cercadas de altas *Ciperáceas* estende-se ao pé do monte, paralelamente ao oceano. Além são matas que crescem em um terreno plano. A' direita vêem-se ainda areiais puros, e enfim o horizonte, delimitado pelo imenso planalto da grande cordilheira.

Chegado à residência do Alferes mostrei-lhe meus documentos, sendo muito bem recebido e alojado em uma pequena casa, onde ficarei sózinho e de onde se avista o lago.

A construção do forte, a que me refiro linhas atrás, tinha sido começada e estava em andamento, embora

não se acreditasse na invasão espanhola. De Laguna até aqui a costa é tão baixa e tão castigada pela furia de um mar perigoso às pequenas embarcações que nem por sombra poder-se-ia julgar que os inimigos aí se atrevessem a desembarcar. De qualquer modo a construção está sendo tocada, orientada para o norte e podendo ser dotada de quatro peças de artilharia. Em sua construção empregam-se cerca de 30 prisioneiros tomados a Artigas. Todos são índios, salvo apenas um. Entretanto a maior parte mostra traços de sangue espanhol. Uns vieram das Missões, outros de Entre Rios e outros do Paraguai. Quero crer que se atitaram à luta visando sómente a pilhagem.

Êsses homens são todos baixos, têm o peito de largura exagerada, os cabelos negros e lisos, o pescoço curto, uma fisionomia verdadeiramente ignóbil. O Alferes fez, entretanto, o elogio de sua docilidade. Alguns haviam fugido com o intento de voltar à pátria atravessando a grande cordilheira; obstáculos intransponíveis fizeram com que retrocedessem e fossem de novo aprisionados. Todos conhecem o espanhol e a *lingua geral*. Contudo notei que êles empregam, nesta última lingua, vocábulos às vezes diferentes dos que se acham consignados no dicionário dos Jesuitas.

Torres, 6 de Junho — Acho-me tão cansado pela viagem dos dias anteriores que exigi de meu guia a permanência aqui, por um dia. Aproveitei para pôr em ordem minhas coleções e para passear pelos montes denominados Torres. Tendo já descrito uma parte do que fica ao norte terminarei agora a descrição. E' alongado, desigual e quasi todo coberto de relva. O avanço que tem sobre o mar é arredondado como uma torre. Oferece às ondas verdadeira muralha de rochedos cortados a pique e termina por uma plataforma onde vegeta um erval extremamente raso. Em alguns trechos

dos flancos do monte aparecem duas *Cactáceas*, um grande *Eryngium*, *Bromeliáceas* e arbustos, entre os quais vi, com surpresa, a *Mirtácea* chamada pitanga, que pela primeira vez encontro nesta costa.

O mais meridional dos dois montes principais fica a algumas centenas de passos do primeiro, projetando-se bastante pelo mar mas mostrando fôrma menos regular. E' também quasi todo coberto de grama. Igualmente a prumo, do lado do mar, apresenta uma chanfradura profunda onde as ondas vêm quebrar-se contra rochedos negros.

Do lado norte a chanfradura possúe uma entrada que fôrma caverna cujo ingresso deve ser difficil, por causa do mar e da direção vertical das penedias.

Além dêsse último monte vê-se ainda um terceiro, muito menos importante que os dois outros, com a fôrma de uma sé'a, sendo quasi todo coberto de relva. Na frente é limitado por inacessível muralha de rochêdos.

Foi do primeiro dos três montes citados que gozei os mais agradaveis panoramas, pois dêle se avista quasi sempre o alto mar e o lago de água doce de que falei ontem.

Itapeva, 7 de Junho, 3 léguas. — Andando ainda cerca de 3/4 de légua de praia tornámo-nos então um pouco distanciados do mar e entrámos em uma grande planície húmida, coberta de espessa érva disposta em tufo, vendo-se aqui e alí pequenas moitas de matas.

A grande cordilheira se eleva a oêste dessa planície e quebra a monotonia da paisagem.

O solo é extremamente arenoso e especialmente do lado da serra veem-se áreas consideraveis povoadas de *butiás*.

Na ocasião há quasi completa ausência de florescência. A relva mostra-se amarelada, dessêcada, asseme-

lhando-se por seu aspecto ao das pastagens pantanosas da Sologne. O *Eriocaulon*, n. 1805 (1) e uma *Villarsia* vegetam abundantemente nos lugares mais húmidos.

Poisámos perto de uma cabana, na vizinhança da qual herborizei até à tarde, chegando à margem de um grande lago. O dono da cabana informou-me da existência de três outros lagos, em seguida ao que conheci, os quais se ligam por meio de estreitos sangradouroiros, sendo o mais setentrional denominado lagôa das Conchas. Disse-me também que os quatro reunidos podem medir cerca de 15 léguas de comprimento.

Terminado o meu trabalho pedi ao proprietário da palhoça permissão para mandar fazer o meu leito em sua casa, sendo atendido.

A palhoça é construída de páus armados em grade e forrados de folhas de palmeiras, que também entram na cobertura da casa. Esta se compõe de dois compartimentos apenas — um pequeno paiol sem portas e um quarto sem janelas e sem mobiliário, onde as roupas e utensílios de toda a família são estendidos sôbre esteios.

Apesar da indigência demonstrada por essa triste habitação, a dona da casa apresenta-se muito melhor trajada que os campônios francêses.

Soube, pelo meu hospedeiro, da existência da cultura de mandioca, feijão, trigo e milho nos arredores daqui, sendo que o milho dá sômente uma espiga por pé.

A localidade pertence á Freguezia da Serra, que dista 15 léguas, motivo pelo qual os moradores locais sômente nas festas da Páscoa vão à missa, e morrem sem receber os sacramentos da Igreja.

Esta viagem vai se tornando cada vez mais penosa, contribuindo para o esgotamento de minhas fôrças e de

(1) Este número, e os que se se acharão mais adiante, referem-se ao catálogo descritivo organizado dia a dia por Auguste de Saint-Hilaire. Tal catálogo e o herbário do Brasil são conservados no Museu de Paris.

meu ânimo. A imagem de minha mãe apresenta-se sem cessar em meu espirito, e, sempre me encontro sem ter com que me distrair vejo-me cercado de pessoas descontentes.

Torno-me pouco a pouco escravo de José Mariano (1); Manoel (2) só me fala com ar insolente e Firmiano (3), sendo o melhor, é todavia de tamanha susceptibilidade que exige seja tratado com as mais fatigantes precauções. Minha permanência entre personagens tão aborrecidas é suplicio inaudito, e, si esta tarde gozei alguma tranquilidade foi porque me refugiei sozinho nesta palhoça.

Estância do Meio. 8 de Junho. 4 1/2 léguas. — A casa em que pernoitei ontem fica tão próxima do mar que ouvi toda a noite o marulhar das vagas.

O caminho continúa a atravessar a mesma planície húmida, já descrita, e que a vizinhança da Serra, a mistura de moitas de matos e pastagens e o aspecto dos *butiás* (4) tornam francamente agradável à vista.

As moitas de mato, espalhadas nas pastagens, assemelham-se ao que nós chamámos *remises* (5), tendo os vegetais pouco vigor, escassa altura e sendo muito aglomeradas.

Pouco a pouco o caminho se aproxima da Serra e cerca de uma légua daqui percebemos o lago de que falei

(1) Tropicero mestiço, alugado em Ubá, perto do Rio de Janeiro, encarregado de ferrar os animais, cuidar do arceime, caçar e preparar os pássaros.

(2) Criado livre (canarada), negro-fôrto, alugado em S. Paulo. São suas obrigações campear os animais, carregá-los e descarregá-los.

(3) Índio botocudo, trazido pelo Autor, das margens do Jequitinhonha. É encarregado do transporte e do preparo das provisões, ajudando ao Minnel nas horas vagas.

(4) Palmeira, anã. Vide "Viagem a S. Paulo, Aug. Saint Hilaire, t. II, pag. 367.

(5) NOTA DO TRADUTOR. Os Francêses dão essa designação regional aos grupos de *compostas* geralmente do género, *Artemisia*, existentes nas pastagens de França.

ontem e que se estende ao pé das montanhas. Até aqui temos apreciado panoramas encantadores, ficando a palhoça, junto à qual poisámos, localizada justamente á margem do lago. Este lugar seria magnífico si as cercanias do lago fossem cultivadas e cobertas de casas, pois que a mais bela paisagem exige a presença e o trabalho do homem para a animar. Aqui, entretanto, veem-se apenas, de longe em longe, algumas miseraveis choupanas. Parei perto de uma, tão imunda que não tive coragem de aí assentar minha cama. Contudo a dona da casa apresentou-se vestida de modo idêntico ao da palhoça de Itapeva, usando um vestido de ganga azul (1), de mangas compridas, e um fichú de cassa, tendo os cabelos armados por uma travessa.

Enquanto escrevo estendem uma esteira no chão e aí servem a sopa, reunindo-se toda a família em torno da esteira. Ofereceram-me um lugar nessa refeição, mas recusei.

Os moradores ignoram o nome do lago próximo, pois não me souberam dizê-lo. Quando têm necessidade de se referirem a tal acidente geográfico dizem apenas "lago", pois não havendo outro toda a gente entende.

Sítio do Inácio, 9 de Junho, 3 léguas. — Sempre as mesmas planícies e as mesmas moitas de matas, agradavelmente espalhadas no meio das pastagens. O solo continúa a ser arenoso porém menos húmido. A relva é espessa e mais amarela que a das pastagens percorridas nos dias anteriores.

De longe em longe encontro algumas flores, tal como acontece em Outubro nos nossos campos. Mas, aqui, como em França, as plantas tardias são menos vigorosas

(1) NOTA DO TRADUTOR — Tecido grosseiro de época).

e sua inflorescência difere frequentemente da que se mostra na época própria.

Raramente veem-se árvores desprovidas de folhagem, e os moradores do lugar disseram-me que as matas nunca se apresentam totalmente desfolhadas, como se dá nesta mesma época em Minas Novas.

Durante muito tempo viamos apenas trechos do lago, mas já aqui começámos a avistá-lo melhor, e, enfim, chegando ao sítio onde parámos encontrámo-nos em suas margens.

Estamos agora em face de um sítio que, sendo ainda uma pequena palhoça, oferece melhor aparência que os por nós encontrados ontem e ante-ontem. Aí deparámos apenas um velho negro que seu dono deixara para receber a correspondência vinda de Porto Alegre e que se destina à guarda de Torres.

Por êsse negro fiquei sabendo que o patrão tinha sua residência principal do outro lado do lago não tendo êste sítio outra utilidade além da manutenção dos animais criados nas pastagens vizinhas. Parece mesmo pertencer a todos os agricultores do distrito, os quais plantam na margem ocidental do lago, coberta de mata, deixando os animais na margem de cá, onde as pastagens são muito boas.

E' notável que o número de animais seja muito inferior à capacidade das pastagens, devendo-se isso ao fato de serem muito pobres os habitantes das vizinhanças, impossibilitados de aumentar o rebanho.

A principal cultura da outra margem do lago é a mandioca, mas existem também roças de milho e feijão. A cana de açúcar aí medra bem, tendo o proprietário do sítio, onde devo pernoitar hoje, ao que parece, grandes plantações destinadas ao fabrico da aguardente. Vi algodoeiros ao redor das choupanas onde poisei

o-ontem,

Depois que deixei Laguna o ceu apresentava-se sempre sem nebulosidade e mostrava a mesma côr que em França durante as belas nevadas do inverno. Hoje a atmosfera está coberta e sem dúvida choverá, si não sobrevier um vento forte. Como todos os meus instrumentos não são controlados, há muito tempo, não observo mais o termômetro. Mas, as noites parecem-me muito menos frias do que eram no ano passado, na mesma época, na capitania de Goiaz. Creio que essa diferença é devida ao fáto de serem em Goiaz os dias muito mais quentes do que são aqui.

Tenho a lastimar a mudança de condúta de Firmiano, originada já pelos máus exemplos, já pelas chactas que recebe de José Mariano, e principalmente do negro Manoel. Êle já não é calado; discute e responde grosseiramente; torna-se deshonesto, mentiroso, e contraria a todo mundo. A opressão exalta e transmuda o caráter. Humilhado revolta-se e arma-se de insupportável máu humor. E' tão ignorante que se torna impossivel fazê-lo voltar ao bom caminho. Não comprehende o quanto será infeliz si eu o abandonar, reconhecendo apenas ser justo que me sirva porque eu o alimento e visto. Seus serviços são tão mal feitos quanto seja possível e êle não me dispensa mais nenhum afêto. Suporto-o por piedade porque se perderá si eu o abandonar e porque espero que ficando só, comigo, voltará ao que era anteriormente.

Sítio do Inácio, 11 de Junho, 5 léguas. — Fiquei aqui porque choveu todo o dia.

Algumas pessoas dão à parte do lago que defronta o Sítio o nome de lagôa do Inácio, mas para a maioria êle não tem nome — é o lago.

Falei ontem do pouco vigor e definhamento das plantas em florescência tardia. Devo acrescentar que aqui, como na Europa, essa floração extemporanea é

consequente de uma mutilação devida aos animais, que, comendo o caule principal, provocam a brotação dos rebentos laterais, que só mais tarde poderão florir, fóra da época normal.

Tramandaí, 11 de Junho, 5 léguas. - - O aspecto da região que percorremos hoje é o mesmo de sempre: o terreno arenoso e chato continúa a apresentar pastagens semeadas de moitas e cobertas de uma erva espessa e amarelada. Vemos intermitentemente trechos do lago, mas depois do Sítio do Inácio as montanhas se distanciam e tomam direcção sudoéste.

Não vimos gado nos campos, nem encontrámos nenhuma casa. Apenas deparámos um tróço de prisioneiros indígenas que eram conduzidos a Torres. Entre elles havia várias mulheres, muito feias e ainda mais, sem brio. Depois da saída dos Jesuitas os índios das Missões ficaram entregues aos soldados e homens corrompidos, vivendo actualmente da pilhagem, no meio das desordens da guerra, não sendo de admirar si suas mulheres não mais conheçam o pudor.

O conde de Figueira, governador da Capitania do Rio Grande, envia os índios em questão para Torres porque tenciona aí estabelecer uma aldeia, projéto que só pode ser louvado.

O Brasil precisa de braços e será melhor para o Estado ser povoado de índios do que ser um vasto deserto. Esses que se dirigem a Torres não somente não poderão ser nocivos como também tendo consigo suas mulheres estarão rapidamente radicados ao país, e tornar-se-ão dentro em pouco cidadãos desta província.

A manhã raiou muito bela, mas à tarde a atmosfera cobriu-se de nuvens e caiu uma chuva fina, semelhante à que cái frequentemente em França durante o mês de Novembro.

O tempo e o aspecto da região trouxeram-me recordações de Sologne e da viagem costumeira de minha família, no outono, a essa região. Meu pensamento voltou-se completamente para a França e para minha família. Minhas saudades renovam a cada instante e a solidão, em que me vejo, fadiga e entedia-me. A idéia de não poder rever minha Mãe faz-me tremer a cada momento.

Sómente amanhã atravessaremos o rio Tramandaí, em cujas margens chegámos muito tarde. Encontrámos á margem dêsse pequeno rio uma espécie de cabana, coberta de caniços, onde se amontôa uma dúzia de pessoas, e junto á qual existe um pequeno alpendre que serve de abrigo a uma piroga. E' sob êsse alpendre que devemos dormir. Tratei de minhas plantas na cabana, em meio de espessa fumaça.

Tramandaí, 12 de Junho. — Raramente tenho experimentado uma noite tão má. Um vento oéste, violento e extremamente frio, soprou logo que nos deitámos, fazendo-me tremer durante toda a noite, em completa vigília.

Após levantar-me entrei na cabana e acerquei-me do fogo, tendo grande dificuldade em aquecer-me. O dono do rancho ficou indignado com os meus homens por terem tomado os melhores lugares do alpendre, deixando-me exposto a todo o rigor do frio.

Segundo o que me disse êsse bravo cidadão o rio Tramandaí lança-se no lago, junto ao Sítio do Inácio, local em que o lago toma o seu nome.

Após aquecer-me um pouco saí para o campo, seguindo a margem do rio até ao mar.

Do que disse conclúe-se que o rio Tramandaí estabelece uma comunicação entre o lago e o mar, ou me-

lhor a comunicação se fórma e o lago se estreita acima do ponto onde o Tramandaí deita suas águas.

Depois de Itapeva o lago se estende de norte a sul, paralelamente ao oceano. Mas, um pouco acima da cabana onde pernoitámos éle fórma um cotovelo, dirige-se para léste, e não tem até ao mar mais que a largura do braço do Montées (1) em sua embocadura. Suas margens são, em grandes distâncias, revestidas de areia pura, onde, contudo, achei algumas plantas.

A violência do vento impediu-me de atravessar o rio. Após longo passeio regresssei à cabana, onde analisei minhas plantas, ainda no meio da mais intensa fumaça.

No campo, e frequentemente na cidade, não usam chaminés e o fogo é acêso no meio da cozinha, mas a fumaça pôde se elevar e escapar pelos oitões, que são geralmente abertos. Na miseravel habitação onde passei o dia ela não tinha por saída senão uma porta, muito estreita, e prejudicou-me a vista.

Os móveis da cabana resumiam-se em giraus (2) dispostos ao redor, uma mēsa e alguma louça.

Dos homens que vi hontem apenas um reside ordinariamente no local; os outros são amigos e compadres que voltavam de uma festa nas vizinhanças. Passaram todo o dia a se aquecerem, a cozinhar e a comer peixes. São todos homens brancos, mostram ser boas pessoas, cultivam a terra e parecem muito pobres.

Cerca de meio dia mandei Firmiano procurar lenha, tendo éle saído bastante contrariado. Como não regressasse ao fim de algumas horas julguei que tivesse fugido, mas, ei-lo surgindo, ao longe, porém sem trazer o menor

(1) Sobre o Loiret, junto a Orléans.

(2) Leitões rústicos. V. "Viagem ao Rio S. Francisco", Aug. Saint Hilaire. Tomo I, pag. 189, e "Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais", Tomo I, pag. 396.

pedaço de lenha. Disse ao chegar que tinha sido picado por uma cobra. Pedi para ver a ferida e reconheci do lado do tornozêlo de um dos pés a marca dos dentes do reptil. Corri a preparar algumas gotas de álcali, ministrando à vítima quatro gotas em um copo d'água. Repeti êsse tratamento de hora em hora, fazendo deitar o meu índio, sobrevindo apenas uma ligeira inchação no calcanhar.

Firmiano teve coragem de trazer no bolso a cobra que o ofendeu, a qual ainda ali estava viva. Era meu intento empalhá-la, mas infelizmente ela se estragou. Era pequena, com cerca de um pé de comprimento, cabeça chata e sensivelmente mais grossa que o colo, sendo de côr parda com manchas circulares negras. José Mariano disse-me ter-lhe visto as vesículas venenosas.

Atravessámos o rio à tarde, visto ter-se amainado o vento, parando perto da casa de meu guia, de outro lado do rio. Fiquei instalado em uma miserável palhoça sem tapume, coberta de colmos, onde o vento e o frio penetram de todos os lados. Fiquei mal.

Tramandaí, 13 de Junho. — Ontem à tarde o vento somente diminuiu por alguns instantes, tendo recomeçado com grande intensidade para durar toda a noite, e todo o dia, acompanhado de frio excessivo. Meus companheiros, afeitos aos calores intensos, estavam transidos, e eu não me apresentava em melhores condições. Sòmente na cozinha foi-nos possível fazer fogo, sendo ela aberta de todos os lados. Meu guia quer permanecer aqui alguns dias afim de concertar sua carroça.

È difícil ver-se tão triste. Miseráveis e mal cercadas palhoças espalhadas à margem do rio; por todos os lados se percebe apenas areia pura, da qual o vento faz levantar nuvens de pó, emprestando à paisagem a imagem da mais perfeita esterilidade e miséria.

Disse-me meu guia que possúe outra casa, com plantações, vindo entretanto aqui, de tempos em tempos, devido à abundância da pesca.

Tramandaí, 14 de Junho. — Durante toda a noite persistiram o vento e o frio. Todavia realizei um passeio, herborizando muito pouco. A erva dos campos apresenta-se amarelada e sêca. Sòmente vêm-se caules sem flôres.

A carroça foi concertada com muito cuidado, e, encontrados que sejam os bois do meu guia, poderemos partir amanhã.

Fazenda do Arroio, 15 de Junho, 1 1/2 léguas. — O proprietário da palhoça, onde me instalara o guia, regressou ontem à tarde e exacerbou-se por ter achado sua casa em desalinho. Tal queixa foi sem razão pois que na choupana nada mais havia além das quatro paredes. . . Fingi nada entender e entre nós não houve discussão. Meus camaradas acostumaram-me à paciência e ao silêncio, virtudes cuja prática não me custa nada.

Partimos muito tarde, como acontece ordinariamente depois de uma parada.

O lago que segui ao deixar Itapeva não termina junto ao rio *Tramandaí*. Ele vai mais longe e sempre paralelamente ao mar; vimo-lo durante toda a caminhada de hoje. Assim o que se denomina rio *Tramandaí* não passa de uma espécie de canal de descarga do lago. Sòmente ali a água é salgada; em todo o resto do lago ela é doce.

Logo após havermos deixado a palhoça de *Tramandaí* deparámos uma planície muito uniforme e coberta de uma relva rasa, onde pastavam muitos bovinos. Ali notavam-se também alguns grupos de árvores raquílicas, esparsos.

O lago e a serra, que avistámos de longe, quebram a monotonia da paisagem. Pouco a pouco os grupos de matos tornam-se mais numerosos e a erva mais espessa.

Entre as plantas mais comuns reconheci aí uma *Mimosa*, n. 1842 e a *Vernonia*, n. 1840, embora não notasse nenhuma flôr nesses campos.

Tais campos, e os que venho atravessando desde Torres, têm o nome de campos de Viamão, devido à proximidade da paróquia dêsse nome.

Parámos em uma estância, à qual pertencem os campos percorridos. Trata-se de uma casinha mal construída, de páu a pique e barro, mas coberta de telhas. Ao redor viam-se varias carroças; aos lados laranjeiras, currais e algumas casas de negros. O dono da casa permitiu-me passar a noite ali, embora tratando-me de modo extremamente frio. Entretanto tornou-se um pouco mais afável quando me viu trabalhar. Tornámo-nos logo bons amigos porque eu lhe ensinei a jogar dominó, cujas pedras êle possuía mas ignorava a utilidade...

A cultura dominante nas cercanias é a mandioca, segundo me informou meu hospedeiro. Cultiva-se também o trigo que dá na relação de 10 a 30 por um. A terra é lavrada a arado e semeada a mão. Na Serra, onde a terra é argilosa e os ventos são menos violentos podem ser plantadas a bananeira e a cana de açúcar, mas tais culturas não prosperam bem aqui, convindo notar que mesmo na Serra somente após 3 anos a cana de açúcar pôde ser cortada. Todavia ella dá sóca duas vezes o que pôde ser, de algum modo, compensador.

Hoje predomina ainda o vento oeste, e o frio não decresceu. Ao vento dêsse quadrante dão aqui o nome de *minuano*, e informam que êle não dura nunca menos de 3 a 4 dias.

Pitangueiras, 16 de Junho, 3 léguas. — A casa onde pernoitei ontem fica sôbre uma pequena eminência, dominando vasta planície semeada de tufos de mato. Vários amigos de meu hospedeiro reuniram-se em casa dês-

te, ontem à tarde, e tendo aprendido o jogo de dominó divertiram-se muito. Tais homens eram todos brancos e tinham mais ou menos a aparência e os modos dos nossos burguezes do campo. Todos traziam calça de algodão ou de lã, botas, esporas de prata, uma jaqueta de lã e por cima um poncho.

Nada tão belo como os campos hoje percorridos. Os de Curitiba são ondulados e os grupos de araucárias que se vêm nos fundos tornam a paisagem um pouco austera. Aqui o terreno é mais uniforme, si tal é possível, do que as nossas planícies de Beauce, com pastagens a perder de vista. Todavia nada há de monótono no aspecto dêsse campo, animado que é por uma multidão de animais de criação, equinos e bovinos.

Aqui e ali vêm-se moitas de matos. De tempos a tempos notam-se trechos de um lago, que sem dúvida é a continuação do de Itapeva. Enfim do lado oeste o horizonte é limitado por montanhas da Serra Geral, que se percebem ao longe.

Deixando a Fazenda do Arroio atravessámos um campo semeado de butiás, onde o terreno mostra uma mistura de areia e humus quasi preto. Aí tornei a achar somente as mesmas plantas que havia coletado entre os butiás dos arredores de Villa-Nova, principalmente as *Compostas* ns. 1784 e 1789, a *Rosácea* 1776, a *Labiada* 1788, a *Verbenácea* 1791 bis. etc.

Um pouco mais longe os butiás tornam-se mais raros, e das espécies que citei, a *Labiada* 1788 é quasi a única encontrada em abundância entre essas palmeiras.

Enfim quando os butiás desapareceram a vegetação mudou completamente, não apresentando as pastagens nenhuma das espécies citadas.

E' claro que a presença dos butiás coincide necessariamente com a das outras plantas, do mesmo modo que em nossos brejos sempre existe o *Linum radiola* onde houver *Gentiana filiformis*.

Onde deixei de encontrar os butiás a terra apresentou-se menos silicosa e os pastos eram constituídos principalmente de gramíneas, dispostas em tufos espessos.

Embora o aspecto dos campos hoje percorridos seja mais agradável que o dos campos-gerais, nota-se que a qualidade das forragens é pecc. Elas não são daquelas ervas finas e tenras tão uteis aos animais, mesmo sem o auxílio do milho em sua alimentação. Aqui a érva é dura e áspera, sendo os animais geralmente pequenos.

Parei em uma estância situada a pouca distância da estrada, sôbre uma pequena elevação. Cheguei ao cair da tarde, com tempo calmo e céu sem nuvens. Descortinei uma vasta e uniforme planície constituída de pastagens, povoadas por numerosos animais, e avistei, muito além, as cumiadas da Serra Geral, cobertas de neveiro esbranquiçado.

A natureza se me apresentava com um ar de vida e alegria pela primeira vez vistos depois que estou no Brasil, dissipando assim, por instantes, a tristeza que me acabrunha.

A dona da estância, que estava só, não me fez entrar, mas mandou-me abrir um quarto, muito comodo, dando para o campo, onde me instalei prazerosamente.

Depois de Laguna foi essa a primeira habitação decente onde passei a noite.

Entabolei conversação com minha hospedeira, que se conservava sempre do lado de dentro, por trás de uma meia-porta (cancela). Achei-a muito alegre e palradora. Entretanto ela teve para comigo um ar frio e

desdenhoso, idêntico ao que teve o meu hospedeiro de ontem à tarde, e que nunca percebi em pessoa alguma de Minas, mesmo antes de dar-me a conhecer.

Não tardou muito que minha hospedeira notasse minha condição de estrangeiro, tendo eu lhe dito ser francês.

A' tarde recebi a visita do dono da casa, recém-chegado e que parece muito boa pessoa.

O lago que vi hoje não é, segundo me informaram, o de Itapeva, mas outro independente daquêlê, denominando-se Lagôa dos Barros.

Lamentando a péssima qualidade das pastagens dos arredores disse-me meu hospedeiro que os cascos dos bovinos tinham ali uma espessura fóra do comum.

Dada a imprestabilidade das terras das redondezas quasi todos os proprietários fazem suas plantações ao pé da Serra, apesar de sua longínqua localização, a cerca de três léguas daqui.

Êste distrito pertence ainda á freguezia da Serra; nesta região vi alguns negros escravos, porém nenhum mu'ato.

Todos os homens livres que vi depois de Laguna eram brancos, frequentemente brancos de têt e cabeleira.

As mulheres têm uma bonita pele e nunca se escondem à apróximação de estranhos.

Todo mundo diz estarmos em plena estação chuvosa, e que a sêca ora experimentada é absolutamente anormal.

Bôa Vista, 17 de Junho, 6 léguas. — Os meus hospedeiros tiveram esta manhã a feliz idéia de me mandar, por um negro, mate e um prato cheio de biscoitos e fatias de queijo.

Segundo o costume local o mate me foi servido em uma pequena cabaça (1) colocada sôbre um guardanapo dobrado triangularmente. A cabaça apresentava varios desenhos esculpidos cuidadosamente. A bomba (2), nela mergulhada, era de prata.

Percorremos hoje campos semelhantes aos que atravessamos ontem, mas onde a érva é ainda mais sêca, devido ao terreno ser menos húmido.

O trecho da Serra Geral, que avistámos desde muito longe não é mais elevado que as partes deante das quais passámos nos dias anteriores.

Próximo ao caminho vimos duas ou três estâncias. A pouca distância daqui eu e o pai de meu guia, que vem me acompanhando deste Tramandaí, tomámos a deanteira. Contudo chegámos já noite fechada.

Esta estância, uma das mais importantes da Capitania do Rio Grande do Sul, pertence a José Egídio, barão de Santo Amaro, cuja carreira iniciada como secretário do conde de Barca chegou à culminância de Conselheiro do Rei, que o agraciou com o baronato, declinando após.

Tendo concebido a feliz idéia de aproveitar a situação favorável de sua fazenda para aí estabelecer um cortume, José Egídio mandou vir de França alguns operários especializados.

A' minha chegada fui informado de que o proprietário se achava em Porto Alegre e levado à presença do meu compatriota Sr. Gavet, antigo curtidor em Paris, e hoje chefe do cortume do Barão.

Recebeu-me gentilmente desde o primeiro instante, cumulando-me de atenções, entretanto, depois que me dei a conhecer. Fez-me entrar para os apartamentos do patrão e mandou-me preparar uma boa ceia. Nesse in-

(1) Cuija de mate.

(2) Tubo munido de uma cabaça em forma de sala de regador, com a qual se aspira a infusão de mate sem perigo de se engulir os folhos.

terim chegou a carroça com minha bagagem, mas os bois não na puderam puxar pela ladeira da colina onde se acha a casa do meu hospedeiro.

Ainda bem não tinha entrado e nos puzemos, eu e o Sr. Gavet, a falar a respeito de nossa pátria. O Sr. Gavet, que há apenas um ano veio de França, poz-me ao par de inúmeros fatos que eu absolutamente ignorava. As minhas perguntas demonstravam tal alheamento do que se passava desde há 4 anos em nossa terra que o meu interlocutor ficava estupefato.

Encontrei aqui os jornais "Constitutionnel", o "Times" e "Gazeta de Lisboa", que me fizeram passar o dia a tomar conhecimento do que se déra no mundo durante algum tempo.

Quis também gozar a satisfação de falar a respeito de França e de conversar com meu patrício que me pareceu bastante culto.

Bôa Vista, 18 de Junho. — A fazenda da Bôa Vista tem 28 léguas de superficie e é dotada de excelentes pastagens. Diz-se que trinta mil bois poderão viver facilmente em tal área, mas atualmente o rebanho não vai além de seis mil cabeças, devido à má administração a que esteve entregue até bem pouco tempo. Quanto aos cavalos necessários aos serviços da propriedade são contados em número de quinhentos, quantidade essa julgada suficiente.

Nas estâncias desta região, quasi puramente pastoril, não são precisos tão numerosos escravos como acontece nas regiões açucareiras ou na exploração de minérios. Cerca de oitenta negros, apenas, ocupam-se da construção do cortume, e depois nêle trabalharão.

Quasi todos os escravos do Barão são negros-minas, tribu bem superior a todas as outras, por sua inteligência, fidelidade e amor ao trabalho.

Os edifícios da estância situam-se em uma pequena colina que domina extensa planície.

A residência do proprietário compõe-se de poucas peças mas é mobilada com gosto.

Ativa-se no momento a construção do cortume, colocado ao pé da colina, de modo a ser bem dotado de água. A parte iniciada demonstra, por sua grandiosidade, a importância que vai ter o estabelecimento. Colunas de madeira sustentam o belo engradamento do telhado, que abriga o tanque, medindo duzentos e cinquenta pés de comprimento por cento e cinquenta de largura.

O Sr. Gavet mostra-se muito satisfeito com as experiências por êle já empreendidas. Para curtir os couros emprega casca de *mangue*, importada dos arredores de Santos. Informou-me que essa casca contém 1/6 de tanino, permitindo o preparo do couro em menos de 15 dias.

Em nenhuma outra região brasileira seria tão acertada a instalação de um cortume, dada a abundância dos couros e facilidade do mercado. Aqui um couro de boi não custa mais de 3 patacas (1), e o de vaca 2 patacas.

E' curioso o preconceito aqui notado de se usar éguas como montaria, e, sendo abundantes êsses animais, seu preço não vai além de pataca e meia. Por isso o Barão adquire-os para esfolá-los, curtindo o couro e fabricando sabão com o sebo.

Sítio, 19 de Junho, 3 léguas. — O Sr. Gavet preparara alguns pássaros para um de seus amigos, porém ficaram muito ruins. Vendo os de José Mariano mostrou-se desejoso de aprender com êle o processo de conservação, pedindo-me permissão para isso. Accedi, mais

(1) A pataca vale 320 réis, ou sejam 2 francos.

para me ver livre de um empregado cuja presença se ia tornando incomoda do que no interesse da coleção, a qual devia aumentar mais em Bôa Vista que em Porto Alegre.

Quando alcançámos uma colina pedregosa, de onde se avista vasto panorama, o Sr. Gavet despediu-se. Tão insignificante é a altitude da colina em apreço que antes de atingi-la não nos chama a atenção. Mas, sendo julgada pelo contraste com as planícies tomou o nome de Morro Grande. . . Ela é coroada por alguns pés de uma árvore que venho presenciado desde Bôa Vista, devendo ser citada por seu porte pitoresco. Chamam-na, nesta região, *aruéra*. Suas folhas, como as das aruêiras de Minas rescendem, quando trituradas, um forte cheiro de terebentina, e suas cinzas são muito apreciadas para o fabrico de sabão. A árvore é muito copada, porém de pequena altura; é tortuosa e seus galhos, que nascem a pequena distância da base do tronco, subdividem-se em grande número de ramos menores e carregados de folhas.

Depois de Morro Grande o solo torna-se arenoso, as pastagens são raquíticas e reduzidas quasi a um simples gramado. Aqui e ali aparecem tufos de matas, dotados de árvores pouco crescidas, carregadas de líquenes e divididas desde a base em numerosos galhos, assemelhando-se aos maciços dos nossos jardins de estilo inglês.

Em determinados pontos vi costas baixas e arredondadas, muito pouco elevadas, às quais dão o nome de *lomba*. Como em geral são mais sêcas que as baixadas (*vargem*), a erva aí tem menos vigor e as vacas que têm o costume de pastar nas lombas não dão cria senão de dois em dois anos, enquanto que nas vargens o fazem de ano em ano.

Durante os dias anteriores não vi nenhum regato. Informaram-me da existência de vários na região por

mim percorrida, desaparecidos pela sêca, sem precedentes, dêste ano. Todavia atravessei hoje o que tem o nome de Arroio das Águas Claras, nome a calhar, pois realmente suas águas são de invulgar limpidez.

Chegámos quasi à noite a uma estância onde poisámos, pertencente ao Comandante da Freguezia de Capela de Viamão. situada, como as demais desta região, em uma pequena elevação.

A casa do estancieiro é pequena porém bem arranjada e limpa, sendo o mobiliário constante de leitos, mesas e bancos. O dono da casa recebeu-me muito amavelmente, após inteirar-se de quem se tratava.

Mau grado a friagem do momento notei que todas as portas e janelas estavam abertas. Os moradores desta região são menos sensíveis às intempéries que nós. Apesar das geadas quotidianas não há aquecimento artificial nas casas, nem meio de o fazer.

Frequentemente ofereço abrigo ao meu guia nas casas em que durmo, mas êle sempre recusa e vai dormir com meus camaradas ao redor do fogo por êstes feito na cozinha. Dormem sôbre um couro, quasi sem agasalho e de cabeça descoberta, sendo tal procedimento comum entre os viajantes que encontrei.

Nesta região, ao contrário do que succede em Minas, não há ranchos, trazendo-lhes isso acanhamento de entrar nas casas, mórmente si não chove.

20 de Junho, 5 léguas. — Saíndo da estância onde pernoitei deixei a carroça, e, acompanhado do pai do meu guia, segui caminho diverso, para ir ver o arraial de Viamão, mais conhecido pelo nome de Capela, e que é, segundo me informam, a povoação mais antiga da Capitania. A fundação de Porto Alegre é bem posterior, sendo esta última cidade ainda pouco conhecida no interior do Brasil.

Aos arredores de Viamão vinham ter, outróra, os mineiros e os paulistas para adquirir éguas. Entretanto, dado o baixo preço dêsses animais, os estancieiros abandonaram a criação. Além disso, como a população da Capitania era mais densa no litoral que no interior, os muladeiros não tinham necessidade de aí penetrar para negociar. Deixaram assim de vir até Viamão, mas, pelo hábito, conservaram o nome de Sertão de Viamão para o deserto que se estende entre Lapa e Lages, denominando em Geral Campos de Viamão, os campos desta Capitania.

Viamão demora-se em uma colina de onde se descortina vasta extensão de campos ligeiramente ondulados, no meio dos quais veem-se grupos de matas.

Apesar da agradável posição do arraial êle apresenta-se quasi em completo abandono desde a fundação de Porto Alegre, melhor situada sob o ponto de vista commercial.

O arraial compõe-se principalmente de duas praças contíguas e de formato irregular, em uma das quais se ergue a igreja. Depois de S. Paulo ainda não tinha visto nenhuma igreja comparável a essa, possuindo duas torres, bem conservada, extremamente asseada, clara e ornamentada com gosto.

Pelas igrejas do Brasil pode-se aferir do quanto seria o brasileiro capaz si sua instrução fôsse mais cuidada e si tivesse alguns bons modelos para orientar-se. Quem conhecer apenas as igrejas das aldeias de França, achará que as artes em nosso País estão ainda em sua infância, dado o máu gosto das obras, o estilo bárbaro dos ornatos, a violação das regras da arte, e tantos outros defeitos. Entretanto elas não são trabalhadas por artífices que desconheçam obras primas de arquitetura e escultura. . . Mas êles não procuraram imitá-las, porque

olharam-nas sem vê-las, sem poder compreender suas belezas.

Não se pode concluir daí que os brasileiros possuem um maior e mais natural sentimento das artes, e que si conquistarem cultura ela lhes custará menor trabalho e menos esforço?

Ao sair da Viamão cruzei com um grande número de homens muito parecidos entre si, sem que pudesse atinar com o motivo disso. Todos eram brancos, corpulentos e bem conformados, na maior parte dotados de cabelos castanhos.

Chamou-me a atenção, desde minha entrada nesta Capitania, o ar de liberdade de todos que tenho encontrado e a destreza de seus gestos, livres de languidez que caracteriza os habitantes do interior. Seus movimentos têm mais vivacidade e há menos afabilidade em suas maneiras. Em uma palavra — são mais homens.

Hoje percorri região um pouco ondulada e mais povoada de casas, sempre colocadas sobre pequenas elevações. As pastagens não passam de escasso e rasteiro gramado. Quero crer que outrora o pasto era mais espesso, estando nas atuais condições devido a constantes queimadas e à força de serem tosados pelas mandíbulas dos animais aí apascentados. O gado é por isso de pequeno porte, o mesmo acontecendo às mulas, as quais embora oferecidas a 5 patacas, no máximo, não encontram compradores.

Já havia anoitecido quando aqui chegámos. O fogo foi feito fóra, próximo da carroça, segundo o costume da região. Como soprasse um vento frígido pedi a um morador permissão para passar a noite em casa dêle, no que não fui muito feliz, pois instalou-me em sua "casa de farinha", simples coberta, sem paredes, desabrigada por todos os lados.

A pecuária nesta região pouco trabalho dá. O gado é deixado, à lei da natureza, nos pastos, em completa liberdade, nem havendo o cuidado de lhe dar sal, como é costume em Minas. O único cuidado que reconhecem necessário é acostumar os animais a ver homens e a entender seus gritos, afim de que não fiquem completamente selvagens, deixem-se marcar quando preciso fôr, e possam ser laçados os que se destinarem ao corte e à castração. Para tal fim o gado é reunido, de tempos em tempos, em determinado local, onde fica durante alguns dias, depois voltando para as pastagens, em liberdade. A essa prática chamam "fazer rodeio" e ao local onde prendem os animais dão o nome de "rodeio".

Na fazenda da Boa Vista existem seis rodeios, nos quais o gado é reunido de 8 em 8 dias.

As vacas dão cria de Setembro a Janeiro. Nessa época os vaqueiros percorrem os campos à procura de bezerros para encerrá-los em um curral, onde as vacas vêm, espontaneamente, amamentá-los pela manhã e à tarde.

CAPÍTULO II

Porto Alegre — Descrição da cidade — Sua sujeira — Hábitos carnívoros — O conde de Figueira, general -- Sua boa administração — Artigas derrotado em Taquarembó — Prisioneiros guaranis — Sua semelhança com os cossacos — Caminho novo — Artigas — Duas vacas hermafroditas — A grande sêca — Dificuldade na organização do serviço de abastecimento das tropas. — Soldo atrasado — Rendas da Capitania — Sistema de fazendas gerais — Sua adjudicação feita no Rio de Janeiro — Abusos — Junta criminal — Frutos — Vinha — Falta de lareiras — Clima salubre — O general Lecor — Um baile — Origens da guerra — Os povoadores desta Capitania são oriundos de Açores — Comparação com os de Santa Catarina — Continuação da descrição de Porto Alegre.

Porto Alegre, 21 de Junho, 2 léguas. — Entre a localidade onde passei a noite de ontem e Porto Alegre a região continúa a ser um pouco ondulada e mais povoada de casas, pequenas, porém bem conservadas e construídas sôbre as eminências do terreno.

Junto a cada casa existe um grupo de frondosas laranjeiras, no momento peçadas de magníficos frutos, e nas vizinhanças veem-se plantações de mandioca, cercadas por valas profundas, e limitadas no lado interno por uma fileira de cactáceas. Para isso empregam duas espécies dessa família, uma pertencente ao gênero *Cereus* e outra ao gênero *Opuntia*.

As pastagens são baixas, quasi inteiramente dessêcadas, e pintalgadas de flores de uma *Oxalis*.

Um pouco antes de Porto Alegre a estrada, que vinha se orientando de nordeste para sudoeste, faz um ângulo para o quadrante ocidental. Divisa-se então a cidade e segue-se pelo alto de uma colina, que tem a forma de um istmo, na direção de um lago (lagoa dos Patos), sobre o qual está situada a cidade.

À esquerda da colina, aquem da cidade, existe um vale largo e pouco profundo, coberto de pastos rasos idénticos aos demais dos arredores desta localidade.

À direita da colina, entre ella e o lago, estendem-se terrenos baixos, semeados de casas de campo e de plantações de mandioca e cana de açúcar.

Em todo o Brasil os campos de cultura são sempre muito distanciados uns dos outros. Na região em apreço, entretanto, elles se tocam, como nas mais povoadas regiões européas, e anunciam a proximidade de uma cidade.

Do pouco que disse a respeito da posição de Porto Alegre se depreende quão agradável ella é. Já não estamos na zona tórrida com sítios majestosos e desertos monótonos. Aqui lembramos o sul da Europa e tudo quanto elle tem de mais encantador.

Surpreendeu-me o movimento desta cidade, bem como o grande número de edificios de dois andares e a grande quantidade de bancos aqui existentes.

Aqui veem-se pouquíssimos mulatos. A população compõe-se de pretos escravos e de brancos, em número muito mais considerável, e constituídos de homens grandes, belos, robustos, tendo a maior parte o rosto corado e os cabelos castanhos.

Percebe-se logo que Porto Alegre é uma cidade muito nova. Todas as casas são novas e muitas estão ainda em construção. Mas, depois do Rio de Janeiro não vi cidade tão suja, talvez mesmo mais suja que a metrópole.

João Rodrigues, comprador de couros nesta Capitania, dera-me uma carta de recomendação para seu sócio o capitão José Antonio de Azevedo, e eu tive o cuidado de avisá-lo, antes de minha chegada, afim de conseguir alugar uma casa.

Acompanhado do pai de meu guia tomei a dianteira de meus camaradas, a cerca de uma légua daqui. Apresentei-me em casa do Capitão, sendo muito bem acolhido e após conduzido à casa que elle me alugara, muito grande e confortável.

A primeira vista o Capitão José Antonio pareceu-me secarrão, mas logo notei que sua frieza de tratamento não passava de timidez e falta de convívio.

Recebi aqui uma correspondência dos Srs. Bourdon et Fry, contendo várias cartas de minha família, felizmente portadoras de boas notícias. Admirei-me, entretanto, de não receber nenhuma carta de João Rodrigues.

Esta tarde fui visitar o sargento-mór João Pedro, ajudante de campo do General, que residia no Rio de Janeiro. Fui bem recebido e combinámos ir juntos, amanhã, à casa do General e de outras pessoas a que estou recomendado.

Ao entrar nesta Capitania verifiquei logo os hábitos carnívoros de seus habitantes. Em todas as estâncias

veem-se muitos ossos de bois, espalhados por todos os cantos, e ao entrar nas casas das fazendas sente-se logo o cheiro de carne e de gordura.

Em toda parte onde parávamos na estrada, meu guia perguntava si era possível adquirir uma *manta*. A manta nada mais é que uma grande faixa de carne sêca e nunca foi vendida ao meu guia, pois todos o presentavam com franqueza. Êle e seus companheiros improvisaram então espetos de páu, com os quais assavam ligeiramente pedaços de carne, sendo a manta logo devorada.

Porto Alegre, 22 de Junho. — Acompanhado pelo major João Pedro (1) dirigi-me ao Palácio para apresentar meu passaporte ao General e entregar-lhe as cartas de recomendação que trazia.

Após subirmos uma escadaria penetrámos em uma saleta, onde fui condignamente recebido por um ajudante de campo, que levou ao conhecimento do General a finalidade de minha visita. Êste, após examinar meus documentos, falou-me com grande cavalheirismo e ofereceu-me cavalos, criados e hospedagem no Palácio. Agradei e retirei-me instantes depois.

O conde de Figueira (tal o título do General) pertence a uma das principais casas de Portugal. Antes de sua nomeação era o que se chama "um gozador da vida", tendo dissipado muitos havêres, passando assim por um estróina.

Sua escolha causou estupefação, sendo lamentada a sorte da Capitania que ia ser por êle governada.

Aqui chegado, todavia, pôz-se em brios e quiz provar que merecia melhor reputação, mudando de condúta,

(1) NOTA DO TRADUTOR — No diário de 21 de Junho o Autor refere-se ao *sargento-mór* João Pedro, a que chama agora *major*; confusão explicável por se tratar de um estrangeiro em viagem.

tornando-se sóbrio e consagrando-se de corpo e alma ao seu cargo.

Todo mundo elogia sua probidade e seu amor à justiça, apesar dos altos funcionários e pessoas abastadas não o reconhecerem como tal.

Mostra entretanto ser amigo do povo, envidando esforços no sentido de aliviar os impostos, na medida das possibilidades da Capitania.

Aos olhos de seus jurisdicionados êle possui outro mérito de alta valia — é que sabe atirar o laço e cavalgar tão bem quanto os naturais do lugar, locomovendo-se com a rapidez de um relâmpago de um ponto a outro da Capitania.

Ultimamente os soldados de Artigas, lançando-se sobre a província, haviam envolvido, já, mais de oitenta mil cabeça de gado. O conde reuniu rapidamente oitocentos milicianos, sob seu comando, derrotando as tropas de Artigas em Taquarembó, mau grado sua superioridade de armas e de corpos, prendendo quatrocentos homens e matando cerca de quinhentos. As gentes do conde não tiveram uma única baixa, e dessa ocasião em diante o inimigo não ousou volver às fronteiras da província.

Todavia êsse maravilhoso feito perdeu seu valor quando se soube que as hostes inimigas eram constituídas quasi somente de míseros índios, os quais, embora excelentes cavaleiros, de destreza sem exemplo na própria Europa, não conheciam tática nem possuíam disciplina, fugindo quando se viam em inferioridade numérica. . .

As milícias que os combateram em Taquarembó não lhes eram inferiores na arte de montar e de atravessar o rio a nado. Tendo o mesmo conhecimento da região e possuindo hábitos idênticos aos dos índios, os brancos puderam facilmente rechassá-los, porque pos-

suiam qualidades outras de bravura, oriundas da civilização e da ânsia de defenderem suas famílias e suas propriedades.

Excetuando aqueles que vi em Torres, todos os prisioneiros aqui se encontram e são empregados em obras públicas. Veem-se entre êles cerca de uma dúzia de espanhóis, vindos de Montevidéu, e alguns negros foragidos das estâncias desta Capitania. Os demais pertencem à tribu dos guaranis.

E' provável que Artigas tenha arregimentado êsses índios embaíndo-lhes que a Capitania estava completamente desguarnecida, permitindo uma incursão sem resistência na qual poderiam roubar o gado das estâncias portuguesas.

Vários prisioneiros que interpelei informaram-me serem naturais do Paraguai e que trabalhavam como peões na província de Entre-Rios, tendo sido, por Artigas, forçados a pegar em armas. E' muito possível que tais homens estejam mentindo e que tenham acompanhado o chefe na esperança de praticarem a pilhagem.

Os prisioneiros guaranis são em geral homens de porte médio, parecendo pequenos devido à largura desconforme de seus corpos. Têm o pescoço muito curto, a cabeça grande e alongada, cara larga, olhos compridos, estreitos e um pouco divergentes; sobranceiras negras, cheias e arqueadas; nariz comprido e largo; boca muito grande; cabelos negros e corridos; tez bistre-amarelada e sobretudo nádegas volumosas. Entre tais traços os que estabelecem distinção entre essa e outras tribus, que tenho conhecido até aqui, são particularmente a pequena divergência dos olhos, o comprimento da cabeça e do nariz. Êles teem tambem espádua e peito mais largos, e os membros geralmente mais carnudos.

Os Guaranis são de uma feitura extrema e têm na fisionomia uma expressão de baixeza, devida unicamente

ao sentimento de inferioridade, dependência e cativo a que se acham reduzidos atualmente. Todavia, examinados com atenção, mostram, entre os traços repugnantes que os caracterizam, um ar de docilidade indicadora de um caráter melhor.

Artigas, quando senhor de Montevidéu, havia dado aos seus soldados uma espécie de uniforme, consistindo em uma jaqueta de casemira azul com gola vermelha. Mas, depois que foi obrigado a sair dessa cidade suas tropas vestem-se como podem. Alguns prisioneiros trazem ainda restos do antigo uniforme; outros tem péssimas roupas de côres variadas e chapéus sem abas. Vários trazem enrolada à cintura uma espécie de saia a que dão o nome de *cheripá*. A maior parte traz os cabelos longos e trançados.

Por sua fisionômia, grossura de seus membros e modo de viver, os guaranis assemelham-se aos cossacos.

A alimentação ministrada aos prisioneiros é constituída de uma ração de farinha e duas libras de carne, por dia, o que êles não acham suficiente.

Porto Alegre, 24 de Junho. — Fui visitar o Conde de Figueira, em uma casa de campo onde passa as tardes e situada a cerca de 3/4 de légua da cidade.

O caminho que lá vai dar tem o nome de *caminho-novo*, porque foi aberto recentemente. E' uma continuação da grande estrada de Porto Alegre, e, como é muito plano torna-se mais comodo para as carruagens do que aquele pelo qual cheguei. Sái ao norte da cidade, margeando primeiramente o lago e depois o rio Gravataí, afluente do dito lago. De um lado o caminho é guarnecido por uma linha de salgueiros e no outro existem casas de campo e jardins cercados de sebes de uma mimosácea espinhosa.

Os terrenos planos e cultivados que vi, logo ao chegar a Porto Alegre, ficam apertados entre o *caminho-*

novo e a colina na extremidade da qual se acha a cidade. Raros são os passeios tão encantadores como o do *caminho-novo*, o qual lembra tudo quanto existe de mais agradável na Europa.

O Conde recebeu-me a contento, repetindo-me as ofertas de préstimo e convidando-me para o jantar de domingo.

Mostrou-me um pequeno guarani que servira nas tropas de Artigas, e, perguntando-lhe em minha presença si preferia ficar ali ou voltar para junto de Artigas obtive do indiozinho a afirmativa de "desejar voltar para junto de Artigas". Momentos depois acrescentou que tal attitude nascia do desejo de rever sua mãe. O modo frio dessa tardia explicação demonstrava, contudo, ter sido engendrada pela suposição de ter ofendido ao Conde.

Esse jovem guarani era bem vestido e bem alimentado, mas, criado nos campos, acostumado às liberdades de uma guerra civil, preferia a independência que desfrutava em sua tribo às docuras da vida doméstica.

Artigas possui particular habilidade para fazer-se querido dos índios e dos camponeses. Todavia parece ser esse o seu único talento, pois não possui conhecimentos da arte militar e é possivelmente sem coragem, pois nunca foi visto em combates. Tem, entretanto, os mesmos hábitos dos índios, cavalgando tão bem quanto eles, vivendo do mesmo modo e vestindo-se com extrema simplicidade. Diz aos seus soldados que trabalha pela independência dos mesmos e de seus filhos. Derrotado chora com seus comandados, dizendo-se infeliz e attribuindo seus insucessos às iras do Céu, em consequência de seus pecados e dos de seus soldados.

É voz geral que os mais valentes soldados de Artigas são os negros fugidos, o que é natural porque elles se batem por sua liberdade. Além disso o negro é mais

bravo do que o índio porque possui melhor noção do dia de amanhã, donde sua coragem de tudo sacrificar em busca de um futuro melhor.

Porto Alegre, 26 de Julho. — Jantei hoje na casa de campo do Conde, onde tive ocasião de ver duas vacas portadoras de atributos próprio do sexo masculino. Os caracteres da cabeça são os do touro, a vulva menor e menos próxima do anus que nas vacas comuns; as quatro tétas são muito pequenas e por baixo trazem dois corpos grandes, ovóides, semelhantes a testículos do touro. Laçada uma dessas vacas, e subjugada, pude eu mesmo constatar a existencia dos pseudo-testículos, apalpando-os e fazendo-os mover. Disseram-me que êsses animais mostravam maior inclinação pelas vacas do que pelos touros.

Depois do dia 21 o minuano cessou. O tempo mostra-se perfeitamente calmo, o céu sem nuvens e o termômetro marca cerca de 74 graus Fereinheit, ao meio dia. Nesta época as chuvas cáem ordinariamente com abundância; os mais antigos moradores da região dizem não terem memória de sêca semelhante à dêste ano. Ela obriga os agricultores a adiarem a época dos plantios do trigo e dos laranjais, que se fazem normalmente na estação actual para ter-se a colheita do trigo em Dezembro.

Esqueci-me de dizer que os agricultores dos arredores de Laguna, plantadores de cânhamo, gozam de alguns privilégios que compensam o trabalho, apesar de não serem bem retribuídos em suas produções.

Porto Alegre, 27 de Junho. — Tenho por vizinho um comissário de guerra da velha armada protuguêsa, para aqui vindo afim de organizar de um modo regular o serviço de víveres destinados às tropas que defendem esta Capitania.

Anda a braços com inúmeros obstáculos, não sòmente devidos à natureza da região e aos hábitos dos

soldados, mas ainda aos oriundos da desonestidade dos Chefes Militares, acostumados a tirar proveitos da desordem até agora reinante nos serviços de rancho. Parece, com efeito, que não existe nenhuma escrita. Os oficiais requisitam gado dos estancieiros e dão vales que devem ser pagos pela junta da fazenda real. Durante algum tempo os pagamentos foram feitos com pontualidade, mas atualmente estão suspensos por falta de verba.

As tropas estacionadas na fronteira da Capitania são em número de 3.000 homens, compostas de milicianos da região e de uma legião de paulistas. O soldo desses homens está atrasado há vinte e sete meses, e há três anos que eles vivem unicamente de carne assada, sem pão, sem farinha e sem sal. A ração de cada homem é de quatro libras de carne por dia, e somente constituída pelas partes mais gordas e mais carnudas dos animais. Os oficiais comem fígado com a carne, à guisa de pão. Os soldados substituem esse alimento fazendo torrar uma parte de suas rações, que comem com o resto, que é assado de modo costumeiro.

Os milicianos da região estão facilmente acostumados a esse regime que pouco difere de seu modo normal de viver. Não obstante apareceram molestias devido ao excesso de alimentação carnívora, principalmente disenterias, sobretudo entre os paulistas, mais habituados ao uso do feijão e da farinha que ao da carne.

Porto Alegre, 28 de Junho. — As rendas desta Capitania compõem-se dos direitos alfandegários, dos de Santa Vitória, do quinto dos couros exportados, dos dízimos, dos pedágios e travessias de rios.

O quinto dos couros é contratual e foi estabelecido no Rio de Janeiro. Uma das condições manda que o contratador forneça às tropas estacionadas em Porto Alegre, Aldcia dos Anjos e Rio Pardo, a carne a 30 réis.

Si fôsse consultado o verdadeiro interesse da Capitania é evidente que o contrato devia ter lugar em Porto Alegre e não no Rio de Janeiro, onde não se conhece o valor da renda a ser arrecadada. Mas, o que surpreende muito mais é que os dízimos da Capitania sejam igualmente entregues a um contratador geral e que a adjudicação se faça no Rio de Janeiro.

O sistema de fazendas gerais, que priva o Estado de uma parte de suas rendas, nunca devia ser adotado para as capitanias do interior. Entretanto, si fôsse razoável adotá-lo sómente o seria para as capitanias pobres, onde não fosse possível encontrar funcionários arrecadadores que oferecessem uma garantia suficiente, ou onde a fazenda real se encontrasse embaraçada por múltiplos negócios.

Mas, como admitir tal sistema em uma capitania rica, onde os arrecadadores particulares abastados se apresentam em massa? Como admitir a adjudicação à fazenda geral, distante mais de trezentas léguas da Capitania, em uma cidade onde não lhe conhecem os recursos?

Evidencia-se que êsse sistema não podia ser adotado e que êle apenas é conservado para beneficiar interesses particulares, o que ficou provado pelo Ministério, o qual decretou a prorrogação por seis anos da última adjudicação, violando assim a lei própria, que estatúe um prazo máximo de 3 anos.

O arrecadador-geral entende-se com os sub-arrecadadores (ramistas-dizimeiros), que cobram diretamente os impostos, os quais introduziram na cobrança diversos abusos, conforme se queixam os proprietários.

Todas as vezes que êstes marcam seu gado os dizimeiros devem atrecadar o décimo, mas tal não acontece. Êles deixam os respectivos dízimos (décimos) para

arrecadar três anos após, de modo que obtêm a êsse tempo animais gordos sem que nada lhes tenha custado. Além de não pagarem pastos e tratos não correm o risco da perda em caso de epizootias, pois si há mortandade no gado não há, entretanto, meios de provar estarem os animais do arrecadador no número dos mortos.

Artigas em sua última incursão arrebanhou todo o gado de algumas estâncias, mas não pode levar senão uma parte do de outras. Nestas os dizimeiros recusaram conformar-se com perdas proporcionais às dos proprietários e quizeram manter até dircitos sôbre anos que êles próprios haviam deixado atrasados na arrecadação...

Porto Alegre, 1º de Julho. — Antes do govêrno do Marquês de Alegrete, predecessor do Conde de Figueira, os criminosos da Capitania eram julgados no Rio de Janeiro. Mas, como nessa distante cidade era difficil reunir provas suficientes para os condenar, e como ninguem ficasse contra êles, era hábito deixá-los durante vários anos nas prisões, terminando por dar-lhes liberdade sem julgamento prévio.

O Marquês de Alegrete pediu e obteve do Rei a creação de uma Junta Criminal, que se deve reunir todos os anos, composta do General, do Ouvidor e do Juiz-de-Fóra de Porto Alegre, dos Juizes-de-Fóra de Rio Grande e Rio Pardo e de dois desembargadores que residem atualmente em Porto Alegre.

A formação dessa junta apresenta o inconveniente de forçar os juizes-de-fóra de Rio Grande e Rio Pardo a abandonar suas funções ordinárias, distanciando-se um sessenta e outro trinta léguas de suas residências habituais.

Em consequência do proverbial descaso e morosidade que se applica a tudo quanto diz respeito à administração pública, a Junta ficou, durante muitos anos, sem se reunir e quando se reunia era por pouco tempo.

Este ano ela dissolveu-se após haver julgado quatro indivíduos, entre os duzentos acusados existentes nas prisões de Porto Alegre.

Segundo me informou um dos membros da Junta, os crimes são aqui muito frequentes principalmente entre os negros, o que não é para se admirar dado o fato de serem vendidos nesta Capitania os escravos de má índole provenientes do Rio de Janeiro.

As amendoeiras, os pessegueiros, as ameixeiras, macieiras, pereiras e cerejeiras desenvolvem-se muito bem nos arredores de Porto Alegre, produzindo bons frutos. Entretanto poucos são as pessoas que se dedicam ao cultivo desses frutos e em geral as espécies para aqui trazidas são de qualidade inferior.

A oliveira produz também bons frutos, porém em escassa quantidade.

A vinha prospera muito bem. Algumas pessoas fabricam vinho, porém de qualidade inferior e sem aceitação. A elite usa os vinhos generosos do Porto e, como o pouco que se faz no Brasil está bem longe de ser bom e é desdenhado e até ridicularizado, isso conduz o desânimo áqueles que se dedicam a experiências de enologia. É incontestável, contudo, que o peor vinho nacional é mais apetecível às classes pobres (impossibilitadas de comprar o produto português) que a água ou a cachaça com açúcar.

Sómente vantagens, e grandes, terá a introdução geral de uma espécie qualquer de fabrico de vinho no Brasil, devendo o governo encorajar, por todos os meios possíveis, a plantação da vinha e a fabricação do vinho nas regiões do Brasil onde possa haver esperança de sucesso, tais como esta Capitania, em Goiás, no distrito diamantino e na comarca de Sabará na Capitania de Minas.

Florescem pelo começo de Setembro as amendoeiras e os pessegueiros. A floração das outras árvores segue-se na mesma ordem observada na Europa.

Porto Alegre, 4 de Julho. — Durante vários dias o tempo manteve-se frio. Hoje está sombrio, como em França antes de nevar, tendo chovido em grande parte do dia. Há geada quasi todas as noites e o Conde mandou juntar muito gelo para fazer sorvete.

Acostumado, como já estou, às altas temperaturas da zona tórrida sou muito com o frio. Ele tira-me toda espécie de atividade, privando-me quasi da faculdade de pensar.

Esse frio repete-se todos os anos. Toda a gente se queixa dêle, sem contudo procurar meios eficazes de defesa contra o inverno. Apenas cuidam de agasalhar o corpo com vestes pesadas. Todos os habitantes de Porto Alegre usam em casa um espesso capote que, impedindo-lhes até os movimentos, não os impede de tremer de frio. . . Ninguem tem a idéia de aquecer os quartos, trazendo-os bem fechados e munidos de lareira.

Há aqui grande número de casas muito bonitas, bem construídas e bem mobiladas, mas não há uma, sequer, que possua lareira ou chaminé. Os quartos são altos, as portas e janelas fecham-se mal; estas tem frequentemente as vidraças quebradas e há casas em que se não pode procurar um objéto sem primeiro abrir os postigos das janelas e até mesmo as portas.

Essa falta de precaução contra o frio parece ter sido introduzida pelos portugueses, pois asseguram-me que em Lisboa as chaminés são objéto de luxo.

Já disse que os campos estão sêcos. Não se encontra uma flôr nem se vê voar um só inseto. As pastagens tem um tom pardacento, as árvores e arbustos

conservam suas folhas, mas apresentam uma coloração verde muito triste.

Acho-me inteiramente sem o que fazer, mas receio pôr-me em marcha devido ao frio dominante. Daqui a Rio Pardo tenho de viajar por água e parece que serei obrigado a dormir ao relento. Além disso, tendo escrito já duas vezes para Boa Vista, faltam-me noticias de José Mariano e receio tenha êle se desviado do meu caminho. Passo o tempo de modo muito triste.

Aqui as mulheres não se escondem, mas não há em Porto Alegre mais sociedade que nas outras cidades do Brasil. Cada um vive em seu canto ou visita seu vizinho, sem cerimonia, com roupas caseiras. Vai-se frequentemente cavaquear nas lojas, mas não há nenhum club. Jantei aqui em casa de José Antonio Azevedo. Aliás, apesar das numerosas cartas de recomendação que trouxe, as quais me valeram gentilezas, não recebi nenhum convite, salvo do Conde e do major João Pedro que são viajados e por isso mais traquejados. Em geral em todas os partes do Brasil, por onde tenho andado, o estrangeiro é recebido na casa para onde vai recomendado mas não o apresentam aos demais.

Jantei hoje em casa de João Pedro em companhia de um espanhol dos arredores de Santa Teresa, chamado Angelo Nuñez, vítima da tirania de Artigas do qual falou-me muito. Quando os portugueses entraram em suas terras êsse espanhol a êles aderiu tendo ocasião de lhes ser útil em muita cousa. Artigas tendo conseguido conquistar a região tratou o meu interlocutor como a um traidor. Arastou-o consigo durante vários meses, submetendo-o a ignomínias, mal alimentando-o até. Enquanto isso seus animais foram roubados e suas propriedades devastadas pelos soldados de Artigas e pelos portugueses. E' para reclamar o que êsses últimos lhe tomaram que se encontra atualmente em Porto Alegre.

Os principais asséclas de Artigas são os índios civilizados que se juntam a êle para poderem levar uma vida licenciosa e roubar impunemente o gado. Há também entre êles aventureiros brancos que nada possuem e querem se enriquecer à custa do saque. Vários dêstes fugiram e domiciliaram-se em Montevideu. Outros, embora contrários a Artigas, a êle se submeteram com o intuito de salvarem suas propriedades.

Artigas conserva o antigo sistema de administração nas cidades em que se tornou chefe. Contudo não há outra lei além de sua vontade e a de seus caprichos. Confisca os bens dos ricos, condena ao açoite ou à morte sem nenhuma regra ou formalidade. Só pode ser considerado como um chefe de bandidos. Sua ignorância é extrema, mas possui como secretário um frade renegado que dirige todos seus negócios e no qual deposita a máxima confiança.

O govêrno portuguez fez várias ofertas vantajosas a Artigas para depôr as armas, mas o frade induziu-o a rejeitar todas essas propostas.

Alguns dos chefes que servem sob as ordens de Artigas são proprietários na região dominada, e que aderiram pela fôrça das circunstâncias, outros, como disse já, são aventureiros saídos da massa do povo.

O major Pedro foi enviado há alguns anos, ao encaço de Ortogues (1), um dos capitães de Artigas, atualmente preso no Rio de Janeiro, e que antes da revolução não passava de um simples capataz (2).

Conhecendo o ódio dos colonos espanhóis contra os europeus, João Pedro fez-se passar por brasileiro, montando sem dificuldade os cavalos fogosos que lhe entregaram, bebendo mate sem açúcar, cativando assim a

(1) Ortogues é provavelmente a mesma personagem que se conhece na cidade do Rio Grande com o nome de Torgues.

(2) Chefe de um corpo de vaqueiros.

confiança de Ortogues. Um dos primeiros cuidados dêste último foi se informar si o Marquês de Alegrete era bom escudeiro. Obtendo resposta afirmativa, mostrou-se mais respeitoso para com o nome do Marquês.

Ortogues criticou acerbamente os reis. Mas suas censuras baseavam-se unicamente na facilidade com que os soberanos recrutam soldados, e, imediatamente após expender tais conceitos poz-se a vangloriar-se da autoridade sem limites que exercia sôbre seus soldados e sôbre os habitantes da região.

Com efeito era tal, disse-me João Pedro, que pelas menores faltas êle condenava à morte. Fazia vir á sua presença aqueles que julgava culpados, intimando-os a pedir perdão e terminava por mandá-los "passear". O acusado retirava-se, mas era seguido por um capanga de Ortogues, que o matava. Os "passeios de Ortogues" transformaram-se em provérbio em todo o País.

Esse homem misturava à ferocidade uma espécie de devoção. Soluçou diante de João Pedro porque os soldados haviam espoliado uma Capela. Trazia consigo uma imagem da Virgem dali retirada à qual mostrava grande respeito, tendo encomendado em Montevidéu roupas para vesti-la.

O roubo de animais devia ter sido uma das primeiras consequências da guerra em uma região onde só se comia carne e onde os rebanhos constituíam a principal riqueza.

O número de bovinos, outrora considerável nos campos de Montevidéu e Entre Rios, diminuiu muito.

O General Lecor acaba de proibir a exportação de gado e as xarqueadas da Capitania de Montevidéu, e Artigas reduziu seus soldados à ração. Na desordem da guerra estabeleceu-se tamanha confusão em Entre Rios que o gado tornou-se quasi em propriedade comum.

O clima de Porto Alegre é muito sadio. São desconhecidas aqui as febres intermitentes, mas no tempo do frio as constipações e doenças da garganta são comuns. Nessa estação o tétano se manifesta frequentemente, mórmente em seguida a um ferimento.

Porto Alegre, 6 de Julho. — Continúa o frio e devido à chuva durante o dia não me foi possível sair.

José Mariano chegou. Disse-me ter embarcado em Boa Vista os pássaros que matou, com destino a Porto Alegre. Penso que a chuva e a humidade não os estragarão.

Ao chegar demonstrou seu costumeiro máu humor, cujo pernicioso exemplo depressa começou a influir sôbre os outros camaradas. Firmiano, que se mantivera bom durante a ausência de José Mariano, já se mostra menos alegre, e Manoel recomeça a se lastimar.

Porto Alegre, 8 de Julho. — Fui visitar o General, o qual me disse, como toda a gente, que a estação se mostrava pouco aconselhável para se ir às Missões porque muitos rios impedir-me-iam a jornada, por não serem vadeáveis nesta ocasião. Enfim que encaminhando meu roteiro pela cidade de Rio Grande teria oportunidade de conhecer as dunas numa época em que a vegetação se mostrava no máximo vigor, e as zonas da Capitania aonde poderia esperar melhor colheita em tempo de grande carestia de floração.

Acrescentando que estava em vésperas de partir para o Rio Grande, convidou-me o General para ir em sua companhia. Reconheço que não usufruirei em sua comitiva da necessária liberdade requerida por meu trabalho, mas, em todo o caso, como sei que durante um mês nada poderei fazer aqui, aceitei o convite, certo de que passarei mais agradavelmente o tempo.

De Rio Grande seguirei com o Conde para Santa Teresa, de Santa Teresa para Montevidéu e daí para as Missões.

Enquanto estava em casa do General recebeu êle uma carta do Marechal Chagas, que servia nas Missões, informando que as tropas de Artigas se achavam reduzidas a 250 homens. Depois da batalha de Taquarembó, Frutuoso Rivera, o mais hábil de seus lugares-tenentes, entregou-se ao General Lecor, com seus comandados, os quais eram considerados os mais disciplinados de quantos haviam sustentado Artigas. Tais resultados, magníficos, foram fruto da ação conjunta de apenas oitocentos portugueses-brasileiros, homens da região, possuidores dos mesmos hábitos dos inimigos e que combatiam com armas iguais porém com superioridade de coragem e de inteligência.

Esta guerra teria já terminado de longa data si ao invés de ter começado com tropas européias, tivessem, desde o início, oposto a Artigas forças de homens da região, e si o General Lecor não tivesse adotado a prática da temporização, contra a qual muito murmuram oficiais e soldados.

Logo que as tropas de Portugal, componentes atuais da divisão de Lecor, atravessaram a Capitania trataram seus habitantes com desdem e rudeza, de que ainda hoje se queixam com amargor.

Mas, cêdo foram vingados por uma humilhação sofrida pela cavalaria portuguesa em Serrito. Foi aí que lhes deram as montarias e, como todos os animais dêsta região, meio-selvagens, não estavam acostumados à equipagem das cavalarias européias nem às suas manobras, espantaram-se, atirando ao solo os cavaleiros, debandaram pelos campos e, apesar das inúmeras pesquisas feitas pelos paisanos houve grande perda de sélas. . .

Os soldados portuguezes acostumados a comer pão não podiam viver unicamente de carne. Quando entraram em campanha foi necessário fazer acompanhar a tropa quasi duzentas carrêtas de viveres e bagagens. Em uma região descoberta, onde não existe nenhum lugar fortificado, o exército não podia forçar ao combate um inimigo cujo interesse era evitá-lo, e que tinha o dom de se transportar, com a rapidez de um relâmpago, de um ponto para outro. Os portuguezes levavam grande tempo a guardar sua bagagem e não eram senhores senão do ponto que ocupavam.

Lecor, após ter entrado em Montevideu, não movimentou sua divisão nem fez agir as tropas da fronteira que estavam sob suas ordens e sob o comando do Marechal Curado.

Mostrando extrema indulgência para com os insurretos tornou-se querido pelos habitantes da região, mas reprovou-se que tenha levado tal indulgência ao excesso. Parece ter aprendido com o presidente do Cabildo, de Montevideu, esse sistema de doçura e temporização, presidente esse que conserva em seus lugares todos os empregados espanhóis que possuam parentes e amigos entre os insurretos (1).

Porto Alegre, 10 de Julho. — Como esta Capitania foi durante muito tempo teatro de uma guerra, o governo militar empregou aqui mais violência que em outras províncias. Os habitantes acham-se acostumados a tais irregularidades e cada um usa por sua vez injustiça e vexames próprios do ambiente, suportando-os com menor sofrimento quando atingidos.

O regime militar age melhor que a morosidade da administração ordinária de homens pouco instruidos,

(1) O que digo aqui sob a influência das idéias que então predominavam na Província do Rio Grande deve ser modificado. Lecor apenas tomou o partido que devia tomar com as tropas europeias.

senhores de uma vida ativa, que vivem montados a cavallo e tendo todos os hábitos dos povos semí-civilizados.

Aqui só se consideram os homens pelas suas categorias militares, e os funcionários civis e juizes não gozam da mínima consideração.

Desdenham as formalidades da justiça e é perante o General que se resolvem todas as contendas.

O caráter pessoal e a integridade do Conde, comparados à venalidade ordinária dos oficiais da justiça, devem ter influido na formação dessa atmosfera de confiança.

Porto Alegre, 12 de Julho — Um francês, representante aqui de uma casa do Rio de Janeiro, veio convidar-me para passar a tarde em uma casa onde devia realizar-se um pequeno baile. Sabendo que essa casa era uma das mais recomendáveis de Porto Alegre não hesitei em aceitar o convite. Deparei então, em um salão bem mobilado e forrado de papel francês, uma reunião de trinta a quarenta pessoas, homens e mulheres. Como se tratavam de parentes e amigos íntimos não havia luxo nos trajes. As mulheres vestiam-se com simplicidade e decência, sendo que a maior parte dos rapazes trajavam fraque e calças de tecido branco. Dansaram-se valsas, contradanças e bailados espanhóis. Algumas senhoras tocaram piano, outras cantaram com muita arte, acompanhadas ao bandolim, e festa terminou entre pequenos jogos de salão.

Encontrei modos distintos em todas as pessoas da sociedade. As senhoras falam desembaraçadamente com os homens e êstes cercam-nas de gentilezas, sem contudo demonstrarem empenho ou ânsia de agradar, qualidade quasi exclusiva do francês. Ainda não tinha visto no Brasil uma reunião semelhante. No interior, como já repeti uma centena de vezes, as mulheres se escondem

e não passam de primeiras escravas da casa; os homens não tem a mínima idéia dos prazeres que se pódem usufruir decentemente.

Entre as mulheres que vi em casa do Sr. Patrício havia algumas bonitas. Na maior parte eram muito brancas, de cabelos castanhos escuros e olhos pretos. Algumas graciosas, porém sem aquela vivacidade que caracteriza as francêsas.

Os homens, também muito claros e de cabelos e olhos semelhantes, na côr, aos das mulheres, eram grandes e bem feitos: tinham modos dextros sem a brandura que caracteriza os mineiros.

Porto Alegre, 15 de Julho. - Não se pode negar que nesta guerra os portuguezes não tenham sido os agressores. Ela é fruto da política infeliz do Conde de Barca que acreditava que para estender suas fronteiras os portuguezes não podiam achar momento mais favorável que o em que os espanhóis se encontravam em guerra civil, divididos entre si.

Seria sem dúvida necessário tomar algumas precauções contras vizinhos que queriam mudar de govêrno, indo para isso ao recurso das armas, mas, podia-se restringir em estabelecer um cordão nas fronteiras, porque a tranquillidade do País exigia se guardasse neutralidade, contra a qual Artigas não teria o minimo interesse em se opôr.

Supondo-se mesmo que os portuguezes fossem senhores de toda a região até ao Rio da Prata, cousa aliás duvidosa, teriam êles comprado bem caro êsse aumento de território, devido às despesas que seriam obrigados a fazer e ao empobrecimento de 3 de suas principais províncias: S. Paulo, Rio Grande e Santa Catarina.

Antes de começar a guerra o ministro encarregou o Marquês de Alegrete de enviar um oficial a Buenos

Aires, com o pretêsto de reclamar embarcações portuguesas que estavam presas nesse porto, mas na realidade seu intuito era sondar as intenções do Govêrno em relação a Artigas e saber si a República nascente o defenderia no caso de ser o mesmo atacado pelos brasileiros.

Para chegar a Montevidéu êsse official foi obrigado a passar pelo distrito comandado por Ortogues, com o qual teve a conferência cujas principais circunstâncias já relatei. Ortogues forneceu-lhe passaportes com os quais chegou a Montevidéu, onde pediu ao *cabildo* permissão para prosseguir livremente sua viagem. Os membros do *cabildo* nada quizeram resolver sem consultar Artigas, que, como é sabido, nunca residiu na cidade. Êste censurou fortemente o *cabildo* por ter recebido um estrangeiro, que não podia deixar de ser um espião, e deu ordens no sentido de dentro de 24 horas sair o official do país, fazendo-o voltar pelo caminho por onde tinha vindo.

O tratamento dado a êsse official e a proteção que Artigas dava aos negros fugidos da Capitania foram as razões alegadas para o rompimento da guerra.

Diziam no Rio de Janeiro que as hostes de Artigas haviam feito a primeira incursão em território português, roubando gado, mas isso não era exato.

Um padre espanhol, amigo da verdade, que foi obrigado a deixar Entre-Rios, refugiando-se em Porto Alegre, devido às suas idéias fieis ao Rei, assegurou-me que antes mesmo das primeiras hostilidades os estancieiros portugueses lançaram-se sôbre as terras dos espanhóis, daí levando grande número de bovinos.

Quanto às selvagerias que certos portugueses attribuem ao pessoal de Artigas, parece, pelo testemunho de officiais probos, terem sido absolutamente recíprocas.

Os hábitos carnívoros dos habitantes desta Capitania os tornam crueis e sanguinários. Na batalha de Taqua-

rembó êles massacraram impiedosamente mulheres e crianças e teriam matado todos os prisioneiros si os officiais a isso não se opuzessem.

Em geral os Portuguezes e seu govêrno esqueciam que nesta guerra Artigas tinha direitos iguais aos dêles, e tinham a veleidade de tratar os inimigos como si fossem rebeldes.

Entretanto a conduta política dos Espanhóis náda tinha de comum com Portugal, que sempre agiu por sua conta própria, jamais como aliado do rei de Espanha. Os portuguezes deviam fazer guerra a seus vizinhos como uma nação civilizada faz a outra nação: não era a êles que cabia julgar da legitimidade do poder dos officiais de Artigas. Êstes deviam ser tratados, pois, com as atenções devidas às suas graduações militares. Não havia nenhuma razão em algemá-los, como algumas vezes aconteceu, e não se devia agrilhoar os soldados prisioneiros, como se fazia aos índios tomados em diversos combates (1).

Os habitantes desta Capitania são originários de Açores, tal como os de Santa Catarina. Todavia uns e outros pouco se assemelham; os primeiros são grandes, os outros são pequenos; aqueles são corpulentos, êstes são magros. Os catarinenses tem tez amarelada, os riograndenses são muito brancos e tem mais vivacidade de modos. Tais diferenças provêm naturalmente de seus regimes e hábitos.

Os catarinenses vivem quasi sempre da pesca ou do trabalho da terra. Os desta Capitania vivem continuamente a cavallo, fazendo exercícos violentos e respirando o ar mais puro e sadio da Terra. Os primeiros ali-

(1) Como já disse em outros artigos, Artigas não passava de um chefe de bandidos, e é possível que as hostilidades tenham começado simultaneamente por seus soldados e pelos portuguezes.

mentam-se quasi sómente de peixe e farinha de mandioca, os outros comem carne e algumas vezes pão.

Si a uma distância tão pequena essa diferença de hábitos e de nutrição poude produzir tão grande dessemelhança étnica, em homens saídos há tao pouco tempo de um mesmo país, comprehende-se como é possível a uma mudança total de clima e nutrição resultarem as sensíveis modificações que vão constituir as raças.

Não há quem não tenha observado que os negros creoulos são muito menos distanciados de nossa raça que os da costa da África. Pode se attribuir à educação a superioridade que mostram em relação à intelligência, mas ao mesmo tempo elles são de um negro mais escuro, sua testa é menos arredondada, seus lábios menos grossos, seu nariz menos chato; enfim não há pessoa que, com um pouco de prática, não saiba distinguir um negro creoulo de um africano.

Consignei com relação aos índios, que foram tomados a Artigas, o feitio alongado de sua cabeça e nariz. Todavia êsses característicos não existem em todos elles, e tão sómente nos mestiços com espanhóis.

Porto Alegre, 21 de Julho. — Porto Alegre, capital da Capitania do Rio Grande do Sul, residência do General e do Ouvidor, fica situada em agradável posição sôbre uma pequena península formada por uma colina que se projéta de norte a sudoeste sôbre a lagôa dos Patos. Este lago, medindo 60 léguas de comprimento, tem, em suas origens, os nomes de lagôa de Viamão ou lagôa de Porto Alegre. Ele se estende na direção norte-sul da costa, suas águas têm uma correnteza sensível e são geralmente doces em uma extensão de 30 léguas. É formado por 4 rios navegáveis que reúnem suas águas em frente a Porto Alegre e que divididos em sua embocadura em um grande número de braços formam um la-

birinto de ilhas. Três d'esses rios, o Gravataí, que é o mais oriental, o rio dos Sinos e o rio Cahí vêm do norte, nascendo da Serra-Geral e têm pequeno curso. O quarto rio, que se chama Jacuí ou Guaíba (1) é mais importante que os outros. Vindo do oeste recebe em seu curso diversos afluentes.

A cidade de Porto Alegre dispõe-se em anfiteatro sobre um dos lados da colina de que falei, voltado para noroeste. Ela se compõe de 3 longas ruas principais que começam um pouco aquém da península, no continente, por assim dizer, estendendo-se em todo o comprimento paralelamente ao lago, sendo atravessada por outras ruas muito mais curtas, traçadas sobre a encosta da colina. Várias dessas ruas transversais são calçadas, outras sómente em parte, porém todas muito mal pavimentadas. Na chamada rua da Praia, que é a mais próxima do lago, existe diante de cada grupo de casas um passeio constituído por largas pedras chatas em frente do qual são colocados, de distância em distância, marcos estreitos e altos.

As casas de Porto Alegre são cobertas de telhas, caiadas na frente, construídas em tijolo sobre alicerces de pedra; são bem conservadas. A maior parte possui sacadas. São em geral maiores que as das outras cidades do interior do Brasil e um grande número delas possui um andar além do térreo, e algumas têm mesmo dois.

A rua da Praia, que é a única comercial, é extremamente movimentada. Nela se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros carregando volumes diversos. É dotada de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de diversas profissões. Quasi na metade desta rua existe

(1) Este último nome é dado em sua embocadura.

um grande cáis dirigido para o lago, e ao qual se vai por uma ponte de madeira de cerca de cem passos de comprimento, guarnecida de parapeito e mantida sôbre pilares de alvenaria. As mercadorias que aí se descarregam são recebidas na extremidade dessa ponte, sob um armazem de 23 passos de largura por 30 de comprimento, construído sôbre 8 pilastras de pedra em que se apoiam outras de madeira. A vista dêsse cáis seria de lindo efeito para a cidade si não houvesse sido prejudicada pela construção de um edificio pesado e feio, à entrada da ponte, de 40 passos de comprimento, destinado à alfândega.

Uma das três grandes ruas, chamada rua da Igreja, estende-se sôbre a crista da colina. É aí que ficam os 3 principais edificios da cidade, o Palácio, a Igreja Paroquial e o Palácio da Justiça. São construídos alinhados e voltados para noroéste. Na outra face da rua, em frente, não existem edificios, mas tão sómente um muro de arrimo, afim de que não seáa prejudicada a linda vista daí descortinável. Abaixo dêsse muro, sôbre o declive da colina, existe uma praça, infelizmente muito irregular, cuja atêrro é mantido por pedras sôltas sôbre o solo, formando taboleiros dispostos em losango.

Para além da rua da Igreja, do Palácio, dos edificios vizinhos dessa praça e das casas existentes mais abaixo avista-se o lago, que aparenta ter a mesma largura do Loire em Orléans, circundado de ilhas baixas e cobertas de vegetação pouco crescida. Entre essas ilhas veem-se serpentear os braços dos quatro rios supra citados, sendo impossível determinar com exatidão a que rio pertencem porque antes de chegar ao lago êles se cruzam e se confundem. As águas que se veem na direção do rio Gravataí, na extremidade mais oriental do lago, aí chegam descrevendo uma grande curva, apresentando-se como si fossem um belo rio distinto dos de-

mais. Um pouco ao norte outras águas formam uma larga bacia, compreendida entre duas faixas de terra, que, ambas, se curvam em semi-círculo deixando em sua extremidade apenas uma estreita abertura. Alguns trechos dos rios mostram-se por trás das ilhas, resultando num conjunto agradável essa mistura de águas e terras. Para completar êste quadro acrescentarei que o horizonte é limitado pelos cumes da Serra-Geral, a qual tendo sua direção no quadrante de êste para norte some-se a perder de vista.

Querendo-se gozar uma vista de aspecto diferente, mas também cheia de encantos, basta, logo que se chega ao alto da cidade, na rua da Igreja, voltar-se para o lado oposto àquele que acabo de descrever. A parte do lago que banha a península do lado sudoeste fôrma uma grande enseada de contorno semi-elíptico, de águas ordinariamente tranquilas. Um vale, largo e pouco profundo, confina a parte longínqua da enseada. Nas margens o conde de Figueira mandou plantar, recentemente, uma grande alêa de figueiras selvagens, que futuramente constituirá aprazível ponto para passeios. Além o terreno acha-se coberto de árvores e mórmente de arbustos. Veem-se aqui e ali casas de campo. Mais além, enfim, estendem-se vastos gramados semeados de espinheiros, grupos de árvores e fileiras de arbustos copados que desenham os contornos irregulares de um grande número de sebes. O lago estende-se obliquamente para o sul, orlado de colinas pouco elevadas. No horizonte êle confunde-se com as nuvens e ao longe avista-se um rochedo esbranquiçado, surgindo do meio de suas águas. A paisagem do lado noroeste é mais alegre e mais animada do que esta, cuja calma parece convidar ao sonho.

Os edifícios existentes no cume da colina não oferecem beleza independente da da situação. Pode-se mes-

mo afirmar que elles não estão em relação com a importância da cidade e a riqueza da Capitania.

O Palácio do Governador não passa de uma casa comum, de um andar e nove sacadas na frente. Mal dividido internamente, não possui uma só peça onde se possa reunir uma sociedade numerosa como a de Porto Alegre. O Palácio da Justiça é muito mais mesquinho ainda, térreo. A igreja paroquial, cujo acesso se faz por uma escada, tem duas torres desiguais; é clara, hem ornamentada e tem dois altares além dos que acompanham a capela-mór. Entretanto é muito pequena pois, segundo medi, conta apenas 40 passos da capela-mór à porta.

Muito menos importantes são os outros edificios públicos de Porto Alegre. Além da igreja paroquial existem mais duas outras ainda não terminadas. Numa, contudo, já celebram missa, enquanto a outra, ainda não coberta, tem sua construção paralizada. A séde da Câmara não passa de uma casinha térrea, onde difficilmente se instalaria um particular medianamente abastado. Aqui a cadeia não faz parte da casa da Câmara, existindo duas muito pequenas, situadas à entrada da cidade.

Na extremidade da rua da Praia existem dois prédios, vizinhos, servindo de armazem para a marinha, de depósito de armas, e onde se instalou, para as necessidades das tropas, officina de armeiro, seleiro e carreiro. Causou-se admiração a ordem, o arranjo, diga-se mesmo — a elegância, reinante na sala destinada às armas de reserva.

Do lado do lago, onde esses prédios têm a fachada, cada um apresenta uma espécie de apartamento alongado, de rez-do-chão, na extremidade do qual há um pavilhão de um andar. Entre os dois edificios há um espaço considerável, correspondendo, em um plano mais elevado, à igreja das Dores, uma das duas retro-citadas. Em frente da igreja, além dos armazens e portanto próximo ao

lado, vê-se uma coluna encabeçada por um globo, indicando que a cidade é a séde de uma comarca. Diante dela construiu-se um dique de pedra destinado a servir de câis para os 2 armazens. Esse conjunto teria um belo efeito si a igreja estivesse pronta. si o terreno existente entre ela e os dois armazens tivesse sido nivelado, e si êstes, embora construídos sob a mesma planta, não apresentassem diferenças tão chocantes.

Fóra da cidade, sôbre um dos pontos mais altos da colina onde ela se desenvolve, iniciou-se a construção de um hospital cujas proporções são tamanhas que talvez não seja terminado tão cedo. Mas sua posição foi escolhida com rara felicidade, ficando perfeitamente arejado, bastante distanciado da cidade para evitar contágios e ao mesmo tempo próximo quanto às facilidades de suprimento médico e farmacêutico.

Embora construída sômente no lado noroeste da colina a cidade possui várias casas no lado oposto, esparsas e desalinhas, entremeadas de terrenos baldios, pequenas e mal construídas, quasi todas hâbitadas pela população pobre.

Após minha chegada já contei cerca de 20 a 30 embarcações no porto, e, segundo me informaram é frequente esse número elevar-se a 50. O porto dá calado para sumacas, brigues e galeras de três mastros.

Demorando-se sôbre a margem de um lago que se estende até ao mar, podendo ao mesmo tempo comunicar-se com o interior por meio de vários rios navegáveis, cujas embocaduras ficam diante de seu porto, Porto Alegre está fadada a se tornar rica e florescente em futuro muito próximo. Esta cidade, fundada há 50 anos, mais ou menos, conta já uma população de 10 a 12 mil almas e alguém aí residente há 17 anos informa-me que sua população aumentou nêsse lapso de tempo em mais

dois terços. Pode ser considerada como principal empório da Capitania e mórmente da zona nordeste do Estado.

Os negociantes adquirem quasi todas as mercadorias no Rio de Janeiro e as distribuem nos arredores da cidade. Em troca exportam principalmente couros, trigo e carne sêca; é também de Porto Alegre que saem todas as conservas expedidas da provincia.

O rápido aumento da população fez com que os terrenos se tornassem mais valorizados aqui que nas cidades do interior. Poucas casas possuem jardim e muitas não têm mesmo páteo, redundando isso no grave inconveniente de serem atiradas à rua todas as imundícies, tornando-as de uma extrema sujeira. As encruzilhadas, os terrenos baldios e principalmente as margens do lago são entulhadas de lixo. Apesar de ser o lago o único manancial de água potavel, utilizado pela população, consentem que nêle se faça o despejo das residências.

Sobre os habitantes de Porto Alegre disse já quanto se refere à côr da tez, compleição e índole dos homens e das mulheres. Devo agora acrescentar que si não há aqui tanta vida social como nas cidades européas não resta dúvida haver muito mais que nas outras cidades do Brasil. São frequêntes as reuniões nas residências para saraus musicais, tocando algumas senhoras, com maestria, o bandolim e o piano, instrumento êste em geral desconhecido no interior devido às dificuldades de seu transporte.

È na Rua da Praia, próximo ao câis, que fica o mercado. Nêle vendem-se laranjas, amendoim, carne sêca, mólhos de lenha e de hortaliças, principalmente de couve. Como no Rio de Janeiro os vendedores são negros. Muitos comerciam acocorados junto à mercadoria à venda, outros possuem barracas, dispostas desordenadamente no páteo do mercado. Vêm-se também aqui trapeiros pelas ruas. Atualmente vendem muito

o fruto da araucária, a que chamam pinhão, nome semelhante ao das sementes de pinheiro na Europa. Usam-no cozido ou ligeiramente assado, ao chá, ou entre as refeições, sendo frequêntes obsequiar com êle os amigos.

Porto Alegre, 26 de Julho. — Quero crer que seguirei amanhã com o Conde para o Rio Grande. Nessa viagem pretendo fazer-me acompanhar apenas de José Mariano. Firmiano e Larotte (1) seguirão pelo lago com meus trastes. Quanto ao negro Manoel, alugado próximo de Curitiba, e que nenhuma utilidade me tem proporcionado, do qual tenho tolerado com santa paciência as excessivas susceptibilidades, êste achou de deixar-me no justo momento em que podia me prestar algum serviço, pois devia conduzir nesta viagem duas mulas carregadas de malas. A única desculpa por êle apresentada foi a de desejar voltar à sua terra. Reduzi por isso minha bagagem a duas malas que poderão ser transportadas por um dos anitrais do Conde, conduzido por um criado de seu ajudante de campo.

Esta viagem contraria-me sobreposse. Devemos ir depressa; chegaremos tarde e partiremos cedo. Não gozarei liberdade alguma, nada poderei fazer além d'êste diário. Com José Mariano apenas ao meu serviço, cujos préstimos são nulos, ficarei escravizado a todo mundo. Além disso é preciso que eu deixe aqui com Firmiano e Larotte quasi toda a minha bagagem, sendo êsses empregados também muito inexperientes, não sei quando poderão embarcar, sendo possível a minha permanência muito longa no Rio Grande à espera d'êles, desprevenido de tudo e sem saber o que fazer.

Porto Alegre, 27 de Julho. — Ainda hoje não partimos, como era esperado, porque choveu durante todo o dia. O tempo exgota-se, nada faço e esta viagem se prolonga mais do que eu desejava.

(1) Criado francês.

CAPITULO III

Capela do Viamão — População da Capitania — Boa Vista — Administração das aldeias (povos) das Missões — Palmares — Negros escravos — Estância dos Barros — Os capitães gerais — Estância de S. Simão — Bujuru — Mostardas — Gado, carneiros — Freguezia do Estreito — Rio Grande do Sul — Recepção do Conde de Figueira — Exportações, arcas — A lagoa dos Patos — Ganhos excessivos da fazenda-geral — Boile em casa do sargento-mór Mateus da Cunha Teles — Posição de Rio Grande — Educação defeituosa das moças — Negociantes quasi todos europeus — Doenças — Aldeia do Norte.

Capela do Viamão, 28 de Julho. — Choveu e trovejou durante toda a noite e ainda chovia pela manhã quando recbi uma carta do Sr. Lemos, ajudante de campo do General, na qual-me comunicava que aquele pretendia partir após a refeição, ao mesmo tempo que me convidava para o almoço. Segui então para o palácio, com todos os meus objetos, bem contrariado por ser obrigado a afrontar o máu tempo e os máus caminhos. Encontrei o Conde almoçando. Pôs-me ao par de sua resolução de sair

com aquele tempo porque as chuvas impediriam os habitantes de Porto Alegre de acompanharem-no, o que não aconteceria com o bom tempo, pois nêste caso metade da cidade julgar-se-ia no dever de segui-lo até Viamão.

Quando desci, encontrei José Mariano à porta do Palácio, o qual me informou que nenhum dos criados do Conde queria tomar conta de minha bagagem. Voltei para casa, muito triste e maldizendo minha própria fraqueza em não recusar o convite do Conde para essa viagem. Ao fim de um par de horas veio um soldado chamar-me e prontamente volvi ao Palácio. Meus objetos já haviam seguido. Deram-me um cavalo, de ordem do Conde, cuja carruagem seguira na frente, e nós seguimos acompanhados de cerca de 20 officiais dos quais alguns vieram até à distancia de uma légua, outros até duas, e meia duzia veio até aqui. Alguns passos à frente ia o Conde. Os que o seguiam iam em silêncio ou falando a meia-voz. O Conde é caracteristicamente alegre, sem empáfia e arrogância, virtudes que transmitiu aos seus auxiliares, mas a autoridade absoluta de que é revestido, inspirando muito respeito, mantem toda a gente a uma grande distância dêle. Todos lhe falam com ar da mais profunda humildade.

Continuou a chover de Porto Alegre até aqui. Ainda viajavamos quando anoiteceu. Os caminhos estavam extremamente escorregadios mas chegámos sem accidentes.

Dada a sua bondade e simplicidade o Conde não avisara ninguém de sua chegada, afim de evitar causar incomodos a quem quer que fosse. Instalou-se em uma casa cujo proprietário se achava ausente. Uma parte dos animais chegou atrás de nós, mas vários dêles ficaram para trás, conforme informaram os condutores, e entre êsses os que traziam minhas malas. Foi necessário enviar outros animais para substituir os que se atrasaram e meus

objetos chegaram todos molhados. Esse não é, sem dúvida, o último acidente sofrido. Meu maior desejo é salvar este diário e o livro de botânica; o resto estou disposto a sacrificar.

A carruagem do Conde chegou ainda mais tarde que a bagagem; os criados contaram que os cavalos tiveram grande dificuldade em vir.

Todo mundo possui nesta Capitania um grande número de cavalos mas ninguém tem para com os animais o menor cuidado. Nunca se dá milho aos mesmos e nesta estação, com as pastagens secas, as pobres montarias apresentam-se magras e fracas. Para a menor viagem é necessário contar com uma grande quantidade de cavalos de sobrecelegia, ou então vai-se trocando de montada em cada estância por onde se passa. Fazem pouco caso dos cavalos, não os prendem e os estancieiros somente conhecem os que lhes pertencem à vista das marcas.

Todo o trecho hoje percorrido já me era conhecido e descrevi-o já, dizendo-o ondulado, coberto de pastagens ralas e semeadas de tufos de matos. De longe em longe veem-se, nas eminências, pequenas casas cercadas das culturas, defendidas do gado por valas profundas guarnecidas de cactus em um dos bordos.

Ultimamente via-se de Porto Alegre a fumaça da queima das pastagens do outro lado do lago. É nesta estação que se faz tal operação, todos os anos.

Comi em Porto Alegre deliciosas azeitonas produzidas na região, pois a oliveira aqui medra otimamente. Contudo plantam-na a título de curiosidade, apenas. Penso que quando a população aumentar, e o número de propriedades tornar-se maior, a cultura da oliveira poderá vir a ser uma boa fonte de renda. A falta de braços impede aos brasileiros de aproveitarem as possibilidades oferecidas pelo País, mas será útil fazê-los conhecer to-

das para que as possam aproveitar no momento oportuno.

Segundo dados que me foram fornecidos pelo Sr. José Feliciano Fernandes Pinheiro que é Guarda-Alfandegário e cuida no momento de publicar uma "História da Capitania", sua população sóbe a 32.000 brancos, 5.399 homens de côr, livres, 20.611 homens de côr escravizados e 8.655 índios. Nas Missões existem 6.395 índios e 824 brancos (1). Tudo isso coincide com o que me têm informado outras pessoas.

Boa Vista, 29 de Julho de 1820, 6 léguas. — Ainda hoje o tempo mostrou-se coberto, embora sem chuva.

Fiz a primeira metade do caminho na carruagem do Conde e o resto a cavalo. Enquanto na carruagem li para o Conde artigos da "Biografia dos homens vivos", o que foi seguido de comentários e anedótas, contribuindo para melhor passar o tempo.

Pouco tenho a acrescentar ao já descrito sôbre esta região. As pastagens continuam pardacentas e dessecadas; nunca se vê uma flôr. Apenas esqueci-me de dizer que a cerca de $\frac{3}{4}$ de légua de Boa Vista o caminho passa por um pequeno lago, chamado Lagoa da Estiva, circundado de grandes brejais.

Disse-me o Conde que as aldeias (povos) das Missões são administradas da seguinte maneira: os homens e as mulheres trabalham para a comunidade; armazenam-se os produtos e distribuem-nos às famílias de acôrdo com as necessidades de cada uma. Vendem o restante empregando o dinheiro apurado na aquisição de ferramentas e roupas que são do mesmo modo distribuídas. A administração da comunidade é confiada a um *cabildo* composto de índios e dirigido por um português. Essa fórmula de go-

(1) Segundo os relatórios dos Administradores a população das Missões não vai além de 3.000 guaranis-portuguezes.

vêrno é justamente a adotada pelos Jesuitas mas o interesse d'esses padres era o bem-estar dos índios.

Os administradores, ao contrário, que são sempre pessoas sem idoneidade, sem honra nem probidade, só pensam em se enriquecerem à custa dos infelizes selvagens. Nenhum homem digno se apresenta para preencher esse lugar porque os vencimentos são parcos e a posição despida de honrarias.

Boa Vista, 30 de Julho. — Passámos o dia aqui. Fiz um longo passeio, porém infrutífero, devido ao dessecação dos campos, completamente despidos de flôres. Os arredores de Boa Vista apresentam uma imensa planície e alguns outeiros (lombas). No meio das pastagens existentes veem-se pequenos tufo de matos cujas árvores são inteiramente cobertas de *Tillandsia usneoides* e uma outra espécie. Os sítios baixos acham-se atualmente alagados. Nesses charcos há dominância de um grande *Eryngium*, cujas folhas espinhosas assemelham-se às das *Bromeliáceas*, e um *Eriocaulon* de folhas largas.

Achando-me um pouco confuso quanto aos caminhos a seguir, dirigi-me a uma casa que avistei ao longe. Aí encontrei uma mulher trabalhando acorçada sobre um pequeno estrado, a qual me recebeu com delicadeza, porém sem deixar o que fazia, e deu-me um negro para indicar-me o caminho. Ao ficarmos sós o negro apressou-se em demonstrar admiração por ver-me a pé. È que nesta região toda gente, mesmo pobre, inclusive os escravos, não dá um passo sem ser a cavallo.

Esquecia-me de dizer ter encontrado, não só nas ruas de Porto Alegre, como em seus arredores o mesmo aqui, perto das habitações, uma grande quantidade de plantas européas. Embora atualmente desprovidas de floração acredito ter reconhecido, com certeza, as seguintes: *Conium maculatum*, *Rumex pulcher*, *Urtica dioica*, *Geranium robertianum*, um *Linum* e a *Alsine média*.

Palmares, 31 de Julho, 6 léguas. — Durante todo o dia encontrámos uma planície imensa, coberta de pastagens, de longe em longe salpicadas de touceiras de matas.

Excepção feita de duas *Oxalis*, n. 1811 e n. 1814 bis, nenhuma flôr encontrei.

Até à estância onde parámos sómente vi uma outra em *Capivarí*, nome oriundo de um rio próximo, afluente da Lagoa dos Patos. É um curso d'agua navegável desde a casa referida, sendo portanto muito útil aos agricultores de suas margens. Por êle vêm de Porto Alegre os objetos que o proprietário de Boa Vista necessita e é por êle que pretende remeter à capital os couros de seu cortume. Havia outrora uma ponte sôbre o Capivarí, junto à casa dêsse nome, a qual se acha atualmente em ruínas.

Na vizinhança da Estância de Palmares as pastagens são extremamente raras, cousa frequênte nas proximidades das habitações dada a preferênciã do gado por êsses lugares.

As construções desta estância constam de algumas palhoças esparsas e da casa do dono, coberta de telhas, porém pequena e de um só andar. O interior quasi desmobilado não oferece comodidade. Todavia o proprietário falou-nos possuir 10 a 12 mil cabeças de gado, avaliadas em cerca de 250 mil francos, além de ser senhor de muitos escravos e ter grande número de cavalos.

Tem-se a impressão que esta Capitania é extremamente rica, embora a montagem das casas e o modo de viver de seus habitantes não aparentem tal riqueza.

A maior parte dos estancieiros afirmam ser possível um criador vender todos os anos uma quinta parte de seu gado sem diminuir o vulto do rebanho. Outros são acordes em que êsse número poderá subir a um quarto e até a um terço. Creio que a differença de localidade deve influir na multiplicação do gado e *ipso facto* na quantidade

de animais disponíveis anualmente. As vacas começam a dar cria aos três anos.

Tive já oportunidade de referir ao fato de serem vendidos aqui os negros imprestáveis aos habitantes do Rio de Janeiro; quando querem intimidar um negro ameaçam-no de enviá-lo para o Rio Grande. Entretanto não há, creio, em todo o Brasil lugar onde os escravos sejam mais felizes que nesta capitania. Os senhores trabalham tanto quanto os escravos, mantêm-se próximos deles e tratam-nos com menos desprezo. O escravo come carne à vontade, não é mal vestido, não anda a pé e sua principal ocupação consiste em galopar pelos campos, cousa mais sadia que fatigante. Enfim eles fazem sentir aos animais que os cercam uma superioridade consoladora de sua condição baixa, elevando-se aos seus próprios olhos.

Estância dos Barros, 1.º de Agosto, 5 léguas. — Persiste a planície em terreno mais firme e menos adornado de tufo de matos. Numerosos butiás de cerca de 10 a 12 pés aparecem esparsos nos arredores de Palmares.

Apenas uma casa entre Palmares e a estância onde parámos. Esta é menos rica em rebanhos que a de Palmares e a casa ainda mais desguarnecida.

Após Palmares viajámos sobre uma faixa de terra existente entre o lago e o mar e que não tem mais de 3 léguas de largura, segundo me informam.

Os capitães-gerais representam o Rei nas Capitánias e são investidos dos mais amplos poderes. Sua autoridade é ao mesmo tempo militar, administrativa e judiciária, não havendo nenhum posto acima. Entretanto esse título é temporário durando apenas o tempo em que se acham nas respectivas Capitánias.

Existem em Porto Alegre, esquecia-me de dizer, 3 olarias um tanto importantes. As louças são bem feitas e na maioria coloridas de vermelho como as de Santa Ca-

tarina, porém mais grosseiras. São feitas com uma argila negra oriunda dos terrenos alagadiços dos arredores da cidade, tornando-se amarela após o cozimento.

Quando deixei Porto Alegre a violeta e várias espécies de narcisos floriam nos jardins. Vi também algumas outras flôres porém em pequena quantidade, podendo-se dizer serem extemporaneas. Contudo há aqui muito menos regularidade que em França na sucessão da florescência das plantas ornamentais, naturalmente devido à irregularidade térmica das estações. Durante minha permanência em Porto Alegre pude experimentar calores elevados seguidos imediatamente de excessivo frio.

Os frutos amadurecem em Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Elcs se sucedem quasi na mesma ordem observada na Europa. Entretanto a maturação é muito mais rápida, permitindo comer-se ao mesmo tempo frutos que em França nunca aparecem no mesmo mês.

Estância de S. Simão, 2 de Agosto, 10 léguas. — Continúa a planície e já não há quasi árvores nas pastagens. A cinco léguas da estância dos Barrios encontrámos uma palhoça. O terreno é em geral muito arenoso, acentuando-se êsse carácter perto desta casa. Os pastos são ainda mais sécos que os vistos nos dias antecedentes. Durante oito meses não caiu chuva alguma e o gado tem sentido muito.

Desde Boa Vista não encontrámos um só viajante. Quem vai de Porto Alegre ao Rio Grande prefere ir pelo lago, resultando ser esta estrada pouco frequentada.

A uma légua daqui deixámos à direita a Estância dos Povos, que tem 12 léguas e pertenceu ao Rei, o qual dela fez presente ao intendente de polícia Paulo Fernandes. Certamente o Rei não conhecia o valor do objecto ofertado nem Paulo Fernandes o do presente recebido. . .

Chegámos à noite ao local onde estacionámos. Apesar do Conde não ter prevenido a ninguem de sun cte-

gada, para não incomodar a agricultor algum. êles adivinharam os lugares onde o General devia parar e encontravamos casas preparadas para receberem-no.

Cultivam muito a mandioca nesta Capitania. Essa planta produz ao fim de dois anos; perde as folhas no inverno, ocasião em que os agricultores têm o cuidado de cortar-lhes os galhos. Entretanto não é cultivada na península existente entre a lagoa dos Patos e o mar. Aqui a mamona perde suas folhas. Nos quintais de todas as estâncias por onde passámos vi um grande número de sabugueiros, os quais se cobriam no momento de folhagem nova. Usam-no para sebes devido à rapidez de seu crescimento.

Bujuru, 3 e 4 de Agosto, 20 léguas. — José Marcelino, governador desta Capitania, mandara vir índios das aldeias das Missões (povos) para localizá-los próximo a Porto Alegre, na Aldeia dos Anjos, onde tencionava crear um colégio para jovens de ambos os sexos, e para manutenção do qual montou a Estância dos Povos. Como disse, essa estância foi posteriormente dada pelo Rei a Paulo Fernandes, intendente de policia. Conta 12.000 cabeças de gado e é curioso notar que o título de doação reza ser ela apenas o início das recompensas que o soberano reserva ao intendente. . .

De S. Simão até aqui continuámos a percorrer terreno notadamente plano e arenoso, vestido de pastagens muito pobres.

A cinco léguas de S. Simão acha-se a aldeia de Mostardas, séde de uma paróquia, que há sobre o ístmo, em uma extensão de 25 léguas, compreendendo 1.500 habitantes de mais de 2 anos. A aldeia é constituída no meio de areias e compõe-se de cerca de 40 casas formadoras de uma larga rua, muito curta e tendo na extremidade a igreja, situada no eixo da via. Das casas algumas são

cobertas de telhas, mas na maioria não passam de pobres palhoças. Ao lado oéste de *Mostardas* há um lago do mesmo nome da aldeia. É um lago muito piscoso, porém sendo sòmente dotado de peixes da água doce, excessivamente ricos em espinhas, tal como *traíra*, os habitantes da região, acostumados ao regime carnívoro, desdenham-nos.

O proprietário de *Palmares*, que acompanhara o General, deixou-nos ante-hontem, pela manhã. Também o comandante do distrito, em casa de quem dormimos ontem, veio à nossa frente até à estância de S. Simão. O cura de *Mostardas* veio ao nosso encontro à cerca de um quarto de légua da povoação, tendo nos preparado um excelente jantar. Mostrou-nos sua igreja, cujo altar-mór, recentemente construído, é muito bonito. A nave, muito mais velha, está em ruínas mas há pensamento de reconstruí-la.

Absolutamente não se planta mandioca na paróquia em apreço, mas, em compensação há culturas do trigo e do centeio. O gado é aqui geralmente pequeno, porém possui carne saborosa. A principal indústria da região é a criação de carneiros. Cada estancieiro possui um rebanho constituído, frequêntemente, de vários milhares de carneiros e com a lã produzida as mulheres fabricam os tecidos dos ponchos, muito grosseiros, que se vendem à razão de 6 patacas, enviando-os a Porto Alegre, Rio Grande e outras localidades. Tais ponchos são brancos com riscas pretas ou pardas, e apenas usados pelos negros e índios.

Diz-se na região que as ovelhas dão cria duas vezes ao ano, em Maio ou Junho e em Dezembro ou Janeiro. Mas é de crer-se, como aliás me informou razoavelmente o comendante do distrito, que as que párem em Junho não são as mesmas que o fazem em Janeiro. Como os

rebanhos são criados á lei da natureza não se pode ter a êsse respeito uma opinião segura.

A lã dos cordeiros e das ovelhas é tosquiada em Outubro, mas tosam-se em Março os animais nascidos em Junho.

Os carneiros são castrados aos seis mêses pela estirpação dos testículos ou a um ano pelo estrangulamento dos vasos espermáticos.

Como disse acima não há o menor cuidado com os rebanhos não os vigiam nunca, sendo a única preocupação tomada a de mantê-los em pasto abrigado, vizinho da habitação. Disso resulta uma grande perda de cordeiros, pois logo após a partição os urubús e gaviões caracará lançam-se sôbre os recém-nascidos, comendo-lhes os olhos caso não sejam corajosamente defendidos pelas respectivas mães. Morrem muitos também porque não podem serguir o resto do rebanho, com o qual ficam em promiscuidade.

Deixando Mostardas, vimos, logo, à nossa esquerda, um lago chamado lagoa do Peixe, o qual, entretanto não se avista da estrada. Caminhámos pois entre dois lagos — o de Mostardas e o Peixe.

Poisámos na casa do comandante do distrito, denominada *Guaritas*, mas tive de interromper o registro dêste diário porque a tropa de carga se atrasou e só chegou aqui alta noite.

O lago do Peixe prolonga-se atrás da casa onde hospedámos; tem pouca profundidade e suas águas são salobras. Como á próximo do mar os moradores da região têm o hábito de abrir, de tempos em tempos, um saugradoiro de comunicação com o Oceano; com isso o lago enche-se de peixes que são capturados sem dificuldade.

Os arredores de *Guaritas* são impregnados de sal e as pastagens comunicam um bom paladar à carne dos bovinos.

Horrível esteve hoje o tempo, mas nada soufri porque vim na carruagem do Conde.

Parámos em casa de um capitão, cuja moradia apesar de pequena era comoda. Os móveis eram poucos mas os leitos confortáveis. Lençóis finos guarnecidos de cassa bordada; cobertores e cobertinhas de chita, sendo de damasco as do Conde.

Em toda parte servem-nos refeição logo à chegada; cardápios compostos unicamente de carne, de galinha e de vaca, sob diversos feitios, assada, cozida ou guisada. Em parte nenhuma nos serviram hortaliças, salvo em Barros onde nos ofereceram excelentes prato de nabos. A carne é succulenta, mas, sendo costume usá-la logo após ser o animal abatido, apresenta-se muito dura.

Sempre servem-nos pães e vinhos magníficos.

Freguezia do Estreito, 5 de Agosto, 6 léguas. — Terreno sempre uniforme e arenoso. As pastagens inteiramente razas e entremeadas, como as dos arredores de Porto Alegre, de duas *Oxalis* ns. 1811 e 1814 bis, e da *Composta* n. 1846. Uma orla de mata definhada prolonga-se a léste, paralelamente ao caminho. Vê-se maior número de casas aqui que no resto da estrada.

Todos os lavradores queixam-se da sêca experimentada há oito mêses. O gado não acha para seu sustento senão forragem ressequida, motivo pelo qual os animais estão excessivamente magros e se encontra diariamente grande número de mortos pelos campos.

A algumas léguas daqui o istmo estreita-se sensivelmente não tendo mais de meia légua de largura. Da estrada avista-se a lagoa dos Patos.

Pernoitámos em uma pequena povoação denominada *Freguezia do Estreito*, nome êsse devido à sua situação no lugar mais estreito do istmo e porque é ela séde de uma paróquia.

O cura veio ao encontro do General e logo que nos aproximámos fizeram explodir vários foguetes.

As primeiras casas por nós avistadas, situadas à margem da estrada, são quasi enterradas na areia.

Quando o General apeou do cavallo o cura o conduziu à igreja, ainda inacabada e que nada apresentava de notável.

Levou-nos após à sua casa, e, enquanto esperavamos o jantar mostrou-nos seu jardim, onde vimos uma bela latada de parreiras e várias espécies de hortaliças: chicorea, cebola, mostarda, nabos, aipo, couves, brócolos e mesmos couves-flôr, que produzem bem na região.

Os narcisos, as violetas e os pessegueiros florescem atualmente.

O jantar foi excelente, compondo-se, de carnes, peixes e legumes. Houve iluminação à noite.

A aldeia do Estreito era outrora mais a léste, mas, como as casas foram enterradas pelos turbilhões de areia que o vento atira sem cessar das margens do mar, mudaram as habitações para o lugar onde se encontram no momento, onde, entretanto, terão em breve a mesma sorte.

Em número de 40, isoladas umas das outras, pequenas e geralmente em máu estado, as casas são cobertas de palha e acham-se enfileiradas em tórno de uma grande praça de solo gramado. Quasi todas só são habitadas nos domingos e dias de festa.

A paróquia do Estreito estende-se do limite da de Mostardas à extremidade do istmo, tem 19 léguas de comprimento e largura pouco considerável, aliás a do istmo. Dois terços de sua população compõem-se de escravos, o que não é para causar estranheza porque o Norte, pertencente à paróquia, é o porto do Rio Grande.

Rio Grande, 6 de Agosto, 6 léguas. — O istmo alarga-se após a paróquia do Estreito, persistindo o solo arenoso e a pastagem raze. Há aí um grande número de bovinos, porém de magreza extrema. As palhoças continuam a ser frequentes.

A cerca de meia légua de *Norte* o tenente-general Marques, comandante da parte mais oriental da fronteira, veio ao encontro do General, seguido dos principais habitantes da povoação.

Como não fizemos parada nessa localidade não posso fazer a respeito uma descrição detalhada. Ela pertence, já o disse, à paróquia do Estreito e sua igreja não passa de uma dependência da da séde.

Atravessámos duas largas ruas, bem traçadas, dotadas de casas bonitas e em bom estado, algumas de um andar, e outras de rez-do-chão.

Andando pelas ruas atola-se até ao tornozelo em uma areia fina, trazida pelos ventos.

À entrada do Conde na aldeia fizeram subir foguetes e bimbalar os sinos, sendo êle conduzido à igreja, onde foi recebido pelo cura.

Devido ao Conde ter desejo de chegar nessa mesma tarde ao Rio Grande não aceitámos o jantar que se achava preparado para nós.

Embarcámos em um barco, cujos remadores, trajados de branco, vivavam o Conde de Figueira, sendo os vivos respondidos pelas equipagens das embarcações surtas no porto.

Era noite quando chegámos a Rio Grande. O Conde foi recebido nos cáis pelos membros da Camara, todos em costumes e de bengala à mão.

Tanto quanto pude verificar à noite percebi que os cáis achava grandemente ornamentado. Ao meio da

ponte de desembarque construíram um pequeno arco-de-triunfo e à extremidade dessa mesma ponte erigiram dois grandes pedestais dotados cada um de uma estatua. Esses ornatos eram feitos de madeira e pano pintado, tendo sido executados por um francês.

Sob um pátio foi o Conde conduzido à igreja, que num átomo encheu-se de povo. Fizeram-no assentar-se em uma poltrona na capela-mór, que estava forrada de faixas de damasco vermelho, como nos dias de grande gala, e os degraus do altar-mór estavam apinhados de tochas acesas. Cantaram o *Te-Deum*, acompanhados por música, tendo sido fornecido aos principais espectadores, mórmente aos oficiais, velas acesas. Após a cerimônia um pregador subiu ao púlpito e fez o elogio do Conde, falando durante muito tempo sôbre seus nobres antepassados. Repetiu uma centena de vezes que o vencedor de Taquarembó era senhor de todas as virtudes. Disse mesmo ser êle um original sem cópia; que o povo estava contente e satisfeito e mil outras adulações igualmente grosseiras e mal expressadas.

Durante todo êsse tempo esteve exposto o S. Sacramento, sem que com isso os assistentes se mantivessem em atitude respeitosa, havendo conversas quasi como se fosse em uma feira. . .

Após a prática o padre proporcionou a benção aos presentes e o Conde transportou-se à casa do tenente-general Marques, por nós acompanhado.

Fomos recebidos em um belo salão, em seguida levados para uma sala de refeições onde nos foi servido um ótimo jantar. A mesa estava coberta por uma grande quantidade de pratos de carnes assadas e guisados de todas as espécies. Um segundo serviço composto de assados, pastelarias e saladas seguiu-se ao primeiro. Em seguida fizeram-nos levantar da mesa e

passaram-nos a um outro compartimento onde encontramos uma sobremesa magnífica, composta de toda a sorte de doces e confeitos. No tocante a frutas só havia laranjas, de deliciosa qualidade, denominadas *umbigodas*, provenientes da Baía. Após a sobremesa serviram-nos café e licores. Durante o jantar foram trocados vários brindes, repetidos agora, frente aos licores. . .

A reunião prolongou-se até alta noite e a maior parte dos convivas retiraram-se bastante tocados pelas bebidas.

Não pude deixar de admirar a mulher do tenente-general que, com 74 anos de idade, respondeu a todos os brindes, comeu e bebeu mais que todo o mundo e conservou perfeito controle, mostrando vivacidade rara, mesmo entre pescças jovens.

Os portugueses e brasileiros usam beber o vinho puro e nos grandes jantares a praxe dos brindes leva-os a libações demasiadas.

Rio Grande, 7 de Agosto. — Hoje todos se apresentaram tristes e fatigados.

Fiz uma visita à senhora do tenente-general, a qual parece ter sido o único dos convivas, de ontem, que não demonstra cansaço. Além dessa visita fiz uma ao cura de Rio Grande, que conhece francês e não é ignorante da história natural. Tem em sua companhia uma sobrinha também amadora dessa ciência e que aprendeu a falar nossa língua sem mestre.

Sendo-me absolutamente impossível alojar meu pessoal e minha bagagem na casa em que estamos, já atulhada, solicitei ao cura arranjar-me uma pequena casa onde possa estabelecer-me quando Larotte chegar. Pedi-lhe também que descobrisse um moço capaz de aprender a preparar os pássaros, pois que José Mariano me avisou da resolução de me deixar embarcando para

o Rio de Janeiro. Disse-me ser motivo dessa attitude o fato de eu o ter deixado a morrer de fome, de Porto Alegre até aqui. Alegou que os criados do Conde não o chamavam para comer, sendo preciso atirar-se à carne destinada aos soldados à maneira de urubú sobre carniça. . .

E' possível que isso seja verdade, mas acredito que o principal motivo da zanga de José Mariano vem em grande parte do fato d'êle não ter podido dominar seus companheiros de viagem, como estava acostumado na minha pequena caravana. . .

Rio Grande, 8 de Agosto. — Esta manhã José Mariano entrou no meu quarto pedindo meus objéto para limpar. Essa delicadeza, a que não estou nada acostumado, fez-me desconfiar não ter êle mais a intenção de me deixar. Disse-lhe ter já informações acerca de seu provável substituto, motivo pelo qual era necessário uma decisão definitiva de sua parte. Respondeu-me que estava decidido a continuar a meu serviço, com a condição de eu desculpá-lo junto ao seu coronel. Para se fazer importante êsse criado afirma ser soldado do regimento de cavalaria da Capitania de Minas. Fingi ter esquecido havê-lo achado descalço pelas estradas e prometi atendê-lo. . .

Desde Porto Alegre o tempo tem sido sempre nublado, como em França no mês de Dezembro, e hoje ventou bastante. Pelo cura e outras pessoas fiquei sabendo que o vento é aqui impetuoso durante todo o ano, sendo mais frequêntes no tempo de frio os de oeste e sudoeste, os quais transportam uma areia fina que penetra nos móveis mais bem fechados, enche as ruas e até aterra casas.

No verão predomina o vento nordeste, o qual varre uma pequena parte das areias acumuladas pelos ventos do inverno.

Todos os legumes e árvores frutíferas da Europa prosperam bem a algumas léguas de Rio Grande, mas os ventos fazem cair as flores e os frutos prejudicando a produção.

Rio Grande, 9 de Agosto. — Fica a cidade situada a cerca de uma légua da barra da lagoa dos Patos, à entrada de uma espécie de enseada ou de canal que se estende na direção de léste para oéste e é compreendido entre a terra firme e uma ilha denominada *Ilha dos Marinheiros* (Vide o diário de 16 de Agosto). Do lado oéste não há entre a ilha e o continente senão uma estreita passagem apenas navegável por pirogas.

Passeei hoje na parte léste da cidade, entre a povoação, a lagoa, o rio Grande (1) e o lago da Mangueira. Os terrenos são muito baixos, pantanosos, um pouco banhados pelas águas salgadas, constituídos de areia de uma terra negra coberta principalmente de *Gramíneas* e da *Salicornia* n. 1829. Esta planta é a mesma que se encontra no Rio de Janeiro, próximo ao cortume do Siqueira e que produz uma excelente soda segundo análises do Sr. S. Lambert, após nossa chegada ao Rio de Janeiro. Ela é aqui muito abundante, e pode dar margem a um novo ramo de comércio. Pretendo comunicar essa descoberta ao Barão de Santo Amaro, que tenciona estabelecer uma fábrica de sabão e que me pedira já informações sôbre as localidades onde achasse a *Salicornia*.

Quanto às gramíneas que vegetam aqui não pude classificá-las por falta de flores, mas supponho pertencerem à espécie 1667.

(1) Os rios formam diante da Porto Alegre o que chamam impropriamente um lago; mas o sangradouro que se lhe segue e se estende além de S. Gonçalo até ao mar tem o nome de Rio Grande. (Nota do Autor).

Seguindo as margens do lago, a léste, dá-se com a aldeia denominada Norte, na extremidade do istmo que percorri para chegar aqui.

Nos arredores de Rio Grande não há fontes nem mananciais espontâneos, mas o lençol freático é razo de alguns palmos e, sendo bôa a água, dela fazem uso os habitantes da região.

Quando furam um poço (cacimba) têm o cuidado de protegê-lo com barricadas afim de evitar que sejam cobertos pela areia. Para apanhar água os negros usam um chifre de boi fixado à ponta de uma longa vara.

O cura do Rio Grande informou-me que o valor das mercadorias exportadas da província durante o último ano subia a 4 milhões de cruzados. Tal exportação consiste principalmente em carne sêca, couros e trigo; exportam-se também crinas e chifres de boi.

Rio Grande, 10 de Agosto. — Tencionava fazer uma excursão a pô até junto ao mar, mas, tendo saído muito tarde, não consegui alcançá-lo. Cheguei até Mangueira, espécie de enseada situada a cerca de meio quarto de légua a sudoéste da cidade e que se estende mais ou menos de léste a oéste com uma extensão de 2 léguas.

Recentemente construíram através do pantano uma larga estrada que conduz da cidade a Mangueira. Ela é guarnecida de valas para escoamento das águas. Seria uma agradável via si tivessem o cuidado de arborizá-la, o que é necessário fazer-se visto como não existe nos arredores nenhum local umbroso.

A léste e sudoéste estendem-se pantanos lamacentos.

A oéste e a sudoéste areiais de extrema fineza cansam a vista pelo seu colorido esbranquiçado e formam montículos que vão até junto das casas situadas atrás da cidade, elevando-se tanto que ameaçam aterrar as construções. Vi negros ocupados em desentulhar os

arredores das casas de seus donos, os quais me informaram serem obrigados a repetir incessantemente êsse trabalho para proteção das casas.

Tais montículos de areia se estendem em geral na direcção sul a norte, resultando dos ventos que os formam. Mas, êsse, mesmos ventos os fazem voar em turbilhões aumentando-os ou diminuindo-os, mudando-os de lugar, e nêles apenas vegetam plantas pertencentes às diversas variedades de *senécio* esbranquiçado e sarmentoso, n. 1853 bis.

Rio Grande, 11 de Agosto. — Em 1818 a quantidade de carne sêca exportada para Cuba e Estados Unidos subiu a 100 mil arrobas. Taxaram em 600 réis o imposto de cada arroba, o que até essa ocasião era de 200 réis apenas. Em 1819 a exportação desceu a 40 mil arrobas e espera-se seja ainda menor êste ano.

As embarcações de mais de 40 palmos de calado não podem transpor a barra (1). Em frente a Rio Grande não há profundidade bastante para outras embarcações além de pequenos hiates. As maiores ancoram diante da aldeia do Norte que pode ser considerada como porto de S. Pedro.

E' provável que esta cidade, não possuindo verdadeiramente um porto, situando-se em terreno estéril e no meio de pantanos e areiais, ameaçada constantemente de ser aterrada pelas areias, seria possível digo eu, que esta cidade fosse em breve abandonada si não tivessem aí colocado a alfandega e não houvesse a obrigação de para aí transportar todas as mercadorias que desembarcam em Norte.

Disse que a lagoa dos Patos começa em Porto Alegre, mas isso não é rigorosamente exáto. As águas que correm diante dessa cidade pertencem em grande parte

(1) V. José Feliciano, que disse 18 a 20. (Nota do Autor).

ao Jacuí, o qual é infinitamente mais volumoso que os rios Caí, Sinos e Gravataí (1).

Na verdade após correr muito tempo de oeste para leste o primeiro desses rios toma direção sul, no local onde situa-se a capital da Capitania, mas formando esse cotovelo ele não se alarga repentinamente, como seria lógico, para se lhe dar legitimamente o nome de lago; ao contrário até a ponta de Itapuã, cerca de 9 léguas de Porto Alegre, ele se alarga progressivamente como todos os rios (2).

Os moradores da região conhecem esses acidentes potamográficos de acordo com o exposto precedentemente. O rio que nos ocupa tem efetivamente o nome de Jacuí até junto ao lugar chamado Freguezia Nova, cerca de 12 léguas de Porto Alegre. Aí começa a ter o nome de Guaíba, conservando-o até frente a Itapuã (3).

Além desse ponto são sempre as mesmas águas que se estendem até Rio Grande, e não recebem afluente de montanha a não ser o Camaquã que vem da Coxilha Central, segundo consta. Por conseguinte será certo tirar-lhe o nome de rio sabendo-se que um lago é definido como uma porção d'agua sem correnteza e sem comunicação com o mar? Entretanto, como além de

(1) Embora o Jacuí seja muito mais considerável que os rios Caí, Sinos e Gravataí em particular, creio que o conjunto desses três rios leva ao lago mais água que o Jacuí.

(2) Os rios Caí, Sinos e Gravataí não são afluentes do Guaíba; mas os quatro reúnem-se em um reservatório comum onde se distingue perfeitamente a embocadura do último deles; este não descreve cotovelo algum até à sua embocadura, mas une-se completamente ao reservatório que se prolonga na direção da embocadura dos rios Caí, Sinos e Gravataí. Não é verdadeira a assertiva de não existir diferença notável entre a largura da embocadura do rio Jacuí e a do reservatório onde ele se lança. Ela existe e é sensível sendo o causa do batismo particular dado às águas que vão de Porto Alegre a Itapuã, ora denominando-se Lagoa de Viçconde ou de Porto Alegre, ora de Rio Porto Alegre.

(3) Algumas pessoas dão o nome de Guaíba ao Jacuí acima mesmo da Freguezia Nova. Contudo acho que si ele deve mudar de nome é natural que o seja no lugar onde aumenta sensivelmente de largura. (Nota do Autor).

Itapuã o Guaíba se alarga bruscamente e ocupa uma superfície de 11 a 12 léguas ou seja o séxtuplo do que as águas cobrem antes desse local, dá-se-lhe o nome de lago dos Patos, entre Porto Alegre e Itapuã.

O Guaíba corre de norte para sul; a lagoa dos Patos vai de nordeste a sudoeste e se estende por cerca de 30 léguas até o proximo da ponta do Cangussú sem experimentar estreitamento sensíveis. Em Cangussú elle se aperta, forma um ângulo e vai na direção norte-sul até à barra. E' nesse trecho que se pode calcular em cerca de 7 léguas, que elle tem propriamente o nome de Rio Grande.

De Porto Alegre até à cidade do Rio Grande os navegadores são obrigados, para evitar os bancos de areia e os escolhos, a seguir uma certa direção denominada Canal de Navegação, ordinariamente indicado por meio de balisamento até Itapuã. No rio Guaíba esse canal descreve diferentes zig-zags e tem em geral 3 braças de fundo. Além de Itapuã elle toma a direção norte-sul, atravessa o lago e se aproxima da ponta Cristovão Pereira, que é a margem oriental do lago.

Entre Itapuã e Cristovão Pereira há uma extensão de cerca de 9 léguas, com 4 braças de profundidade. De Cristovão Pereira à Freguezia do Estreito elle passa a se distanciar pouco a pouco da margem oriental do lago, sempre com 4 braças de fundo. Em seguida toma a direção noroeste até a ponta do Cangussú, que fica na margem ocidental, prolongando-se depois de noroeste e sudoeste acompanhando essa mesma margem até à barra de S. Gonçalo e daí dirige-se para sudeste e vai alcançar o porto do Norte e a barra.

Tudo que venho descrevendo é resultado de informações verbais obtidas e do exame dum mapa que me emprestou o Conde de Figueira.

Tive já oportunidade de dizer que até agora os dízimos da Capitania estavam subordinados às arrecadações do Rio de Janeiro. O Conde, que tenciona esclarecer o Rei a respeito dos prejuizos causados por êsse sistema, tomou apontamentos sôbre as taxas pelas quais os arrecadadores gerais cederam aos sub-arrecadadores as diferentes parcelas do imposto. Apurou que em 6 anos de contrato de arrecadação o arrecadador geral cobra de seus sub-arrecadadores 971:700\$000, enquanto que o Rei recebe apenas 250:000\$000. Segundo me informaram, o Conde e o Cura, a Alfandega rendeu... 6:000\$000 no mês anterior.

No diário de 10 disse que seria útil plantassem árvores à margem da estrada de Mangueira, mas, como o terreno é pantanoso e impregnado de sal seria difícil encontrar-se espécies vegetais capazes de aí desenvolver. Entretanto parece-me que se podia experimentar com sucesso a *Aricinnia*, espontânea em terrenos semelhantes.

Rio Grande, 12 de Agosto. — A' vista do que disse, em data de 10, a respeito do Guaíba e do Jacuí, é evidente que será necessario retificar um pouco a descrição de Porto Alegre. E' preciso dizer que o Guaíba após correr, durante muito tempo, de êste para oêste, forma um cotovelo, muda de direção seguindo a linha norte-sul; necessário é dizer também que à sua margem esquerda e imediatamente acima dêsse cotovelo êle recebe quasi ao mesmo tempo as águas de 3 rios navegáveis que nascem na Serra Geral e que são de curso restrito; que dois dentre êles, o mais occidental, chamado rio Caí, e o rio dos Sinos, que é engrossado pelas águas do rio Santa Maria, vêm do norte, e que o terceiro, o Gravataí, vem de êste-nordêste; que tais rios estão dispostos em leque; que nas embocaduras formam um labirinto de ilhas baixas e cobertas de matos, entre as quais serpenteiam canais

variados pelas fôrmas e extensão em que se cruzam, se confundem e se dividem alternativamente; enfim que em frente de tais ilhas e imediatamente abaixo do ângulo do rio Guaíba a península faz face à embocadura dos tres rios — Cai, Sinos e Gravataí.

Vê-se à sua margem esquerda uma pequena península formada por uma colina que avança pelo rio a dentro, de NE para SW, em frente a Porto Alegre e se eleva em anfiteatro do lado da península que olha para NW.

Quero também modificar um pouco a impressão do panorama obtido da praça e da rua da Igreja, acrescentando que do lado do oriente avista-se o cotovelo formado pelo rio ao dirigir-se para o sul e notar que as águas formadoras dêsse cotovelo não dão lugar a ilha alguma em uma grande extensão, apresentando-se como si fossem um belo rio independente das águas vizinhas. Aliás dando o nome de rio Guaíba em vez da palavra "lago" no devido lugar, poderei conservar o resto das descrições até agora feitas (1).

Hoje o vento tornou-se muito violento, levantando turbilhões de areia finíssima, embaçando o ar. Saí por alguns instantes sendo incomodado pelas areias que me atingiam os olhos e me cobriam as vestes. Todas as lojas a vendas estavam fechadas.

Rio Grande, 13 de Agosto. — O Sargento-mór Mateus da Cunha Teles, em cuja casa nos hospedámos, convidara o Conde para um baile, tendo preparado para isso uma grande casa vizinha, ainda não habitada.

Para lá nos dirigimos às 7 horas da noite, deparando cerca de 60 mulheres reunidas em um salão forrado a papel francês. Todas estavam bem trajadas. Usavam vestidos de seda branca, sapatos de setim e meias

(1) Está claro que o diário de 18 de Junho de 1821, anula o presente

de seda; jovens e velhas traziam a cabeça descoberta, os cabelos armados por uma travessa e enfeitados com flores artificiais. Achavam-se assentadas ao redor do salão em cadeiras colocadas em várias linhas, umas adiante das outras. Os homens, em muito menor número, estavam de pé. Todos os oficiais achavam-se uniformizados e os paisanos traziam fraque, camisa de peito de renda, colete branco e em geral de seda, sapatos de fivela e enfim calças brancas de seda ou de casemira.

Os oficiais traziam ao lado uma dessas pequenas espadas de um pé a um pé e meio de comprimento, usadas pelos portugueses e pelos oficiais da marinha inglesa, tendo à mão um chapéu de três bicos.

Vários padres, entre os quais o cura da paróquia, assistiram ao baile e um deles fazia parte da orquestra. Todos estavam de sotaina.

O baile teve início poucos instantes após a chegada do Conde. Nunca vi cousa mais monótona. Era quasi preciso obrigar os homens a tirar as senhoras para dansar, e, excetuado o Conde, ninguem conversava com o elemento feminino.

Dansaram-se "anglaises" e valsas. Entre os portugueses esta última não tem a rapidez que lhe dão na Alemanha e na França e aqui assumiam atitudes às vezes voluptuosa. Uma mocinha dansou um sólo, mas, apesar de reconhecer sua graciosidade, não posso deixar de censurar a mãe honesta que deixa sua filha se expor desse modo aos olhares de toda gente.

Não tendo com quem conversar e achando-me francamente aborrecido retirei-me logo que a ceia começou.

Mil vezes foi dito que si o General Lecor e o Marechal Curado ficaram tanto tempo sem agir contra Artigas era porque receberam ordem da côrte. Atribuiam a motivos de ordem política essa inação de que tanto

falam. Certo é que si ella foi algumas vezes resultado de ordens superiores doutras vezes não teve tal origem. pois o Conde deu-me a conhecer despachos de Tomaz Antonio, escritos antes da batalha de Taquarembó, nos quais o Ministro diz categoricamente ter dado ordem ao General Lecor para pôr em acção as tropas do General Curado. Provavelmente a idade avançada d'este último foi a única causa verdadeira da inação.

Rio Grande, 14 de Agosto. — O proprietário de uma estância situada em Camaquã, próximo à margem da lagoa dos Patos, disse-me que os algodoeiros dão bem em suas terras, sendo entretanto a fibra de qualidade inferior.

Os arredores de Rio Pardo e principalmente a paróquia de Taquari são, ao que parece, as zonas da Capitania maiores produtoras do trigo.

Rio Grande, 15 de Agosto. — Esta capitania é certamente uma das mais ricas de todo o Brasil e uma das mais aquinhoadas pela Natureza. Situada à beira mar possui inúmeros lagos e rios que oferecem fáceis meios de transporte. O solo produz trigo, centeio, milho e feijão com abundância e experiências têm provado que todas as árvores, legumes e cereais da Europa aí produzirão facilmente si forem cultivados. Várias pastagens comportando uma imensidão de gado não exigem dos estancieiros grandes despesas com escravos, como acontece nas regiões de mineração ou de indústria açucareira.

Não é raro encontrar estâncias com renda de 10 a 40 mil cruzados. Como quasi não há despesas a fazer, tal fortuna tende a aumentar em rápida progressão.

Rio Grande, 16 de Agosto. — A descrição que fiz da posição desta cidade requer alguns aperfeiçoamentos. A cidade é construída à extremidade de uma muito es-

treita faixa de terra, de cerca de duas léguas de comprimento léste-oéste, compreendida entre Mangueira e Rio Grande. Percorri essa pequena península em cerca de uma légua.

Como disse, já, encontrei à sua extremidade oriental terrenos pantanosos que se prolongam em estreita crla às margens do saco de Mangueira. Aliás não vi senão areia amontoada onde crescem aqui e ali alguns pés de *senécio* (n. 1833 bis).

Em todo o trecho da península por onde andei não vi árvore alguma e é possível que haja em Rio Grande pessoas que nunca tenham visto árvores além de algumas laranjeiras, pessegueiros e algumas figueiras selvagens plantadas nos jardins.

Embora situada à entrada de uma espécie de canal compreendido entre a península e a ilha dos Marinheiros, não é esta ilha que fica em frente da cidade, mas sim uma menor denominada Ilha dos Cavalos, muito rasa e pantanosa. Aqui não vegetam outras plantas arborescentes além de uma *Mirsinácea* de 4 a 5 pés de altura. Por toda a parte só se veem *Gramíneas* e a *Salicornia* n. 1829, e além dessas não recorde ter visto outras a não ser a *Statice* da espécie colhida em Cabo Frio, uma *Umbelífera*, a *Tetragónia* n. 1853 e o *Polygonum* n. 1855 cujo caule é lenhoso, e notável por sua semelhança com o *Polygonum aviculare*.

Não estive na Ilha dos Marinheiros mas soube que ela tem 2 léguas e meia de comprimento. E' em grande parte coberta de mata e é a fornecedora de lenha para os hospitais e quartéis. Possui excelente fonte dagua potável cuja qualidade pude apreciar à mesa do major Mateus.

Um dos mais ricos comerciantes da cidade convidou o Conde para um baile, hoje.

Encontrámos novamente grande número de senhoras bem trajadas, reunidas em um belo salão, sendo a maior parte as mesmas que compareceram ao baile anterior. Têm os olhos e os cabelos negros, e em geral belo porte e boa côr, porém, destituídas de graça, de atrativos dados pela educação social, que as mulheres dêste País não recebem.

Em todas as partes do Brasil, por mim percorridas até aqui, não existem escolas nem colégios para as meninas, criadas no meio de escravos e tendo sob suas vistas, desde a mais tenra idade, o exemplo de todos os vícios dêles, adquirindo ao mesmo tempo o hábito do orgulho e da baixeza. Há uma grande quantidade que não aprendem a ler e escrever. Apenas lhes ensinam algumas costuras e recitar cousas que não entendem. Por isso as brasileiras são em geral desconhecedoras dos encantos da sociedade e dos prazeres da boa palestra.

Todavia nesta região, onde as mulheres se escondem menos que as das Capitâneas do interior, elas têm, há convir, vistas mais largas. São menos acanhadas, conversam um pouco mais, porém ainda estão a uma infinita distância da mulher européia.

Entre os homens de Rio Grande, todos negociantes, encontrei quasi a mesma frieza e os modos desdenhosos dos habitantes do Rio de Janeiro. São em parte constituídos de Europeus nascidos em uma classe inferior e que não receberam educação alguma. Começam como caixeiros de lojas e passam depois a negociar por conta própria. Como os lucros do comércio são avultados, nêste País, êles não tardam a adquirir fortuna que já-mais alcançariam em suas pátrias respectivas. Inflam-se de orgulho na progressão da riqueza e chegam ao cúnulo de comprar à Secretaria do Estado a comenda da Ordem de Christo, hoje tida como símbolo de riqueza

e fruto da corrupção. Fóra do Rio de Janeiro não vi algures um tão grande número de homens condecorados, o que não é outra coisa senão uma das provas da riqueza da região.

Rio Grande, 17 de Agosto. — Os ventos renovando constantemente o ar nesta parte do Brasil fazem com que certas molestias, v. g. as febres intermitentes, sejam aqui inteiramente desconhecidas.

As molestias mais comuns são as doenças do peito e da garganta e os reumatismos, que provêm das contínuas mudanças de temperatura.

Os brasileiros são em geral prestimosos e generosos, mas o hábito de castigar os escravos embota-lhes a sensibilidade. Nesta Capitania acresce uma outra modalidade da dureza de coração — o modo impiedoso com que tratam os cavalos, oriundo da facilidade com que se adquirem tais animais, aqui. Vivem, por assim dizer, no meio de matadouros; o sangue dos animais corte sem cessar ao redor dêles e dêside a infância se acostumam ao espetáculo da morte e dos sofrimentos. Não é pois de estranhar sejam mais insensíveis que o resto dos seus compatriotas.

Fala-se aqui da desgraça alheia com o mais inalterável sangue-frio. Conta-se o naufrágio de uma embarcação e o afogamento da tripulação como si se contassem fatos os mais desinteressantes. . . .

Rio Grande, 18 de Agosto. — Fui hoje passear na aldeia chamada Norte, situada, como disse, na extremidade da península que separa a lagoa dos Patos do mar.

Embarcações denominadas catráias, movidas a vela ou a remo, fazem o transporte entre Rio Grande e Norte.

Os moradores da região distinguem êsses dois lugares simplesmente pelos nomes de Sul e Norte, mas a aldeia do Norte chama-se propriamente S. José do

Norte e faz parte da paróquia que tem o nome da Freguezia de N. S. da Conceição do Estreito do Norte de São Pedro do Rio Grande (sic) Essa paróquia estende-se na península em um comprimento de cerca de 18 léguas e conta 2.000 almas, das quais 2/3 são homens de côr, negros e mulatos, livres e escravos. A metade dessa população é rural e o resto habita a aldeia do Norte, que se compõe de 127 fogos.

E' uma aldeia muito baixa e arenosa, como a cidade de São Pedro, e até nas ruas veem-se monticulos de areia.

As ruas principais são em número de 3 e muito largas. As casas são unidas, como nas nossas cidades, caiadas e bem conservadas. Muitas são de um andar, outras de rez-do-chão, e dão idéia de fartura. Entrei em algumas das principais, achando-as bem mobiladas.

A igreja é pequena e nada tem de notável, não passando de uma sucursal da da aldeia do Estreito. Sob todos os pontos de vista a aldeia do Norte parece ter sido muito pouco favorecida pelos poderes públicos.

Em S. Pedro do Sul sómente podem ancorar hiates; entretanto todas as embarcações que passam a barra podem aportar diante da aldeia do Norte. Mas é em S. Pedro que existe a Alfândega e é preciso conduzir para lá, por meio de hiates, todas as mercadorias que são descarregadas em Norte, mesmo as destinadas ao comércio desta aldeia.

E' evidente que êsses transportes são favoráveis ao contrabando e que êles têm o inconveniente de majorar as despesas e aumeatar os riscos. Entretanto como o centro do comércio do Sul da Capitania se achava há muito localizado em S. Pedro e como os negociantes mais ricos da região aí têm suas residências e seus armazens, tendo a cidade sido dotada de uma séde de Ad-

ministração, é claro que se não podia privá-la brusca-mente dos privilégios usufruidos atualmente, embora em prejuizo dos interesses gerais.

Mas, si se instalar uma alfândega no Norte sem suprimir a do Sul o Norte adquirirá sem dificuldade as vantagens que sua posição parece lhe assegurar; sua população e seu comércio aumentarão pouco a pouco, os inconvenientes atuais desaparecerão, ao menos em parte, e nenhum interesse será prejudicado.

CAPÍTULO IV

A barra do Rio Grande — Profundidade variável — Francisco Inácio da Silveira, vigário de Rio Grande — Sistema de Contemporização do General Lecor em Montevideu — Influência do clima — Descrição de Rio Grande — Provável decadência desta cidade — Seu comércio — Nascimentos em 1819 e 1820 — Rio Pelotas — Visita ao Sr. Chaves — Navegação sobre o Canal e sobre o rio Pelotas — Descrição da residência e do costume do Sr. Chaves — A paróquia de S. Francisco de Paula — Sr. Paiva, coletor geral dos dízimos — Dois francêses estabelecidos em S. Francisco de Paula — Estado da exportação do Rio Grande de 1805 a 1819 — Cultura do cânhamo — Máu trato dos escravos das xarqueadas — Sr. Chaves — S. Francisco de Paula — Importação do Rio Grande.

Rio Grande, 19 de Agosto. — Acompanhei hoje o Conde em um passeio à barra, feito na galera pertencente ao rei e movida a remos. Do Rio Grande à barra são cerca de 2 léguas de distância. O canal de navegação segue em geral a direção norte-sul e é indicado por meio de balisas, muito frágeis, que podem ser arrastadas

pela correnteza. Chegados à barra desembarcámos na ponta sul, cujo terreno é francamente arenoso.

Na margem léste existe uma grande casa, coberta de capim, onde há uma "guarda de ordenanças", encarregada de visitar as embarcações que saem afim de impedir a fuga de desertores. Junto dessa casa estão alguns canhões destinados à defesa da entrada da barra, destituídos de carretas.

Em seguida embarcámos atravessando a escassa largura da barra para chegar á ponta norte, onde se encontram também algumas peças de artilharia.

De Laguna a Rio Grande a própria natureza encarregou-se da defesa da costa e aqui, onde a barra é de difficil transcurso, ainda há a vantagem de poder ser defendida por fogo cruzado partido das duas margens. Junto às baterias há uma casa coberta de telhas, destinada ao alojamento de um destacamento de soldados.

Além divisa-se uma torre quadrada que serve de orientação aos navegadores e que se avista à distância de seis léguas, no mar. Ao redor agrupam-se palhoças construídas desordenamente.

Nada se iguala à tristeza dêsses lugares. De um lado o Oceano, a mugir, e do outro o rio. O terreno, extremamente chato e quasi ao mesmo nível do mar, não passa de branquicentos areais onde vegetam plantas esparsas, principalmente o *senecio*. As palhoças mal tratadas não demonstram senão miséria. Destroços de embarcações, semi-enterradas na areia, lembram terríveis desastres e nossa alma enche-se pouco a pouco de melancolia e de terror. O refluxo das águas do rio, ocasionado pelo mar, e a falta de profundidade são as causas das difficuldades que a barra apresenta à navegação e dos naufrágios frequentes ali registados.

Para evitar naufrágios foram tomadas, contudo, várias precauções. A torre, por exemplo, indica aos navegadores a embocadura do rio. Um homem continuamente encarregado de sondar a barra, por meio de sinais informa às embarcações si a quantidade d'agua, que varia sem cessar, lhes permite a entrada (os navegadores previamente fazem sinais informativos sobre o calado de suas embarcações). Enfim quando elas sãem ou entram o práctico da barra vai indicando, de dentro de uma castráia e por meio de uma bandeira que inclina de um lado ou de outro, o caminho a seguir. O práctico recebe dez mil réis de cada embarcação que sãe ou entra.

A barra do Rio Grande apresenta uma notável irregularidade — é que não fica sempre no mesmo lugar. Há vinte anos era mais sententrional que a actual, mas as areias obstruindo-a pouco a pouco tornaram-na apenas transponível às pirogas. Pode-se transpô-la com os ventos de léste a sul e de sul a oeste (1).

Rio Grande, 27 de Agosto. — A cidade estendia-se outrora bem para o lado oeste. As areias encobriram, entretanto, ruas inteiras. A povoação estendeu-se pouco a pouco para léste, conquistando terreno ao lago por meio de aterros de areia e entulhos. Casas que há trinta anos ficavam ao centro da cidade estão hoje à sua extremidade ocidental.

Não resta dúvida que esta cidade apenas começou a florescer depois da insurreição das colonias espanholas, datando daí a edificação da maioria das casas mais importantes que ainda hoje se veem.

Como a barra é muito perigosa e a carne sêca destas cercanias inferior à de Buenos Aires e Montevideu, era nestes portos que mais a procuravam antigamente. Mas

(1) Tudo o que disse en barra do Rio Grande deve ser mudado. V. *diário* de 18 de Junho de 1821.

depois da guerra Rio Grande tornou-se centro dêsse comércio e por isso um importante porto para o Brasil.

Não há em toda a Capitania nenhum convento. A crer-se na voz geral os padres não são aqui mais exemplares que alhures. Paga-se ao vigário meia pataca pela comunhão pascoal, existindo alguns extremamente ricos. O de Rio Grande (1) a quem fui recomendado, é um homem de 60 anos, bem instruído e muito dedicado ao estudo da história natural. Recebeu-me muito bem e prestou-me vários pequenos auxílios, mas confesso ter ficado confuso por ver em sua casa um tão grande número de moças. Uma era sua afilhada, outra sua sobrinha, a terceira — filha adotiva. Entre elas, a sobrinha, D. Maria Clemência, demonstra uma espécie de fenômeno singular, tendo aprendido o francês sem nenhum professor, falando um pouco nossa língua. É regularmente instruída e conversa bem.

Várias vezes disse, já: os habitantes desta Capitania passam a vida, por assim dizer, a cavalo, e frequentemente locomovem-se a grandes distâncias com rapidez suposta aquém das possibilidades humanas. Um moço, conhecido meu, acaba de transpor em dois dias as sessenta léguas portuguesas permeadas entre Rio Grande e Santa Teresal. Entretanto tais exercícios, tão violentos, são frequentemente prejudiciais à saúde e têm ocasionado, mais de uma vez, hemorragias, não sendo raro ver-se nesta região pessoas atacadas de aneurismas.

Os portugueses tomaram aos espanhóis, na guerra, um número prodigioso de animais, sendo acusados (pelos prejudicados) de terem começado tal apreensão antes mesmo de iniciadas as hostilidades. Por seu turno os portugueses accusam os espanhóis de terem dado exemplo dêsse roubo.

(1) Francisco Inácio da Silveira. Este excelente pastor não mais vive. Os habitantes do Rio Grande o chorarão sempre.

Um honesto official que acompanha o Conde e que parece muito amigo da verdade, contou-me ter comandado, na fronteira, como Alferes, um destacamento de soldados aos quais dera ordens expressas de nada fazerem contra os espanhóis, em hipótese alguma, e que êstes continuamente faziam incursões em terras portuguezas; que seu comandante dava guarida aos escravos fugidos do Rio Grande do Sul, entregando-os a Artigas, e que um dia, esgotada toda a paciência, resolveu agir pela força, sendo punido com prisão.

Dada a conhecida índole dos gaúchos é possível imaginar que logo proclamada a independência foram aproveitados os primeiros momentos de desordem para a pilhagem do gado nas estâncias portuguezas e que estas por seu turno vingavam-se nas propriedades espanholas.

Não é ao mesmo tempo de estranhar tenha o governo portuguez severamente impedido seus officiaes de romperem as hostilidades, pois que elle não tomou partido algum.

Quasi não se encontra um official, siquer, que não proteste em alta voz contra o sistema de contemporização adoptado pelo General Lecor. Diz-se que o resultado dessa attitude foi o despovoamento de 3 capitánias (S. Paulo, S. Catarina e Rio Grande do Sul) e submeter o Estado a enormes gastos. Acrescenta-se que Lecor usando da máxima complacência para com os proprietarios rurais de Montevidéu ponde ao mesmo tempo acirrar a guerra contra Artigas, conduta, a meu ver, nada incompatível. Contudo para justificar o procedimento de Lecor diz-se que encontrou os maiores obstáculos nos hábitos das tropas sob seu commando.

Ninguem nega ao exercito portuguez-europeu valor e experiência, mas elle não conhecia, absolutamente, a região e devida torna-se sem utilidade dentro de uma

guerra de partido, cheia de caracteres particulares e hábitos completamente estranhos aos europeus. Como poderiam, por exemplo, os soldados europeus sujeitar a viver de carne sem sal, sem farinha e sem pão? Sendo necessário para elles outro sistema de alimentação era preciso fazer se-lhes acompanhar de considerável bagagem o que lhes impedia de agir com a indispensável rapidez. Os caçadores, acostumados às guerras de escaramuças, foram, em toda a divisão, os únicos soldados medianamente efficientes. Mas a cavalaria estava habituada a manobras muito exercitadas e não o estava aos cavalos semi-selvagens da região, nem a se deslocar continuamente para poder lutar contra a de Artigas.

Sei indirectamente, por informação do Sr D. D. D. S., que a divisão do General Lecor custou ao governo português 14 milhões de cruzados, após sua passagem por Santa Catarina, por volta do ano de 1819.

Rio Grande, 28 de Agosto. — Há vários dias que o Conde Figueira deixou Rio Grande. Não pude segui-lo porque meus preparativos não estavam concluídos. Tenho o projecto de ir daqui, por água, a uma aldeia nova e muito florescente, situada junto ao Rio S. Gonçalo, canal que liga a lagoa Mirim à dos Patos, acompanhando nessa viagem um xarqueador chamado Chaves (1) no qual surpreendi um dos homens mais competentes da região. Entretanto como o Sr. Chaves parece estar disposto a adiar sua partida, e como nada tenho a fazer aqui, estou em renunciar a essa excursão.

Observo frequêntemente em minhas viagens como a influência do clima é poderosa sobre os seres vivos. Na zona tórrida os cães latem menos, são tímidos e fogem à mais insignificante ameaça. Ao contrário nesta capitania elles latem muito e frequêntemente perseguem os transeuntes com audácia e animosidade.

(1) Sr. Antonio José Gonçalves Chaves.

Nada mais comum aqui que os roubos de animais. E' tão banal êsse gênero de furto, que chega a ser visto como cousa legítima.

Rio Grande, 29 de Agosto. — O Sr. Chaves avisou-me hoje de sua partida amanhã, o que me deu grande prazer pois esta viagem tem-se prolongado demais. A lembrança de minha mãe persegue-me sem cessar e presentemente conto os minutos que passo longe dela.

O sol deita-se agora um pouco mais tarde, não faz mais frio e todos os pessegueiros estão floridos.

Saí a passear às margens da enseada de Mangueira encontrando em flor um *Cerastium*, duas *Arenarias* e *Compostas*.

As várias excursões por mim feitas na faixa de terra onde está edificada a cidade de Rio Grande demonstraram-me que ela é inteiramente coberta de areia, salvo nas margens do rio Grande e nas de Mangueira.

Rio Grande, 30 de Agosto. — Forte vendaval impediu-nos de seguir hoje.

Nêste diário falei já, várias vezes, de Rio Grande e sua situação; quero agora reunir os traços principais de minhas descrições:

Em Cangussú a lagoa dos Patos se contrái, fórma um cotovelo e toma a direção nordeste-sudoeste até à barra. Nêste espaço, que pode ser cerca de 7 léguas, ela perde seu nome primitivo, para tomar o de rio Grande. A uma légua da barra existe uma península muito estreita que se estende de este a oeste em espaço de cerca de duas léguas e é apertada entre enseadas ou canais — um ao sul chamado de Mangueira, formando pela penetração das águas terra a dentro; o outro ao norte acha-se compreendido entre a península e as ilhas dos Cavalos e dos Marinheiros, das quais a primeira é pouco extensa, tendo a segunda cerca de duas léguas de comprimento, não

deixando entre sua extremidade e a terra firme senão uma estreita passagem apenas navegável pelas pirógas.

Na extremidade oriental da península as margens da Mangueira e do rio constituem-se de terrenos pantanosos e banhados pela água do mar. Por toda a parte vê-se areia amontoada, esbranquiçada e de extrema finura, onde não vegeta outra coisa além de pés esparsos dum *senecio*.

É à extremidade oriental da península, à entrada do canal compreendido entre ela e as ilhas, que se acha a cidade de São Pedro do Rio Grande do Sul, residência de um juiz-de-fóra e séde de uma paróquia (1).

A cidade estende-se paralelamente ao canal, consequentemente de léste a oeste, e compõe-se de seis ruas muito desiguais, atravessadas por outras, excessivamente estreitas, chamadas becos. A mais comprida, denominada rua da Praia, fica à margem do canal. A que vem em seguida é um pouco menor e as outras vão decrescendo em tamanho à proporção que se distanciam da primeira, a mais comprida dentre elas medindo apenas a metade da extensão da rua da Praia. Como todas essas ruas começam no mesmo sítio resulta pelos seus comprimentos e respectivas posições, que a cidade tem em seu conjunto a forma aproximada de um triângulo alongado, com a base a léste.

A rua da Praia é larga porém não perfeitamente reta. Dotada de belas casas cobertas de telhas, construídas com tijolo, todas possuindo sacadas, várias de um andar e com balcões de ferro. É nessa rua que se veem quasi todas as lojas e a maioria das vendas, umas e outras bem sortidas. No resto da cidade não se contam mais de 6 ou 8 casas assobradadas e as quatro últimas ruas compõem-se quasi unicamente de miseráveis chou-

(1) Há uma escola nacional de latim, aberta em 2 de Outubro de 1820.

panas de telhado muito alto, porém mal conservadas, pequenas, de paredes de enchimento, servindo de moradia á população pobre, operários e pescadores.

Nas duas ruas principais há lagedos em frente às casas, não sendo nenhuma delas calçada. Os pés da gente afundam-se na areia dificultando o caminhar.

À entrada da cidade existe uma pequena fortificação, construída há cerca de 25 anos e que se acha tão mal localizada que parece ser destinada sómente ao ataque da cidade. Junto dêsse forte existe uma praça quadrangular, cercada de velhas casas separadas umas das outras, no centro da qual há um grande tanque de pedra que fornece muito boa água.

À metade da rua da Praia deixou-se uma área, de cerca de 600 passos, sem construção na linha de casas mais próximas do lago, formando dêsse modo uma praça alongada, onde vegeta uma grama fina, e que poderia ser muito bonita si aí fossem plantadas algumas árvores.

Dessa praça avistam-se, além, as ilhas dos Cavalos e dos Marinheiros, e de nordeste vê-se o Norte distante e as embarcações ancoradas em frente à aldeia. Essa vista é todavia pouco agradável não oferecendo ponto algum onde os olhos possam se deter com satisfação. As ilhas são, como disse, extremamente chatas e tudo na paisagem parece ser nivelado.

Um belo cáis fica à extremidade da praça referida, constituído por um "hangar" de 16 passos por 20, coberto de telhas. As mercadorias são descarregadas por meio de um guindaste e o acesso ao "hangar" se faz por uma ponte de madeira de 70 pés de comprimento entre pilares e guarnecida de parapeitos dotados de bancos.

Afóra a igreja paróquial não há em Rio Grande senão mais duas — a de S. Francisco e a do Carmo. Essas apresentam una particularidade interessante, é que são

apoiadas uma à outra. A igreja paróquial tem duas torres e seis altares; além do da capela-mór. E' pequena e nada tem de notável sôbre as duas outras.

O escritório da Alfândega fica à praça, quasi em frente ao cáis, e apenas merece ser citado.

A casa da camara, de um só pavimento, é tão pequena que não serviria para uma residência particular.

Há em Rio Grande um hospital para os combatentes milicianos e alguns mendigos.

Nada mais triste que a posição de Rio Grande visto como de todos os lados só se divisam areais, pantanos e água e em todos os arredores nada há capaz de alegrar a vista, uma árvore sequer.

Sòmente um exíguo número de casas possuem jardins, que em geral não passam de pequeno quadrado de terreno, onde aliás são cultivados os legumes com sucesso, e onde se vêem alguns pessegueiros, figueiras e laranjeiras. Há aqui o costume de plantar a figueira n.º... por ser de crescimento rápido e fornecedora de boa sombra.

De situação também pouco favorável ao comércio a cidade torna-se triste pois sòmente hiates podem ancorar em seu pequeno porto. Repito que o progresso desta cidade é devido unicamente à localização da Alfândega e à obrigação de para ela serem transportadas todas as mercadorias que vão a Norte. Si privarem-na dessa proteção oficial, francamente contrária à ordem natural das cousas, entrará em decadência.

Contudo esta cidade é no momento o centro de considerável comércio de carne sêca, de couros, sebo e trigo produzidos em grande zona da Capitania.

Negociantes ricos os há em quantidade; o mobiliário das casas e a aparência dos homens demonstram geralmente a abastança.

Entretanto pode dizer-se que sòmente após a insurreiçãõ dos espanhóis a cidade começou a florescer. Antes dessa época não se viam senão palhoças.

Como em todas as cidades comerciais os salários são caros em Rio Grande, mas a carne encontra mercado e o pão é menos caro e mais abundante que em outras zonas do Brasil devido à produção local do trigo. Em compensação a lenha é cara por causa da falta de matas nos arredores. A que se queima aqui vem de Camaquam. Há na verdade mato na ilha dos Marinheiros, mas a lenha dali destina-se ao hospital, ao corpo de guarda, e à pobreza (que tem permissão de ir cortá-la).

Em uma das ruas do Rio Grande existe um pequeno mercado (quitanda) onde negros, acorados, vendem hortaliças, tais como — couve, cebola, alface e laranjas.

Ficou, dito, já, não haver aqui nenhum manancial de água doce, mas atrás da cidade, entre montículos de areia (em lugar denominado *Geribanda*) foram feitos poços onde a pequena profundidade se encontra muito boa água. Os negros vão buscá-la em barris, apanhando-a por meio de chifres de bois amarrados à ponta de varas compridas, instrumento êsse a que dão o nome de *guampa* (1).

A população de Rio Grande vai a cerca de duas mil almas, entre as quais há muitos europeus e sòmente um pequeno número de mulatos. O sangue dessa população parece magnífico: os homens são bem conformados e de agradável aparência. As mulheres têm belos olhos, são em geral bonitas, porém têm pouca delicadeza nos traços e são faltas de graciosidade de modos. Entretanto repito serem de um modo geral infinitamente superiores às das capitánias centrais.

(1) NOTA DO TRADUTOR — Parece haver equívoco. O nome de *guampa* é dado aos chifres dos bois e não ao instrumento referido.

Rio Grande, 2 de Setembro. — Os diversos produtos animais são aqui os primeiros materiais que se nos apresentam e são empregados em variados misteres. Já fiz referência ao instrumento usado pelos negros na coleta da gua, dotado de um chifre de boi: tais apêndices são vistos aqui sobre os muros dos quintais também. No transporte de areia e tijolos é usado, à guisa de carrêta, um couro, puxado por dois bois, que por sua vez são atrelados por meio de uma corda de couro. É um processo demorado, êsse de transportar materiais, devido à pequena capacidade do couro exigir uma multiplicidade de viagens.

Rio Grande, 4 de Setembro. — Segundo me informou o vigário de Rio Grande sua paróquia mede 60 léguas de comprimento por 20 de largura; tendo (em 1819) 5.125 indivíduos, a saber: 1.195 brancos, 1.388 brancas, 17 índios, 26 índias, 61 mulatos livres, 98 mulatas livres, 32 negros livres, 38 negras livres, 1.391 negros e mulatos escravos, 379 negras e mulatas escravas.

No corrente ano os nascimentos subiram a 225 e as mortes a 163, sendo estas de 38 brancos, 25 brancas, 2 índias, 6 mulatos e 4 mulatas livres, 4 negros e 5 negras livres, 4 mulatos e 4 mulatas escravos, 44 negros e 27 negras escravas.

Margens do Rio Pelotas, 5 de Setembro de 1820. — Estive ontem à tarde em casa do Sr. Chaves, que me disse tencionar partir esta manhã. Efetivamente embarcamos às 10 horas em uma lancha que nos levou ao hiato do Sr. Chaves, ancorado a pouca distância de Rio Grande.

Trouxe comigo Firmiano, deixando Laruotte na cidade. Quanto a José Mariano passou todo o tempo em que estive em Rio Grande na estância da Mangueira, situada entre o saco do mesmo nome e o lago, tendo conseguido arranjar uma linda coleção de pássaros. Essa

estância pertence a um amigo de Mateus da Cunha Teles, o tenente Vieira, o qual tratou cavalheirescamente o meu empregado.

Para desembaraçar-me de José Mariano, durante uma parte de minha viagem a Montevidéu, pedi ao tenente-general Marques recomendá-lo a alguém de S. Miguel, lugar situado à extremidade da lagoa Mirim. Obtive passagem para êle em um hiate que deve seguir para S. Miguel e enquanto eu estiver viajando irá êle caçando e preparando pássaros.

Voltemos à minha viagem de hoje. Dirigimo-nos para o norte e depois para noroeste, seguindo sempre o mesmo caminho das embarcações que se destinam a Porto Alegre. Até Itapeva o canal de navegação é muito estreito e as águas são pouco profundas, o que não é para se admirar, pois que seu volume pouco aumenta entre Itapuã e Rio Grande ao mesmo tempo que ao sul de Itapeva elas se espalham sôbre superfície mais considerável que as de montante. Resulta daí ser muito difícil a navegação no lago e os naufrágios nas tempestades que são frequêntes.

Hoje o tempo está calmo, navegámos com lentidão, sem sentir o mais leve movimento. Temos à nossa direita as costas de Rio Grande e à esquerda a ilha dos Marinheiros. Passámos em seguida em frente à ilha de Torotoma, que fica abaixo da dos Marinheiros. Percebem-se nela matas; disseram-me haver lá algumas casas.

À margem oriental do lago deixámos atrás de nós montículos de areia denominados "areias gordas", e ainda dêsse lado vimos uma pequena ilha chamada Ilha dos Ovos, devido ao (disseram-me) número prodigioso de diferentes espécies de aves que lá vão pôr seus ovos.

Entretanto uma chuva forte obrigou-nos a descer no hiate, privando-nos do praser de ver os sítios por

onde passavamos. Sòmente à entrada do rio de São Gonçalo, que não é verdadeiramente um rio, mas um canal estreito ligando as lagoas dos Patos e Mirim, subi à coberta do hiate. Disse-me o Sr. Chaves que a corrente do rio São Gonçalo se dirige, segundo os ventos, tanto na direção da lagoa dos Patos quanto na da Mirim, mas nas enchentes é na direção da primeira que ela corre. À embocadura do rio São Gonçalo, dizem, a lagoa dos Patos tem 2 léguas.

Aí deixámos o roteiro de Porto Alegre e entrámos no rio, que pode ter a largura do Loire deante de Orléans. As margens, muito planas, são cobertas de pastagens salpicadas de algumas árvores. A noite em breve surpreendeu-nos, sendo-me impossível distinguir as cousas.

De Porto Alegre à entrada do rio São Gonçalo vão 7 léguas e estamos sòmente com duas de trajéto. Em seguida passámos a um outro rio chamado Pelotas, na margem do qual se situa a residência do Sr. Chaves, onde chegámos após meia légua de viagem.

O Rio Pelotas, disseram-se, tem 12 léguas de curso e sòmente é navegável em cerca de meia légua. No resto de seu curso é obstruído por troncos e galhos de árvores.

A viagem de hoje foi muito agradável. O Sr. Chaves é um homem culto, sabendo o latim, o francês, com leituras de história natural, conversando muito bem. Pertence à classe dos xarqueadores ou fabricantes de carne sêca.

Os xarqueadores compram o gado dos estancieiros, abatem-no, retalham-no e preparam o xarque que vendem aos negociantes.

As marés fazem-se sentir no Rio Grande, porém com irregularidade. Os ventos têm sôbre ela uma grande influência.

Margem do Rio Pelotas, 6 de Setembro de 1820. — Dada a hora avançada de nossa chegada ontem à morada do Sr. Chaves nada pude dizer ainda a respeito.

A casa está situada do modo o mais favorável, pois que os hiates podem chegar até bem junto dela. A residência do proprietário é de um pavimento apenas, porém grande, coberta de telhas e um pouco elevada sobre o solo. Interiormente é dividida em grandes peças que se comunicam umas com as outras e que ao mesmo tempo se abrem para fóra.

Hospedaram-me em um quarto pouco iluminado, dando para uma sala de refeições, gênero de distribuição comum em todo o Brasil.

Mesas, cadeiras e canapés compõem o mobiliário do Sr. Chaves. As cômodas e as secretárias são móveis completamente modernos no Brasil e sómente encontradiços em um número exíguo de casas.

O rio Pelotas, que tem quasi a largura do Essonne em Pithiviers, passa ao lado da habitação, serpenteando em uma vasta planície, tendo ao lado oposto uma pequena encosta onde se veem algumas casas cobertas de telhas.

Deante da residência do Sr. Chaves estende-se belo gramado e além veem-se várias fileiras, compridas, de grossos paus fincados na terra. Têm cerca de 4 pés, sendo cada um terminado por pequena forquilha. Essas forquilhas recebem varões transversais destinados a estender a carne a secar, no tempo das xarqueadas. Ao lado dêsses secadouros existe o edificio onde se salga a carne e onde ó construido o reservatório, denominado *tanque*.

Quando o animal é abatido, retalham-no, salgam os pedaços e colocam no tanque onde se impregnam de salmoura. Ao fim de 24 horas vão para os secadouros, onde ficam durante 8 dias, quando há bom tempo. A

carne sêca não se conserva mais de um ano. É exportada principalmente para o Rio de Janeiro, Baía e Havana, onde serve de alimento para os negros.

O gado emagrace no inverno porém engorda logo que os campos se cobrem de pastagens verdes. É em Novembro, quando readquiriram já alguma gordura, que começam as xarqueadas, cuja duração vai a Abril ou Maio.

Para além do secadouro tem o Sr. Chaves um pomar circundado de valas e de *mimosas* espinhosas atualmente destituídas de folhagem. É o maior pomar que jamais vi no Brasil, si excetuar algumas quintas dos arredores de São Paulo. Compõe-se de longas aléas, obliquas, de pessegueiros entremeados de laranjeiras. Essas aléas terminam em um centro comum. Entre elas estão canteiros de hortaliças tais como — couves, favas, alface e ervilhas. Vi também nêsse pomar: macieiras, pereiras, ameixeiras, ccrejeiras e parreiras bem desenvolvidas. O Sr. Chaves lamenta sejam todas as espécies frutíferas, introduzidas no País, de qualidade inferior.

O pomar do Sr. Chaves é novo; admirei pessegueiros de menos de 3 anos e laranjeiras de menos de 4 anos com 12 a 15 pés de altura.

Choveu durante todo o dia, impedindo-me de excursionar pelos campos.

Rio Pelotas, 7 de Setembro. — Apesar do tempo chuvoso fiz hoje uma grande herborização, recolhendo várias plantas relativas a gêneros europeus, como sejam: a *Anemona* n.º 1864, a *Ranunculácea* n.º 1843 bis, o *Cerastium* n.º 1871 e o *Carex* n.º 1865. O que há de notável é que as espécies pertencentes a êsses gêneros em nosso país florescem igualmente ao começo da Primavera.

Os gramados apresentam já a mais bela coloração verde, mas os pantanos continuam com a vegetação des-

sêcada. Nos tufos de matas quasi um terço das árvores e arbustos perderam suas folhas durante o inverno e ainda não iniciaram a refoliação.

Quando passei na freguezia do Estreito vi os pessegueiros já com pequenos frutos. Aqui, como em Rio Grande, a vegetação está um pouco atrasada pois as pétalas das flores dos pessegueiros apenas começam a cair.

Rio Pelotas, 8 de Setembro. — Fui hoje com o Sr. Chaves à paróquia de S. Francisco de Paula, viajando em cabriolé descoberto. Nada tão belo como a região por nós atravessada, a qual se compõe de vastas planícies com pontos ligeiramente ondulados. Por toda a parte o terreno apresenta gramados salpicados de bosquetes e árvores, onde pascentam cavalos e bois. Um grande número de belas casas cobertas de telhas, aparecendo aqui e ali e tendo cada uma um pomar circundado de valas profundas guarnecidas de opuntias ou de bromeliáceas. Algumas cêrcas são feitas de tufos de ervas, outras com crâneos de bois, armados de chifres e apertados uns contra os outros. Nos pomares, na maioria muito grandes, são cultivadas laranjeiras, pessegueiros, parreiras, legumes e algumas flores.

Do lado dô poente o horizonte é limitado pela serra dos Tapes e a lêste pelo rio São Gonçalo, que estabelece uma comunicação fácil entre esta região e todas as partes das lagoas Mirim e dos Patos.

O aspécto da região lembra tudo quanto a Europa tem de mais pitoresco: os pomares, onde só se veem árvores novas, as casas recém-construidas dão a êstes campos um ar de frescura e de novidade que mais os embeleza ainda.

Antes de irmos à paróquia de S. Francisco de Paula, distante meio quarto de légua do canal de S. Gonçalo

fomos a uma casa situada á margem do canal, em frente á paróquia, pertencente ao coletor geral dos dizimos, para o qual trazia eu uma carta de recomendação. Defronte dessa casa o canal de S. Gonçalo pode ter a mesma largura que o braço do Montées em Plissai. Hiates aí trafegam sem cessar, animando a paisagem. Do outro lado estende-se uma orla de mata.

Fui recebido em casa do coletor geral num salão baixo de paredes apenas caiadas, porém muito limpo, mobilado com elegância, lembrando-me algumas casas de campo dos arredores de Hamburgo. Vários negociantes de Rio Grande e alguns proprietários residentes na vizinhança, todos muito bem vestidos, estavam reunidos em casa do coletor geral. Entre êles estava um velho residente na região, há vinte anos, e que foi o primeiro habitante do lugar. Então as margens do canal eram cobertas de matas e de pantanos; êle devastou-as e drenou as terras, vendendo retalhadamente uma grande parte de sua propriedade.

A região, há pouco descrita, que se estende entre o rio Pelotas, o rio São Gonçalo e a paróquia de S. Francisco pertence a xarqueadores e as casas mencionadas são as respectivas residências. Não podiam escolher melhor local pois aí recebem, sem a mínima dificuldade, o gado criado nas gordas pastagens situadas ao sul do Jacuí e facilmente exportam a carne sêca e os couros através dos rios Pelotas e São Gonçalo. Há entre êles homens muito ricos. O Sr. Chaves, por exemplo, que começou como caixeiro, dispõe hoje de fortuna avaliada em 600 mil francos.

A localização dos xarqueadores á margem do rio São Gonçalo deu lugar á formação da paróquia de S. Francisco.

Após deixarmos a casa do Sr. Paiva, o coletor geral dos dizimos, seguimos para a aldeia, distante, já dito,

meio quarto de légua do rio São Gonçalo e situada em vasta planície. É séde da paróquia e conta para mais de 100 casas, construídas segundo um plano regular de edificação da aldeia. As ruas são largas e retas. A praça em que fica a igreja é pequena porém muito bonita. A frente da maioria das casas é asseada. Não se vê em S. Francisco de Paula uma palhoça sequer e tudo aqui anuncia abundância. Na verdade as casas são todas de um só pavimento mas são bem construídas, cobertas de telhas e guarnecidas de janelas envidraçadas.

Os homens que encontrei achavam-se vestidos com asseio e vi várias lojas sortidas de mercadorias diversas. Operários e principalmente negociantes constituem a população de S. Francisco.

Algumas famílias do Rio Grande mudaram-se para aqui e é crível que daqui a pouco tempo esta aldeia será acrescida de um grande número de novos habitantes, atraídos pela posição favorável da povoação, pela beleza da região e riqueza dos que se acham aqui estabelecidos.

Embora a aldeia fique um pouquinho separada do rio São Gonçalo, há a compensação de um belo caminho ligando o canal à povoação e é possível seja em breve transformado em uma das ruas da aldeia.

As terras da paróquia apresentam uma mistura de areia e terra preta que as tornam próprias a toda sorte de culturas. Mas, já o disse, são muito divididas e pertencem a xarqueadores que não se dedicam à lavoura, contentando-se apenas em cultivar um pomar.

Os víveres consumidos na região vêm em grande parte da Serra dos Tapes, situada a 4 léguas de S. Francisco, onde o solo é fértil, produzindo fartamente o milho, o feijão e mórmente o trigo.

Dois franceses se estabeleceram em S. Francisco de Paula. Visitei-os. Um dêles, M. T., é um cirurgiãe

gasconês, ainda jovem, meu conhecido do Rio de Janeiro, onde me divertira pela sua vaidade. Agora, tendo conhecido o mundo e estando casado, tornou-se mais sensato. Contudo ainda surpreendi nêle essa falta de prudência e êsse espírito difamatório de que os franceses são dotados quando em países estrangeiros. Fez-me do povo desta terra um retrato verdadeiro sob vários aspectos mas exagerado sob vários outros. Relacionarei os pontos que coincidem com minhas observações particulares: Os habitantes desta Capitania são ricos e não ambicionam senão o aumento dessa riqueza. Tal fortuna entretanto pouco contribue para o conforto de suas existências: nutrem-se mal e não conhecem diversões. Os momentos de lazer são dedicados ao jogo ou às intriguinhas de aldeia. Na maior parte são ignorantes e sem educação; como não recebem nenhuma instrução de moral e honra agem sempre de má fé em seus negócios.

O segundo compatriota que fui vêr é um homem de talento, porém, um tipo curioso. Há muito tempo que deixou sua pátria. Fala perfeitamente o português e compõe, até, versos nessa língua. Entretanto êle absolutamente não esqueceu a língua francesa, o que pode ser dado como excepção porque tal é a semelhança entre nossa língua e a portugêsa que ao fim de um par de anos quasi todos os francêses que vivem em contato freqüente com os portugêses misturam os dois idiomas.

M. T. aparenta juizo, instrução e alegria, mas crê possuir dons sobrenaturais. Acredita que a Virgem Santa lhe fala e faz milagres em seu benefício. Essa loucura afinal sómente lhe proporciona atos virtuosos. Julga-se obrigado a instruir a mocidade e frequentemente desloca-se às localidades mais longínquas afim de lecionar, em obediência, disse-me, às ordens da Virgem que ouvira as preces das boas mães em prol de seus filhinhos. . . É ainda por ordem da Virgem que êle reside em S. Francis-

co de Paula instruindo a infância, sem exigir pagamento algum, não aceitando mesmo o necessário às exigências urgentes da vida. Fiquei comovido pelo ar persuasório e simples com o qual se referiu às revelações de que é honrado pela Virgem. Tocou-me também o carinho que mostra para com seus alunos e a doçura com que lhes fala. "Tenho a tarefa de ensinar-lhes o Evangelho e fallo-lhes de Jesus-Menino, disse-me êle, representando-O belo e bondoso, tal como deve ser, incitando-lhes a imitá-LO". Elogia muito a docilidade e a boa vontade de seus discipulos mas lamenta que os pais destruam sua obra. Chora a falta de religião dos próprios padres, sobre a falta geral de instrução, a cobiça e a falta de boa fé dos habitantes desta Capitania.

Vou transcrever aqui o extrato dos dados de exportação do Rio Grande, durante vários anos, fornecidos pelo Sr. Chaves:

ANO 1816 — *Carne-sêca* — Para o Rio de Janeiro, 169.879 arrobas; Baía, 236.371; Pernambuco, 215.136; Santa Catarina, 950; Campos, 2.000; Havana, 74.230; Total, 707.116 a \$700 (1) igual a 494:981\$200. *Sêbo* — Para o Rio de Janeiro, 36.698 arrobas; Baía, 14.242; Pernambuco, 4.836; Santa Catarina, 640; Campos, 159; Havana, 480; Total, 57.055 a 1\$200 igual a 68:466\$000. *Graxa* — Para o Rio de Janeiro, 4.836; Santa Catarina, 390; Nova York, 56; Total, 5.282 a 1\$200 igual a 6:338\$400. *Crinas* — Para o Rio de Janeiro, 657,5 arrobas a \$700 igual a 460\$250. *Barris de carne salgada* — Para o Rio de Janeiro, 250 a 9\$600 igual a 2:400\$000. *Couros de boi* — Para o Rio de Janeiro, 153.866; Baía,

(1) No original francês os números referentes a moeda são acompanhados de um sinal que o nosso ver substitue o cifrão.

26.244; Pernambuco, 7.555; Santa Catarina, 300; Campos, 32; Guernesey, 4.407; Porto, 11.452; Nova York, 13.675; Havana, 1.311; Alexandria, 6.816; Total, 225.638 a 1\$200 igual a 270:765\$600. *Couros de eguas* — Para o Rio de Janeiro, 1.746; Guernesey, 63; Nova York, 320; Total, 2.129 a \$400 igual a 851\$600. *Trigo* (alqueires) — Para o Rio de Janeiro, 224.958 ½; Santa Catarina, 2.023; Total, 226.981 ½ a 1\$600 igual a 363:070\$400. *Chifres* — Para o Rio de Janeiro, 365.700; Baía, 500; Pernambuco, 21.100; Guernesey, 700; Porto, 4.800; Nova York, 96.800; Havana, 24.350; Alexandria, 14.500. Total, 528.450 a 1\$000 igual a 5:284\$500 (1) - *Total das exportações*, 1.212:617\$950.

ANO 1817 — *Carne seca* — Para o Rio de Janeiro, 164.180 arrobas; Baía, 234.103; Pernambuco, 61.260; Santa Catarina, 2.771; Laguna, 800; Maranhão, 12.075; Campos, 3.500; Montevidéu, 8.800; Havana, 72.796. Total, 560.285 a 1\$360 igual a 761:987\$600. *Sêbo* — Para o Rio de Janeiro, 25.584 1;2; Baía, 10.719; Pernambuco, 1.070; Santa Catarina, 400; Maranhão, 125; Campos, 110; Salem (sic) 15. Total, 34.023, 1;2 a 1\$920 igual a 65:325\$120. *Graxa* — Para o Rio de Janeiro, 5.268; Baía, 30; Santa Catarina, 114; Laguna, 50; Campos, 20; Montevidéu, 2.772. Total, 8.204 a 1\$920 igual a 15:751\$680. *Crinas* — Para o Rio de Janeiro, 478; Bahia, 38; Salem, 81. Total, 597 a 24\$560 igual a 1:528\$320. *Barris de carne salgada* — Para o Rio de Janeiro, 100; Montevidéu, 644. Total, 744 a 12\$800 igual a 9:523\$200. *Couros de boi* — Para o Rio de Janeiro, 138.754; Baía, 15.890; Pernambuco, 5.063; Maranhão, 85, Havana, 59; Salem, 3.190; Anvers, 6.193. Total, 169.234 a 1\$440 igual a 243:696\$960. *Couros de égua* — Para o Rio de Janeiro, 3.389; Salem, 4.000.

(1) Não se sabe qual a unidade de venda.

Total, 7.389 a \$400 igual a 2:955\$600. *Trigo* (em alqueires) — Para o Rio de Janeiro, 102.409; Baía, 141; Pernambuco, 4.093; Santa Catarina, 1.053; Campos, 100; Montevidéu, 1.200. Total, 109.446 a 2\$000 igual a 218:892S. *Chifres* — Para o Rio de Janeiro, 172.489; Baía, 8.000; Pernambuco, 16.800; Havana, 14.500; Salem, 36.000. Total, 247.789 a 2\$000 igual a 4:955\$780. *Total das exportações de 1817* — 1.324:616\$260.

ANO 1818 — *Carne sêca* — Para o Rio de Janeiro, 187.484 arrobas; Baía, 227.898; Pernambuco, 88.909; Santa Catarina, 6.840; Espirito Santo, 2.500; Havana, 120.790. Total, 634.421 a 1\$600 igual a 1.015:073\$600. *Sêbo* — Para o Rio de Janeiro, 34.390 arrobas; Baía, 11.699; Pernambuco, 1.377; Santa Catarina, 330; Espirito Santo, 50; Havana, 60. Total, 47.906 a 2\$000 igual a 95:812\$000. *Graxa* — Para o Rio de Janeiro, 8.055; Pernambuco, 124; Santa Catarina, 400. Total, 8.579 a 2\$000 igual a 17:158\$000. *Crinas* — Para o Rio de Janeiro, 304; Nova York, 2.422. Total, 2.726 a 2\$560 igual a 6:978\$560. *Barris de carne salgada* — Para o Rio de Janeiro, 324; Montevidéu, 29. Total, 353 a 12\$8000 igual a 4:518\$400. *Couros de bois* — Para o Rio de Janeiro, 158.152; Baía, 14.840; Pernambuco, 2.410; Santa Catarina, 308; Maranhão, 110. Total, 42.702 1,2 a 2\$000 igual a 259:346\$880. *Couros de égua* — Para o Rio de Janeiro, 773; Santa Catarina, 1.108; Nova York, 109. Total, 1.190 a \$400 igual a 796\$000. *Chifres* — Para o Rio de Janeiro, 243.696; Baía, 4.400; Pernambuco, 3.120; Havana, 24.600; Nova York, 20.000. Total, 295.816 a 2\$000 igual a 5:916\$320. *Total das exportações em 1818* — 1.405:599\$760.

ANO 1819 — *Carne sêca* — Para o Rio de Janeiro, 165.458; Baía, 204.193; Pernambuco, 148.069; Santa Catarina, 5.650; Maranhão, 8.700; Havana,

44.990. Total, 577.060 a 1\$600 igual a 923:296\$000. *Graxa* — Para o Rio de Janeiro, 5.902 arrobas; Pernambuco, 246; Santa Catarina, 120; Montevidéu, 800. Total, 7.068 a 2\$000 igual a 14:136\$000. *Sêbo* — Para o Rio de Janeiro, 30.651 1/2 arrobas; Baía, 9.240; Pernambuco, 2.393; Santa Catarina, 308; Maranhão, 110. Total, 42.702 1/2 a 2\$000 igual a 85:450\$000. *Crinas* — Para o Rio de Janeiro, 211 1/2 arrobas; Bristol, 6.000; Boston, 2.588. Total, 157.551 a 1\$500 igual a 236.323\$500. *Couro de éguas* — Para o Rio de Janeiro, 2.604 a \$320 igual a 833\$280. *Trigo* (alqueires) — Para o Rio de Janeiro, 110.250 1/2; Pernambuco, 1.112; Santa Catarina, 751 1/2; Montevidéu, 100. Total, 112.218 a 1\$280 igual a 143:639\$040. *Mulas* — Para Surinam, 203; Caiena, 80. Total, 283 a 2\$000 igual a 566\$000. *Chifres* — Para o Rio de Janeiro, 205.978; Pernambuco, 8.280; Maranhão, 2.000; Havana, 9.970; Bristol, 16.000. Total, 242.728 a 2\$000 igual a 4:854\$560. *Total das exportações de 1819* — 1.409:735\$640.

Em 1805 o Rio Grande exportou 106.762 couros de bois, 574.051 arrobas de carne sêca, 40.684 arrobas de sêbo, 95.061 alqueires de trigo e 254.471 chifres. *Em 1806*: 183.405 couros de bois, 475.258 arrobas de carne sêca, 36.832 arrobas de sêbo, 62.863 alqueires de trigo e 232.004 chifres. *Em 1807*: 231.784 couros de bois, 600.135 arrobas de carne sêca, 44.712 arrobas de sêbo, 93.298 alqueires de trigo e 279.620 chifres. — *Em 1808*: 141:456 couros de bois, 494.102 arrobas de carne sêca, 37.036 arrobas de sêbo, 108.648 3/4 arrobas de trigo, 232.681 chifres e 920 barris de carne salgada.

Em 1810: 200.985 couros de boi, 564.150 arrobas de carne sêca, 44.773 arrobas de sêbo, 143.983 alqueires de trigo, 224.694 chifres e 753 barris de carne salgada. — *Em 1811*: 230.870 couros de bois, 5.802 couros de

égua, 713.953 arrobas de carne sêca, 58.229 1½ arrobas de sêbo, 152.271 1½ alqueires de trigo, 333.949 chifres e 508 barris de carne salgada. — *Em 1812*: 223.821 couros de boi, 826.486 arrobas de carne sêca, 69.617 1/2 de sêbo, 151.185 1/4 alqueires de trigo, 297.766 chifres e 177 barris de carne salgada — *Em 1813*: 224.474 couros de boi, 756.635 arrobas de carne sêca, 69.103 arrobas de sêbo, 257.342 alqueires de trigo, 172.698 chifres, 4.935 arrobas de graxa e 455 barris de carne salgada. — *Em 1814*: 285.578 couros de boi, 959.295 arrobas de carne sêca, 82.545 1½ arrobas de sêbo, 211.926 1/4 alqueires de trigo, 254.068 chifres, 8.518 1/2 arrobas de graxa, 790 barris de carne salgada. — *Em 1815*: 277.241 couros de boi, 754.060 arrobas de carne sêca, 58.093 arrobas de sêbo, 255.782 arrobas de trigo, 286.830 chifres, 4.617 1½ arrobas de graxa, 1.237 barris de carne salgada.

Rio Pelotas, 9 de Setembro. — Fiz hoje uma demorada herborização, porém infrutífera. Conforme disse a erva das campinas apresenta-se já verde; entretanto o mesmo não acontece nas pastagens distantes das habitações e que não são constantemente tosadas pelo gado. As folhas sêcas do ano anterior escondem ainda as gemulas, não se vê nenhuma flor e os campos têm sempre a côr pardacenta típica do inverno.

O Sr. Chaves vai mandar seu hiate a Rio Grande, lotado de carne sêca e eu quero aproveitar a ocasião regressando esta tarde.

Rio Pelotas, 10 de Setembro. — Violento vendaval soprou ontem á tarde, persistindo até agora, impedindo-me de partir.

Sendo o clima desta região muito parecido com o da Europa as plantas de Portugal aqui se desenvolvem bem sempre que suas sementes são plantadas, ou quan-

do acidentalmente são lançadas à terra. Encontram-se nos jardins e nos arredores das habitações várias espécies pertencentes à flora européia e que se multiplicam com tal abundância que se pode duvidar si são cultivadas ou espontâneas. Posso citar a malva comum, a mostarda, uma *Cariófilacea*, a *Poa annua*, que forma quasi todos os gramados, uma *Linaria*, o *Rumex pulcher* a *Alsine media* e algumas outras. A *Ranunculacea* n.º ... é menos abundante que as espécies precedentes mas custo a crer seja ela natural da região. Será preciso comparar, na Europa, todas essas plantas com as espécies às quais parecem assemelhar para constatar si realmente existe alguma diferença.

Depois do Ministério do Marquês de Pombal o governo português procurou introduzir a cultura do canhamo nesta Capitania; mas, até à época atual foram baldados os esforços nesse sentido. Os lavradores pensam que o governo apoderar-se-á, sem compensação alguma, do fruto de seus trabalhos e confiantes nos lucros oriundos da cultura do trigo não se arriscaram a experiências cujos resultados lhes pareciam duvidosos. Quero crêr, todavia, que o canhamo produzirá muito bem nas terras húmidas, negras e misturadas com areia, tão frequentes nesta zona. O Sr. Chaves mostrou-me êsse produto, colhido por êle em solo dessa natureza, a meu ver muito bom, embora um pouco grosso. Tem em mira dedicar-se a essa cultura, remetendo para isso uma memória ao Conde de Figueira.

Rio Pelotas, 11 de Setembro. — O tempo está hoje horroroso, motivo pelo qual não arredei pé, tendo sido ainda impedido de partir por causa do vento.

A mesa de meu hospedeiro é farta. E' principalmente a carne de vaca que se apresenta em feitiços variados; contudo temos pão e vinho às refeições.

Nas xarqueadas os negros são tratados com rudeza. O Sr. Chaves, tido como um dos xarqueadores mais humanos, só fala aos seus escravos com exagerada severidade, no que é imitado por sua mulher; os escravos parecem tremer diante de seus donos.

Há sempre na sala um pequeno negro de 10 a 12 anos, cuja função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço creatura mais infeliz que essa criança. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca! Passa a vida tristemente encostado à parede e é frequentemente maltratado pelos filhos do dono. À noite chega-lhe o sono, e, quando não há ninguém na sala, cái de joelhos para poder dormir. Não é esta casa a única que usa êsse impiedoso sistema: êle é frequente em outras.

Afirmo que nesta Capitania os negros são tratados com bondade e que os brancos com êles se familiarizam, mais que em outros pontos do País. Referia-me aos escravos das estâncias, que são em pequeno número; nas xarqueadas a coisa muda de figura, porque sendo os negros em grande número e cheios de vícios, trazidos da Capital, torna-se necessário tratá-los com mais energia.

Hoje vieram me acordar e em boa hora avisaram-me que podíamos partir porque cessara o vento. Embarquei no hiate do Sr. Chaves, com um de seus amigos, seguindo o mesmo caminho da vinda. Pouco terei de acrescentar a respeito da região.

As margens dos rios S. Gonçalo e Pelotas são muito chatas, o campo é alegre e coberto de bosquetes e de pastagens. Chegados a Norte passámos para uma sumaca, também pertencente ao Sr. Chaves, donde nos transportámos a uma lancha que nos levou ao Rio Grande.

A primeira pessoa que deparei à chegada foi José Mariano. Disse-me ter seguido para S. Miguel, mas não

tinha chegado senão até S. Francisco de Paula porque o hiate em que embarcara devia ficar 20 dias nessa paróquia. Fingi acreditar nessa história, mas estou certo de que êle voltou porque achou a viagem aborrecida. De tudo isso o que acho mais desagradável é ter de trazê-lo em minha companhia.

Encontrei aqui, recém-chegado, o conde de Figueira, o qual estivera em Santa Teresa, fortim situado na fronteira. Recebeu-me com sua costumeira bondade fazendo-me inúmeras perguntas sôbre a viagem a S. Francisco de Paula.

O Sr. Conde de Figueira faz jús ao mais alto reconhecimento e admiração dos habitantes da Capitania por ter duas vezes salvado o povo da invasão de Artigas, mas não foi só por isso que se tornou ídolo da população. O marquês de Alegrete, seu predecessor, era um homem sem energia, que deixava os comandantes de distrito e os mais baixos oficiais exercerem uma autoridade despótica sôbre seus jurisdicionados. A Capitania estava entregue ao mais terrivel latrocínio. Tudo se transformou depois que o Conde foi nomeado Governador geral, cercando-se de homens honestos, tendo o costume de tudo observar por seus próprios olhos, ouvir a toda gente e fazer justiça indistintamente ao pobre e ao rico. Êle não é um homem de cultura, é possuidor apenas das ideias comuns, mas tem a vantagem de conhecer perfeitamente a provincia que governa, percorrendo-a palmo a palmo. É um espirito reto, bom, justiceiro, alegre, educado, franco e imbuido do ardente desejo de fazer a felicidade do povo e de impedir os vexames dos seus subalternos. Além disso, disse-o algures, tem aos olhos da população um grande mérito — o de montar a cavalo tão bem quanto os naturais da Capitania; é dextro, locomove-se com extrema facilidade de um ponto

a outro e se conforma sem lamentações a todas as circunstâncias das viagens.

Rio Grande, 13 de Setembro. — Os governadores têm aqui uma residência, porém, não estando conservada, nunca se apresenta em condições de os receber.

Há em Rio Grande duas prisões, uma civil e outra militar, ambas muito pequenas e independentes da casa da câmara.

Entre os negociantes aquí domiciliados muitos são europeus, outrora marinheiros, e em geral analfabetos.

Conforme já o disse no diário de minha viagem a Minas, os portuguezes que se estabelecem no Brasil, quasi todos rudes e sem educação, retardam muito a civilização dêste País em vez de fazê-la avançar.

Quando um dos Estados europeus entra em guerra, todas as suas províncias fornecem soldados e por conseguinte si a nação se torna belicosa o é em sua totalidade. No Brasil tal não acontece. A fronteira meridional dêste País há muito tempo não goza senão curtos intervalos de paz, mas salvo algumas tropas vindas de S. Paulo e Santa Catarina, todos os soldados que combateram a Espanha são naturais da Capitania. Nenhum recrutamento foi feito nas províncias mediterrâneas e setentrionais. Disso resulta que enquanto os habitantes desta Capitania se tornam completamente militarizados, os povos das outras províncias cáem pouco a pouco na inércia. Está claro, entretanto, que é do interesse do soberano de um império tão vasto a mínima diferença possível entre as províncias que o compõem, procurando uniformizar o sentimento geral de seus súbditos. Sei que os mineiros e os goianos lamentam terem de se acostumar ao modo de vida desta região, mas, seja dito, êle é menos distanciado do de suas províncias que dos da Europa, e não é possível fazer vir regimentos de Portugal.

A frugalidade dos mineiros e sua rusticidade de hábitos tornam-nos menos incapazes que os europeus de se adaptarem aos costumes do Rio Grande do Sul, e eles seriam úteis à campanha.

Para introduzir facilmente o mesmo espirito militar nas diversas províncias do Brasil seria conveniente, creio eu, mandar uma parte dos velhos soldados de outras capitánias a seus lares substituindo-os por novos recrutas.

Esta capitania seria de qualquer modo escola para as outras. Seria dotada de atividade, espirito militar e dum sentimento nacional que só a guerra faz nascer.

Rio Grande, 14 de Setembro. São Francisco de Paula é a aldeia do Rio Grande onde existe maior número de xarqueadas. Há atualmente 18 nesta paróquia e a média de animais abatidos por ano é de cerca de 20 mil. A paróquia é limitada ao norte pelo rio Camaquam, ao sul pelo Arroio das Pedras e o rio Piratini; a léste pela lagoa dos Patos e rio São Gonçalo; a oeste pela serra dos Tapes.

Apesar de ter cessado há meses a matança nas xarqueadas sente-se ainda nos arredores um forte cheiro de açougue, donde se pôde fazer idéia do que não será esse odor no tempo da matança. Nessa época, dizem, não se pode aproximar das xarqueadas sem ser logo coberto pelas moscas. Ao imaginar essa multidão de animais decapitados, o sangue a correr em borboões, a prodigiosa quantidade de carne exposta nos secadouros, vejo que tais lugares devem inspirar contrariedade e pavor.

Tenho já observado, muitas vezes, que os mineiros não são arraigados à terra natal. Com efeito nenhum hábito particular os retém e eles não têm pezar em sair à procura de melhores situações, por isso que sua inteligência, peculiar, lhes garante meios fáceis de subsistência em qualquer parte. Os habitantes desta Capitania, ao contrário, nunca emigram porque sabem que fóra dela

serão obrigados a renunciar ao hábito de estar sempre a cavallo e em parte alguma encontrarão tamanha abundância de carne. Receiam sobretudo embarcar, e todas as embarcações que fazem o comércio desta Capitania são tripuladas por estrangeiros.

Resulta dos dados que me foram fornecidos pelo Sr. Chaves que o valor dos objetos importados no Rio Grande em 1816 eleva-se a 1.000:441\$380. As maiores somas foram para objetos vindos do Rio de Janeiro. Essa cidade exportou para cá: 12.496 alqueires de sal; 4.676 alqueires de farinha de mandioca; 567 alqueires de arroz; 10.657 arrobas de açúcar branco; 989 arrobas de açúcar bruto; 86 cestos de marmelada; uma grande quantidade de caixas de doces e chocolate; 1.012,5 arrobas de café; 36 caixas de chá; 604 pipas de vinhos; 659 barris de vinho; 938 pipas de aguardente de cana; 71 barricas de cerveja; vinhos e licores em garrafas; 27 barris de presunto; 1 caixa de presunto; 100 jacás de toucinho; 217 barricas de bacalhau; 118 barris de manteiga; queijos de diversos países; 746 ancorotes (1) de azeitonas; 31 barris e 36 garrafas de azeitonas; 6.833 arrobas de fumo; 620 escravos; tecidos, entre os quais 167.904,5 varas de tecido de algodão de Minas; drogas; porcelanas, mercearias; quinquilharias, modas, móveis, em uma palavra — todas as mercadorias que vêm da Europa.

Da Bahia o Rio Grande importou objetos no valor de 91:307\$200 a saber: 53.285 alqueires de sal; 400 alqueires de farinha; 201 de arroz; 108 pipas de vinho; 7 barris de vinho, 35 pipas de aguardente; 12 escravos; 364 arrobas de açúcar branco; 11 arrobas de açúcar mascavo; 4.628 arrobas de cal; 1,2 arroba de estopa; móveis e diversas mercadorias européias.

(1) NOTA DO TRADUTOR — Barrinhos outros usados para azeitonas e vinho.

De Pernambuco a importação foi de 21:357\$800, representados assim: 20.850 alqueires de sal; 573 arrobas de açúcar; 4 pipas de vinho; 6 barris de vinho; 1½ pipa de aguardente de cana; 4 escravos; 28 arrobas de estopa; 1.000 cocos; móveis e alguns artigos europeus.

As importações oriundas de Santa Catarina montam a 11:752\$000, a saber: 27.943 alqueires de farinha; 3.724 alqueires de arroz; 174 arrobas de açúcar branco; 44 arrobas de açúcar mascavo; 212 barris de melão; 732 arrobas de café; 169 pipas de aguardente de cana; 38 escravos; 296 pacotes de riscado; 7 pacotes de tecido de linho; 15 arrobas de fio de algodão; 11 arrobas de algodão em pluma; 500 cântaros; 195 peles de veado (curtidas); 504 alqueires de milho; 169 de amendoim; 81 dúzias de táboas; 414 peças de madeiras de construção; 6.520 ripas; 40 portas; 30 portadas; 36 sacos de cal; 4.000 telhas; 6.000 tijolos; e mercadorias da Europa.

De Santos as mercadorias importadas, no valor de 26:641\$800 foram: 1.534 arrobas de açúcar branco; 848 arrobas de açúcar mascavo; 18 arrobas de farinha de mandioca; 76 alqueires de arroz; 7 arrobas de café; 43 arrobas de tabaco; 2 barris de vinho; 43 pipas de aguardente de cana; 11 escravos; 7.439 varas de tecido de algodão; 200 alqueires de cal; 500 duzias de ripas; 20 vigas; 8 1½ duzias de gamelas e alguns artigos europeus.

Paranaguá enviou mercadorias no valor de..... 4:459\$500, sendo: 246 alqueires de arroz; 250 alqueires de mate; 292 jacás de mate; 14 arrobas de café; 30 arrobas de toucinho; 2 escravos; 2 mós; 1.582 ripas, 184 duzias de cáibros; 206 1½ duzia de táboas; 107 portadas; 415 vigas; 8 vergontees; 149 1½ "mocós" (1) de cal.

(1) NOTA DO TRADUTOR — Os mocós são sacos de couro também chamados *nurrões*.

De Lisboa, diretamente, vieram: 7 pipas de vinho; 26 barris de vinho; 276 garrafas de vinho; 72 medidas de aguardente; 4.600 alqueires de sal; salsichas, chocolate e algumas tapeçarias da Europa e da Índia; 50 machados; 100 enxadas; 198 foices, tudo no valor de... 8:741\$410.

Porto forneceu 122 pipas de vinho; azeite, chapéus, machados, enxadas, quinquilharias, etc., perfazendo... 22:648\$300.

S. Sebastião, na província de S. Paulo, remeteu 86 pipas de aguardente de cana; 800 arrobas de açúcar branco; 90 arrobas de açúcar mascavo; 90 arrobas de café; 416 arrobas de tabaco; 8 escravos; alguma louça e mercadorias da Europa montando a 1:113\$310.

Parati (Rio de Janeiro) forneceu: 4 pipas de vinho; 57 pipas de aguardente de cana; 3 barris de laranja; 38 arrobas de tabaco; 15 arrobas de açúcar bruto; 26 arrobas de café; 30 alqueires de farinha de mandioca; 54 balaios de toucinho; e algumas bagatelas européias, tudo valendo 431\$900.

Da Ilha Grande (Rio de Janeiro) vieram 16 pipas de aguardente de cana por 960\$000.

Campos remeteu 87 pipas de aguardente de cana; 4 de melão; 1.823 arrobas de açúcar branco; 560 arrobas de açúcar mascavo; 1.160 varas de pano de algodão; 33 alqueires de arroz, tudo no valor de 9:458\$600.

A Capitania do Espirito Santo forneceu 135 arrobas de fio de algodão; 540.000 varas de pano de algodão; 1 escravo e 12 alqueires de arroz, valendo 720\$000.

Do Rio S. Francisco vieram 2.091 alqueires de farinha; 261 alqueires de arroz; 2 carros de açúcar; 42 arrobas de café; 30 Ps. de ripas, 10 "mocós" de cal; 100 1/2 dúzias de ripas, montando a 1:855\$000.

Cananéa forneceu 2.289 alqueires de sal; 93 duzias de ripas; e 34 vigas por 383\$500.

Laguna exportou para cá 1.600 alqueires de farinha e 400 alqueires de amendoim por 824\$000.

Da Ilha da Boa Vista (Cabo Verde) vieram 7.930 alqueires de sal, no valor de 3:172\$000 e da ilha da Mãe — 4.200 alqueires por 1:680\$000.

Gibraltar forneceu: 1.514 alqueires de sal; 1 de azeite; genebras, alguns presuntos e um pouco de papel no valor de 901\$600.

De Cadiz entraram 1.568 alqueires de sal por... 620\$000.

De Filadélfia, 30 alqueires de sal, genebra, pequena quantidade de vinagre, alcatrão e alguns móveis importando em 624\$000.

De Guernesey — 10 pipas de vinho — 600\$000; e vinagre, cerveja, porcelana, vidros: 160\$000.

De Nova York: 1.800 alqueires de sal; 10 pipas de genebra, 1,2 pipa de aguardente, porcelana, alcatrão e móveis no valor total de 2:653\$000

Rio Grande, 15 de Setembro. — O Major Mateus da Cunha Teles, em casa de quem está hospedado o Conde, ofereceu-lhe hoje um baile, menos concorrido que os anteriores, mas onde pude contar ainda 50 e tantas mulheres, todas vestidas com elegância e bom gosto. Os homens eram menos numerosos que as mulheres e era preciso pedir-lhes para dansar. Nada tenho a acrescentar às observações já feitas sobre as primeiras. Têm na maioria a pele branca, corada, olhos e cabelos negros, algumas são bonitas, porém todas sem atractivos. São para com os homens muito desembaraçadas, ou demasiadamente tímidas. Em geral, contudo, parecem possuir presença de espirito e, à vista da pouca educação que recebem, é de se admirar que conversem tão bem.

Quanto aos homens são pouco solícitos junto às senhoras, quasi não lhes falando e não mostrando o menor desejo de lhes ser agradáveis.

À meia-noite as senhoras passaram a um salão onde foi servida a ceia, sendo elas acompanhadas pelo Conde, seu ajudante de campo dois ou três homens e por mim. O Conde ofereceu o braço a uma senhora e nós fizemos o mesmo, mas as senhoras desta região estão tão pouco acostumadas a essa delicadeza, que sòmente acederam contrafeitas.

A ceia compunha-se de prodigioso número de pratos apertados uns aos outros, porém todos muito bons. Após a refeição toda a gente passou a outra sala onde foi servida magnífica sobremesa. Esse costume de servir a sobremesa em sala diversa da de jantar ou cear é geral nos banquetes.

Como nos outros bailes, que assisti, havia neste muitos padres, entre os quais o vigário da paróquia em companhia de sua sobrinha e de suas filhas adotivas.

Rio Grande, 16 de Setembro. — Já disse que na Serra de Sto. Antonio, ao norte de Porto Alegre, é feita a cultura de cana; cultivam também a mandioca nos arredores dessa cidade, mas caminhando para o sul essas plantas não se desenvolvem mais. Assim, Porto Alegre deve ser considerado o limite meridional desse vegetal.

A cultura do algodão estende-se um pouco mais longe, produzindo ainda muito nas margens da lagoa dos Patos, apesar de dar fibras de qualidade inferior.

Logo que cheguei a Rio Grande o Conde encarregou o sargento-mór Mateus da Cunha Teles de procurar-me meios de transporte a Montevideu, tendo este se prontificado, perante o Conde, a tratar disso. Entretanto, até à partida do Conde para Santa Teresa, nada me disse a respeito e como sempre o vejo muito atarefa-

do não ousei tocar no assunto. Todavia, depois que o Conde seguiu, soube que me destinava um carro perfeitamente equipado, que aliás havia sido dele.

Durante a ausência do Conde fiquei só em casa do Sr. Mateus, tendo nossa amizade se estreitado. Ao falar-lhe de minha partida respondeu-me que quando me quisesse pôr a caminho bastava preveni-lo com alguns dias de antecedencia. Entrementes fui a S. Francisco de Paula e até à volta ignorava de que modo faria a viagem. Aqui chegado abri-me francamente com o Sr. Mateus e soube que êle me ia emprestar para ir a Sta. Theresa, ou além, o que fosse necessário, seu carro, seus negros e seus bois. Fiquei constrangido com essa generosidade excessiva que devia naturalmente incomodá-lo. Todavia, encontro-me na contingência de aceitar seus oferecimentos, pois que ninguem quer alugar-me uma carroça nem bois. Ademais' o Conde de Figueira fez-me presente dos cavalos necessários e trata de arranjar um bom soldado para acompanhar-me.

Rio Grande, 17 de Setembro. — Outro baile. Êste foi dado pelo Conde. Tudo correu como nos precedentes. O uso de trocar brindes leva sempre os convivas a excessos e após a ceia a alegria exagera-se.

Fiz para a viagem consideráveis provisões porque asseguram-me que além da carne nada acharei até Montevideo. Quero mesmo crer que depois de Santa Theresa não encontrarei nem meios de transporte.

As pereiras estão atualmente floridas, os pessegueiros estão despidos, os marmeleiros se cobrem das primeiras folhas e as laranjeiras mostram os primeiros botões.

O homem em casa de quem foi o Conde recebido à sua chegada, chama-se, conforme disse — Mateus da Cunha Teles. E' natural de Açores, fez fortuna neste País, tornou-se sargento-mór e associou-se a João Ro-

drigues para a arrecadação dos impostos sobre couros. Mostra-se muito simples, é liberal e magnífico para com os hóspedes. Fez, em diferentes circunstâncias, enormes sacrifícios pelo Rei. E' quem recebe todos os officiaes que vão a Montevideu e hospedou mesmo, em sua casa, durante 40 dias, todo o estado-maior do Barão de Laguna. Possui duas casas, uma — muito pequena, onde mora, e outra muito maior, assobradada, destinada aos hóspedes.

E' uma casa mal dividida como todas as casas portugêsas. Os dormitórios são sempre pequenos cubículos, escuros, dando para grandes salas. Apesar disso é mobilada com o luxo das mais belas casas da Europa, podendo-se sobretudo mencionar a sala de visitas como modelo de elegância. A mesa de refeições é servida também com luxo. Um delicioso vinho do Porto brilha em garrafas e frascos de cristal, as iguarias são servidas em pratos de porcelana inglêsa extremamente fina. O cardápio é excelente, mas há grande mistura de iguarias; após cada refeição são retirados 2'3 de pratos em que ninguém tocou sequer. A despesa que o Sr. Mateus tem feito depois que aqui estamos deve ser considerável, pois tudo é extremamente caro em Rio Grande e o Conde traz uma comitiva de mais de 30 pessoas, da qual uma grande parte aqui permaneceu durante sua ida a Santa Teresa.

Rio Grande, 18 de Setembro. — O Conde seguiu hoje com destino à freguezia de S. Francisco de Paula, com o Sr. Lemos, seu ajudante de campo, e o sargento-mór Mateus.

Como não nos veremos mais despedi-me dele, não sem grande pesar, porque, em dois meses de convívio, só recebi provas de amizade. Aprecio muito o Sr. Lemos também militar honrado, alegre, de extrema bondade,

que procurou, como o Conde, me prestar toda a sorte de serviços e ao qual liguei-me por fortes laços de amizade.

Ao chegarmos aqui prometeu-me o Conde dois soldados para me acompanhar na viagem em mira. Agradei muito mas apenas aceitei um, porque sei que para minha tranquilidade não devo aumentar minha comitiva.

Um paulista, por nome Teixeira, filho do proprietário de Cocambaí, deseja vivamente acompanhar-me, mas sua grande camaradagem com José Mariano fez com que eu o recusasse. Deram-me um voluntário do Rio Grande que começou por me pedir dinheiro, o que não é muito bom sinal. . .

CAPÍTULO V

Arroio das Cabeças — O tenente Vieira — Cães de guarda dos rebanhos, chamados ovejunos — Estância do Silverio. — Invasão das areias — Cultura do trigo — Estância do Velho Terras — Estância de José Correia — O mate — Campos neutrais — Propriedade disputada — Estância da Tapera — Estância de José Bernardes — Estância de Francisco Correia — Estância de Medanos Chico — Estância do Curral Grande — Cheripá — Oftalmias causadas pela arcaia — Jerebatuba — O Sr. Delmont, francês — Rendimento das Estâncias segundo sua opinião — Estância de Chuí — Estrados — Cultura do milho — Bódes — Rio e Serra de S. Miguel — Bela paisagem — Forte de S. Miguel — Morro da Vigia — Estância de Angelo Nuñez, lugar destinado à fundação de uma aldeia — Chuí — O Capitão Manoel Joaquim de Carvalho — Limites entre Rio Grande do Sul e Uruguai.

Arroio das Cabeças, 19 de Setembro, 3 léguas. — Ao pôr do sol o termômetro acusava 12 graus. Deixei hoje Rio Grande onde passei um mês de agradável con-

vivência, alimentando-me bem e tratado por todos com as maiores atenções. Era tempo, entretanto, de partir pois o repouso das cidades torna-me indolente, fazendo trabalho lento e pouco proveitoso. Ao contrário, o movimento das viagens anima-me e como o tempo torna-se escasso trato de aproveitá-lo bem.

Antes de deixar Rio Grande entreguei 3 caixas de pássaros e mamíferos ao Major Mateus pedindo-lhe fazê-las remeter ao major João Pedro de Souza Ferreira, em Porto Alegre. Deixei também u'a mala cheia de papéis de herbário e outros pequenos objéto, para que êle ma enviasse a Montevidéu, endereçada a um sacerdote a quem estou recomendado, chamado padre José Gomes Ribeiro.

Na hora da partida trouxeram-me quatro cavalos com que o Conde houve por bem presentear-me, todos muito bons, mórmente o que me serve de montaria.

Uma porção de incidentes, que quasi sempre se apresentam quando início uma viagem, retiveram-me em Rio Grande até onze horas.

Após algum tempo José Mariano induziu-me a passar, deixando esta cidade, pela estância do tenente José Vieira, em casa de quem passou êle um mês a matar e preparar pássaros. Desejando agradecer ao tenente concordei com o meu camarada, que se mostrou muito amável durante a viagem, amabilidade a que não estava mais acostumado.

Deixámos a carroça seguir diretamente e tomámos outro caminho, contornando quasi sempre a Mangueira. Caminhámos durante muito tempo sôbre um gramado muito fino, mas tínhamos à direita montões de areia pura no meio dos quais sómente vegetava o "senecio" 1853 bis. Dão aqui o nome de mal-me-queres a êsse

"*senecio*". Ao fim de duas léguas chegamos à casa do tenente Vieira, situada á extremidade do istmo que separa a Mangueira da lagoa dos Patos. E' uma casa recém-construida, coberta de telhas, muito bonita. Fizeram-me entrar em um salão bem mobilado e em seguida o proprietário levou-me a um terraço, construido no telhado, donde se avistam Mangueira, Rio Grande e uma imensa extensão da região. Essa vista, entretanto, nada tem de agradável porque a verdura não se mostra no campo senão em manchas semeadas nos areiais finos e esbranquiçados.

A casa do tenente Vieira é inteiramente cercada de areia, o que o obriga a pôr continuamente negros a desentulhar seu jardim.

Deixando a residência do tenente Vieira dirigimo-nos, através dos campos, à casa onde poisei e onde já havia pernoitado quando acompanhava o Conde de Figueira no comêço de sua viagem a Santa Teresa. Essa casa pertence a um particular de Rio Grande, chamado Justino, que só a ocupa de tempos em tempos. No momento não se achava; tendo eu pedido ao seu capataz permissão para ocupar a casa não fui atendido, mas dando-me a conhecer e fazendo lembrar que havia já dormido ali quando da passagem do Conde, obtive a aquiescência e as portas foram abertas.

O tenente Vieira possui um rebanho de ovelhas, que, como os demais desta região, está sempre nos campos, mas é guardado por um dêsses cães de que fala o Abade Casal, a que dão o nome de *ovelheiro*.

Eis o que o tenente contou-me a respeito dêsses animais:

Toma-se um cachorrinho, antes de ter aberto os olhos, separa-se da cadela, força-se uma ovelha a amamentá-lo e faz-se um pequeno abrigo para êle no meio

do rebanho. Os primeiros sêres vivos que se oferecem às suas vistas são os carneiros; o cão se acostuma a êles, afeiçoando-se-lhes e tornando-se defensor espontâneo do rebanho, repelindo com coragem os cães selvagens e outros animais que o vêm atacar. Acostuma-se a vir comer pela manhã e à tarde à estância. Nunca mais abandona o rebanho e quando os cordeiros se distanciam da habitação êle prefere passar fome a abandoná-los.

Estância do Silvério, 20 de Setembro, 5 léguas. — A casa do Sr. Justino não passa de uma palhoça, mas seu pomar é extremamente bem cuidado e um dos maiores que tenho visto no Brasil. Em Minas e Goiás um pomar não vai além de uma nesga de terra onde são lançados, sem ordem, laranjeiras, cafeeiros, bananeiras etc., para os quais não se reserva cuidado algum. Os pomares que hei visto nesta capitania em nada se assemelham, é verdade, áqueles lugares deliciosos onde, em nosso país, a arte embeleza a natureza e onde tudo é consagrado ao prazer da vista, mas ao menos aqui se nota ordem e simetria. Veem-se poucas flores mas as árvores frutíferas e várias hortaliças exóticas, tais como — couves diversas, alfaces e ervilhas são encontradiças. No pomar do Sr. Justino as árvores acham-se dispostas em quincôncio e muito bem alinhadas; os próprios legumes são plantados com simetria e o solo apresenta-se muito limpo. O Sr. Justino adota para suas árvores frutíferas uma prática digna de elogios e que não pôde deixar de dar resultados — a da enxertia.

A vizinhança da cidade garante-lhe um grande lucro na vendagem de frutos e legumes e o rio Grande oferece-lhe um fácil meio de transporte.

E' de notar que para cuidar dêsse pomar êle emprega 12 negros; certamente 3 jardineiros francêses cultivariam muito melhor um espaço de terreno semelhante.

Os negros são naturalmente pouco ativos; quando livres só trabalham o suficiente para não morrerem de fome; quando amedrontados trabalham mal e com excessiva lentidão.

Comecei hoje a viajar pela península que separa a lagoa Mirim do mar e que tem a mesma direção que sua homóloga existente entre a lagoa dos Patos e o Oceano.

O terreno hoje percorrido é mais chato que nossas planícies de Beauce, não oferecendo a mínima ondulação. Durante alguns instantes só pisamos areais, mas em seguida caminhámos sobre um gramado raso; contudo, principalmente à direita, percebemos ao longe grande areais.

Apesar da igualdade do terreno o aspecto do campo nada tem de monótono. Grande número de cavalos e bovinos pastando.

As casas são pouco distanciadas umas das outras, vendo-se aqui e ali pequenos tufos de árvores; frequentemente deparámos alguns campos de trigo. Excetuadas duas casas que são cobertas de telhas, entre estas a em que parei, todas as outras são cobertas de palha. São pequenas, mobiladas de modo pobre e construídas de enchimento. Causa espanto e contraste existente entre essas casas e o trajar das mulheres que as habitam. Vi à janela de uma dessas palhoças uma encantadora moça cujos cabelos estavam penteados com gosto, trazendo um belo vestido de chita e um fichú de seda.

As pastagens são muito menos verdes que as da Freguezia de S. Francisco de Paula porque o terreno não é aqui tão húmido.

Apenas um pequeno número de espécies de plantas apresenta-se com flores, e assim mesmo muito comuns: o *Oxalis* n. 1874 orna os gramados de um vermelho agra-

dável; com êle acha-se abundantemente o *Cerastium* n. 1875, a *Anemona* n. 1864 e um outro *Oxalis* n. 1875-5, o *Carex* n. 1875, e a *Composita* n. 1875 quarta, que algumas vezes, quasi ella só, cobre espaços consideráveis.

Como as que florescem na Europa no começo da Primavera a maioria das plantas que encontro em flor são pequenas e de delicada consistência.

As plantas que florescem atualmente têm crescimento muito curto; tendo tirado pouco alimento do solo as substâncias alimenticias acham-se diluidas em grande quantidade d'agua, e são pouco aquecidas pelos raios do sol. Não é pois de se admirar sejam tenras, pouco crescidas e exijam muito tempo para secarem, no herbário.

As plantas européias e as que aqui côlho neste momento sendo expostas ao sol após a colheita murcham-se muito mais rapidamente que as da zona tórrida, porque estas últimas contêm geralmente muito menor parte aquosa.

Em toda região hoje percorrida a terra apresenta uma mistura de areia e humus pardo. Essa terra, entretanto, é pouco profunda; em baixo encontra-se areia pura, fina e amarelada, semelhante à do Rio Grande e como acontece que os animais frequentemente cavam a camada superior da terra vegetal a areia toma nesses sitios o lugar das pastagens. Assegura-me meu hospedeiro que a extensão dessas pastagens diminúe de ano para ano. É possível que outróra todo êste istmo fosse coberto pelas águas, que se retiraram pouco a pouco, e, quando se tornavam pouco profundas eram invadidas pelas plantas aquáticas que formaram a primeira camada de solo, depois coberto pelas areias.

De qualquer modo o trigo medra perfeitamente nessas terras. O trabalho é feito a arado e embora os sulcos não fiquem perfeitamente retos, como em nossos

campos, causou-me boa impressão achá-los bem traçados.

Devido ao gado solto nos campos há necessidade de cercar todas as culturas. Para isso fazem ao redor das lavouras uma vala profunda tendo do lado das plantações moitas de verdura, à guisa de pequenos muros, feitas com cuidado. Entre essas moitas são plantados cactus e bromeliáceas de grande folhas espinhosas que se apresentam em grandes rosetas, e, embora tais plantas tenham porte pequeno formam sébes difíceis de arrombar.

Aqui chegando encontrei em frente à casa todo um equipamento de acantonamento militar. Soldados estendidos pelo chão vinham de jantar. Seus fuzis estavam reunidos em feixes. Os cavalos que êles deviam montar estavam arreados e um número prodigioso de cavalos de sobreceiência achavam-se reunidos em um lote .

Como os poucos soldados que restavam a Artigas, após a batalha de Taquarembó, localizaram-se ao norte de Entre-Rios, o trecho de fronteira vizinho de Santa Teresa não corre risco de ser atacado. O Conde de Figueira deu ordem às tropas que guarnecem êsse forte de retirarem e deu licença aos milicianos para retornarem às suas sédes. Tais são os soldados por mim encontrados.

Pedi ao proprietário da Estância permissão para entrar em sua casa, porém respondeu-me estar a mesma cheia e induziu-me a esperar pela partida dos militares. Êstes retiraram-se à noite sendo eu então recebido na casa. Meu hospedeiro é um bom velho, cuja hospitalidade é proverbial na região. Proporcionou-me uma boa ceia, servindo-me pão e vinho, e mandou preparar-me um bom leito. Sua casa é assejada, mas pouco mobilada; as paredes são caiadas.

Estância do Velho Terras, 21 de Setembro, 5 léguas. — O bom Silvério quiz fazer-me almoçar esta manhã sendo a refeição, como a de ontem à tarde, inteiramente composta de carnes. Nesta região não se come outra cousa. Carne cozida, carne assada, carne picada ou cortada em pedaços, sempre a carne, e quasi sempre de vaca ou de boi.

A região hoje percorrida é absolutamente semelhante à que ontem atravessei. E' sempre igual só offerecendo pastagens rasas, onde pascentam inúmeros animais. As casas são muito menos frequêntes.

A' cerca de duas léguas da Estância do Silvério comeci a enxergar, à minha direita, um grande lago, que se estende paralelamente ao caminho.

Cerca de uma légua daqui parei alguns instantes em uma estância situada nas margens do lago e que se compõe de algumas palhoças muito baixas e construídas de enchimento. Fui recebido por uma mulher idosa, alegre, honesta, muito conversadoira. Estava trajada de modo semelhante às mulheres da região. Logo que entrei à casa serviu-me dois mates, segundo o uso, em uma pequena cabaça de bico curvo onde estava enfiada uma bomba de prata.

A casa fica de frente para o lago, de onde dista pouco e o terreno que a separa d'ele é inclinado e coberto de grossas árvores pouco altas porém muito folhudas, separadas umas das outras. A seus pés crescem grandes lianas que após se apoiarem contra seus troncos, emaranham-se em suas ramagens, formando cobertura impenetrável aos raios do sol. Um pequeno trecho do lago, que se percebe por sob essas frondes, faz diminuir o excessivo aspecto umbroso.

Disse-me a dona da casa que o lago pode ter 3 léguas de comprimento, chama-se lagoa de Caiova (tal-

vez a que Casal denomina Cajuba) e que dá nome à Estância.

Conversando com essa mulher perguntei-lhe como adubavam a terra para plantar o trigo. Outrora, respondeu-me, encerrava-se o gado em um curral junto à casa e transportava-se o estêrco, em pequenos carros, para as terras a semear, mas nesta parte da Capitania todo o mundo renunciou a essa prática. Hoje usam cercar de estacas o terreno que se vai cultivar, aí encerrando o gado todas as tardes. Quando se verifica que essa parte do campo já recebeu bastante estêrco transporta-se o cercado para deante e assim sucessivamente até ser adubado o campo todo.

Ao sair de Estância de Caiova um dos negros da carroça informou-me que estivera ocupado a abater uma vaca e ofereceu-me um pedaço de carne; deu-me de bom grado grande naco e não quis aceitar retribuição em dinheiro. Devo êsse obsêquio, creio, ao fato de saber minhas ligações com o Conde, de quem espera receber alguma graça...

Logo chegado ao lugar onde poisei meu soldado fez uma grande fogueira; cortou a carne em compridos pedaços da espessura de um dedo, fez ponta em uma vara de cerca de 2 pés de comprimento e enfiou-a à guisa de espêto em um dos pedaços de carne, atravessando-o por outros pedaços de páu, transversalmente, para estender bem a carne; enfiou o espêto obliquamente no solo expondo ao fôgo um dos lados da carne e quando o julgou suficientemente assado expoz o outro lado. Ao fim de um quarto de hora êsse assado podia ser comido, parecendo uma espécie de "beefsteack" succulento, porém de extrema dureza.

Na viagem que fiz em companhia do Conde tinha visto, já, seus peões e soldados preparar suas refeições dessa maneira.

Parei em uma choupana construída de enchimento, como todas desta região. Enquanto não anoitecia saí a herborizar e verifiquei que o lago de Caiova termina pouco adiante da choupana. Pouco além veem-se outros dois muito menores que não têm nomes particulares, compreendidos sob a denominação geral de Lagoas de Caiova.

Os negros do major Mateus disseram-me morar perto daqui um homem que antes de minha partida de Rio Grande tinha sido encarregado por seu patrão de me arranjar uma carroça, o qual havia achado uma. Mandei vir esse homem, tendo êle efetivamente confirmado ter arranjado alguém disposto a me conduzir a Montevideu por duzentos mil réis e que havia escrito a esse respeito ao Major, porém sem obter resposta. O Sr. Mateus havia já me falado sobre isso, acrescentando que a proposta não era aceitável. Entretanto, como me garantem ser difícil encontrar condução em Santa Teresa, e achando-me constrangido pela generosidade do Major, vejo-me disposto a alugar a carroça em questão.

Estância de José Correia, 22 de Setembro, 5 léguas.
— Ainda dois mates antes de partir. O uso dessa bebida é geral aqui. Toma-se-o ao levantar da cama e depois várias vezes ao dia. A chaleira de água quente está sempre ao fogo e logo que um estranho entre na casa se lhe oferece o mate. O nome de mate é propriamente o da pequena cabaça onde êle é servido mas dão-no também à bebida ou à quantidade do infuso contido na cabaça: assim diz-se ter tomado dois ou três mates quando se tem esvasiado a cuia duas ou três vezes. Quanto à planta que fornece essa bebida denominam-na erva-mate ou simplesmente erva. A cuia tem a capacidade de mais ou menos um copo; é cheia com a erva até à metade, completando-se o resto com água quente. Quando

O mate é de boa qualidade pode-se escaudá-lo até 10 ou 12 vezes sem renovar a erva. Conhece-se que esta perdeu sua fôrça e que é necessário trocá-la quando ao derramar sôbre ela a água fervente não se forma espuma á superficie.

Os verdadeiros viciados do mate tomam-no sem açúcar e então tem-se o chamado chimarrão.

A primeira vez que provei essa bebida achei-a muito sem graça, mas logo me acostumei a ela e atualmente tomo vários mates, de enfiada, com prazer, até mesmo sem açúcar. Acho no mate um ligeiro perfume, misto de amargor, que não é desagradável.

Há muitos méritos nessa bebida, dita diurética, própria para combater dôres de cabeça, para amenizar os cansaços do viajante e na realidade é provável que seu amargor torne-a estomáquica e por conseguinte necessária em uma região onde se come enorme quantidade de carne, sem os cuidados da perfeita mastigação.

Em espaço de cerca de duas léguas aquém da estância do Velho Terras e até Capilha o terreno é absolutamente semelhante ao por mim atravessado nos dias precedentes. E' também uniforme e coberto de relva rasa onde florescem ainda as mesmas plantas por mim indicadas no diário de 20.

No caminho encontrei um homem, que mora a trinta léguas daqui, em regresso aos penates, acompanhado de sua mulher.

Não há ninguém nesta região que não seja bom cavaleiro, motivo pelo qual todo mundo faz longas viagens a cavallo.

Conversando com o homem recém-citado soube que em Santa Teresa, São Miguel e seus arredores havia um grande número de estancieiros absolutamente ignorantes em matéria de religião, e que muita gente nunca

se confessou e até havia pessoas de 15 e 16 anos que nunca assistiram a u'a missa, o que não é para se admirar pois que entre Rio Grande e a fronteira sómente celebram em Capilha, onde passei hoje.

Capilha não passa de um arraial composto de algumas choupanas e duma pequena capela subordinada à paróquia do Rio Grande, porém destituída de capelão. Esse arraial acha-se situado em agradável posição, às margens da lagoa Mirim.

Silvério disse-me que sua casa ficava equidistante de 5 léguas e do lago e do mar.

Abaixo de Caiova o istmo começa a estreitar-se, pois meus hospedeiros de ontem afirmaram-me que sua residência ficava duas léguas do lago e a três do mar, e em Capilha não há mais que duas léguas entre o oceano e o lago.

De Capilha até aqui em um espaço de 3 léguas viemos sempre contornando o lago, caminhando por uma praia triste e monótona, coberta duma areia fina e esbranquiçada. Para além dessa praia as areias amontoadas pelos ventos formaram uma fileira ininterrupta de montículos sôbre os quais crescem algumas árvores raquíticas, tais como a *Mirsínea*, a *figueira* e o *coentro*. Per trás dos montículos o terreno continúa uniforme e coberto de pastagens.

A uma légua de Capilha acha-se o lugar denominado Tahim, onde estão acantonados alguns soldados. Outrora Tahim constituia o limite das divisões portuguezas. Do outro lado ficavam os campos neutros (campos neutrais), que se estendiam em uma extensão de 30 léguas até à estância de Chuí, onde começavam as possessões espanholas.

Si é verdade o que me informaram, os campos neutrais foram inicialmente povoados pelos portuguezes, que, por um tratado, foram obrigados a abandoná-los.

Homens desfavorecidos da fortuna, vendo uma tão grande área de terras sem dono, sonharam aí se estabelecer e para isso pediram permissão aos comandantes de fronteira, portugueses. Esses, para não se comprometerem, recusaram-lhes autorização direta, mas prontificaram-se a fechar os olhos à tal violação do tratado e aconselharam-nos a procurarem o beneplácito dos comandantes espanhóis, que por dinheiro tudo consentiam. Assim foram os campos neutrais povoados pela segunda vez por gente portuguesa. Mas hoje que essas terras são consideradas domínio português os antigos proprietários apresentam-se com os títulos de direito referendados pelo Rei e pretendem recuperar suas terras, alegando que os ocupantes ali se estabeleceram ilegalmente, contra a letra de um tratado. Parece que as autoridades estão dispostas a decidir em favor dos antigos proprietários.

Poisei em uma estância cujo proprietário está ausente, e onde apenas encontrei um negro. Esse homem alimenta-se somente de carne, sem farinha e sem pão, conforme é useiro tratar-se os escravos nesta região.

Estância da Tapera, 23 de Setembro, 3 léguas. — Entre a região que percorri e o oceano há um belo lago, muito estreito, de 12 léguas de comprimento, começando cerca de Tapera, estendendo-se paralelamente à lagoa Mirim e ao mar até ao Capão do Franco, a uma légua e meia da Estância do Curral Grande.

Nos mapas dão a esse lago o nome de lagoa da Mangueira, mas na região ele é conhecido por lagoa do Albardão. É a lagoa Comprida, para o Sr. Chaves.

Da extremidade setentrional desse mesmo lago vê-se um grande banhado que se dirige para os lados de Rio Grande e que ao aproximar-se dessa cidade, disse-ram-me, divide-se em vários ramos cujo conjunto se

assemelha aos dedos de u'a mão. Outro banhado termina o lago na ponta sul e se prolonga até Jerebatuba.

Chama-se *banhado*, como indica o nome, aos terrenos banhados por uma pequena quantidade d'agua que algumas vezes se esgota. Neles crescem ordinariamente grandes ervas. Não são tão lamacentos como os brejos propriamente ditos e podem ser considerados como espécie de transição entre os brejos e os lagos.

Entre o lago da Mangueira e o mar, á altura de Estiva, junto à estância do Velho Terras, o terreno se eleva e forma como que uma cumiada que se estende até à altura da estância de João Gomes. Essa elevação tomou, devido a sua fórma, o nome de Albardão, que significa albarda grande. Tais detalhes obtive dos habitantes locais, que me pareceram bastante instruidos.

Para completar essa pequena descrição devo acrescentar que ao chegar à guarda de Tahim atravessei um regato denominado arroio Tahim, cujas nascentes estão na parte meridional do banhado setentrional do lago do Albardão e que estabelece comunicação entre êsse lago e o Mirim.

O arroio das Cabeças, que corre ao pé da Chácara do Justino e se lança no rio Grande, não passa de um dos ramos dêsse banhado; por conseguinte o lago de Albardão se comunica ao mesmo tempo com a lagoa Mirim e a lagoa dos Patos.

Quasi imediatamente ao deixarmos a estância de José Correia atravessámos uma espécie de charco chamado Passo Fundo do Curral Alto, onde a carroça imergiu até ao meio. Êsse charco é a parte mais baixa do banhado que vem de Capilha e se comunica com o Arroio das Cabeças. Na parte de cá do passo êsse banhado divide-se em dois ramos, entre os quais fica a estrada. O ramo da direita termina na estância da Tapera, onde

poisei hoje, e o da esquerda prolonga-se paralelamente ao lago até à sua extremidade meridional. É fácil calcular que a extensão e a profundidade dos banhados deve variar segundo a estação e mesmo segundo a quantidade de d'agua pluvial de cada estação.

As pastagens hoje atravessadas são menos curtas que as dos dias anteriores, porque o gado não é aqui tão abundante. A erva nova apenas reponta no meio dos tufos dessêcados. O terreno é sempre plano.

Da casa em que pernoitei até aqui não vi nenhuma estância além da do Curral Alto.

Como os bois do major Mateus começam a mostrar-se fatigados mandei meu soldado a essa estância para arranjar, por meio da Portaria que trago, algumas juntas de bois. Quando cheguei só me arranjaram duas juntas, escusando-se o proprietário por não ser possível me atender melhor porque as tropas que estiveram em Santa Teresa levaram-lhe as demais. Prontifiquei-me a pagar-lhe o que pedisse pelas duas juntas mas nada quis aceitar e até obrigou-me a tomar duas chécaras de café. Esse homem queixa-se amargamente, como muitos outros, dos vexames que lhes causam os militares, os quais usam violência para tomar os cavalos dos estancieiros, vendendo-os em seguida. Outras vezes abatem novilhas nos campos para comerem um par de libras de carne, abandonando o resto.

A estância em que poisei não passa de minguada choupana, sem mobilfário e cercada de algumas senzalas.

Ao entrar deparei a dona da casa a coser, agachada sôbre táboas colocadas em cima de pedras e cobertas por uma pele de carneiro. Estava bem vestida e apesar de tímida respondeu às perguntas que lhe dirigi.

Todas as mulheres que tenho visto de Rio Grande a esta parte são bonitas. Têm olhos e cabelos negros,

cutis branca e têm sôbre as francêsas a vantagem de serem mais coradas.

Manifestei a meu hospedeiro o desejo de adquirir carne. Imediatamente saiu a procurar uma vaca nos campos e abateu-a mandando meu soldado separar os pedaços que achasse melhores, sem olhar quais eram: recusou-se a falar em retribuição... Entretanto asseguraram-me que êsse homem não é rico, o que aliás é patenteado por sua residência e seu trajar.

Estância de José Bernardes, 24 de Setembro, 3 1/2 léguas. — Da estância da Tapera avista-se a lagoa Mirim, mas pelo caminho perde-se-a de vista.

Sempre chato e com pastagens esparsas o terreno hoje percorrido. Como o gado é menos numeroso a erva não forma aqui gramado raso; cresce em tufos, que ainda se apresentam dessêcados como no auge do inverno. Não me lembro ter visto casa nenhuma pelo caminho.

As matas são rarissimas. Apenas percebem-se de longe em longe alguns espinheiros ou pequenos bosquetes de árvores raquíticas. Não vi mais flores, hoje, que nos dias antecedentes. Em geral a vegetação parece estar mais atrasada. As plantas mais comuns atualmente em flor são: a *Anemona* n.º 1864, o *Cerastium* n.º 1875, um outro *Cerastium*, o *Carex* n.º 1875 ter., e uma *Oxalis* vermelha, que não é a n.º 1874. Tornei a ver hoje, surpreso, uma palmeira que encontrei em Palmares. Suas folhas são aladas e ela parece um pouco com o *butiá*, mas cresce mais, seu tronco é mais grosso e inteiramente coberto de bainhas das folhas velhas.

Conforme meu costume enviei adiante o soldado a pedir poiso em casa do estancieiro, sendo perfeitamente acolhido.

A estância de José Bernardes compõe-se, como todas as outras, da casa do dono e algumas casas de negros

e duma cozinha em pequena choupana à parte, segundo o costume de quasi todo o Brasil. Coberta de palhas, a casa do dono, como todas depois da estância do Silvério, é baixa e de enchimento. O interior compõe-se de duas peças — a sala e o quarto do proprietário, sendo êste separado daquela apenas por uma cortina. A sala, muito limpa, não tem janelas e é apenas mobilada por duas cadeiras de assento de couro, uma mesa, um catre, cujo fundo é guarnecido de couro, segundo a usança geral, e enfim um estrado sôbre o qual a dona da casa trabalha acocorada e que é formado por táboas sôbre dois paus.

Perguntei a José Bernardes onde se abastecia de lenha e madeira, tendo respondido que comprára os destroços de um hiate há pouco encalhado em Capilha, mas que ordinariamente êle e seus vizinhos se supriam de lenha às margens do Arroio do Rei, a dois dias daqui, por meio de carroças.

José Bernardes é filho de um velho contrabandista que serviu de guia ao general Lecor, do Rio Grande a Montevideu, o qual me deu o itinerário para minha viagem. Êsse homem foi um dos primeiros ocupantes dos campos neutrais. Logo que os portuguezes se tornaram senhores absolutos da região seu filho José Bernardes reclamou do Marquês de Alegrete o terreno por êste ocupado, e que nunca tinha sido dado a ninguém, reclamação essa que despertou no secretário particular do Marquês a idéia de apossar-se dêsse terreno e o pobre José Bernardes viu-se obrigado abandonar sua casa. “Depois do dia em que perdi minha mãe, disse-me êle, não houve para mim outro mais triste que aquele em que deixei a choupana onde nasci”.

Estância de Francisco Correia, 25 de Setembro. 4 1/2 léguas. — È impossível ser melhor que José Bernardes: teve para comigo pequenos cuidados e sem hipocri-

sia. Deu-me duas galinhas, pão, e farelo para meus animais, recusando aceitar qualquer pagamento. Comprei em Rio Grande objetos para fazer presentes, mas si continuo a ser alvo de tanta amabilidade em breve não terei mais nenhum.

Depois de ter deixado Rio Grande não cessou de soprar um vento forte e frio. Hoje, sobretudo, o tempo está desagradável e o panorama dos campos mostra-se em harmonia com a tristeza do tempo. Um verdadeiro dia de inverno. Nos campos, sempre planos, a erva ainda está completamente seca, de coloração parda; os próprios gramados ainda estão amarelados. As árvores, sem folhas, nem ao menos começaram a brotar e nenhuma flor eu vi. À medida que me afasto de Rio Grande a vegetação parece menos adiantada. Principalmente hoje a diferença mostrou-se mais sensível. Quasi nunca deixei de avistar o lago do Albardão. A meio do caminho percebi em suas margens muitas de árvores um pouco mais consideráveis que todas as demais até agora vistas. Duas ou três casas, sempre cobertas de palha, e butiás esparsos pelos campos.

Como os bois de minha comitiva não podiam mais prosseguir mandei, a uma légua daqui, meu soldado procurar outros em uma estância, seguindo-lhe eu logo depois. A casa pertencia a uma viuva, à qual ofereci um pagamento pelo trabalho de seus bois, o que recusou, pedindo-me apenas os não levar além da estância onde devo pernoitar. Essa mulher achava-se a fiar lã para fazer ponchos grosseiros, para os negros, e que se empregam também à guisa de *cheripá* (1). Mostrou-me um pano de linho muito bem feito. O linho foi produzido em suas terras, fiado e tecido em sua casa. Na adubação da terra para essa cultura procedem do modo descrito no diário de 21.

(1) Ver diário de 27 de Setembro.

Parei em uma estância que se compõe de miserável palhoça, toda aberta, e de algumas casas de negros. A casa principal é occupada por um homem ainda muito jovem e tudo nela estava em grande desordem.

Estância de Medanos-Chico, 26 de Setembro, 5 léguas. — Fui ainda obrigado a arranjar bois em casa de Francisco Correia, mas não os conservei por mais de duas léguas. Antes de partir propus remunerar o serviço dos bois; não obtendo resposta nada desembolsei.

Continúa a planície.

Há três dias as pastagens percorridas não são mais rasas, mostram-se porém, dessêcadas e extremamente pobres em florescência. As poucas flores que se apresentam são sempre das mesmas espécies já vistas. Os bosquetes tornam-se cada dia mais raros e com árvores tortuosas e de galhos muito estendidos. Observei que aqui apenas um décimo delas não perdeu as folhas durante o inverno, e os novos brotos ainda não appareceram. As árvores que conservaram folhagem são as de folhas duras e de coloração verde escura, entre as quais notei: *Mirtáceas*, *Mirsináceas*, *Onagracea* n.º 1886 a *Combretácea* n.º 1885, o coentro que floresceu durante todo o inverno, etc. Não devo esquecer a *Nictaginácea* n.º 1850, arbusto que se encontra nos bosques e todos os espinhais e que se mantém em flor mesmo no comêço do inverno.

É de notar que atualmente os campos estão sêcos como em França daqui a um mês; mas aqui veremos dentro de algumas semanas os campos cobrirem-se de nova verdura ao passo que em França isso somente acontecerá ao advento do inverno. Assim se assemelham o outono e a primavera da vida; um e outra oferecem os mesmos sinais de fraquesa; esta é embelezada pelas esperanças, o outro não inspira senão receios.

Vejo sempre, à esquerda, o caminho do lago do Albardão, avistando-se mesmo a outra margem do lago.

Nenhuma casa. A estância onde parei compõe-se de uma choupana, habitada pelo proprietário, de outra para os escravos e de uma coberta que abriga os utensílios agrícolas. Fui recebido em uma sala cujo mobiliário consiste apenas em duas camas, um banco e uma mesa. Depois da casa do Silvério não vi nenhum pomar, mas todas as estâncias tinham próximo campos de trigo, cercados do modo já descrito.

À medida que se caminha para o sul as terras tornam-se mais propícias à cultura do trigo. Em Rio Grande o cereal só produz 30 a 40 por 1; aqui o rendimento vai de 80 a 100 por 1. Meu hospedeiro informou-me que as terras adubadas podem ser cultivadas 4 anos seguidos, e até mais, sem ser necessária nova adubação, e se ao fim dêsse prazo fôr de novo adubada poderá produzir por mais 2 anos. Nas terras novas fazem cerca de 5 lavras antes do plantio, o que se dá em Junho. A maturação das espigas tem lugar em Janeiro, mês em que se faz a colheita por meio de foicinhas. Todos os cultivadores queixam-se do ataque da *ferrugem*. O trigo foi vendido, no ano passado, a 4 francos o alqueire. No momento prepararam-se terras para o plantio do milho e do feijão, para colheita em Janeiro. Tanto quanto pude de memória comparar notei que as espigas do milho são aqui da metade do tamanho das produzidas em Minas.

Logo após minha chegada a esta estância um soldado da Legião do Rio Grande se me apresentou dizendo estar às minhas ordens. Conjetei não passar isso de mera cortezia e não lhe dei atenção, mas, poucos instantes depois José Mariano disse-me ter sido êsse homem enviado pelo Conde para acompanhar-me. Chamci-o e constatei a veracidade da informação do José. O Sr. Lemos dera-lhe ordem de alcançar-me porém não lhe entregou carta alguma de apresentação, motivo pelo qual ignoro o porquê dêsse enviado. Teria êle julgado inca-

paz o soldado que me vem acompanhando? Ignoro. Não tenho dúvidas que um soldado já é demais à minha comitiva em região tão hospitaleira como esta. Os militares apresentam-se com autoridade; intimidam os lavradores, cometem, às vezes, violências e nada desejo dever nesta viagem, senão a mim mesmo, ao meu dinheiro e à bondade dos habitantes da Capitania. De qualquer modo tenciono trazer comigo êsses dois homens até à casa de um francês, chamado Ambroise Delmont, residente a dois dias daqui, e, como êsse compatriota conhece melhor que eu a região, agirei segundo seus conselhos.

Ví ante-ontem o primeiro rebanho de carneiros nesta zona. Era enorme, porém, sem cão de guarda e sem pastor. Disseram-me que depois de Tahim muitos cultivadores possuem rebanhos.

Existe a pouca distância da casa de José Bernardes uma espécie de pequeno lago que se comunica com o Albardão. Informou-me o proprietário em questão que outrora o lago fôra um banhado, mas o gado, à lôrça de aí andar, revolveu a terra espalhando a água do lago. Disseram-me que a estância de José Bernardes distancia-se duas léguas da lagoa Mirim.

A viuva Inácio, onde tomei emprestados os bois, reside a três léguas do lago e a duas do Oceano. Enfim disseram-me haver 4 léguas entre a estância de Francisco Correia e a lagoa Mirim.

Estância do Curral-Grande, 4 léguas, 27 de Setembro. — O terreno continúa plano e somente vestido de pastagens. As árvores tornam-se cada vez mais raras. Vi a erva dos campos alta e dessêcada como nos dias antecedentes. Nenhuma flor. Gado e cavalos menos numerosos. Após Rio Grande uns e outros são pequenos e de raça muito feia, principalmente os cavalos. Há apenas 9 dias que viajo, tendo feito pequenas caminhadas e os meus animais já se mostram estafados. Êsses animais

não estão acostumados a comer sal nem milho e não aceitam tal regime. As pastagens dessêcadas não lhes dão resistência alguma. Aliás meus camaradas vivem a galopar e a correr nos campos, atrás dos bois de sobrece-lência, mas nada se pode dizer porque nesta região ninguém se incomoda por causa de cavalos. Entretanto o cavalo é cousa de valor pois que um bom animal não custa menos de 40 francos ("demi-double").

Pernoitei em uma estância dotada de algumas palhoças junto a um campo de trigo. Fiquei instalado em uma casinha isolada onde havia uma cama, e que serve de celeiro. O trigo debulhado estava depositado em grandes toneis e as espigas de milho reunidas em amarrados estavam dependuradas aos caibros da palhoça.

Após ter tomado chá saí a herborizar em um mato pantanoso que cresce junto à estância. As árvores que o compõem são grandes e despidas de folhagem, não tendo ainda nem renovos. Ramagem tortuosa e estendida. Em baixo dessas árvores havia arbustos com folhas e a seus pés crescia uma erva que apresentava no momento bela coloração verde. Esse bosque fez-me lembrar os nossos ao comêço da primavera. Uma *Cerastium* que é aqui muito vulgar e assemelha-se à nossa "stellaire" comum, auxiliou a parecença.

Ao voltar da herborização chamaram-me a ver amamentar cãezinhos destinados a ser *ovelheiros*. As ovelhas estavam presas em um curral. Pegaram uma delas, atiraram-na por terra, de lado, e dois homens mantiveram-na imóvel; em seguida puzeram perto dois cachorrinhos que se lançaram às têtas chupando-as avidamente. Depois soltaram a ovelha e encerraram os cãezinhos em uma cabana no meio do curral, juntamente a alguns cordeiros. Fazem amamentar êsses animais duas vezes ao dia e quando êles começam a comer há o cuidado de só lhes

dar carne cozida afim de que não apeteçam devorar os cordeirinhos.

Nesta estância vejo já alguns espanhóis. Trazem o *cheripá*, espécie de cinto que desce até quasi aos joelhos, à guisa de uma pequena saia e que é feito do mesmo pano grosseiro dos ponchos.

Firmiano disse-me outro dia que “si sua mãe estivesse viva êle não me acompanharia, porque teria chorado ao vê-lo partir e êle não seguiria”. Tais palavras, em boca de homem tão rude, foram para mim cruel exprobração.

A areia que o vento atira aos olhos do povo torna as oftalmias muito frequêntes em Rio Grande.

Jerobatuba, 28 de Setembro, 3 léguas. — Como não havia bois na estância do Curral-Grande, mandei um dos soldados procurá-los em uma estância vizinha. O portador voltou logo e me disse que o proprietário da estância permitia emprestar-me algumas juntas até o Chuí, mas estipulando a condição de eu lhe dar um atestado de que os havia requisitado. Aceitei a proposta, o homem trouxe-me os bois e eu ofereci-lhe inutilmente, uma recompensa. Tal generosidade não é, contudo, muito louvável, porque no momento os bois e carroças da região são frequentemente requisitados para conduzir a Rio Grande a bagagem das tropas que estão em Santa Teresa, e o referido estancieiro emprestando-me os bois fica livre de um prejuizo maior.

Região sempre plana e coberta de erva dessêcada. Vegetação ainda pouco adeantada. A mesma ausência de flores e raridade de árvores. Algumas casas, meras choupanas. Na primeira metade do caminho vi sempre o lago de Albardão e os montículos de areia que o margeam do lado do mar.

Detive-me na estância pertencente a um meu compatriota chamado Sr. Delmont, o qual me confirmou tudo

quanto venho contando a respeito da cultura das terras e disse-me que logo ao início da lavoura em terra virgem planta-se o milho.

Junto de quasi todas as estâncias planta-se abundantemente uma grande gramínea denominada "cana do reino" e que classifico como *Arundo donax*. Com seus caules fazem-se rocas; também usam-na para fazer estendais para secagem dos queijos e enfim empregam-na à guisa de latas.

Jerebatuba, 29 de Setembro. — Permaneci hoje aqui, a pedido do Sr. Delmont. Após o jantar diversos viajantes passaram pela estância; serviram-se-lhes mates e elles tornaram a montar seguindo viagem sem ter dito nada. Os viajantes têm nesta região o costume de apaar em todas as casas que encontram, para pedir mate.

Hoje à tarde saí a passear em um pequeno bosque situado próximo à estância, em um vale húmido, ficando outra vez maravilhado com a semelhança dêsse bosque com os da Europa, ao comêço da primavera. As árvores são aí destituídas de folhas; por baixo cresce o *patu-dagua* que conserva as suas e que frequentemente não passa de um arbusto. A erva oferece êsse verde encantador de nossos bosques e prados no mês de Maio. A encantadora *Liliácea* n.º 1897 é de um azul tão agradável como nosso pervancho e é muito mais bonita; ao lado dela cresce o *Geranium* n.º 1899 que talvez não seja outra cousa senão nossa *herbe-a-robert*; enfim um *Cerastium* assemelha-se, como disse, à nossa "stellaire".

Acha o Sr. Delmont que os estancieiros não podem vender anualmente um número de cabeças de gado além de um décimo dos rebanhos. Disse-me que seu sogro, possuidor de uma grande estância perto do Rio Grande, considera-se feliz quando vende 400 cabeças de gado, e possui de 6 a 7.000 delas. Finalmente referiu-se a si pró-

prio que possuindo 600 animais, marcára 132 no ano p. passado. O gado é marcado com um ano de idade, para ser vendido com 3 ou 5 anos. Compreende-se que entre a marcação e a vendagem a estância perde e consome muitos animais.

Tantas foram as pessoas que me affiançaram, em Porto Alegre e arredores, que os estancieiros podiam vender um quinto do gado, que acho impossível não ser isso verdade nessa região. Todavia o mesmo não se dará de Rio Grande até aqui. Prova a existência dessa diferença o fato de, em Boa Vista, terem me informado que as vacas parem todos os anos, nas vargens, e o Sr. Delmont afirmou-me que aqui elas só dão cria com espaço de 3 a 5 anos.

Nesta região deixam-se os cavalos e jumentos à lei da natureza, nos campos, reproduzindo-se a seu bel-prazer (1).

Estância de Chuí, 30 de Setembro, 5 léguas. — Região sempre plana e coberta de pastos onde a erva está ainda sêca. Ausência completa de árvores. À direita, ao longe, a Serra de São Miguel; à esquerda o mar, cerca de meia légua do caminho, mas somente visto de tempo em tempo, ao longe. O Sr. Delmont fez questão de acompanhar-me até aqui. A três léguas de sua estância entrámos em uma casa, a única que encontrámos em todo o caminho. Mulheres cercadas das mais belas crianças do mundo costuravam acoradas sôbre um estrado, suspenso do chão cerca de um pé, forrado de peles de carneiro. Êsses estrados são de uso geral; constituem móvel essencial em uma sala, onde além dêles se veêm uma mesa, um par de cadeiras e algumas vezes uma cama de madeira, destinadas aos hóspedes. Os donos da casa dormem

(1) O Sr. Chaves diz que um estancieiro possuidor de 10.000 bovinas não marca ordinariamente mais de 600.

em um pequeno quarto separado. As casas aqui nunca têm tecto nem soalho.

Um pouco antes de chegar ao regato do Chuí, parámos em outra choupana, muito mal arrumada. Tornámos a montar e chegámos ao Arroio-Chuí. Esse regato comunica-se em uma de suas extremidades com o lago Albardão e na outra com o mar. Serve, por assim dizer, de esgoto dos banhados vizinhos. Quando suas águas aumentam formam torrentes e se lançam no oceano, mas, ao diminuir de volume, as areias fecham logo sua embocadura tornando-o estagnado durante vários meses. No lugar em que o atravessei o regato é guarnecido por arbustos sob os quais a vegetação é tão fresca quanto a dos bosques a que me referi ontem e no diário de 27. Isso vem provar a asserção dos habitantes da região a respeito do estado actual das pastagens, consequente da falta de chuvas durante o corrente ano.

Parámos em uma estância situada do outro lado do regato, pertencente ao cunhado do Sr. Delmont.

A dona da casa convidou-me para a ceia, e, pela primeira vez depois que estou nesta Capitania, vi fazer orações após a refeição e as crianças pedir a benção à sua mãe.

De Rio Grande até aqui esta casa e a do Silvério são as únicas onde existem aqueles pequenos oratórios que se veem por toda a parte em Minas. Tiveram entretanto o cuidado de colocá-lo no quarto de dormir dos proprietários, onde o estranho nunca entra.

Aqui gradeam o terreno tantas vezes quantas forem precisas para torná-lo bem solto. Quando digo que se fazem 3 a 5 amanhos, nêles inclúo o destinado à cobertura das sementes.

O milho é plantado em quincôncio à distância de 3 palmos de pé a pé. Dois dos amanhos são feitos quando

o milharal já atingiu cerca de palmo e meio de altura, tendo-se o cuidado de colocar mordças aos bois para que elles não comam as plantinhas.

S. Miguel, 1.^o de Outubro. — Saí hoje de Chui, acompanhado pelo Firmiano e pelo meu segundo soldado, para ir procurar o comandante do distrito, afim de saber si era possível alugar uma carroça nas vizinhanças, para de lá seguir à serra de São Miguel.

Após ter feito duas léguas através de pastagens completamente destituidas de árvores, cheguei à casa do Sr. J. Rodrigues, cuja residência não passa de pobre palhoça. O dono ofereceu-me mate e conversámos durante muito tempo. Assegurou-me que no momento não havia nenhuma carroça nos arredores daqui, mas ao mesmo tempo prometeu-me escrever a um grande espanhol morador em S. Teresa para induzi-lo a alugar-me a sua. Acrescentou que no caso de não ser possível obter a carroça do espanhol poderia eu aproveitar uma das que vão atualmente a Santa Teresa para o transporte da bagagem das tropas.

O comandante confirmou o que eu já sabia sôbre a desordem reinante nesta parte da Capitania, e é fácil aquilatar-se disso quando se lembra que toda esta região é uma conquista recente cuja possessão ainda não está assegurada; que fica muito distante da residência do capitão-general e que é regida por um governo militar.

Da casa do comandante segui para São Miguel, guiado pelo soldado, através pastagens, sem seguir por estradas. Vi nêsse percurso (3 léguas) grande número de cabritos. Nesta região, onde não se liga importância à caça, que é exercida como moderada distração, êsses animais se multiplicam bastante e são pouco ariscos. O mesmo acontece às perdizes, que de Rio Grande para cá têm-se tornado abundantes.

As pastagens hoje percorridas são de melhor qualidade que as por mim vistas nos dias anteriores, estan-

do a erva um pouco menos sêca. Nos lugares mais húmidos encontrei várias espécies de *Vicia* e o *Lathyrus* n.º 2006 (1).

Um pouco antes de chegar à Serra encontra-se o rio que lhe empresta o nome. Lá um soldado do destacamento de *Guerrillas*, acantonado em S. Miguel, veio cumprimentar-me em nome do capitão que comanda êsse destacamento. O rio tem pouca largura mas é muito profundo. Nossos cavalos atravessaram-no a nado e nós passámos em uma piróga, chegando assim à extremidade setentrional da Serra, que se estende de N. W. a S. E. e pode ter 5 léguas de comprimento.

Êste lugar oferece a mais bela paisagem que tenho visto de Rio Grande a esta parte. Até agora tenho atravessado sempre planícies uniformes sem o mais leve acidente e unicamente animadas pela presença do gado aí apascentado. Aqui um rio serpentea no meio de verdjantes pastagens. À margem direita demoram algumas choupanas. Um vasto gramado se estende à esquerda, e além vê-se a Serra, a qual não é mais alta que uma colina ordinária. Seu cume é desigual e arredondado, coberto de grossas pedras, no meio das quais se eleva uma pequena fortificação em ruínas, cercada de arbustos e de grupos pitorescos de *Cereus* e *Opuntias*.

O capitão das *Guerrillas* veio ao meu encontro do outro lado do rio. Ê êle um grande mulato, de cabelos brancos, de figura muito curiosa. Cumulou-me de gentilezas.

Tratámos de subir à colina, e após alguns passos chegámos à residência do capitão, mera choupana composta de uma sala e dois pequenos quartos. As portas são feitas de esteiras móveis que se retiram durante o dia

(1) 2006 — Leguminosa, *Lathyrus* — Flor azul violeta, estilo achatado, espatulado, obtuso, piloso abaixo da extremidade. Ovário glabro. Mesmo local, isto é, pastagens húmidas próximas de S. Miguel.

e se colocam à noite. O capitão fez-me servir o mate e em seguida levou-me ao fortim, situado a alguns passos de sua casa e portanto à extremidade setentrional da Serra. O fortim é construído de pedra sêca, com paredes baixas e de pouca espessura. Forma um quadrado tendo um bastião em cada ângulo. Foi construído pelos espanhóis, tendo sido deixado em ruínas durante muito tempo. Não tem mais a porta e serve atualmente de curral; a erva cresce sôbre as muralhas e ao redor crescem grupos fechados de *cactus* espinhosos.

Dos muros do fortim avista-se uma vasta planície coberta de pastagens. O rio São Miguel, a oeste, serpenteia no campo orlado de bosques cerrados, raquíticos e ainda desprovidos de folhagem. Afiançam-me que do lado de léste pode-se vêr ao longe a lagoa Mirim, mas o nevoeiro impediu-me de vê-la. Em toda a zona descortinada só se vê uma casa — a do infeliz Angelo Nuñez, de quem já falei neste diário.

Saíndo do fortim passámos pelas barracas que servem de alojamento para os soldados. Constam de pequenos casebres de barro e forrados de palha, alinhados, porém. Em frente fica o corpo da guarda, choupana cujo centro é inteiramente aberto.

Os soldados aqui acantonados estão quasi todos, atualmente, em gozo de licença. São *guerrilhas*, corpos de voluntários formados no correr da guerra actual pelo estancieiro Bento Gonçalves. Segundo informes que obtive êsse homem reunira sob seu comando uma duzia de desertores, sendo depois reconhecido de utilidade pelos chefes militares, e alistara posteriormente um número considerável de voluntários.

São Miguel, 2 de Outubro. — Fui hoje herborizar na serra de São Miguel e fiquei muito satisfeito dessa excursão. Depois de São Paulo ainda não tinha feito tão boa colheita. Entre as plantas que achei, um grande nú-

mero pertence a gêneros da flora européia e apesar de ter eu percorrido lugares sêcos e descobertos, as plantas colhidas são em geral tenras e de consistência mole. Ao redor do fortim, onde o terreno é um pouco húmido, a erva mostra-se muito verde e aí crescem vários arbustos. Mais longe o terreno mostra-se sêco, os arbustos raream e por toda a parte veem-se grandes pedras.

A Serra é muito estreita, pouco elevada e seus cimos arredondados são em muitos lugares interrompidos. Fiz-me acompanhar do Firmiano e de um homem a pé (porque não é sul-riograndense).

O Morro da Vigia, a cerca de uma légua do fortim e tido como o ponto mais elevado da Serra, foi o termo de nossa jornada. Agora pode-se avistar o fortim, as barracas, soldados, a estância de Angelo Nuñez, uma imensa extensão de campo e o rio São Miguel, que descreve mil voltas na planície.

Pelo que me disseram o Capitão e Angelo Nuñez, êsse rio (Arroio de S. Miguel) começa no lago dos *Oulmaés*, junto a Angustura e constitue os novos limites da Capitania. Atravessa terrenos pantanosos, descreve mil sinuosidades, fórma uma ilha, passa aqui e vai lançar-se na lagoa Mirim, no Pontal de S. Miguel, que fica à extremidade dêsse lago e onde podem ancorar hiates. De S. Miguel ao lago são 2 1/2 léguas em linha reta. No inverno os hiates podem vir até aqui, mas no verão êles são detidos à embocadura do rio pelas areias e enorme quantidade de *Aguapé* (Pontedéria). Várias espécies de peixes podem ser pescados no rio S. Miguel, tais como os pintados, jundiás e traíras.

Deixando o Morro da Vigia tomámos um caminho que conduz de S. Miguel a Canhada-Chica onde estão acantonados alguns homens. Chegados à altura da estância de Angelo Nuñez recommçámos a atravessar os campos e dirigimo-nos a essa estância.

Angelo Nuñez era, antes da guerra, o proprietário mais rico da região, mas, tendo sido igualmente maltratado por espanhóis e portugueses, acha-se em quasi miséria. Sob o pretexto de que havia tomado o partido dos patriotas, seus vizinhos portugueses lançaram-se às suas terras pilhando gado e até móveis de sua casa.

Uma das maiores injustiças cometidas pelos portugueses nesta guerra foi o ter considerado como rebelião a resistência dos espanhóis, pois Portugal nunca agiu como aliado da Espanha. Os portugueses queriam apoderar-se das terras de seus vizinhos e era natural que estes se defendessem. Podiam ser tratados como inimigos; como rebeldes, nunca.

De qualquer modo o Conde de Figueira veio ainda agravar a situação do infeliz Angelo Nuñez, apoderando-se, em nome do Rei, do terreno onde estava a estância do espanhol. A intenção do Conde é fundar uma aldeia nêsse local, e não se pode negar que sob vários pontos de vista a situação foi escolhida com acêrto.

Os cultivadores dos arredores daqui ficam muito distanciados de Capilha para que possam se socorrer do capelão, lá residente, motivo pelo qual torna-se necessário erigir outra igreja na península, si se não quizer ver grande parte da população perder toda a noção de moral e religião.

Também será útil terem um mercado mais à mão afim de adquirirem as mercadorias mais necessárias e onde possam existir alguns artífices úteis.

Em uma região onde há bastante dinheiro é preciso, em beneficio do comércio, oferecer aos habitantes modo de gastá-lo.

O lugar escolhido pelo Conde para edificar a aldeia oferece agradável planície cercada de outeiros. É protegido pelo fortim, fica a meia légua do rio S. Miguel, na-

vegável pelos hiates na estação chuvosa, e não dista mais de 2 1/2 léguas do Pontal de S. Miguel onde se lança esse mesmo rio e que fórma a extremidade da lagoa Mirim. A aldeia ficaria sem dúvida muito melhor situada no Pontal ou à margem do rio S. Miguel no lugar em que o atravesssei para ir ao fortim, mas não se pode cogitar dêsses dois pontos porque no inverno as águas das chuvas alagam os terrenos nêsses sítios. Mesmo no local escolhido pelo Conde depara-se o inconveniente da humidade, além de outros como: impotabilidade das águas e falta de madeira para construção (nas proximidades). Mas quaisquer lugares escolhidos de Capilha até aqui seriam sujeitos à carência de madeira.

Os habitantes da região acham que ela não é bastante povoada para poder formar a aldeia e acrescentam que as pessoas que têm procurado terras aí para construir suas casas são extremamente pobres e não podem ter outra intenção senão a de revendê-las.

Todavia acredito que si fôr construída uma igreja neste lugar e si trouxerem para êle um padre, os estancieros dos arredores aí construirão, logo, casas para passar os domingos e dias de festa e por consequência aparecerão em pouco tempo tavernas, artífices e comerciantes.

Pretendem dar à nova povoação o nome de *Castelo Branco*, que é o sobrenome do Conde.

Chuí, 3 de Outubro. — Após o almoço despedi-me do capitão Manoel Joaquim de Carvalho, de quem hauri toda sorte de gentilezas, e que acompanhou, a cavallo, até às margens do rio S. Miguel. Esse homem era apenas um mero soldado, mas fez tais prodígios de valor que, em uma região onde quasi só há brancos, guindaram-no apesar de sua côr, ao posto de capitão.

Em geral os homens desta Capitania são extremamente corajosos; contam-se dêles milhares de feitos que

demonstram sua intrepidez. Estão sempre dispostos às mais árduas lutas, mas ao mesmo tempo é difícil sujeitá-los a uma disciplina regular. Para guerrear deixam, sem pesar algum, suas famílias, mas após a vitória procuram retornar aos lares. Nunca desertam pela cobardia, mas o fazem frequentemente quando os deixam inativos. Quando, antes da batalha de Taquarembó, o Conde de Figueira convocou os habitantes da Capitania, foram os desertores que em maioria atenderam ao chamado. Apresentaram-se não somente porque viam o País ameaçado, mas ainda porque o Conde prometera retorna-los aos lares logo fôsse o inimigo vencido.

Para vir de S. Miguel até aqui fiz duas léguas através campos cobertos duma erva dessêcada e onde não se encontra uma só árvore.

O Chuí estabelecia outróra os limites dos Campos Neutrais, ocasião em que ali havia uma guarda, instalada à margem direita do regato. Depois que o general Lecor tornou-se senhor de Montevidéu o tenente-general Manoel Marques de Souza ficou acampado durante quasi um ano nessa mesma margem, com cerca de 500 homens. Essas tropas foram depois transferidas para Santa Teresa levando consigo o material do acampamento de Chuí. Em Santa Teresa o tenente-general permaneceu cerca de 8 mêses, mas nem lá nem em Chuí houve quaisquer escaramuças entre êle e os espanhóis. O general Marques estava subordinado ao capitão-general do Rio Grande; entretanto o Chuí era considerado como limite da Capitania e somente no corrente ano a fronteira deslocou-se em direção a Angustura.

Por um convênio, difícil de comprehender-se, o Conde de Figueira e o Cabildo de Montevidéu enviaram, cada, à sua fronteira um official para tratar dos novos limites. Êsses dois homens, após combinações, recuaram

a linha divisória até Angustura, que fica mais ou menos 13 léguas ao sul de Chuí, resolvendo passá-la pelos banhados de *Canhada-Grande* e *S. Miguel*, seguindo o rio São Luiz até à sua embocadura na lagoa Mirim, contornando em seguida a margem ocidental do lago, a uma distância de dois tiros de canhão, passando pela embocadura do rio *Saboiati*, subindo pelas margens do rio Jaguarão até às serras de *Aceguá*, atravessando enfim o rio Negro.

Na estância de Chuí tenho sido perfeitamente tratado. O dono da casa (Joaquim Silveira) está ausente, mas sua mulher, irmã do Sr. Delmont, desempenhou bem as honras da casa. Todas as mulheres que tenho encontrado, de Rio Grande para cá, têm conversado comigo proporcionando-me gentilezas e hei observado que em geral elas possuem melhor bom-senso que os próprios maridos.

Santa Teresa, 4 de Outubro, 7 léguas, — Havia mandado matar uma vaca, em Chuí, para os meus camaradas, mas minha hospedeira não me deixou pagá-la e ainda me forçou a aceitar o cavalo que me emprestara para ir a *S. Miguel*. Atribuo esse excesso de gentilezas aos pequenos serviços que prestei ao Sr. Delmont, à ideia que fazem de minha importância e ao desejo de pedirem que me empenhe com o General Lecor no sentido de licenciar um irmão que está na fronteira.

Embora a opinião de todo o mundo seja esta, não acredito que tantas facilidades deparadas sejam devidas à presença de meus soldados e ao título de Coronel a mim dado. Em toda a parte é costume dar alimento e emprestar cavalos aos viajantes.

Antes de deixar a estância de Chuí a dona da casa mostrou-me tecidos de linho, de algodão e lã, muito fortes, feitos em sua casa, sendo os de lã mais grosseiros e destinados às roupas dos escravos.

Quasi todos os habitantes desta região são oriundos das ilhas de Açores e seus antepassados eram dados a êsse gênero de indústria.

O linho é aqui semeado em Junho e é tratado de modo idêntico ao trigo, sendo colhido em Dezembro. Pareceu-me de qualidade inferior ao produto francês.

Ainda a região hoje percorrida está coberta de pastagens sêcas e desprovidas de árvores. Há ausência de flores; o terreno é um pouco menos uniforme, mórmente nos arredores de Santa Teresa. Havia enviado, à frente, um de meus soldados para procurar alojamento. O comandante de Santa Teresa veio ao meu encontro, a cavallo, e ofereceu-me sua casa, ao mesmo tempo que me disse da possibilidade de alugar uma carroça e chegar amanhã, e, em consequência, podia eu devolver a do major Mateus.

Ontem fui obrigado a interromper a descrição dos novos limites entre as Capitânicas de Montevidéu e Rio Grande, o que vou continuar agora.

Como o rei de Portugal ainda não havia tomado posse das terras situadas entre Chuí e o Rio da Prata acreditou-se que êle não poderia impunemente reunir, por sua propria conta, uma parte dêsse território à Capitania do Rio Grande e foi por isso que fez meter nesse negócio o cabildo de Montevidéu. Mas, em tempo algum o cabildo, cujas funções são todas municipais, teve o menor direito ou a menor autoridade sôbre as terras vizinhas de Santa Teresa. Portanto não podia dar o que lhe não pertencia. E há ainda mais. Supondo-se mesmo que êle tivesse direito de fazer a doação está claro que a sua subordinação à autoridade superior seria sufficiente para anulá-la.

O consentimento do Cabildo não dá direito algum a Portugal e tinha tal valor que o rei, sem entrar em

explicação alguma, declarou pura e simplesmente que a autoridade do governador do Rio Grande se estenderia até aos novos limites. . . Além disso deixaram as cousas como estavam até definitiva combinação, pois não era conveniente a Portugal fazer a nova demarcação.

Santa Teresa, 5 de Outubro. — Fui, em companhia de meu hospedeiro, visitar a fortificação. Fica situada à extremidade setentrional do cume de alongada colina que se estende de norte a sul. Em parte está construída sobre rocha, com o formato de um pentágono irregular tendo um bastião em cada vértice. Outra havia no interior do forte algumas casernas, uma capela, uma oficina de armeiro e depósitos, mas essas construções foram destruídas e até a porta do forte acha-se quebrada. Segundo me informaram o forte foi começado pelos portuguezes e terminado pelos espanhóis que aí empregavam somas consideráveis. Mas na guerra de 1810 a 1812 estes procuraram destruí-lo para evitar que os portuguezes dele tirassem proveito, deixando-o no estado em que ainda hoje se encontra. Todavia, como as muralhas ainda estão perfeitas seria possível reconstruí-lo sem grandes despesas. A posição desse forte foi muito bem escolhida porque nesta zona da fronteira não se pode ir do norte ao sul sem passar por suas muralhas, pois que a léste não há senão o espaço de alguns tiros de fuzil entre elle e o mar, e a oeste estão vastos pantanais além dos quais fica a lagoa dos Palmares, igualmente guarnecida de pantanos do lado do occidente.

Nada se pode igualar à tristeza deste sítio.

De um lado da colina vêem-se, para além de um gramado, areas esbranquiçadas e amontoadas, vizinhos do mar, sempre a rugir; do outro lado pantanos cober-

tos de altas Ciperáceas e ao longe as águas do lago. Além do forte, no cume da colina, estão fileiras de casebres, baixos, de terra ou de palha, cobertos de capim, — o alojamento das tropas. Entre tais casebres existem tavernas que provavelmente não durarão muito visto como não ficarão mais de seis soldados.

Santa Teresa, 6 de Outubro. — Fui ontem e hoje herborizar aos arredores, achando poucas plantas. Várias espécies européias, estão aclimatadas no lugar, entre outras a *Bourache*, a *Viperine commune*, o *Anethum faeniculum*, a *Violeta*, a *Siléne*, e enfim a *malva comum*, que eu já havia encontrado abundantemente em quasi todas as casas, do Rio Grande até aqui.

Santa Teresa, 7 de Outubro. — Estando o tempo horrível não pude partir para iniciar as 30 léguas existentes daqui a Maldonado.

Aluguei uma carroça com quatro juntas de bois, por 70 pesos. Esse preço é exorbitante, embora não o achem muito elevado porque tudo aqui é muito caro. Não se aluga um peão por menos de 9 a 10 pesos por mês. Vi pagar por meias-botas, muito mal feitas, 25 francos, e eu mesmo dei 5 patacas por um reparo numa espingarda, muito mal feito também, e que em Minas já custára apenas pataca e meia.

Não há, absolutamente, lenha em *Santa Teresa*, e para a cozinha mandam-na vir da margem occidental da lagoa do Palmares. Entretanto empregam também um pequeno arbusto muito espinhoso, chamado *espinho da cruz*, o qual vegeta em S. Miguel e nos arredores daqui, entre as pedras. Seus galhos queimam-se bem, mesmo verdes. Farei descripção do arbusto noutra ocasião.

Santa Teresa, 8 de Outubro. — Fui hoje passear com meu hospedeiro a uma pastagem (potreiro) que a

própria natureza se incumbiu de fechar por meio de vastos pantanos, medindo 7 léguas de perímetro. Como os títulos do cidadão que se dizia proprietário não parecessem suficientes ao Conde de Figueira, êste tomou posse dessas terras para pastos do gado e dos cavalos pertencentes ao Rei.

Ouçõ os agricultores queixarem-se da *ferrugem*, desde que deixei Rio Grande.

A colheita do trigo é feita por meio de foicinhas do feítio de uma semi-elipse alongada e oblíqua. O ceifador usa uma luva de palha na mão esquerda e com essa mão segura um punhado de colmos, abaixo das espigas, cortando a palha por baixo da mão. Para bater o trigo fazem-se dois currais tendo um uma fôrma qualquer e o outro a fôrma circular, em comunicação com o primeiro. Capina-se a erva dêste último curral varrendo-o cuidadosamente, e aí espalham-se as espigas. Reunem-se jumentos bravos no primeiro curral. Daí fazem passá-los ao outro curral onde homens a cavalo fustigam-nos a chicotadas fazendo-os correr à volta várias vezes, debulhando o trigo com as patas, enfim, E' um processo precário de debulhar. Não só as espigas não se limpam de todo como também os grãos se enteram no chão, perdendo-se. Vi os currais; os outros detalhes foram-me fornecidos pelo meu hospedeiro, Sr. José Feliciano Bezerra, cultivador de trigo.

Angustura, 9 de Outubro, 6 léguas. — Algumas colinas pouco elevadas sucedem áquelas onde fica Santa Teresa; em seguida o terreno torna-se extremamente plano e coberto de uma erva dessecada cujos brotos novos mal podiam romper. Parece que nesta região, onde as pastagens crescem muito, há também a prática das queimadas. Atravessei ontem campos onde essa operação tinha sido feita recentemente. No trecho de ter-

reno percorrido até aqui não vi nenhuma árvore, nenhuma casa. O caminho pouco se distancia do mar e do lado occidental nunca se deixa avistar a lagoa dos Palmares, que se estende de Santa Teresa até aqui. À extremidade da margem occidental do lado estão colinas de aspecto muito pitoresco, chamadas *cerro da Maturanga* e que se ligam ao cerro de S. Miguei.

Nesta zona do Brasil dão o nome de *cerro* a cadêias de colinas ou trechos de cadêias. O *cerro* é para as pequenas elevações o mesmo que as serras são para as montanhas.

O *cerro da Maturanga* é coberto de palmeiras muito densas, dando origem ao nome do lago próximo.

Parei junto à guarda de Angustura, colocada à extremidade da fronteira da Capitania do Rio Grande. Ela se compõe, no momento, de cerca de 20 homens comandados por um sub-tenente, mas creio que esse número será em breve diminuído. Uma palhoça serve de alojamento para os militares, tendo atrás uma menor, que serve de cozinha.

A paisagem que se descortina de Angustura é muito agradável. À direita avista-se a extremidade do lago e deante da casa estendem-se pastagens que a uma curta distância são pontilhadas de palmeiras, para além das quais avista-se o *cerro da Maturanga*, igualmente coberto d'esses vegetais.

Havia visto ontem, em Santa Teresa, o tenente que comanda em Angustura, o qual fôra ao meu encontro, e, como querem, a todo o transe, que eu seja coronel, fui recebido com honras militares e o teneate quis dar-me uma guarda, o que recusei.

Vi hoje, às margens do lago, um rebanho de veados que pastavam tranquilamente no lado de avestruzes, os quais não fugiam à nossa aproximação.

Mostraram-me aqui alguns cãezinhos apanhados pelos soldados, pertencentes a bandos selvagens que eram pelos campos, chamados *chimarrões*. Esses animais, originariamente fugidos das habitações, nada possuem que os distinga de modo particular. Todos os que vi eram mestiços, mas uns tinham caracteres do cão de fila, outros dos cães corredores, etc. Os cães selvagens vão se tornando raros entre Rio Grande e Santa Teresa, porque os fazendeiros exterminam-nos, em defesa dos rebanhos por êles atacados.

Advertência do tradutor

De Angustura Saint-Hilaire seguiu para Castilhos, já em território uruguaio, onde chegou a 10 de Outubro, seguindo para Maldonado (19 de Outubro) e daí para Montevidéu, onde chegou 10 dias depois. Da capital uruguaia subiu margeando a esquerda do rio Uruguai, reentrando em território brasileiro a 27 de Janeiro de 1821, dia em que o simpático botânico assinou em seu diário a satisfação de que estava possuído: "Pour célébrer notre heureuse arrivée sur les terres portugaises, j'ai fait du punch et j'en ai régalé tout mon monde".

Conforme declaramos, na apresentação desta tradução, saltámos parte do capítulo anterior (VI) e os sete que se lhes seguem, recomeçando no capítulo XIV, pelas razões expostas.

CAPÍTULO XIV

Margens do arroio Santana. — Índio guaicurús visto em Belém. -- Vocábulos do dialéto dêsses índios. — Rellexões sôbre Portugal e Brasil. — Os dumestes insetos nocivos. — Tigres. — Ao ar livre, margens do arroio Guarapuitã (1). — Mel de abelhas. — Envenenamento. — Ao ar livre junto ás nascentes de Guarapuitã. — Os três índios comem do mel, sem perigo. — A vespa é chamada, pelos guaranis, lechiguana. — Ingratidão de Firmiano. — Incapacidade dos índios em compreender o futuro. — Ao ar livre, junto ao arroio Imbahá. — Ao ar livre, próximo a um arroio sem nome. — Estância de São Marcos. — Rinchão de Sanclon. — Hábitos. — Retôrno à barbaria. — Ausência de religião.

Ao ar livre, à margem do arroio de Santana, 28 de Janeiro, 4 léguas. — As trovoadas prosseguiram à noite, e, de momento a momento os relâmpagos apareciam no horizonte, como luz pálida e trêmula. Entretanto a chuva só começou ao romper do dia. Como nos en-

(1) NOTA DO TRADUTOR — Guarapuitã ou Ibirapuitã.

contravamos ao ar livre refleti que seria melhor apanhá-la em movimento que estacionados aqui. Subi à carruagem e puzemo-nos em marcha.

A chuva sómente cessou quando chegámos à margem do regato em que parámos, embora tenha caído de modo intermitente durante o dia. Não me foi possível trabalhar na carruagem porque a água invadia-a, (devido não ser fechada), e por falta de claridade. Dia triste e desagradável êste.

Existe nas proximidades daqui uma guarda composta de alguns soldados destacados de Belém; devo aí deixar o vaquiano (1) que trouxe de Guaraim e tomar outro, mas, infelizmente meu guia não sabe onde fica a guarda. Procurou-a durante mais de duas horas sem encontrá-la. E' preciso que amanhã cedo meus homens se ponham em campo afim de descobri-la, pois não há aqui quem dê informações. A região é absolutamente deserta. Jumentos e avestruzes são muito comuns. Meu vaquiano diz haver na região muitos tigres, e Matias viu, esta tarde, os rastros de um dêsses animais.

Quando estive em Belém o major mostrou-me um guaicurús que pouco depois atravessára o rio Uruguai refugiando-se no campo. E' um homem de seus quarenta anos, grande, de porte altivo, com algo de nobre em sua fisionômia; a pele de um bistre cupreo, a cabeça grande e redonda, cabelos negros e lisos, olhos singularmente arqueados e tórax extremamente largo. Por vestimenta trazia um poncho preso ao redor dos rins por um cinto de couro, passando de um lado sob a axila e do outro sôbre a espádua onde o poncho era ligado por dois bicos. Parece ter procurado imitar a antiga indumentária dos romanos. Disse-me ser de uma aldeia deno-

(1) Vaquiano — diz o Autor, no trecho referente ao Uruguai, é o homem conhecedor da região e que serve de guia aos viajantes.

minada São Xavier, não distante de Santa-Fé e de Rio Salgado. Ficou admirado porque eu li para êle palavras de sua língua, que me foram ensinadas por mulheres guaicurús. Achou-as quasi todas certas e forneceu-me algumas outras que registro no final d'êste diário.

Após conversar várias vezes com êsse homem fiquei curioso de procurar em Azara (*) o capítulo dos guaicurús, ficando admirado ao saber que, ao tempo do autor, não existia mais um homem dessa tribu. Eis entretanto duas famílias por mim encontradas — uma em Salto e outras em Belém, onde vi também um menino guaicurús, órfão de pai e mãe. Os portuguezes afirmaram-me que essa tribu está longe de ser extinta.

Encontrei em Belém um hamburguês, emigrado ainda criança, morador em Entre-Rios durante muito tempo e atualmente proprietário de uma venda em Belém. Homem conceituado por todos, disse-me ter visto na jurisdição de Santa Fé uma aldeia denominada *Aé-garras*, inteiramente povoada de guaicurús. Adeanta que êsses homens são batisados e hábeis, e que suas mulheres fabricam diversos tecidos. E' inacreditável o engano de Azara a tal respeito. Mas, não será possível ter existido duas tribus com o mesmo nome e que o guaicurús de Azara pertença a nação diferente da que eu vi?

Palavras da língua dos guaicurús

cabeça	<i>caik</i>	terra	<i>lléva</i> (2)
céo	<i>pigome</i>	homem	<i>iallé</i>
sol	<i>navarrêra</i> (1)	mulher	<i>alo</i>
lua	<i>sirahégo</i>	menino	<i>notoleke</i>
estrêlas	<i>avakatni</i>	pai	<i>ita</i>

(*) NOTA DO TRADUTOR Felix Azara, autor de vários trabalhos sobre a parte meridional da America do Sul.

(1) A pronúncia da *r* é extremamente carregada.

(2) Demarcado na pronúncia do *l* dobrado.

mãe	<i>ihalé</i> (3)	pês	<i>litil</i> (6)
filho	<i>yaléke</i> (4)	pássaro	<i>coho</i>
filha	<i>yalé</i>	peixe	<i>nahi</i>
cabelos	<i>lavó</i>	negro	<i>avedak</i>
olhos	<i>goté</i>	branco	<i>lâilîngûrêk</i>
nariz	<i>liméke</i>	Vermelho ...	<i>êtôkè</i>
boca	<i>allape</i>	sol	<i>dahasuhá</i>
dentes	<i>lové</i>	Deus	<i>Lâssigò</i>
cavalo	<i>sipègâkâ</i>	um	<i>onalek</i> (7)
vaca	<i>vaccú</i> (10)	carne	<i>lahâte</i>
avestruz	<i>mânik</i>	água	<i>ivariaáke</i> (8)
bom	<i>iâmâcâtá</i>	fogo	<i>annorèkè</i> (9)
mão	<i>nainpék</i>	vendo	<i>naranéke</i>
pão	<i>cóippâk</i> (11)	folha	<i>lavé</i>
língua	<i>tolegaranote</i>	casa	<i>ivó</i>
pescoço	<i>cosote</i>	igreja	<i>atamaki</i>
braços	<i>lâva</i> (5)	dormir	<i>sillâkò</i>
dedos	<i>pullacato</i>	comer	<i>canoke</i>
mão	<i>apokenel lakalé</i>	beber	<i>nieto</i>

Bom dia!..... *lâcòme*

Donde vens?..... *matti que gaiá?*

Eu Venho da minha terra.. *sattica quedaia ha*

Quando é que você quer ir à
sua terra? *mâlâi oppèlè*
(e fechado)

Quando hei de ver minha
terra? *mallakio savana*
iâ hã?

(3) Eleva-se a voz ao pronunciar a última sílaba.

(4) Eleva-se sensivelmente a voz ao pronunciar as duas últimas sílabas.

(5) A penúltima sílaba longa, a última pronunciada com mais força e voz mais elevada.

(6) Apóia-se sobre os *tt*.

(7) Os outros números não existem; atualmente os gaicurus valem-se dos nomes espanhóis.

(8) Em *lahate* e *invariáke* o *e* final é quasi mudo.

(9) A primeira sílaba muito longa, as outras muito breves e a segunda um pouco menos fechada que o *a* francês.

(10) A última sílaba forte.

(11) Fazer uma interrupção após a primeira sílaba, pronunciando rapidamente a última.

Pedi ao guaicurús que recitasse alguma canção de sua lingua e me dêsse a significação. Eis o que êle me ditou:

Soènèr nètàpék ià há — Canto recordando minha terra.

soènèr nètàko fioi nètàpék sòlente ital — eu me recordo do meu
pae e estou chorando

tòsàden — será êle vivo?

òtleia sòlente iòha — eu me recordo muito de minha mulher.

As sílabas com acento grave pronunciavam-se com notável elevação de voz. É possível que me tenha enganado na separação das palavras ditas pelo índio, pois que sòmente pela pausa podia distinguí-las e essas eram sempre pouco sensíveis.

Ao ar livre, às margens do arroio Santana, 29 de Janeiro.

— A's quatro horas o termômetro indicava 22 gráus centígrados. À tarde, logo que terminei êste diário, meus homens viram um tigre, próximo ao sitio onde tínhamos feito fogo e onde havia ainda algumas brasas. José Mariano deu-lhe um tiro de pistola mas errou o alvo e o animal fugiu para a mata que margeia o arroio.

Choveu e trovejou durante toda a noite e sòmente às três horas da tarde o tempo tornou-se bom.

Desde o romper do dia o vaquiano e Joaquim estiveram à procura da guarda, mas voltaram sem nada descobrir. Ela não está sob as ordens do major que comanda em Belém, mas sim sob as do marechal Abreu e é de crêr-se tenha se retirado sem o conhecimento do major e do alferes de Guaraim. Como o vaquiano confessa não conhecer o caminho do outro lado do arroio Santana e informa que a região é inteiramente deserta, sem nenhum caminho traçado, vou mandá-lo, amanhã pela manhã, a Guaraim, com o Joaquim Neves, levando uma

carta ao Alferes pedindo-lhe arranjar-me um vaquiano que me conduza até à estância mais próxima.

Joaquim e o novo vaquiano não poderão chegar antes de 2 dias. Assim terei o sacrificio de ficar retido por 3 dias no meio de um deserto e, até agora, com um tempo horrível. Na verdade depois que aqui estou não mais choveu na carruagem, mas acho-me extremamente apertado e só posso trabalhar com enorme dificuldade, preocupado em não perder, no meio de tantas malas e bagagens, minha lupa, canetas, canivetes, etc.

A carruagem tornou-se ademais o covil duma multidão de insetos perigosos ou incômodos. Os "dumestes" aí pululam, as pulgas e os percevejos parecem devorar-me durante a noite. A carne, dependurada à coberta atráí uma multidão de moscas, que, excitadas pela luz vôam às centenas em tórno de minha cabeça, incomodando-me extremamente.

Depois de Montevideu não vi mais nenhuma cobra, os pássaros tornaram-se raros nos campos e os que se acham nas matas são em pequeno número de espécies. Vi hoje um grande número de indivíduos dos chamados *dragões*, e ouvimos o canto do *Tahar* ("Chaja" - de Azara).

Quanto aos mamíferos, excetuados os veados, não vimos nenhum. Todo mundo me havia dito que se encontrava em abundância, nos campos que venho de percorrer, um pequeno fatú chamado *molita*, pelos espanhóis, o qual dizem ser ótimo para se comer, mas não vi um, siquer.

Não sei o que se passa neste momento em Portugal. O soberano é muito atacado no Brasil pelo modo de viver por êle adotado depois que está no Rio de Janeiro, a caminho de Lisboa. Mas si êle e seus filhos não forem atilados, o Brasil será em breve perdido pela casa de

Bragança, e suas províncias, como as colônias espanholas, tornar-se-ão teatro de guerras civis. O temor de retornar ao domínio português levará os brasileiros à revolta, ou ao menos servirá de pretexto para isso. E, como a obediência que as diversas províncias do Brasil prestam ao soberano é o único laço que as une, é evidente que elas se separarão quando tal laço deixar de existir. Sem falar do Pará e de Pernambuco, a capitania de Minas e a do Rio Grande, já menos distanciadas, diferem mais entre si que a França da Inglaterra. Como poderão os habitantes, abandonados a si próprios, entenderem-se e cooperar para a formação de um Estado único? Não se pretenda citar o exemplo dos Estados Unidos, onde sectários entusiastas não são para comparar com homens na maior parte sem moral e sem virtudes.

Os brasileiros, tomados em massa, são certamente superiores aos americanos-espanhóis; todavia não existe entre eles um verdadeiro patriotismo; não os creio capazes de arroubos de desprendimento. Em uma insurreição ver-se-ão chefes ambiciosos formarem partidos, arrebanhando essa multidão de preguiçosos e desprotegidos da fortuna que pululam no Brasil. Essas tropas e seus chefes serão na verdade superiores em inteligência à de Artigas, mas não farão mal menor e o Brasil cairá numa anarquia semelhante à que assola as colônias espanholas.

Ao ar livre, nas margens do arroio Santana, 30 de Janeiro. — De 1 às 4 horas o termômetro marcava 26 graus centígrados. De acordo com o que tencionava, mandei esta manhã o vaqueiro e Joaquim à guarda de Guaraim. Antes que eles se puzessem em marcha Matias veio dizer-nos ter visto quatro tígres, dois grandes e dois pequenos, os quais estavam devorando o melhor dos meus cavalos. Persegui-os mas eles entraram na mata marginante o arroio.

Cêdo mandei limpar a carruagem e matar os "dumestes" que a infestavam. Eu mesmo revistei as malas e matei uma multidão dêsses insetos, mas o trabalho foi perdido porque durante o dia vieram outros; o ar estava infestado e tendo por acaso levantado úa mala, esta tarde, achei em baixo milhares desses animais, apesar de não ter deixado um só após a limpeza feita pela manhã.

Depois da faxina fui, acompanhado do Matias, a cavalo, passear nas margens do Rio Uruguai pouco distante do passo de Santana. Êsse rio pôde ter mais ou menos a largura do Sena acima de Paris, correndo com lentidão e descrevendo largas e elegantes sinuosidades. Suas margens são pouco elevadas acima do leito e apenas cobertas de arbustos esparsos. Aquém do curso as pastagens conservam bastante frescura, mas a parte mais vizinha do rio é quasi unicamente coberta de uma Gramínea de folhas rígidas e cortantes, usada na cobertura das palhoças do Saito, de Belém, etc.

Nas margens do rio vimos os rastros de vários tigres, percebendo mesmo os lugares em que êles estiveram deitados na erva; enfim vimos nas pastagens a ossada de cavalos e veados por êles devorados. Quando um animal morre naturalmente, seus ossos ficam juntos, mas os que nós vimos estavam dispersos e havia nos crânios buracos feitos pelas garras das fêras. Nunca vi tantos veados como no passeio de hoje, onde pudemos contar trinta, em um só bando dos vários encontrados.

Ao ar livre, nas margens do arroio Guarapuitã, 1º de Fevereiro. — Não tendo podido escrever êste diário ontem à tarde, aproveito, para compensar o atraso, o tempo em que nos detemos para o descanso dos bois. Cêdo saí a cavalo, para herborizar, acompanhado do Matias e do José Mariano. Seguimos durante muito

tempo as águas do rio Santana; atravessámo-lo e encontramos do outro lado pastagens semelhantes às que vimos de percorrer. A erva estava aí assás verde, sem dúvida devido às últimas chuvas; era pouco crescida mas de excelente qualidade. Não havia flôr alguma. O terreno sempre uniforme.

Chegados junto a um sítio húmido, coberto da Graminea chamada *Santa-fé*, nossos cavalos recusaram continuar a caminhada, dando mostras de terror, com a respiração acelerada. Supuzemos por isso haver algum tigre deitado no mato. Com efeito a pouca distância daí vimos na terra as pegadas de um desses animais.

Continuando nossa excursão atravessamos um regato, marginado de arbustos, chamado *Guarapuitã*. Seguimo-lo até sua embocadura no Uruguai, encontrando em suas margens grande número de barracas abandonadas e quasi destruidas. Entrámos em uma delas onde achámos dois sacos de couro e um boné, feito de pano grosso, pardo, demonstrando que os insurrectos espanhóis estiveram aí acampados durante a luta. Essas barracas eram feitas como as cabanas dos índios selvagens ou como as que os viajantes têm o costume de construir quando passam a noite na mata, isto é, formadas por pequenos caramanchões de 3 a 4 pés, sôbre os quais eram estendidas ramagens.

Chegados à embocadura do Guarapuitã seguimos a margem do Uruguai, que pode ter aí a mesma largura do Loiret deante de Pontil, e é bordado por uma estreita fileira de árvores. Achámos uma piroga nas margens do rio e como vimos próximo do arroio Santana alguns cavaleiros que galopavam ao longe, concluimos, provavelmente com razão, que eram espanhóis e que a piroga servira para transportá-los a esta margem.

Prosseguindo descobrimos um pequeno curral e vimos alguns homens, que nos tendo percebido escon-

deram-se entre as árvores. Meus companheiros logo acharam que eram insurrectos espanhóis; mas não compreendendo porque teriam êles vindo se estabelecer nestes desertos pensei que podiam ser antes alguns índios refugiados ultimamente dêsse lado do rio Uruguai. "Si nós estivéssemos sós iríamos até lá", disse José Mariano ao Matias. Achei inútil essa visita, mas julgando importante que meus camaradas não me acreditassem menos corajoso que êles, disse achar bom irmos avante. Vimos o curral e algumas barracas, mas ninguem appareceu. Soube, pelo vaquiano chegado ontem à tarde, que era êste o lugar da guarda, mas provavelmente, ella havia sido transferida. Ninguém appareceu à nossa aproximação, e, como eu havia suposto, alguns índios tomaram o lugar dos soldados.

Regressando passámos junto ao sítio onde nossos cavalos deram sinal de terror, mas desta vez êles passaram calmamente, provando isso não existir mais a causa que os intimidara.

Durante esta excursão fiquei apreensivo por causa da carruagem, pois si os homens que vimos galopar ao longe fossem espanhóis êles poderiam atacá-la durante nossa ausência, encontrando para defendê-la apenas pessoas que não passam de méras crianças. Foi pois cheio de satisfação que encontrei tudo como deixara.

Logo após nossa chegada José Mariano e Matias remontaram a cavallo, sem nada me dizer. Imaginei tivessem a fantasia de ir procurar os homens que se esconderam no mato à nossa aproximação e comeci a recear fossem cometer alguma imprudência. Pús-me a comer e logo os vi voltar. No passeio da véspera havíamos passado junto a uma caixa de abelhas selvagens, suspensa, cerca de pé e meio da terra, a um ramo de arbusto; era quasi oval, do tamanho de uma cabeça e duma consistência semelhante à das colmeias européas.

Matias e José Mariano tinham ido destruir essa colmeia para tirar mel.

Comemos, os três, desse mel. Fui, segundo disse José Mariano, o que mais comeu, e avalio não ter tomado quantidade superior a duas colheradas. Senti logo uma dôr no estômago, mais incômoda que forte e deitei-me em baixo da carruagem, com a cabeça apoiada sôbre uma pasta do herbário, caindo em uma espécie de sonolência, durante a qual senti-me transportado aos espaços celestiais, ouvindo uma voz que gritava — “Ele não se perderá, há um anjo que o protege”. Nesse instante minhã irmã veio buscar-me pela mão. Achava-se vestida de branco, com uma faixa ao redor do corpo e sua fisionomia trazia aparência de inexpressável calma e serenidade. Tomou-me pela mão, sem me olhar e sem proferir uma só palavra, e conduziu-me perante o tribunal de Deus. Lembrei-me das últimas palavras da parábola do Bom Pastor e acordei.

Levantei-me, mas senti tal fraqueza que não pude dar mais de cincoenta passos; voltei para debaixo da carruagem e senti-me quasi instantaneamente com o rosto banhado de lágrimas, atribuíveis à emoção causada pelo sonho acima exposto. Envergonhei-me de tal fraqueza e pus-me a sorrir; mas, apesar de tudo, êsse sorriso prolongando-se tornou-se convulsivo e cobri a cabeça para que meus camaradas não o notassem. Contudo tive ainda forças para dar algumas ordens ao Firmiano; entretantes José Mariano chegou. Disse-me com ar gaiato, mas um pouco perturbado, que se achava embriagado e que há meia hora corria pela mata. Assentou-se então sob a carruagem apoiando-se sôbre a roda, convidando-me a tomar lugar a seu lado. Com dificuldade arrastei-me até lá; senti-me extremamente fraco e apoiei a cabeça sôbre os ombros de José Mariano. Foi então que começou a mais cruel agonia. Uma espessa nuvem es-

cureceu minhas vistas e não me foi possível distinguir senão o azul do céu de mistura com algumas nuvens e as sombras dos meus empregados. Caí no último grau de fraquesa e sem sofrer muito experimentei contudo todas as angustias da morte. Todavia conservei perfeitamente a lembrança de tudo o que vi e entendi; uma narrativa feita por Laruotte está conforme o que recordo.

“Há cerca de dois anos, disse eu a José Mariano, que nós fechámos os olhos de nosso amigo (1); ides hoje assistir ao meu último suspiro”. — “Estou bem mal também, respondeu-me êle, vamos morrer juntos neste deserto”. Pedi vinagre concentrado e aspirei-o várias vezes, com força, sentindo me um pouco reanimado por alguns segundos, retornando logo ao abatimento. Laruotte achava-se ausente quando comecei a sentir-me mal, mas mandei chamá-lo e êle cuidou-me com desvelo. Tinha ao redor de mim êsse empregado, Firmiano, o índio peao, Matias e José Mariano; êstes dois também muito incomodados.

“Meus amigos, disse-lhes em portuguez, sinto que vou expirar neste deserto, longe de minha família e de meu país; as sombras da morte rodeiam-me; vou juntar-me a êsses anjos que me incitam a segui-los. Não sou máu, nunca fiz mal a ninguém, minhas faltas são perante Deus, que me perdoará, espero-o, ou talvez me punirá”. Uma luta cruel mas de curta duração passou-se em minha alma. Minha mãe e meu sobrinho não precisam de mim, mas êsse pobre Firmiano, que atirei nestes desertos, que será dêle quando eu não mais existir? Matias, recomenda-o ao Conde de Figueira; que êle nunca seja escravo de ninguém”. Quis afastá-lo mas em seguida chamei-o para junto de mim e vi algumas lágrimas correr de seus

(1) NOTA DO TRADUTOR — O Autor referia-se ao seu empregado e compatriota Yves Pregerat, que falleceu em S. João Del Rei, quando da viagem a Goiás.

olhos. "Matias, perdão-te o mal que me fizeste. Laruotte, sabeis que minhas coleções pertencem ao Museu de História Natural; meus manuscritos devem ser remetidos à minha família".

O sonho que havia tido, logo ao início dessa crise, apresentava-se sem cessar em meu cérebro e senti-me possuído de uma força invisível para contá-lo.

As palavras que venho relatando não foram ditas seguidamente, mas com longas pausas, de modo entrecortado. Quis falar francês mas a memória sómente fornecia-me vocábulos portugueses, e mesmo ao Laruotte falei quasi só em português.

Ao começar a cair nesse estado esquisito experimentei beber vinagre e água, mas não melhorando pedi água morna para ver si conseguia expelir o mel que tanto mal me causara. Notei que, ao engulir, a nuvem que me toldava a vista desaparecia por instantes. Pus-me a beber grandes goles, sem interrupção. Segundo me disse Laruotte devo ter bebido dezeseis pintas (1).

Pedia-lhe sem cessar um vomitivo; êle procurou em todas as malas, mas, atordoado pelo que se passava não conseguiu encontrar. Estando eu debaixo da carruagem não podia vê-lo, mas parecia estar a enxergá-lo e censurei sua lentidão, sendo essa a única falta que cometi durante tal agonia.

Nesse interim José Mariano levantou-se sem que eu desse por isso, mas logo meus ouvidos foram atingidos por seus gritos. No momento achava-me melhor; a nuvem que me escurecia os olhos dissipou-se um pouco e nenhum dos movimentos desse criado me escapou. Rasgava as vestes com furor ficando inteiramente nú; tomou uma espingarda e deu um tiro; Matias arrebatou-lhe a arma e êle pôs-se a correr pelo campo, chamando

(1) NOTA DO TRADUTOR — Antiga medida portuguesa, para líquidos.

em seu socorro, com todas as forças, por Nossa Senhora da Aparecida, pedindo suas armas, gritando que todo o campo estava incendiado, que as malas iam ficar queimadas e que era preciso fechá-las. O peão índio procurou segurá-lo, mas vendo que não seria bem sucedido o deixou.

Até aqui Matias não tinha cessado de me dispensar cuidados, mas, êle também começou a sentir-se muito mal. Entretanto como conseguira vomitar logo e como era de compleição robusta retomou prontamente suas forças, restabelecendo-se completamente. Larlotte disse-me depois que sua figura estivera horrenda e de extrema palidez. "Irei, disse êle repentinamente, dar aviso à guarda do que se passa aqui". Isso seria uma loucura pois estávamos a 10 léguas da guarda e já era tarde. Montou a cavalo e pôs-se a galopar no campo, mas logo Larlotte viu-o cair, levantar-se e por-se de novo a galopar, mas logo tornou a cair e algumas horas depois foi encontrado profundamente adormecido no local onde caíra por último.

Vi-me, ainda semi-morto, com um homem furioso e duas crianças para cuidar de mim, pois Firmiano e Larlotte não pôdem ser considerados como homens. José Mariano deu-me as maiores preocupações. No mesmo instante pensei na possibilidade de sermos atacados pelos espanhóis e essa lembrança transtornou-me as idéias.

Quando estive peor pareceu-me ver o cão do guia que me acompanhou até ontem. Perguntando a Larlotte e Firmiano si isso tinha sido uma visão responderam-me que não, por isso veio-me a esperança do retorno de Joaquim e do novo guia; isso reanimou-me e não cessei de perguntar-lhes si não avistavam alguém chegando.

Entrementes José Mariano veio assentar-se junto de mim. Estava mais calmo e tinha envolvido qualquer coisa ao redor da cintura. "Patrão, disse-me êle, dai-me água, estou numa fogueira".

"— Vêde, meu amigo, como estou doente, mas o regato fica próximo daqui".

"— Dai-me o braço, meu patrão; há tanto tempo estou convosco e sempre fui um empregado fiel".

Tomei-lhe a mão e disse-lhe algumas palavras tranquilisadoras.

Enquanto isso a água quente, que eu tomára em prodigiosa quantidade, terminou por fazer efeito. Vomitei, com muita água, os alimentos ingeridos pela manhã. Senti-me muito melhor, distinguindo claramente a carruagem, as pastagens e as árvores; a nuvem não encobria mais os objéto, algumas vezes ela reaparecia, mas sumia logo. Vi que estava quasi nú e tive vergonha. Olhei as mãos e vi com satisfação que elas mexiam. O estado em que vi José Mariano tranquilizou-me apesar de ficar cruelmente atormentando de ver o seu sofrimento e acreditei não poder mais vê-lo completamente bom do juizo.

Um segundo vômito trouxe-me mais alívio que o primeiro. Distingui os objéto mais claramente ainda e pude, com agrado, falar francês e português; minhas idéias tornaram-se mais concisas e indiquei claramente a Larotte onde se achava o vomitivo. Tomei-o por 3 vezes e acabei por lançar, em torrente d'agua, todos os alimentos que ingerira. Até o momento em que deitei fóra a terceira porção do vomitivo experimentava uma espécie de prazer em tomar água quente, mas daí por diante ela começou a repugnar-me e deixei de bebê-la.

Durante alguns instantes senti uma dormência nos dedos, mas isso teve curta duração. A nuvem desapareceu completamente, minhas idéias tornaram-se claras

e pouco a pouco senti-me curado. Mandei fazer chá e tomei três chécaras. Levantei-me, passeei, corri e fui o primeiro a rir de tudo o que se passara.

Pouco depois José Mariano melhorou, voltando à razão. Vestiu-se e disse ao peão índio que queria ir à procura de Matias; montou a cavallo e trouxe-o logo.

Creio que eram 10 horas da manhã quando comi o mel e só ao pôr do sol senti-me perfeitamente bem.

O novo guia e Joaquim chegaram ao cair da noite.

Precisava de repouso. Deitei-me e foi então que vi como se é feliz quando no seio da família. Meus homens sabiam o quanto eu estava doente e era fácil julgar quão precisava de repouso. Entretanto não pararam de fazer barulho durante a noite, e os mosquitos, abundantes após as chuvas incumbiram-se de tirar-me o sono de madrugada.

Ao ar livre, nas nascentes do arroio Guarapuitã, 1º de Fevereiro, 2 1/2 léguas. - - Às duas horas o termómetro acusava 26 gráus centígrados. — Fizemos duas léguas esta manhã e à tarde apenas 1/2 légua para que tivéssemos tempo de matar uma vaca. Não que a última não desse para irmos mais longe, mas porque os soldados que me acompanham não conhecem nem ordem nem economia. Para êles o desperdício é um prazer. Nisso aliás não diferem de Firmiano e si eu o incumbisse de cuidar de minha bagagem em pouco tempo minhas malas estariam em frangalhos.

Avisaram-me esta manhã que três cavalos reais a mim emprestados em Belém estavam reunidos a uma tropa de jumentos selvagens. A besta que trago desde Santa Teresa foi esta noite atacada por um tigre, pois mostra em muitas partes do corpo as marcas das garras da féra, e si escapou de inimigo tão perigoso foi naturalmente porque os cavalos defenderam-na, pois peiada como se achava seria impossível escapar. Aliás isso

póde ser assegurado porque eia foi encontrada cercada pelos cavalos, como si êstes quizessem fazer uma muralha de proteção com seus corpos (1).

Estive ainda um pouco fraco esta manhã, mas logo restabeleci-me e esta tarde readquiri meu estado normal de saúde. Entretanto tudo quanto se passou ontem não me sai do espírito, e não pensei noutra coisa durante todo o dia, terminando por ter a cabeça cansada.

Matias queixa-se de estar surdo de um ouvido; José Mariano diz sentir extrema fraquesa, parecendo ter o corpo ensopado de óleo.

Até ao lugar onde poisámos esta manhã atravessámos sitios já nossos conhecidos do passeio de ontem. Para chegarmos aqui seguimos as margens do arroio Guarapuitã até às suas nascentes.

Havia dito ao Matias que teria satisfação em conseguir alguns exemplares da abelha cujo mel tão funestos momentos nos causara. Pouco antes de chegarmos aqui viu êle uma caixa dêsses insétos e chamou-me. Notei que era absolutamente semelhante à outra, da mesma fôrma e consistência, estando igualmente presa a um ramo espinhoso de pequeno arbusto. À tarde Matias enrolou-se em seu poncho e, acompanhado de Firmiano, apanhou a colméia, voltando logo com dois insétos, que guardei cuidadosamente, e um grande número de favos semelhantes aos que eu havia comido, cheios de um mel igualmente avermelhado.

Disse-me que Firmiano e um pequeno peão índio que acompanha o vaquiano haviam comido uma grande quantidade dêsse mel. Julguei que estivesse caçoando, mas constatei ser verdade. Firmiano mesmo confir-

(1) NOTA DO TRADUTOR — A *besta* era usada como *madrinha* da tropa. A utilidade da *madrinha* está em manter os cavalos sempre reunidos no pasto e fáceis de pegar, pois eles sempre seguem-na com atenção. Para maior segurança a *madrinha* leva uma péia que a impede de ir muito longe.

mou-mo e o peão pôs-se a comer à minha vista. Havia entre nós três homens brancos, dois dos quais não sabiam dos sucessos da véspera, senão pelo que contámos, e à vista do mel não demonstraram nenhum receio. Meus dois índios, ao contrário, foram testemunhas da situação aflitiva que experimentámos; contudo expuzeram-se, de caso pensado, provavelmente mesmo sem estarem possuídos de grande gula, pois si quisessem procurar achariam facilmente outro mel de qualidade não tóxica. Isso não confirma, o que tantas vezes tenho provado, que os índios não têm absolutamente idéia do futuro?

Não pude deixar de censurar, indignado, os meus índios, os quais mostravam-se perfeitamente tranquilos, enquanto eu me inquietava, sobreposse, por causa dêles. Tirei dois vomitivos da mala e fiquei acordado durante toda a noite. Admira-me, entretanto, terem decorrido duas horas após meus homens ingerirem dêsse mel, ceando depois, e até agora não se queixam de coisa alguma.

Ao ar livre, às nascentes do arroio Guarapuitã. 2 de Fevereiro. — Minhas preocupações a respeito de meus índios aumentarem depois que terminei a feitura do diário de hoje, ao sentir-me sem ter com que me distrair. Receio que Firmiano, cuja voz deixei de ouvir, tenha caído em entorpecimento letárgico, e lembrei-me, contristado, de que êle não era batizado. Ia descer da caruagem para certificar-me de seu estado quando ouvi o peão que ia vigiar os cavalos, e perguntei-lhe como ia, tendo respondido que o mesmo não sentira a mais ligeira dôr. Voltei a dormir e soube, com surpresa, esta manhã, que os três índios absolutamente nada haviam sentido.

O mel por êles comido era entretanto perfeitamente semelhante ao que tanto mal nos fizera. As duas colméias eram parecidas, e todo o mundo reconheceu as

abelhas como sendo da espécie que os Guaranís chamam *lechiguana*.

Como explicar a ação maléfica que teve sobre nós, enquanto aos índios nada aconteceu? Nem mesmo a mais ligeira indisposição?

Nem se pôde atribuir isso à diferença do organismo do índio, pois José Mariano é mestiço de índio e mulato.

Pôde-se supor que as abelhas *lechiguana* não retiram sempre o mel das mesmas substâncias, mas, como admitir que esse mel possa ser para o homem ora venenoso, ora agradável alimento, e não produza o mesmo efeito aos insetos com êle nutridos?

Há aqui um enigma não menos surpreendente que os sintomas extraordinários ontem experimentados por mim e por meus criados.

A chuva começou ontem à tarde e continuou a cair durante toda a noite. Contudo preparei-me para por-me em caminho, quando vieram dizer-me que faltavam oito dos meus cavalos. Após buscas, que duraram todo o dia, Matias avistou-nos no meio de uma tropa de animais selvagens. Ajudado pelo Joaquim, José Mariano conseguiu pegar quatro dêles.

Esta tarde Firmiano desrespeitou-me grosseiramente e fui obrigado a castigá-lo. Êste rapaz viu-me ontem, no meio de minha agonia, sómente preocupar-me com sua sorte e hoje esquece-se disso, magoando-me. Os brancos são ingratos porque reconhecer um benefício é confessar inferioridade, o que fere o amor-próprio, mas essa ingratidão é tardia e nunca vem no mesmo dia do benefício. Os negros escravos podem ser gratos porque nada lhes custa reconhecer sua inferioridade e porque nunca esquecem o passado. Quanto aos índios não digo que esqueçam, mas não tiram conclusão sobre o futuro, que é para êles o que os sonhos são para nós — lembrá-

mos muito dêles mas lembrámos sem utilidade. E' pois difícil sejam os índios reconhecidos porque para isso é preciso tirar conclusão do passado para o presente.

Ao ar livre, junto ao arroio Ìmbahá, 3 de Fevereiro, 5 léguas. — A' penúltima noite um tigre não deixou de rondar nosso acampamento, mas hoje não reapareceu.

Chovia ainda quando partimos. Embarquei na caruagem, mas logo o tempo tornou-se bom e fiz o resto da viagem a cavallo.

A região hoje atravessada é a mais uniforme que tenho visto depois de Montevidéu; as planícies de Beauce não lhe levam vantagem.

Como existe nestes campos uma imensa quantidade de cavalos selvagens a erva incessantemente tosada não cresce nada. E' um relvado raso, apresentando no momento a mais bela coloração verde. Veem-se poucas espécies floridas, mas o número de indivíduos das que estão com flores é prodigioso. Tais são uma *Acantácea*, anã, n. 2.578, o *narciso* n. 2.565, a *amarilis* n. 2.566 e uma outra espécie que não pude descrever, planta que apenas emerge da terra, tendo cálices e corolas misturadas na relva, pintando-a de vermelho, amarelo, róseo e esbranquiçado.

Parámos junto a um regato chamado *Itapuita-tuocai* (1), guarnecido de árvores. Em seguida, continuando nossa marcha, viemos passar a noite nas ruínas de uma estância distante algumas centenas de passos do rio Ìmbahá.

Segundo meu vaquião esta região, de Belém para cá, hoje valhacouto de tigres, avestruzes e cavalos selvagens era outróra habitada por estancieros portugueses, mas suas habitações foram duas vezes destruídas du-

(1) NOTA DO TRADUTOR — Itapitocai (Segundo Barão Homem de Melo).

rante a guerra, pelos gaúchos, e eles não tiveram ânimo de restabelecer pela terceira vez.

Ao ar livre, às margens de um arroio sem nome, 4 de Fevereiro, 5 léguas. — A colina sôbre a qual estava construída a estância onde poisámos a noite passada domina de um lado uma vasta extensão de pastagens e do outro um largo vale irrigado pelo rio Imbahá. Descendo a êsse vale seguimos durante algum tempo o leito do rio subindo até à sua nascente. Tivemos receio de atravessá-lo; contudo fizemo-lo sem accidentes. O rio é guarnecido de árvores densas e copadas.

Do outro lado deparámos região absolutamente diferente da que percorremos ontem e talvez a mais desigual atravessada depois de Montevidéu.

Ela oferece vales profundos, ravinas cortadas pelas águas pluviais, terreno rochoso, pastagens pouco ricas e sempre razas. O campo não apresenta aqui êsse ar de alegria surpreendido em toda a parte durante esta viagem. Tem um aspecto sombrio, devido não sómente à desigualdade do solo e sua esterilidade, mas ainda à côr enegrecida das pedras semeadas pela pastagem dentro. Grandes lotes de cavalos selvagens, dispersos no campo, dão um pouco de vida à paisagem.

Parámos junto a um regato sem importância, que nem nome tem, não obstante ser marginado por larga fila de árvores.

Estância de São Marcos, 5 de Fevereiro, 4 léguas. O terreno não é mais desigual nem pedregoso, mas as pastagens são ainda pouco elevadas, o que é sem dúvida consequência das incessantes tósas que lhes dão os cavalos selvagens. Apresentam no momento um verde tão bonito quanto o que admirei nos campos de Maldonado ou de Rocha (Uruguai), quando os atravessei no início da Primavera, e durante muito tempo não encontrei flôr alguma.

Ào aproximar-se de um regato chamado Touropasso o vaquiano pediu-me permissão para se retirar, e eu dei-a. Esse homem faz-se acompanhar de uma pequena índia, muito bonita, de 14 anos apenas, a qual tem mãe e um irmãozinho. Há perto daqui uma estância onde o alferes da guarda lhe permitiu passar alguns dias. O vaquiano é casado e tem a mulher em sua estância; entretanto traz sua índia.

Quasi todos os milicianos acantonados nesta parte da fronteira meridional são assim amasiados a índias. A facilidade com que essas mulheres se entregam, sua docilidade, sua bronquice mesmo, são atractivos para esses homens rudes que não visam nada além do instrumento do prazer. Mas, repito, essas misturas farão a Capitania do Rio Grande perder a sua maior vantagem — a de possuir uma população sem mescla.

Os filhos de pais brancos e índias guaranis não terão a docilidade que é virtude d'este povo, e criados por índias ou abandonados a si mesmo terão todos os vícios dos índios e dos brancos.

Para atravessar o regato meus homens foram obrigados a trabalhar durante várias horas, abrindo uma passagem á carruagem no meio das árvores que o margeiam. Foi preciso descarregá-la e não sei como não se quebrou toda.

A cerca de meia légua do regato encontrámos uma estância onde parámos. Ha dez dias não via casas nem outras pessoas além de meus camaradas e meus vaquianos. Tive grande alegria ao ver por fim algumas cabanas. Com efeito não se pode dar outro nome às miseráveis moradas que compõem esta estância. Meia dúzia delas são habitadas por famílias indigenas que deixaram recentemente Entre-Rios.

A maior, construida de palha, como outras, tem entretanto a fórma duma casa, mas é tão pequena que não

abrigará mais de cinco a seis pessoas. Um pequeno banco e um girau constituem todo o mobiliário e não há outra abertura além de uma porta.

Fui bem recebido pelo proprietário, apesar de não saber quem eu era; ofereceu-me carne e disse-me poder guiar-me amanhã até à estância vizinha.

Esse homem, como a maior parte dos habitantes desta Capitania, fez várias campanhas contra os espanhóis, e, apesar de simples miliciano, passou quasi toda a sua vida a serviço do Rei. Sua estância foi destruída durante a guerra e há poucos meses que voltou a ela.

Parece seguir o costume geral da região, porque logo ao chegar encontrei à porta de seu quarto uma índia muito bonita e regularmente vestida, que se balançava em uma rede, entrando várias vezes em seu quarto.

Rincão de Sanclon, 6 de Fevereiro, 4 léguas. — Conforme me prometeu nosso hospedeiro de ontem foi ele nosso guia até aqui. A região continua plana e coberta de erva rasteira, apresentando no momento bela coloração verde, e, para gaudío meu, muitas flores.

No momento a floração nada tem de comum com a da flora européia, mas acredito que entre as plantas que colhi encontram-se muitas já herborizadas nos campos gerais

Segundo me informou o vaquiano os campos somente tornaram-se verdes após as chuvas, pois antes estavam amarelos e dessecados.

A estância onde parei pertence ao alferes comandante da guarda de Santana, por nós tanto procurada. A guarda foi mudada para local a duas léguas daqui e o alferes pode vir à sua casa quando bem entende.

Sua estância, que como tantas outras fôra destruída durante a guerra, compõe-se atualmente de algumas míseras choupanas, na maioria occupadas por famílias indígenas recentemente chegadas da aldeia de Iapeju.

Os estancieiros desta região, não tendo escravos, aproveitam a imigração dos índios para conseguir alguns que possam servir de peões.

Os guaranis são, é voz geral, muito indicados para esse serviço. Montam bem, têm prazer nisso, e muitos sabem amansar cavalos. Sua docilidade é outra qualidade que os faz procurados para empregados das estâncias.

Êsses que encontrei aqui não traziam outra roupa além de uma ceroula de tecido de algodão. Os homens estavam sentados no chão e as mulheres balançavam-se em pequenas rêdes de lã, por elas feitas. O alferes gaba-lhes a docilidade mas não faz o mesmo no tocante à inteligência; diz que são pouco susceptíveis de afeição e gratidão. Acrescenta que mesmo entre êles as amizades não são cimentadas, provando-o a facilidade com a qual abandonam os filhos aos homens brancos, sem saber como serão tratados, nem se voltarão.

Perguntei a alguns dos guaranis presentes si seus pais falavam a respeito dos Jesuitas; responderam-me que não. Entretanto denotam não terem perdido os costumes que lhes transmitiram os padres da Companhia de Jesus. Os pais continuam a ensinar os filhos a rezar, na língua comum, e todos os dias têm o cuidado de fazê-los recitar as preces.

Os mais jovens sòmente sabem montar a cavalo, mas os mais velhos não são estranhos aos trabalhos agrícolas. Há aqui um sexagenário, que, segundo o Alferes, possui consideráveis plantações de trigo, centeio e milho.

A aldeia de Iapeju, de aonde vieram êsses índios, fica a duas léguas daqui, à margem direita do Uruguai, e era uma das mais importantes das Missões jesuíticas de Entre-Rios, sendo fácil concluir-se tal ao saber-se que

Sando (Uruguai), tão distante, formava outróra uma das estâncias dessa aldeia.

Durante todo o dia o tempo esteve ameaçador e à noite começou a trovejar e a chover. Como a choupana do alferes não tem porta fê-la fechar por meio de um couro; contudo a água invadia-a por todos os lados. Como esta mísera habitação é ainda melhor que as dos índios, alguns milicianos, que aqui se acham, passam a noite conosco, dormindo em um girau feito de bambús.

Em todo o Brasil ninguém se déspe inteiramente para deitar-se e os melhores leitos compõem-se de um simples colchão de palha de milho, mas aqui nem isto existe e cada qual dorme sôbre o arreame de seu cavalo. A *carona* (1) serve de colchão e o *lombilho* (2) de travesseiro. Sôbre a carona põe-se o *pelêgo* (3) e a *chinha* (4) e deita-se sôbre essa simples cama, envolto no poncho, com a cabeça descoberta.

Rincão de Sanclon, 7 de Fevereiro. — Ao chegar ontem aqui consultei o alferes sôbre o caminho que devia seguir. Após as chuvas o Uruguai não é vadeável e serei obrigado a esperar pela chegada de pirogas. Vejo aproximar-se a estação chuvosa e receio ser detido pelo transbordamento dos rios entre as Missões e Porto Alegre.

Quando estava em Belém havia dois caminhos a seguir - um passando pela cidade chamada Capela de Alegrete e outro, o que adotei, marginando o rio Uruguai. Preferi êste por ser o mais curto e afinal demorei-me mais que devia.

Esta manhã o alferes me perguntou si queria participar de seu almoço e me mandou trazer carne assada,

(1) NOTAS DO TRADUTOR — Peça dos arreios que se coloca em baixo do lombilho.

(2) Parte principal do arreio no qual o cavaleiro se assenta.

(3) Péle de carneiro que fica entre a carona e o lombilho

(4) Também peça do arreio.

de tal modo dura, que, máu grado meus esforços, foi impossível mastigar um pedacinho siquer. Limitei-me a chupar-lhe o suco, jogando, disfarçadamente, a carne sob o girau. Nesse almoço forneci a farinha pois o alleres não possuia nem sal nem farinha.

Assim eis um homem que apenas se nutre de carne, e carne de duresa notável, mora em misera choupana de sete passos por cinco, não tendo outro prazer além do fumo e do mate e é oficial de milícia. Mostra-se, na verdade, muito satisfeito; mas é de esperar-se que uma tal existência deva reconduzir necessariamente à barbaria um povo tão resignado.

Limitar suas habilidades a saber montar a cavallo e seus costumes a comer carne é reduzi-los à condição de indígenas e distanciá-los da civilização, que nos fazendo conhecer uma multidão de prazeres nos fôrça a trabalhar, a exercer nossa inteligência para conquistá-los e por isso a aperfeiçoar-nos, pois é unicamente pelo exercício de nossa inteligência que nos aperfeiçoamos.

Pelo dito a gente será tentado a atribuir os costumes dêste povo a uma certa ingenuidade, não existente. Entre povos religiosos e amigos do trabalho e que não dispensam todas as diversões da vida pôdem-se encontrar costumes ingenuos. Um povo sem religião, que passa a maior parte da vida na ociosidade, poderá ter poucas necessidades, mas não será menos corrompido e sua simplicidade de costumes não será mais que ignorância e rudeza. Introduzir o luxo dentre um povo ingenuo é perdê-lo. Quando um povo se caracteriza pela brutalidade e corrupção de costumes, a ponto de ter perdido a tradição do bem e os elementos de uma regeneração moral, o luxo pode trazê-lo à civilização.

Enquanto escrevo êste jornal um mestiço dedilha a viola à porta da palhoça, cantando dolentes canções

espanholas, e índias dançam com os soldados do Alferes. Tais dansas nada têm da indecência dos batuques; trata-se de um sapateado comedido, com alguma graça mas sem nenhuma vivacidade. Aliás posso dizer o mesmo das dansas mais decentes e mais elegantes de Montevideu. Elas não têm absolutamente a movimentação e a rapidez das nossas. Tudo se reduz a uma marcha vagarosa acompanhada às vezes de atitudes muito sérias e algumas vezes muito indecentes.

Rincão de Sanclon, 8 de Fevereiro. — O alferes calculou que as pirogas por nós esperadas não podem chegar hoje, por isto fiquei aqui.

Passei grande parte do dia herborizando aos arredores da estância. As pastagens mostram-se tão verdes quanto as de Castilhos e Pão de Açúcar (Uruguai) no começo da Primavera.

A vegetação desta região não é mais semelhante à da Europa. As espécies que encontrei floridas pertencem todas a gêneros da flora americana e um grande número dentre elas crescem igualmente nos campos gerais, como provam o meu herbário e o livro de botânica. Entre as que são comuns às duas regiões posso citar com segurança a *Composta* do gênero *Polygala*.

Os sítios hoje percorridos são na verdade mais meridionais que os campos gerais, mas a diferença vai à conta da elevação destes últimos.

Pela primeira vez depois de Montevideu vi grandes bambús, às margens do arroio Touropasso. Comecei a encontrar o *ingá* (1) em Salto às margens do Uruguai e sei que êle cresce também próximo daqui.

Os pêssegos não estão ainda maduros, motivo pelo qual não posso julgar sua qualidade.

(1) Leguminosa n. 2.495 bis.

CAPÍTULO XV

Ao ar livre, nas margens do rio Ibicuí. — Passagem em piroga. — À outra margem do Ibicuí. — Estância do Alferes Antonio Franciso Souto. — Rincão da Cruz. — Pedras de limites. — Produtos da criação. — Produtos da lavoura. — O Marechal Chagas (1). — Chácara de Pedro Lino. — Sentido da palavra chácara. — Fazenda do Salto. — O Padre Alexandre e sua insolência. — Fazenda do Deumano (sic). — Colonos europeus. — Seus filhos. — Siti, chefe de índios.

Ao ar livre, nas margens do Ibicuí, 9 de Fevereiro, 2 1/2 léguas. — Pela manhã, cedo, o alferes saiu para fazer abrir no mato que cobre a margem direita do Ibicuí um caminho para a carruagem. Quanto a mim, só deixei o Rincão de Sanclon ás 10 horas.

A região que atravesssei para vir até aqui é ondulada e coberta de pastagens que, apesar de boas, não valem tanto quanto as dos arredores de Montevidcu. A erva aqui é bem fornida porém menos fina e menos tenra. Os sítios húmidos acham-se cobertos por uma Gramínea

(1) No original estava Chayer. Trata-se do official Francisco Chagas dos Santos. (Nota do Tradutor).

atualmente florida. Continúo a encontrar muitas plantas dos campos gerais e de outras zonas do Brasil. Posso citar dentre elas — a *Loranth*a que colhi ao lado da Serra de Paranaguá, a *Hyptis* existente próximo a São João Del Rei, uma *Composita* que acredito ter visto nos campos de Minas Gerais, a *Labiada* tão comum aqui e que se encontra igualmente em muitos outros pontos do País, etc.

Entre as plantas em flor, mais comuns, podem-se citar uma *Cassia*, uma *Melastomácea*, e várias *Sparmanias* tão comuns aqui como nos campos gerais.

O Ibicuí, no sitio onde o devemos atravessar, recebe as águas de um regato chamado Ibirocaí (água de angico) ou em corrupção — Verocai, cujas nascentes se acham a cêrca de 20 léguas daqui, próximo às do rio *Nhorenduí*. Os dois reunidos formam um só, que não é menos largo que o Sena acima de Paris. Dêste lado o terreno eleva-se bruscamente acima das águas do Ibicuí e apresenta uma fileira de matos, de arbustos e árvores pouco crescidas e finas, mas copadas e densas. Do lado oposto o rio é guarnecido de areias, mas além veem-se também galerias de matos. O *saígueiro* n. 2.132 sexto é ainda encontrado às margens dos rios, embora com menor frequencia. Entre as árvores e arbustos que dêste lado bordam o Ibicuí vê-se um grande número de *Mirtaceas*, o *ingá* n. 2.496 bis, o *sarandi*, o *açoi*ta-cavalos branco, etc. Para além dessas árvores crescem, em consociação às pastagens, a *Vernonia* e a *Radiada* já colhidas.

Logo que aqui cheguei o alferes me disse ter mandado abater uma vaca, sendo hora de almoçar. Efetivamente passára junto a uma fogueira feita pelos índios, cercada de espetos de madeira atravessando pedaços de carne e que fincados obliquamente na terra formavam uma abóbada acima do brazeiro.

O alferes estendera por terra todo o equipamento de seu cavallo, sob as árvores; após assentarmos trouxeram-nos um espêto passado em enorme pedaço das costelas da vaca recém-abatida. O alferes separou as costelas e nós passamos a comê-las, servindo-nos mais dos dedos que dos garfos.

Ainda esta tarde as pirogas que nos devem transportar ao outro lado não tinham chegado.

Ao ar livre, nas margens do Rio Ibicuí, 10 de Fevereiro. — Ontem à tarde as mulheres dos guaranis que deviam ajudar o transporte das malas e da carruagem chegaram aqui. Em geral os índios não dão um passo sem ser acompanhados por suas mulheres. Em todas as tribus as mulheres seguem om maridos à guerra, como vi entre os Botocudos. Quando o capitão Caiti me acompanhou de Salto Grande à passagem do Chapicuí sua mulher veio também. Os lanceiros guaranis, que vi em Belém, traziam suas mulheres; e quando soldados indígenas das Missões vão fazer guarda em um posto é sempre em companhia de suas mulheres, embora desobedecendo às ordens do marechal Chagas, que comanda nas Missões.

As pirogas, por mim esperadas com tanta impaciência, chegaram esta manhã. As malas e todas as bagagens foram embarcadas imediatamente e passadas ao outro lado do rio. Quando as pirogas voltaram à margem esquerda foram colocadas atravessadas sob a carruagem; dois cavalos foram amarrados pelas caudas a uma das rodas e alguns índios conduziram o veículo, postados por trás, nadando, ao passo que outros mais conduziam os cavalos, também a nado. Foi trabalho insano o da travessia dos animais, tendo se afogado um boi e um cavallo.

Do outro lado do rio existe espessa mata através da qual será necessário abrir-se uma picada para se

chegar aos campos e é infelizmente impossível fazê-la em linha réta porque do outro lado da mata, em frente ao local para onde foi trazida a carruagem, existe um lago que não podemos atravessar. Será preciso abrir caminho paralelamente ao rio e ao lago para depois contornar êste último. Essa picada está indicada por um atalho, pouco frequentado, feito por pedestres e cavaleiros.

Eu e o alferes havíamos já iniciado explorá-lo quando começou a chover. Corri à carruagem, que ainda não estava carregada. Antes que se o pudesse fazer as malas ficaram um pouco molhadas, felizmente os objéto nela contidos não foram prejudicados pela humidade.

O alferes pediu-me permissão para retirar-se, assegurando-me que a picada não ia muito longe do local onde nos achavamos, deixando-me dois índios para completá-la e prometendo-me enviar dois outros amanhã cedo.

Para que os cavalos e os bois pudessem pastar era necessário fazê-los passar além da mata. José Mariano e os dois soldados puzeram-se a tocá-los, fazendo-os seguir pelo atalho onde deve ser feita a picada, cortando os galhos que embaraçavam a passagem. Ao fim de 3/4 de hora, noite feita, José Mariano voltou, furioso, dizendo-me ter andado mais de meia legua dentro da mata, sem poder sair, que os bois e cavalos tinham se dispersado, que talvez não fosse possível pega-los mais, que seriam precisos mais de 15 dias de trabalho para fazer a picada e que havia dentro da mata brejos e ravinas intransponíveis. Assustei-me um pouco com o que me disse êsse empregado, mas como conheço seu costume de exagerar as dificuldades para desencorajar-me, espero que as coisas não estejam mal como diz. Conhecendo também o gênio dêsse homem e que sua

cólera se exorbita à mais ligeira observação, guardei o mais profundo silêncio.

Devido aos milhares de mosquitos existentes nas margens dêste rio, o que me impossibilita de escrever dentro da carruagem, fui para junto do fogo, ao lado de meu aborrecido empregado.

Ao ar livre, às margens do rio Ibicuí, 11 de Fevereiro. — Esta manhã, ao despontar do dia, já eu estava de pé. O tempo mostrava-se extremamente coberto sendo fácil ver que o dia não passaria sem chuva.

José Mariano interpelou-me, com mau humor, si eu não queria ir vêr a picada. Segui-o e constatei que de fáto as cousas passavam-se de modo por que me foram relatadas, não havendo exagêro em nada. A cada dificuldade que encontravamos êle enchia-me de opiniões desanimadoras, às quais tive sempre a prudência de não responder.

As matas que atravessámos são as mais espessas vistas depois de Porto Alegre. Em parte alguma desta capitania as árvores são tão grossas. Os bambus e grandes lianas são aí muito comuns; enfim elas pouco diferem das menos vigorosas florestas virgens do interior do Brasil. Após ter andado $3/4$ de légua saí convencido de que de fáto seriam precisos no mínimo 8 ou 10 dias para acabar a picada.

Chegando às pastagens encontrei os dois soldados. Matias disse-me que os bois e os cavalos estavam perdidos e pareceu-me ainda mais desanimado que José Mariano. Propoz-me conduzir as malas por via fluvial até a um sítio onde não há mata e fazer a picada para o transporte da carruagem vazia. Essa proposta não era desarrazoada, mas compreendia-a mal. Fiz algumas objeções que o agastaram a ponto de dizer-me que eu só fazia o que entendia, por isso ia apanhar seu poncho e seu saco para se ir embora.

Fiquei verdadeiramente aflito por ouvir, do único homem da minha turma que possuía um pouco de senso e de amor ao trabalho, uma tal linguagem e imaginei, angustiado, a situação em que me acharei si êle realmente me abandonar. Tomei tristemente o caminho da mata, sempre precedido por José Mariano. A insolência de Matias tornou aquele mais tratável e começámos a conjecturar sôbre nossa situação.

No caminho achámos nossos cavalos. Ao encontrar Matias disse-lhe que provavelmente eu não o havia compreendido bem, porisso pedia-lhe repetisse seus planos. Aprovei-os e tornamo-nos menos descontentes um do outro.

Chegando à carruagem quiz ir ver si haveria meios de atravessar o lago em algum lugar e na mesma ocasião encontrar os bois.

Entrementes o índio que o alferes prometera mandar-me chegou. Não sendo destituído de inteligência tomou a iniciativa de ir procurar, a cavalo, alguma passagem acima do lago. Voltou sem ser bem sucedido. Êle, Matias e todos os meus camaradas reuniram-se então para induzirem-me a abandonar a idéia de fazer a picada, embarcando as malas e a carruagem desmontada. Como o índio assegurou-me que não seria necessário desmontar a cobertura da carruagem, acedi à proposta.

As malas e as bagagens foram imediatamente embarcadas em uma das pirogas, e eu mesmo tomei lugar numa delas. Conforme disse, o tempo estava já coberto quando levantámos e meia hora depois de embarcados começou a chover torrencialmente. Embora houvesse couros cobrindo as malas receei vivamente fossem atingidas pela água por baixo. José Mariano e os índios conduziam a piroga onde me encontrava; a outra era conduzida por Matias e Firmiano. Remando contra a

correnteza e contra o vento tiveram grandes dificuldades em chegar ao local para aonde nos dirigiamos.

Logo ao desembarcarmos Matias e os outros puzeram-se a fazer uma barraca, coberta de couros, onde as malas foram colocadas sôbre tóras de madeira.

Quando a chuva cessou fui inspecionar minhas malas para ver si havia alguma cousa molhada, e felizmente tudo encontrei intacto.

Com o Firmiano fiquei junto dêsses trastes enquanto o resto da turma voltou em busca da carruagem. Foram infelizmente obrigados a desmanchar a cobertura e não puderam trazer hoje senão os varais, os couros que a compõem, as rodas e o eixo. Estavam todos excessivamente cansados, principalmente Matias, que vem trabalhando há dois dias, sem cessar, e quasi sempre dentro d'água. Esse homem tem os costumes grosseiros de sua região, mas é ativo, inteligente e corajoso; tem presença de espírito e nos momentos difíceis encontra sempre a melhor providência a tomar. E' incontestável que sem êle me seria impossível a viagem.

Ao ar livre, nas margens do rio Ibicuí, 12 de Fevereiro — Os mosquitos estiveram, si é possível, mais incômodos nesta noite que na anterior.

Ao despontar do dia o pessoal foi buscar o que restava da carruagem, regressando pouco tempo após.

O veículo foi novamente montado e teríamos talvez tempo de fazer algumas léguas, mas quis deixar os homens usufruir algum descanso.

Evidentemente desde o começo de todas as minhas viagens nunca tive dias tão atribulados quanto os de ontem e ante-ontem, e a idéia de que a carruagem não seja mais coberta traz-me o receio de ver meus trastes danificados pela chuva.

Temos, eu e os meus, mil vezes censurado acriminosamente o alferes Antonio Bernardino Silva, a quem

devemos todos êsses embaraços. Soube depois que existem muitos outros sítios onde passar facilmente. Como foi êsse homem, perfeito conhecedor da região, indicarnos caminho tão difícil, onde sabia nunca terem passado carruagens? Não posso supor ter agido com maldade, pois que o tratei com todas as atenções possíveis. Fiz-lhe pequenos presentes e prometi-lhe desincumbir-me de alguns serviços que me pediu. Talvez tenha êle julgado que seria êsse o melhor meio de se ver livre de mim; talvez tenha sido leviandade, falta de reflexão, negligência, e sou tentado a acreditar que êsse homem, apesar de ser branco, pertence aos habitantes desta região que têm costumes semelhantes aos dos Gaúchos (1).

Tendo visto muitas plantas em flor, nas margens das matas que guarnecem as sinuosidades do Ibicuí, ia começar um longo passeio quando recebi a visita de um alferes residente a algumas léguas daqui, o qual cummulo-me de gentilezas e testemunhou-me como tomava parte em todas as contrariedades que eu experimentara. Disse-me logo que era da Capitania de Minas, mas antes mesmo de dizê-lo eu o havia notado, pela sua animada conversação e pela sagacidade de seu espírito, que não era o dos desta região. Êsse homem tendo sofrido alguns dissabores em casa de seu pai dela fugira, correndo mundo e vindo há 11 anos estabelecer-se nesta província. Aqui formou uma fazenda, mas tem estado continuamente a serviço do rei, apesar de não ser soldado, pouco tendo trabalhado em benefício próprio.

Os mineiros são obrigados a fazer longas caminhadas para vender suas mercadorias. Um pai faz-se acompanhar de seus filhos para cêdo acostumá-los à vida das caravanas. Êstes logo se desligam da casa pa-

(1) Ao tempo da viagem de Saint-Hilaire, segundo o mesmo, eram denominados gaúchos ou garuchos os homens de maus costumes que perambulavam pelas fronteiras.

terna, porque não tardam a perceber que num País onde é tão fácil viver-se na ociosidade não há necessidade da sombra paterna e à menor contrariedade fogem de casa, distanciam-se dela e frequentemente não voltam. Por isso quasi todas as capitánias do Brasil são povoadas por mineiros.

Apesar de ter gostado muito da conversação do alferes achei que sua visita foi muito demorada, impedindo-me de herborizar e de escrever êste diário.

Estância do Alferes Antonio Francisco Souto, 13 de Fevereiro, 4 léguas. — Conforme disse ontem há grande variedade de plantas ao longo das matas que margeam o Ibicuí, mas à medida que se distancia o número de espécies diminúe.

A região percorrida para vir até aqui é quasi chata e oferece no momento verdejantes pastagens, a perder de vista.

Ao distanciar-mos do Ibicuí, avistámos ao longe três pequenas montanhas arredondadas, tendo a fórma semelhante à dos *Três-Cerros*, e que ficam do outro lado do Uruguai. Um pouco mais longe passámos em um lugar denominado Santa Maria, onde havia outrora uma capela. Vêm-se aí ainda duas pedras em feitio de prisma quadrangular, uma de cêrca de 4 pés e outra de quasi 5. Sôbre um dos lados de cada uma estava esculpida, com cuidado, uma cruz acompanhada dos instrumentos de paixão e as duas cruzes tinham a inscrição seguinte.

... Inri 1868, en el govienº d. Snr. Gr. D. Fº Bruno de Labasa se reconnosierod los linderos del Ybicuí y nos dionue va possexion juridico.

Mais adeante lê-se sôbre a grande cruz:

Adinºn Jph Benites capº, comº, Mig. Yeguaca. Ten. Dº. Joaq. Guarascuye citoe 1º voto Benito Al Cotoe 2e.

Conrado Arriguayn Alf. de Andº. Real Raymondo Nin y secrº. Bartholome Hata.

Eis, segundo o alferes, o que deu logar à ereção dessas duas pedras.

As pastagens que se estendem entre os rios *Ibicuí* e *Butuí* pertencem ao *Povo da Cruz*, situado em frente dêsse terreno, do outro lado do Uruguai. As que formam a margem direita do *Ibicuí* pertenciam, como disse já, a *Yapeju*. Os *Minuanos* e os *Charruas*, tendo feito algumas incursões nas terras dessa última aldeia deram aos seus habitantes permissão para fazerem pastar seus rebanhos sôbre as terras de *Povo da Cruz*, e como em seguida sobrevieram dificuldades a respeito dos limites dos terrenos onde poderiam pastar os rebanhos, resolveu-se fixá-los por meio das duas pedras de que tratei linhas acima. Foi construída aí uma capela e cada povo tinha nesse lugar um *capataz* encarregado de impedir a violação das divisas.

Hoje o rio *Ibicuí* demarca dêsse lado a província portugueza das Missões, que se compõe de 7 aldeias e faz parte da Capitania do Rio Grande. Essa província subdivide-se em diversos distritos e o que percorri hoje tem o nome de *Rincão da Cruz*, porque depende, como disse, da aldeia dêsse nome.

O *Rincão da Cruz* fica compreendido entre o *Ibicuí*, o *Uruguai*, o *Butuí* e o *Itú*, tem fórma quasi quadrada e conta cerca de 30 estâncias. As pastagens são aqui excellentes, as melhores mesmo de toda a província. Contudo não apresentam a delicadeza das de Montevideu e si não fossem as queimadas anuais a terra talvez não produzisse senão uma erva dura e espessa.

A Gramínea atualmente em flor e que cobre os terrenos húmidos, possúe coímo duro e folhas ásperas que não dão para engordar o gado como as folhas tenras dos

styres (1). Mas as pastagens de Montevideu são de tal qualidade que nunca devem servir de termo de comparação e podem ser encontradas outras excelentes, mórmente si se tem, como aqui, o cuidado de queirná-las todos os anos.

Pela primeira vez vi hoje um *rodeio*; os animais que foram arrebanhados eram grandes e de boa raça. As vacas parem aos dois anos e seu leite é grandemente gordo, servindo para o fabrico de bons queijos. O gado que vi no rodêio se achava em repouso, cercado de peões. No lugar onde estavam os animais, o terreno era batido e nú, o que não é para se admirar, pois que é sempre no mesmo local que se os prendem.

Entre os animais duma estância deve-se contar cerca de metade em machos. Aqui, disse-me meu hospedeiro, pode-se marcar, anualmente, um quarto do rebanho existente. Quando um estancieiro possui 4.000 bovinos póde marcar anualmente 1.000 novos, donde saem 100 para os dizimeiros. Dos 900 restantes as vacas (cerca de 450) occuparão os lugares das que são abatidas ou morrem. Dos 450 machos são deduzidos 50 que morrem de moléstias naturais, ou por acidente de castração. Poderá então o estancieiro vender anualmente 400 bois ou um décimo de seu rebanho normal, cálculo que difere extremamente, a menos, dos fornecidos pelos agricultores de Porto Alegre. Mas é de crêr-se seja errônea a conta desses últimos, pois *também* não confere com as dos criadores espanhóis, possuidores de excelentes pastagens.

Si as terras desta região são tão favoráveis à criação do gado não o são menos para as culturas. O trigo, o milho e o feijão nelas prosperam bem. Em parte alguma comi melões tão gostosos, os quais medram indepen-

(1) NOTA DO TRADUTOR — Planta forrageira, de boa qualidade, do Uruguai.

dente de cuidados especiais e são de belo aspecto. Pode-se cultivar a mesma terra durante 6 anos a fio sem necessidade de adubação nem de alqueive. O alferes experimentou por várias vezes a cultura do algodão, a qual prosperou bastante mas as geadas mataram as capsulas antes da maturação.

Como disse, há onze annos o Alferes Antonio Francisco Souto veio estabelecer-se nesta região. Informame que dêste tempo para cá a provincia tem estado em decadência. Foi invadida duas vezes pelo inimigo; havia falta de gente, motivo pelo qual foram arregimentados os Guaranis para os trabalhos agrícolas. Tornando-se em soldados os índios acabaram por perder o que lhes restava dos seus velhos costumes. Os jovens não aprenderam a trabalhar o solo e deixaram-se ficar na mais absoluta ociosidade. Além disso, muitos homens que não queriam entrar para o serviço militar fugiram, dispersando-se em diferentes partes da Capitania. Os casamentos tornaram-se pouco comuns, as índias prostituíram-se, as moléstias venéreas progrediram e a população diminuiu dum modo sensível.

A história exprobará ao Marechal Chagas, como atrocidade, o incêndio de aldeias indígenas situadas à margem direita do Uruguai.

Os templos, as casas, as bibliotecas que os Jesuitas haviam deixado em cada aldeia, nada foi respeitado.

Chagas executou por sua iniciativa tão horribéis excessos ou recebeu para isso instrução do Govêrno?

Não se pode responder a essa interrogação com segurança, mas é possível conjecturar-se a respeito. Esse homem é official de engenharia e é tido como culto e de costumes moderados. Não é pois verosímil que tenha encontrado prazer nas barbaridades cometidas. Não é crível que êle tenha só para isso se arriscado a perder

o lugar e as boas graças do soberano. É bem provável tenha agido a mandado do Ministério, que imaginara êsse processo horrível para se ver livre dos perigosos vizinhos da província das Missões.

O Ministério provou não ter deplorado a conduta de Chagas, deixando-o no comando por muitos anos após o incêndio das aldeias.

Eis a lista dos comandantes que passaram por esta província depois que os portugueses tornaram-se senhores dela: Saldanha, sargento-mór do corpo de engenharia; Joaquim Felix da Fonseca, tenente-cel. do corpo de engenharia; João de Deus, capitão de dragões; Tomás da Costa, coronel; Joaquim Felix da Fonseca (pela 2.^a vez); e Francisco Chagas dos Santos.

Chácara de Pedro Lino, 14 de Fevereiro, 3 léguas. — A casa do alferes não passa de pobre palhoça, sua família é numerosa, e ontem à tarde chegaram vários vizinhos. Os homens dormiram uns fóra, em um galpão, outros no chão dentro da casa, as mulheres em leitos forrados de couro e houve lugar para todos.

O tempo esteve tempestuoso, chovendo toda a noite, mas, como Matias havia arranjado cuidadosamente os couros que cobrem as malas e os trastes, nada apanhou humidade.

Após agradecer muito ao alferes e sua família, parti acompanhado de seu filho que me serviu de guia até aqui.

Persiste o aspecto chato do terreno, sempre coberto de pastagens imensas e do mais belo verde.

Encontram-se plantas floridas, porém, pouco numerosas. Tais são principalmente *Vernonias*, *Verbanáceas* e as *Leguminosas* n. 2625 bis e n. 2625 ter.

Parámos, para descanso dos bois, em uma chácara pertencente à estância onde devemos passar a noite.

Encontrámos um grande galpão, onde abrigámos a caruagem, e uma palhoça onde se achava um velho índio com seus filhos e sua mulher.

Como o tempo estava tempestuoso, e os trastes abrigados, achei melhor não ir adiante.

No galpão estavam inúmeros surrões de trigo, colhido aqui. A *ferrugem* causou grandes danos à última colheita, mas os trigais desta chácara escaparam ao ataque.

Os sacos ou surrões nos quais os cultivadores desta Capitania guardam o trigo são feitos com couros inteiros, costurados com cordões estreitos, também de couro.

A palavra indígena *chácara* significa propriamente — plantação. Pouco a pouco os portugueses e espanhóis alargaram-lhe a significação e hoje as mais pinturescas casas de campo dos arredores do Rio de Janeiro são chamadas chácaras.

Fazenda do Salto, 15 de Fevereiro, 6 léguas. —

Um terreno muito plano, pastagens a perder de vista e de um belo verde.

Alguns sítios um pouco pedregosos.

De Montevidéu a Ibicuí sómente encontrei matas às margens dos arroios e rios, mas aqui começo a encontrar êsses bosquetes chamados *capão*. Como sempre, ocupam as terras baixas e os lugares húmidos e abrigados. Sua verdura não oferece as colorações alegres e doces dos bosques de Montevidéu, não são sombrios como os capões dos campos gerais, mas sua folhagem tem já o verde escuro característico da vegetação das matas da zona tórrida.

Parei alguns instantes na estância do proprietário da chácara onde pernoitei ontem e pedi um vaquiano para conduzir-me até à estância dum padre, em casa

de quem conto pernoitar. Antes de chegar a esta estância vi um imenso rebanho de vacas e bois, no pasto, indicando dêsse modo a grande opulência do proprietário.

Os edificios da estância parecem, de longe, muito mais importantes do que os da maioria das estâncias por mim vistas. Ao chegar, reconheci, entretanto, não passarem de simples choupanas, mal conservadas, porém, em grande número.

Procurei pelo *padre Alexandre* e vi aparecer um homenzinho de cerca de 55 anos, barrigudo, de cabelos brancos, cabeça forte, rosto pálido e alongado, estampando dureza e orgulho.

Pedi-lhe, o mais polidamente possível, permissão para passar a noite em sua casa, mas êle recusou-me bruscamente, dizendo não haver lugar, que frequentemente dormia ao relento e que eu podia fazer o mesmo. Insisti, dando-me a conhecer, em pura perda. A cada resposta dada mostrava mais insolência. A revoltante ironia que imprimia às suas palavras terminou por esgotar-me a paciência. Não guardando mais respeito algum e afetando chamá-lo sómente *padre* e *você*, para irritar-lhe o orgulho, critiquei acremente sua falta de hospitalidade e caridade. Após dar-lhe os nomes mais aviltantes montei novamente a cavalo. Matias ficou para trás e, ouvindo o padre fazer-me grandes ameaças, teve ocasião de dizer-lhe que si fosse preciso mostrariamos não sermos poltrões.

Cumpre notar: os dois únicos homens que me recusaram hospitalidade durante minhas longas viagens foram — um materialista e um padre, mas com a diferença que fui bem recebido pelo materialista quando êle soube quem eu era, enquanto o padre a nada se dobrou.

Esse cotejo não deve causar surpresa; um mau padre é o peor dos profanos, pois que se torna num sacrilego contumaz.

Seria talvez injusto julgar o padre Alexandre apenas por um ato, mas eu já sabia, dito pelo alferes, que esse homem abusava dos sacramentos e que tendo permissão para realizar batizado em sua fazenda, não os fazia por menos de 8\$000. Entretanto foi êle cura de São Borja durante muito tempo.

São dessa espécie os homens enviados às Missões em substituição aos Jesuítas!

Saindo da casa do padre Alexandre perguntei ao meu guia si não haveria alguma estância nas vizinhanças. Respondeu-me que a acharíamos cerca de uma légua de lá, tendo eu lhe pedido nos levasse até à dita.

Em caminho disse-me não ser o único mal recebido pelo padre, referindo que quando os viajantes lhe pediam qualquer coisa para comer mandava-os colher pêssegos, fruto de tal modo abundante na região que se torna verdadeiro insulto não oferecer outra coisa. Entretanto acrescentou que eu teria sido melhor recebido si não tivesse esquecido uma formalidade essencial. Perguntei-lhe qual era. "Mandar alguém saudar respeitosamente o padre Alexandre e só entrar no pátio da estância depois que êle próprio dêsse permissão".

Felizmente tive aqui uma recepção que compensou a péssima acolhida do padre.

Esta estância, outrora rica em gado, perdeu muito com a invasão inimiga, esgotando-se principalmente em consequência das requisições feitas pelas tropas que combateram nesta província.

Próximo corre um arroio que os portuguezes chamam *Arroio do Salto* e os índios: *Itaroró* (pedra que ronca), devido a uma pequena cascata aí formada pelas águas tombadas do alto de um rochedo. Êle é guarne-

cido de árvores muito cerradas, dum verde muito sombrio, entre as quais notei muitas *Mirtáceas* e as *Rubiáceas* n.º 2623 e n.º 2639.

Fazenda do Deumario, 16 de Fevereiro, 3 léguas. — Após ter atravessado desertos acha-se grande satisfação em percorrer uma região onde alguns sinais de trabalho e de indústria anunciam a presença do homem. Tal o prazer que experimentei pouco a pouco, à medida que me distanciei do Ibicuí.

Vi ainda hoje o local de um rodêio. Gado manso pascentando aqui e acolá.

Passámos próximo de uma estância, e a em que poisámos fica a cêrca de 3 léguas da do Salto. A região continúa plana e coberta de pastagens onde se veem alguns capões.

Ainda hoje fui tão bem recebido quanto ontem. Ao chegar fizeram-me tomar mate; logo após almoçámos carne cozida e frutas. À tarde jantámos bem, sendo servidos vários pratos de carne, feijão, arroz, abóbora, pêssegos, figos, melões e melancias. Não faltou o vinho e havia à mesa pão, biscoitos e farinha de mandioca. O arroz fôra colhido na região, assim como o trigo que servira ao fabrico do pão e dos biscoitos.

Meu hospedeiro queixa-se da *ferrugem* mas disse-me que no ano anterior semeara uma espécie de trigo chamado *trigo-manso*, recentemente introduzido na região e que não era atacado pela *ferrugem*, embora fosse plantado em terra limitrofe e uma cultura de trigo comum, quasi inteiramente destruída pela moléstia.

Apesar de estar na Capitania desde sua infância, meu hospedeiro, que é europeu, prefere a agricultura à pecuária. A vida pastoril, tomando o vocábulo em sua verdadeira acepção é própria dos primeiros estágios da civilização, quando as regiões estão ainda despovoadas. Quando a população aumenta e as terras se dividem, é

preciso dedicar-se à agricultura, que exige maiores conhecimentos que a criação de animais, conduzindo, portanto, o homem ao aperfeiçoamento. As magníficas pastagens que cobrem as capitânicas de Rio Grande do Sul e Uruguai convidavam naturalmente os primeiros povoadores à criação do gado, mas contribuíram para um estado retrógrado, fazendo-os deixar a vida agrícola propriamente dita pela pecuária, verdadeiro retôrno à barbaria, aliás muito mais sensível entre os espanhóis, que chegam a se confundirem com os índios.

Em geral o europeu, tendo aprendido um ofício ou tendo sido criado em meio puramente agrícola, conserva sempre um certo desprezo pelos costumes grosseiros desses homens que, nunca tendo onde exercitar sua inteligência, levam uma vida pouco diferente da dos selvagens. Todavia não acontece o mesmo aos filhos de europeus. As primeiras coisas que se oferecem as suas vistas são cavalos e gado, induzindo-os a imitar tudo o que veem, aprendendo a montar tão bem quanto os que lhes cercam, pois não vendo elogios senão para isso entendem não existir outras habilidades.

Aliás a infância achará sempre inexpressável prazer no sentimento de sua superioridade. Esse prazer é experimentado quando a criança torna-se dona de um cavalo, quando ajuda a fazer o rodêio, a matar um boi e retalhá-lo. Um pai europeu não deixa, na verdade, de falar à sua família a respeito de sua pátria, exaltando-lhe as vantagens e demonstrando desdém pela América. Mas seus filhos não sendo europeus e sim americanos irritam-se com o desdouro dos pais, por sentirem-se humilhados. Daí esse ódio frequente contra os pais, conforme fala Azara, entre as crianças americanas filhas de europeus.

Grande número de índios atravessaram o Uruguai em Salto e em Guaraim em busca da proteção portugê-

sa, passando a cerca de uma milha de São Borja, guiados por um mestiço chamado *Siti*, ao qual dão o título de coronel. Meu hospedeiro relatou-me o seguinte a respeito dêsse tal *Siti*:

Nasceu em uma das aldeias das Missões, situada entre o Uruguai e o Paraná. Entretanto serviu nas tropas de Rio Grande, desertando em seguida, refugiando-se em sua terra. Aderiu então a Artigas mas cansado de fazer uma guerra sem nenhum futuro abandonou seu chefe com o intuito de restabelecer as aldeias das Missões, hoje em ruínas. Reunira um dia sua tropa para dizer aos índios ser livre a retirada daquêles que quisessem seguir Artigas. Como alguns homens aceitassem essa franquesa, *Siti* negou-se a permitir que levassem as respectivas armas, por não ser justo, dizia, fornecer armas ao inimigo. Conseguidas as armas massacrou-os quando se retiravam, já a uma certa distância do local. Depois submeteu-se a Ramirez com a condição de poder restabelecer as aldeias indígenas de Entre-Rios, destruidas pelos portuguezes e não ser obrigado a pegar em armas durante dez anos.

Ramirez esqueceu-se logo do tratado firmado e, tendo tomado a resolução de fazer guerra aos paraguaios, quis obrigar *Siti* a tomar parte na mesma. Êste apelou para sua lealdade mas Ramirez atacou-o e bateu-o. *Siti* pediu asilo ao Marechal Chagas que lhe permitiu refugiar-se em terras portuguezas. Apressando-se em ganhar as margens do Uruguai foi perseguido pelo inimigo e as tropas de Corrientes atiraram sôbre os índios quando atravessavam o rio. Mas o marechal, tendo enviado barcos para facilitar a passagem, mandou dizer aos correntinos que si não cessassem de fazer fogo seriam repellidos por seus soldados.

Aí as tropas de Ramirez retiraram-se e os índios acabaram de passar livremente.

O marechal havia tomado armas em nome do rei, mas poude deixar *Siti* estabelecer-se em uma das aldeias Missões, dispersando seus índios pela província, os quais foram recebidos como peões nas estâncias, afóra uma centena dêles que foram admitidos no regimento de Guaranis-portuguêses.

Essa última atitude é censurada pelos brancos, acórdes em afirmar não ser possível contar com a lealdade de homens que durante muito tempo guerrearam os portugúeses, afeitos a todas as espécies de latrocínios e absolutamente infensos à boa fé. Acrescentam que o aprendizado d'armas e o conhecimento do país os tornarão em perigosos inimigos. Cabe ao govêrno portugúês o direito de tomar medidas de garantias contra êsses homens, começando por distanciá-los das fronteiras.

Havia a idéia, do Conde de Figueira, de lançar as bases de uma aldeia indígena em Torres, para o que enviou para ali alguns prisioneiros feitos em Taquarem-bó. Não será a melhor oportunidade parece-me, para povoar Torres com índios de *Siti*, ou ao menos uma parte dêles? A região não é diferente daquela de onde vêm os índios, de modo que será fácil acostumá-los nela.

Sem esperança de retôrno à terra natal tornar-se-ão fatalmente aportunuesados e tratarão de cultivar as terras dêsse distrito, proporcionando ao viajante, que vai de Laguna a Porto Alegre, recursos atualmente inexistentes.

Segundo me asseguraram não foi sómente depois do domínio portugúês que os brancos se assenhorearam das terras dos índios. Onde hoje existem estâncias portugúesas havia outróra outras habitadas por espanhóis. Êstes retiraram-se à aproximação dos portugúeses e os homens dessa naturalidade obtiveram dos comandantes permissão para se fixarem nas terras abandonadas.

CAPITULO XVI

Margens do rio Butuí. — Estância de São Donato, do marechal Chagas. — Estância de Butuí, margem direita do rio dêsse nome. — As pelotas, barcos de couro cru. — S. Borja. — Igreja. — Notável partido que os Jesuitas sabem tirar da imbecilidade dos índios. — Música. — Decadência das Missões depois que abandonaram o sistema dos Jesuitas. — Mistura com os brancos. — Moléstias. — Despoamento. — Retôrno à barbaria. — Caráter infantil dos Guaranis. — Opinião do coronel Paulette. — Descrição da aldeia. — Estância de Santos Reis. — Velha plantação de mate. — Regimento dos Guaranis. — Suas mulheres. — Bicharia. — Ruina da região devido às requisições militares. — Observações obtidas por intermédio do Cura de São Borja. — Ramirez.

Margens do rio Butuí, 17 de Fevereiro, 6 léguas. — Partimos pela madrugada, aproveitando o magnífico luar, afim de possibilitarmos o descanso dos bois na estância de São Donato, pertencente ao Marechal Chagas (1).

(1) NOTA DO TRADUTOR — No original este parágrafo vem no final do capítulo XV começando o XVI em desacôrdo com o método jornalístico adotado pelo Autor. Como o primeiro subtítulo do presente capítulo indica que tal divergência é devida a defeito da paginação deliberamos corrigir esse defeito na tradução.

Persistem as planícies. As forragens não são finas nem tão tenras quanto as dos arredores de Montevidéu, mas mostram-se abundantes e de magnífica coloração verde.

Antes de chegarmos a São Donato passámos deante de úa mata maior que o comum dos capões, onde vi belas árvores. Os tons da vegetação tinham, já, começado a mudar, um pouco aquém de Rio Negro, mas foi principalmente depois que entrei na zona das Missões que notei diferenças mais sensíveis. Nas matas a verdura é escura; nas pastagens mostra-se sem dúvida magnífica mas, não possúe a alegria das dos campos do Rio da Prata. Excetuada a *Verbena n. 2646* quarto e a *Marsilácea n. 2652*, comum nos brejos, semelhante à *quadrifolia*, não vejo atualmente planta alguma pertencente à flora européia. A vegetação si ainda não é dos trópicos ao menos aproxima-se infinitamente dela. Depois de Ibicuí não vi mais o *salgueiro* número 2132 sexto.

Era intenção minha passar a noite na Estância mas renunciei a tal idéia vendo-a cheia de baratas, insetos de que há muito eu não ouvia falar.

Fui bem acolhido pelo capataz, recebendo até oferecimento de pêssegos, figos e melancias. De todas as regiões até agora percorridas por mim, na América, não encontrei outra em que os frutos europeus produzissem tão bem quanto aqui. Os figos são também bons em Minas. As melancias são as melhores que tenho comido. Os melões não têm nenhuma rugosidade mas são muito doces. Conquanto não se dispense cuidado algum aos pessegueiros êles se curvam ao pêso dos frutos e são absolutamente superiores aos nossos "pêchers de vigne" (1).

Cinco léguas de terreno comprehende a estância do Marechal, abrigando 6.000 bovinos e 200 cavalos, valen-

(1) NOTA DO TRADUTOR — Variedade de pêssegos, semelhante ao nosso vulgarmente chamado "salta-carroço".

do 88.000 cruzados. O Marechal nunca contribuiu para os fornecimentos de carne às tropas e vende anualmente 500 bois a "demi double pièce" o que dá uma renda de 250 "doubles" (1). Precisa, para o serviço da Estância de um capataz a um "double" por mês de 10 peões a 8 patacas, dando um total de 36 "doubles". Deduzindo essa soma de 250 restam 224, lucro líquido da fazenda, representando isso juros de 8%, no caso de ter custado ela 88.000 cruzados, o que não é admissível.

Deixando a estância do Marechal encontrei ainda excelentes pastagens, povoadas de gado numeroso, sem dúvida pertencente à dita estância.

Em seguida passámos próximo a charcos onde fomos atacados por mosquitos, retornando enfim ao rio Butuí (*rio dos moscardos*). Esse rio corre entre duas fileiras de matas, cheias de líanas e de bambús, onde se veem árvores muito grandes, pouco diferindo das florestas virgens.

No sítio onde parámos o Butuí não tem largura superior à do Essone deante de Pithiviers. É ordinariamente vadeável mas as últimas chuvas ocasionaram tal enchente que impede seja atravessado a váu. Amanhã teremos pois novas dificuldades. Hoje passámos os cavalos e os bois, tendo Joaquim, o índio, ido dormir do outro lado do rio.

Estância de Butuí, à margem direita do rio Butuí, 18 de Fevereiro. — O rio Butuí tem curso pequeno e desemboca no Uruguai. Nenhum outro nome calharia melhor a esse rio, pois em parte alguma tenho visto tão consideravel número de mosquitos. (Butuí não significa mosquito e sim moscardos; entretanto quando passamos por esse rio não vimos nenhum moscardo).

(1) N. T. — Moeda franceza, antiga, equivalente a 48 francos.

Mesmo trabalhando no meio de fumaça, como fiz ontem à tarde, para escrevêr êste diário, fui por êles picado e durante a noite não nos deixaram sossegar.

Ao raiar do dia começámos a descarregar a carroça e meus frastes passaram para uma dessas pirogas improvisadas, tão em uso nas capitánias de Montevideu e do Rio Grande nos lugares onde não existe outro meio de atravessar o rio.

A *pelota*, êste o nome dado a tais pirogas, é simplesmente um couro crú em que se ligam as quatro pontas, tomando dêsse modo a fórmula de um barco, com feitiço aproximado das sacolas de papel onde se embrulham biscoitos. Enche-se a pelota de objéto, amarra-se uma corda ou uma tira de couro a uma de suas extremidades e um homem, a nado, fá-la passar o rio, tendo a ponta da corda presa aos dentes.

Para facilitar o trabalho meus homens estenderam uma corda de um lado a outro do rio com o fito de diminuir o esforço da natação, apoiando-se nela para descansar. Eu mesmo passei o rio sentado numa pelota chegando sem novidades à outra margem, bem como as bagagens e carroças. Matias, José Mariano e Firmiano alternaram-se na passagem da pelota.

Devido ao cansaço de meus camaradas não quis ir mais longe e parei na segunda estância do marechal. Aí não encontrámos carne alguma, sendo preciso cozinhar feijão, o qual sómente às 5 horas ficou pronto. Não pude deixar de admirar a paciência com que todo mundo suportou a fome após tanto trabalho.

O capataz e os peões desta estância estão ausentes não havendo aqui senão um enfermo e algumas índias muito bonitas, as quais vieram sentar na margem do rio durante o tempo em que eram transportadas as bagagens, e, não obstante meus homens estarem nus e lhes dizerem

algumas pilhérias indecentes, só se retiraram quando viam tudo terminado.

Pouco depois voltaram ao rio, entrando n'água sem se preoccuparem com a própria nudez. Ensaboaram os cabelos, trançaram-no, e voltando à estância vestiram roupas limpas. Tudo isso demonstrando o desejo de serem conquistadas. Não nas vi fazer nada, além de andar atôa e dormir. À tarde dansaram com meus homens, não sendo difícil adivinhar como foi terminado o dia. . .

A castidade, que nos faz resistir aos mais violentos desejos, é de todas as virtudes a que mais exige a preocupação obsidente do futuro. Como poderiam os índios ser castos si para elles a idéia do dia de amanhã quasi não existe?

São Borja, 19 de Fevereiro, 4 léguas. — Firmiano (1) assegura-me que estou enganado a respeito de nossas hospedeiras de ontem, pois José Mariano e Neves perseguiram-nas durante uma parte da noite, encontrando a mais bela resistência. Custou a acreditar nisso, mas, a ser verdade não sei como explicá-la.

Durante algum tempo atravessámos boas pastagens, alcançando em seguida um riacho chamado *Passovai* (*vau ruim*) tendo a carruagem dificuldade em passar. Próximo existem algumas cabanas de índios. Em quasi todas essas habitações veem-se rêdes, onde sempre está uma mulher deitada indolentemente.

Excessivo calor fatigou extremamente os bois, motivo pelo qual foram desatrelados. Tomei a dianteira com o Matias deixando os outros criados abrigados sob pessegueiros, já destituídos dos frutos.

Tenho por várias vezes observado ser raríssimo os brasileiros aguardarem a maturação dos frutos para co-

(1) NOTA DO TRADUTOR — No original está *Mariano* mas o sentido autoriza-nos a corrigir esse engano, talvez tipográfico e razoável em face da semelhança dos nomes. Além disso o Autor nunca se refere a José Mariano d'esse modo.

lhê-los. Isso demonstra que êles não são capazes do mais insignificante sacrifício para o futuro.

Após deixar a carruagem entrei logo em um brejo de cerca de uma légua de comprimento, onde meu cavalo atolou profundamente. Daí avistámos já a igreja de S. Borja, e a um quarto de légua aquêem dos brejos chegámos à aldeia.

As primeiras casas por onde passámos são apenas pobres choupanas, esparsas aqui e acolá, junto às quais não se vê plantação alguma. Chamou-me a atenção seu estado de decadência e abandono. Só se veem soldados e fuis; a cada passo encontrámos sentinelas e deante da casa do comandante, outrôra residência dos Jesuitas, estão enfileirados diversos canhões.

Fui apresentar meu passaporte ao comandante, coronel Paulette, velho oficial de marinha, ex-ajudante de campo do Sr. Sampaio, então governador do Ceará, hoje capitão-geral da capitania de Goiaz.

Na viagem empreendida pelo Conde de Figueira às missões, para expulsar os espanhóis, constatou a fraqueza e apatia do Marechal Chogas, e, descontente com sua administração, substituiu-o pelo Sr. Paulette, reconhecido como mais capaz.

Infelizmente aqui estando há pouco tempo não pude ainda conhecer bem a região; por isso não devo dêle esperar muitos ensinamentos.

Pareceu-me frio. Entretanto recebeu-me muito bem, mandando me reservar um quarto junto ao seu, no velho convento dos Jesuitas. Fez conduzir meus animais a uma estância das vizinhanças, convidou-me a fazer refeições em sua companhia, prometeu mandar fazer novo eixo e nova coberta para minha carruagem, além de mandar fornecer carne aos meus empregados.

Troquei, há alguns dias, vários de meus bois, que se achavam cansados, por outros mais novos mas ainda

não domesticados. Quando a carroça foi desatrelada um d'elles tornou-se furioso, precipitando-se para o pátio do antigo convento, e teria me apanhado si eu não me refugiasse num pequeno quarto próximo.

Ao cair da tarde entrei na igreja, que estava aberta, e a grandiosidade d'esse edificio, semi-destruido, causou-me profundo sentimento de surpresa e de respeito.

São Borja, 20 de Fevereiro. — Começarei êste relato pela descrição da Igreja de São Borja.

Para nela entrar sobem-se três degraus de pedra, passando um vasto átrio sustentado por quatro filas de colunas de madeira, da ordem dórica, colocadas duas a duas sôbre o mesmo pedestal. Êsse átrio confina com três portas esculpidas e pintadas, sendo úa maior correspondendo à nave principal e as outras duas às naves laterais. Entre as portas vêem-se, nas parêdes, figuras colossais de santos, pintadas de modo grosseiro. A igreja é construida de alvenaria de pedra, mas, não havendo calcareo na região, o emboço é feito de barro. Por baixo dos muros vai uma argamassa composta de areia, argila e bosta de vaca, que, asseguram-me, nem a mais forte e duradoura chuva é capaz de estragar. Não há campanário, nem torre que o substitua. Os sinos foram collocados no patéo do velho convento, sob um telheiro quadrado, onde vão dobra-los, tendo para acesso uma pequena escada de madeira.

Quanto à pavimentação interior é feita de ladrilhos desiguais; a abodada é alta, mas de madeira porque a falta da cal impede fazê-la de pedras. Conteí 160 passos da porta principal ao altar-mór e 43 de uma parede lateral à outra. A nave principal é separada das laterais por oito arcadas sustidas em colunas de madeira, de ordem jônica, colocadas duas a duas sôbre um mesmo pedestal.

Não possui côro e os altares são apenas 3, um para cada nave. As imagens dos santos que ornaram o altar-mór são muito mal esculpidas, mas o altar é guarnecido de ornamentos extremamente doirados, elevando-se até á abobada.

Sob uma das arcadas, a mais próxima do altar-mór, existe uma tribuna isolada e de fôrma oval, destinada aos músicos. De cada lado da igreja fica uma sacristia, estando a da esquerda cheia de pedaços de uma multidão de santos, de todos os tamanhos, pintados e em madeira. Vi um cujos braços eram móveis, parecendo me representar Pilatos ou Judas, e era provavelmente destinado a figurar em uma dessas farças pias com que os Jesuitas divertiam os índios.

Embora ainda mantida com assêio essa igreja há muito não sofre reparação alguma. A falta da cal, obrigou, como disse já, os Jesuitas ao uso da madeira na abobada e nas colunas, delas caindo continuamente pedaços. É de crer-se que breve êste templo estará em ruínas.

A gente não pôde deixar de se surpreender quando considera que todas as aldeias das Missões, com os edifícios nelas construídos, são obra de um povo selvagem orientado por alguns religiosos. Era preciso que êstes conhecessem todos os ofícios e tivessem paciência de ensinar aos índios, fiscalizando a execução de cada peça e a sua colocação nos devidos lugares, pois os índios são incapazes de conceber um plano, visto não possuírem noção do futuro.

Ontem à tarde a banda do Regimento dos Guaranis veio ao pátio do convento, e, em presença do Coronel, executou o hino do regimento, com muito gosto e segurança.

Fui hoje à missa durante a qual alguns meninos cantaram árias portuguesas, com voz muito boa e muita afinação.

Os Jesuitas, como os antigos legisladores, serviam-se da música para abrandar os costumes dos Guaranis e para cativá-los. Tal processo deu bons resultados principalmente porque essa tribo possui grande vocação para a arte musical.

Como os índios não ouviam o som dos instrumentos, pelos quais eram apaixonados, senão nas cerimônias religiosas, logo tomaram a musica como parte essencial do culto divino, tornando-se afeiçoados ao ofício sacro e cristãos, tanto quanto podiam ser.

Após o desaparecimento dos Jesuitas o amor à música persistiu entre os guaranis, por assim dizer — sem mestres. E a aprendizagem da música tornou-os também soldados, como outróra fê-los cristãos.

São Borja, 21 de Fevereiro. — O Sr. Paulette, com o qual conversei muito, conhece bem o caráter dos índios. Já é uma grande vantagem para governá-los, mas ainda não é tudo: será preciso encontrar meios que, no estado atual das coisas, combinem com êsse caráter.

Entre os comandantes que precederam o Sr. Paulette vários eram homens instruídos, de vistas largas, e excelentes intenções. Entretanto depois do domínio português nesta província (Missões) ela se empobrece cada dia a sua população decresce de modo assustador. Quando da expulsão dos Jesuitas a população subia a 8.000 almas.

Durante os oito primeiros anos os espanhóis seguiram exatamente o plano traçado pelos Padres da Companhia de Jesus e o número de índios das Missões aumentou em vez de diminuir, mas depois, sendo sempre governada por protegidos dos vice-reis de Buenos Aires, desejosos de fortuna, entrou em decadência. Abando-

nados os sistemas dos Jesuitas, os índios foram explorados, por todos os modos, dispersando-se. O casamento não era mais recomendado como um santo dever, os brancos misturaram-se com êles apoderando-se de suas terras, levando-lhes vícios e moléstias destruidoras

Quando os portuguezes se tornaram donos das sete aldeias da margem esquerda do Uruguai aí encontraram apenas 14.000 almas. Então os índios já não eram os mesmos de outróra; haviam perdido inteiramente os costumes de origem jesuítica, regredindo à barbaria. Atualmente a guerra muito contribue para acelerar sua decadência. A população das Missões portuguezas é hoje ainda de 14.000 almas.

Todos os habitantes de Entre-Rios passaram, como disse, para o lado de cá do Uruguai, calculando-se seu número em cerca de sete mil, tendo portanto a população total da região conhecida pelo nome de Missões do Paraguai ficado reduzida ao décimo do que era ao tempo dos Jesuitas.

Como remediar, nas atuais circunstâncias, tantos males? Confesso não ver nenhum meio. A civilização não nasceu para índios, visto ser fundada inteiramente na concepção do futuro, que lhes é absolutamente estranha. Cercados de homens civilizados os selvagens não pódem volver completamente ao estado de bárbaros. Até serem completamente absorvidos pelos brancos terão de viver de modo muito peor que a vida selvagem, visto terem perdido a inocência peculiar aos seus ancestrais quando viviam em plena floresta, e visto não possuírem qualidades necessárias à vida em sociedade, da qual entretanto não pódem sair.

Os guaranis apenas pódem ser comparados às crianças de nossa raça; mas a criança desperta interesse porquanto será homem um dia. O índio, ao contrário, conservando a ingenuidade da criança, mesmo na idade

adulta, não provocará sinão desprêso, aproveitando-se de sua fraqueza para oprimí-lo.

Verdade é que mesmo no estado atual êle exige pouco conforto. Podendo dividir com uma companheira sua cabana mal construída e asseada, possuindo alguns andrajos, vendo um pedaço de carne suspenso ao seu tétó, tendo sua cabaça cheia de mate, será mais feliz do que o mais potentado branco, cercado de aduladores e seduçõs. Todavia êsses escassos confortos são suficientes para levá-lo a uma sociedade tendente à desapareição, porque para mitigar sua fome precisará trabalhar, submetendo-se à opressão.

"Sabemos, dizia-me o Sr. Paulette, como a província das Missões era florescente sob o govêrno dos Jesuitas, e que sómente sob a égide dêsses Padres ela podia florescer. Si quizermos esperar bons resultados, teremos de procurar imitá-los na medida do possível. Mas na prática as coisas mudam. O sistema jesuítico formava um todo do qual não é possível que se conservem umas partes suprimindo-se outras. Era apoiado sôbre bases não mais existentes e por conseguinte impraticável. Tais bases eram as poucas idéias que os índios tinham do resto do mundo, sua separação de todos os brancos que não pertencessem à ordem dos Jesuitas e enfim a profunda veneração que tinham pelos Padres, olhados como sêres de uma espécie superior, enviados de Deus especialmente para governá-los.

"Sob a égide jesuítica os índios viviam em comunidade, mas não se acredita que trabalhassem para gosar um dia. Trabalhavam porque tal era a vontade dos Padres. Os interesses dêsses confundiam-se com os dos guaranis e por isso êles deviam procurar torná-los felizes. O espírito previdente dos sacerdotes de Christo supria o que a natureza recusava aos índios. Êles eram para os selvagens o que são os pais para os filhos — uma

segunda Providência, ou melhor — a tribo guarani formava um corpo do qual os Jesuitas eram a alma.

“Si os guaranis pertencessem a uma tribo possuidora de entusiasmo pela virtude, o regime de comunidade talvez fôsse ainda possível, mas onde achar entre os portuguezes homens capazes de desinteressadamente aceitar o encargo de dirigir um povo semi-bárbaro, em região distante das cidades, onde nada se faz senão a pêso de ouro? O cidadão encarregado de administrar os índios sômente o fará com intenção de se enriquecer à custa dos selvagens, como tem acontecido até agora, e os índios trabalharão de má vontade, visto reconhecer estarem trabalhando para os outros. Além disso êles sabem que nas estâncias serão recebidos como peões, tendo abundância de carne e recebendo algum salário. Como pois não preferirem êsse último estado de coisas, muito menos fatigante que um trabalho regular repetido diariamente, sob a guarda de um feitor que os castiga a cada falta?

“Hoje êles sabem que o mundo não se limita às suas aldeias; contrariados nada os impede fugir e um grande número dêles dispersando-se, já, pela capitania constitue forte exemplo a ser seguido por outros mais.

“À saída dos índios das Missões corresponde a entrada de novos brancos; as raças confundem-se e mestiços sem virtudes e sem amor ao trabalho terminarão por tomar o lugar dos brancos e dos índios. Mas os primeiros serão em parte renovados pela chegada de europeus, de paulistas e mineiros, sendo possível o desaparecimento dos Guaranis ao fim de uma ou duas gerações. Dando-se aos índios a mesma liberdade auferida pelos brancos êles continuarão a se dispersar, mas evitar-se-á constrangê-los”.

S. Francisco de Borja, conhecida geralmente sob o nome de S. Borja, 22 de Fevereiro. — Situada sôbre um

ligeiro promontório e em região entremeada de pastagens e bosquetes de árvores, fica esta aldeia uma légua ao sul do rio Uruguai, cujas aguas correm majestosas entre duas fileiras de árvores cerradas e copadas, pouco diferentes das matas virgens.

Vastos pântanos estendem-se ao sul e a cerca de $\frac{1}{4}$ de légua da aldeia, sendo a região em geral húmida, oferecendo por todos os lados poços d'água mais ou menos profundos.

As pastagens dos arredores de S. Borja são de qualidade inferior.

Como acontece ordinariamente nos terrenos pantanosos nuvens de mosquitos encham o ar, e, principalmente passeando-se nas margens do Uruguai é impossível parar-se um instante sem ser logo coberto por êsses insétos. Um dia, indo herborizar próximo ao rio, fui extremamente incomodado pelos mosquitos, e, quando voltava, enxames d'êsses nocivos animaizinhos acompanharam-me até à aldeia. Devo acentuar que os mosquitos da América, dos quais existe um grande número de espécies diferentes, raramente fazem empolar a pele como os da Europa; suas picadas são muito fortes mas si forem seguidas de coceira não terão grande duração.

Não havendo fontes nem regatos nos arredores de São Borja a água utilizada é a dos brejos, de gosto insípido e adocicado. Si os Jesuitas preferiram êste lugar a outros mais favoráveis, v. g. os belos campos de Rincão da Cruz, foi talvez porque já encontraram os índios estabelecidos neste distrito. Também podia ter sido pela abundância da madeira ou ainda devido à sua situação entre o Uruguai e os pântanos, estratégica para a defesa à infiltração dos brancos.

A igreja, cuja descrição já fiz, fica voltada para o norte, olhando para o rio Uruguai. Como o convento dos

Jesuitas, contíguo, fórma um dos lados de uma praça quadrada de cerca de 200 passos em todos os sentidos. Os edificios do convento circundam, com a igreja, um pátio gramado, quadrangular, que póde ter 68 passos de comprimento e 66 de largura. O convento, construido em três lances, é de um só pavimento, tendo as paredes grossas e feitas do mesmo modo que as da igreja; o telhado é de telhas concavas, prolongando-se em abas para fóra das paredes, formando um avarandado de 6 passos de largura sustido em colunas de madeira. Tal varanda continúa ao lado de léste pelo prolongamento do telhado da igreja.

Ao tempo dos Jesuitas não havia construção alguma à direita e à esquerda da porta; apenas a galeria avarandada circundava o pátio. Mas no tempo dos espanhóis foi levantada uma parede fechando o espaço existente entre a igreja e a porta do convento, aí fazendo pequenos cubículos, prejudiciais ao aspecto do conjunto. Paredes transversais dividem o convento em grandes peças quadradas, sendo essa a única distribuição interna.

Hoje os apartamentos outrora reservados ao Provincial, quando de suas visitas às Missões, são occupados pelo comandante, ficando eu hospedado nos quartos mais próximos à igreja, outróra destinados aos Curas.

No mesmo alinhamento do convento existem outros edificios envolvendo também um pátio quadrangular. Ao fundo dêsse pátio estão prédios possuindo alpendre à frente. Os outros lados são simplesmente formados por larga galeria sustentada por três fileiras de postes. Êsse pátio e as construções que o circundam têm o nome de *curralão*. Era aí que trabalhavam, no tempo dos Jesuitas, os officiaes das diferentes profissões, e onde hoje ainda trabalham, por conta do rei, os poucos artífices existentes,

Cada um dos três lados da praça é formado por dois corpos de construções, separados um do outro por intervalos. Essas construções, cobertas de telhas, formam de cada lado largas galerias sustentadas por pilares de pedra. Tais edificações, divididas por paredes, formam várias casas que eram habitadas pelos índios, ao tempo dos Jesuitas, e são constituídas por peças muito altas e de área quasi quadrada de cêrca de 20 palmos em todos os sentidos; não possuem janelas mas há duas portas, uma dando para a galeria da frente e outra para a dos fundos. Também não dispunham de comunicação interior, mas pelas galerias podia-se passar de uma a outra casa sem apanhar chuva ou sol.

Nos quatro ângulos da praça existiam, outrôra, capelas. De três delas fizeram armazens e da quarta um hospital militar, muito mal instalado por falta de verbas.

Do lado norte havia, em tempos idos, duas ordens de construções absolutamente semelhantes às que acabo de descrever e essas que se estendem paralelamente à praça formavam várias ruas transversais, cortadas por uma longitudinal, a qual faciava a igreja e era prolongada por uma alêa de laranjeiras, ainda existente. Das construções paralelas à praça apenas subsistem duas onde localizaram o quartel do regimento de Guaranis, após haverem tapado a galeria dos fundos.

Hoje as casas existentes ao redor da praça não são mais habitadas pelos índios e sim pelos brancos, pagando aluguel, sendo algumas ocupadas por lojas. Vários inquilinos abriram janelas nas casas e para aumentá-las fecharam a galeria dos fundos.

S. Borja atualmente só pôde ser considerada como uma praça de guerra, pois o número de famílias indígenas está em uma relação de 1% para as ditas brancas.

Sendo a séde do comando da provincia acantonamento do Regimento dos Guaranis e residência do coro-

nel do Regimento de Milícia, há sempre um destacamento na aldeia.

O exíguo número de índios realmente pertencentes a São Borja mora atualmente em míseras cabanas esparsas nas cercanias da aldeia. Outras cabanas são habitadas pelas mulheres dos militares e dão mostras da maior indigência. Na maioria essas minguadas moradias são feitas de palha. Uma rêde, alguns giráus, uma cafeteira de cobre e algumas painelas formam todo o mobiliário e em apenas duas ou três vi alguns pés de milho plantados ao redor.

Estância de Santos-Reis (1), 1.^o de Março, 2 ½ léguas. — Durante o tempo em que fiquei em S. Borja o Sr. Coronel Paulette prestou-me todos os serviços dêle dependentes, cumulando-me de gentilezas. Aproveitei essa estadia para concertar minha carroça, para preparar úa mala de pássaros e outra de plantas. De S. Paulo para cá tenho tido a preocupação de calafetar, com uma mistura de cêra e resina, todas as juntas das caixas que vão ficando cheias e de cobrir os pacotes de plantas com um tecido encerado por mim preparado.

Após o almôço mantinha longas conversas com o Sr. Paulette, homem sensato, inteligente e de nobres sentimentos. Experimentei assim um prazer de que estava privado havia muito tempo — o de poder comunicar minhas idéias a um homem capaz de entender-me e de satisfazer-me o espirito, transmitindo-me seus pensamentos.

Pretende o Sr. Paulette estabelecer um correio entre Missões e Porto Alegre. A primeira mala partiu durante minha permanência em S. Borja e pude aproveitar para escrever ao Sr. De Jussieu uma longa carta

(1) NOTA DO TRADUTOR — Essa estância tornou-se hoje muito conhecida por pertencer à família do atual Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas.

onde lhe contei detalhadamente o envenenamento de que fui vítima próximo ao Arroio de Guarapuitã.

Durante os dias em que estive em S. Borja o calor foi sempre insuportável. Eu e meus empregados não davamos um passo sem ter a camisa logo molhada e sem sair do lugar estávamos sempre suados. Segundo me informaram diversos moradores do lugar, entre êes o vigário, o mês de Fevereiro é normalmente o mais quente do ano; no inverno a temperatura desce a ponto de nevar. O vento norte traz chuvas; o de sudoeste é precursor de trovoadas e algumas vezes de granizo, enquanto o bom tempo é ordinariamente acompanhado do vento de leste.

Devido às geadas não é possível o plantio dos cafeeiros e da cana de açúcar em S. Borja, mas outróra o cultivo do algodão foi praticado com sucesso. Creio que os Jesuitas fizeram na aldeia algumas plantações de mate, as quais não mais existem. As laranjeiras dão, dizem, bons frutos. As melancias, os pêssegos, as maçãs e os melões são excelentes apesar de não merecerem cuidado algum.

Devíamos ter partido ontem, mas tendo ainda alguns arranjos a fazer fui forçado a demorar mais um dia. Trovejou durante a noite e apesar do tempo instável pus-me a caminho aí pelas dez horas. Tencionávamos passar o rio Camaquam indo pernoitar mais longe, mas apenas tínhamos andado uma légua os trovões aumentaram caindo logo muita chuva. Vimos pois refugiar-nos nesta estância, um pouco afastada do caminho, mas ao menos encontrámos um abrigo.

O proprietário, que é o Administrador de São Nicolau, está ausente, sendo eu recebido por um negro, muito delicado. Encontrei também aqui uma família de índios fugidos. Êsses infelizes dispersaram-se por toda

a Capitania, achando sempre poucos meios de subsistência.

Informou-me o negro do Administrador que as terras dêste distrito são muito boas para culturas, mas acrescentou, como tantos outros, que a *ferrugem* ataca bastante o trigo.

O Administrador renunciou à idéia da pecuária porque os índios de S. Borja vêm roubar os animais.

De S. Borja até aqui o terreno é apenas ondulado e tem pastagens pintalgadas de bosquetes de um verde escuro. A erva torna-se melhor à medida que se distancia de S. Borja.

Enquanto caminhavamos senti um forte cheiro de limão. Perguntando a um peão, que me havia dado o Coronel, qual a causa dêsse cheiro soube ser devido a uma gramínea, n. 2.628, muito comum na região, chamada *capim-limão* (1). Mandei arrancar uns exemplares e tendo mastigado algumas folhas achei-as de sabor muito ácido. Disseram-se que o gado come essa erva, boa para engordar, mas a carne toma gosto muito desagradável.

Na descrição de S. Borja esqueci-me de dizer que o convento possuía um grande pomar cercado de muros. Veem-se ainda algumas laranjeiras e pessegueiros, mas tudo se apresenta inculto.

Estância de Santos-Reis, 2 de Março. — O regimento dos Guaranis foi começado há doze anos, compondo-se hoje de quinhentos e tantos homens considerados somente como soldados. Excepção feita do coronel e do major todos os oficiais são Guaranis. A princípio foi difícil reunir êsses índios e submetê-los ao regime de disciplina mas logo a música militar os seduziu, passando os exercícios e manobras a ser para êles verdadeiras distrações.

(1) *Echites-guaranitica* (Aug. de S. H.).

Naturalmente levados à submissão acostumaram-se a obedecer a seus chefes e os longos intervalos de repouso existentes em seus deveres, favorecendo sua preguiça, acabaram por torná-los soldados. A guerra, oferecendo-lhes oportunidade de praticar a pilhagem, contribuiu ainda para lhes dar maior gosto pela vida militar e demonstrar ser talvez essa a vida que mais lhes convinha.

Aliás possuem qualidades inerentes à vida militar, como sejam: a resignação com que suportam a fome, o cansaço e as intempéries. Portugal deve-lhes grande parte dos sucessos obtidos na batalha de Taquarembó. Observou-se serem principalmente aproveitáveis nas manobras de artilharia, mas nada sabendo combinar foi preciso misturá-los com os brancos para lhes seguir os exemplos. Os soldados guaranis têm boa aparência e manobram com precisão.

Mais geralmente sensíveis, que os homens de nossa raça, às modulações musicais, indicam o compasso, quando marcham, por uma cadência mais notável. Em armas assemelham-se singularmente aos cossacos regulares, e o conde de Figueira, admirado dessa semelhança, melhorou-a dando-lhes uniforme azul com golas vermelhas, mais ou menos do feitio do dos cossacos. Os Guaranis possuem entretanto traços menos grosseiros e membros menos carnudos que os soldados do Don.

Seu sôldo é o mesmo dos milicianos em serviço, isto é — três vintens e meio por dia. Mas os pagamentos estão sempre atrasados; dão-lhes uniforme e por única ração quatro libras de carne por dia. Quasi todos são casados e têm suas mulheres em São Borja, nas cabanas esparsas nos arredores da aldeia, de que falei atrás. Elas e seus filhos vivem da ração dos maridos, o que quer dizer — na maior indigência. Em geral tais mulheres são cheias de piolhos. Como os *Hottentotes* elas têm grande

prazer em mastigar suas pulgas e piolhos, e quando se lhes censura esse hábito respondem ser impossível ter Deus creado animais sómente para fazerem mal. Em suas cabanas estão sempre acoradas ao redor do fogo; entretanto é preciso convir que seria injusto acusá-las unicamente.

Outrora os habitantes das aldeias cultivavam o algodão. As mulheres descaroçavam-no, fiavam e teciam, mas nas três invasões espanholas foi destruido tudo quanto escapara à rapacidade dos Administradores e os homens mais capazes de cultivar a terra são hoje soldados. Vivem longe de suas aldeias e suas mulheres são realmente privadas de trabalhar, porque lhes faltam meios.

Empreguei duas índias, durante dois dias, em beneficiar algodão, ficando sinceramente satisfeito com a rapidez e a qualidade de seu trabalho.

No momento em que esta Capitania possa gosar os beneficios da paz talvez não seja mantida em armas toda a mocidade da região. Será dada baixa aos soldados, para irem cultivar a terra e manter suas famílias. É extremamente necessário diminuir o aspecto militar desta província si não querem destruí-la completamente. Toda a mocidade guaraní acha-se em armas; as terras das aldeias estão incultas e os moços são hoje estranhos aos trabalhos de campo, não aprendendo nenhum ofício. Os brancos, sempre empregados no serviço militar, não podem pensar em os substituir.

Afirma-se, geralmente, que o produto anual de todas as vacas da província não é suficiente para as rações distribuidas; os fornecimentos de carne nunca foram pagos.

Além disso o encargo do fornecimento às tropas torna-se mais penoso porque, sob a alegação de recompensar os serviços prestados ao Estado, são excluidas as requisições aos estancieiros mais ricos.

O excessivo custo das mercadorias concorre ainda para arruinar os agricultores, pois enquanto levam-lhes o produto de seus trabalhos, são êles obrigados a pagar suas roupas e seus confortos a preços exorbitantes. Os objéto mais baratos custam mais 100% que em Porto Alegre, havendo alguns cuja diferença sobe a 200 e 300% (1).

Os guaraní não são homens grandes; têm a péle bronzea, cabelos negros e muito finos e são geralmente feios. Seus traços e a estrutura de seus corpos apresentam, em geral, o característico da raça americana, mas o que me parece distinguí-los particularmente como tribu é o comprimento do nariz e a doçura de suas fisionomias. As mulheres tem aparência extremamente vil. As rugas da velhice são mais fortemente pronunciadas que em nossa raça.

Conversei bastante a respeito dêses índios com o vigário de São Borja, o qual viveu entre êles durante muitos anos, e vou relatar aqui o que ouvi, combinando com minhas observações e as de outras pessoas dignas de aprêço.

Os guaraní, como todos os índios, não têm idéia alguma do futuro. Aprendem com facilidade o que se lhes ensina mas não inventam nem compõem nada. São de caráter dócil e obedecem sem dificuldade, mas seu caráter não é fixo. Cuidando apenas do presente não são fieis à palavra dada e não possuem nenhuma exaltação dalma, sendo estranhos a quaisquer sentimentos de generosidade ou de honra. Não têm ambição, cobiça ou amor-próprio. Si algumas vezes economizam é por pouco tempo. Um guaraní, por exemplo, consegue por suas economias adquirir uma roupa que o pode abrigar das intem-

(1) NOTA DO TRADUTOR — No original está "2" e "300%".
Acredito haver erro de imprensa, faltando dois zeros junto ao dois.

périas durante muito tempo; logo depois troca-la-à por uma vaca, da qual nada restará ao fim de poucos dias.

Outrora havia o ensino de leitura e escrita em todas as aldeias, mas isso acabou há muito tempo. Contudo vem de ser creado o lugar de mestre-escola para todas as aldeias reunidas. Mas, como a retribuição é de 100\$000 (625 fr.) (1), é possível não se encontrar ninguém capaz de ir ocupar lugar por êsse preço, e, realmente a quantia estabelecida é muito módica para uma região onde o alqueire de farinha custa 4\$000 e mais, e tudo o mais nessa proporção.

O vigário de São Borja dá aulas particulares a meia dúzia de meninos, mas os demais ficam entregues a si próprios e a seus pais. Isso prova o cuidado dos Jesuitas para com os índios, o respeito que lhes inspiraram pela doutrina cristã e como sabiam fazê-la necessária, pois encontram-se ainda numerosos guaranís que sabem e ensinam aos seus filhos o catecismo, em língua vulgar, e as orações que os Padres da Companhia de Jesus tinham composto. Contudo é fácil perceber que semelhante instrução não vai além da memória, nada influndo sôbre os costumes.

Os guaranís não têm superstição particular, mas seu respeito pelas imagens vai quasi à idolatria. De caráter dócil, estranhos ao ódio, à vingança, ao amor ao dinheiro e à glória, cometem realmente muito menos pecados que nós. Quando vão à confissão apenas se accusam sôbre questões do sexto mandamento, e quando terminam a confissão é inutil que o Padre os interrogue porque responderão negativamente a todas as perguntas que se lhes podem fazer. Cometem furtos sempre que as ocasiões são propícias mas nunca se accusam disso, pretendendo que Deus deve ter feito todas as coisas do mundo para todos

(1) Câmbio da época.

os homens, e quando um objéto é furtado êles dizem que o mesmo *fugiu*.

Como os Jesuitas persuadiram-nos que uma das mais graves faltas seria a de ter relações com os brancos, as mulheres acreditam-se muito mais culpadas quando têm comércio com um homem de nossa raça que com um negro e sobretudo com um índio, e, quando se confessam nunca se esquecem de mencionar a raça daquêle com quem tiveram relações.

As crianças têm vivacidade. É mais frequente vê-las saltar, correr, rir e brincar que as crianças brasileiras. Mas, à medida que crescem tornam-se sérias, indolentes e apáticas. Têm pouca amizade uns pelos outros. As mães choram algumas vezes a perda dos filhos, mas os maridos não choram as mulheres nem estas áquêles. Os filhos veem, sem uma lágrima, os pais exalarem o último suspiro e têm como dever levá-los ao cemitério e abrir-lhes a sepultura.

As meninas atingem a puberdade muito cêdo e prostituem-se em tenra idade. Os homens cobrem com cuidado os órgãos sexuais, mas as mulheres não têm pudor algum, e numerosas vezes vi-as banharem-se inteiramente nuas deante dos homens. As casadas seguem os maridos por toda parte, embora não sejam esposas muito fieis. Por seu lado os maridos veem com a maior indiferença suas mulheres entregarem-se a estranhos, e frequentemente êles mesmos as prostituem. Quando uma índia tem um filho de um homem branco o marido dá-lhe sempre preferência, sôbre seus próprios filhos.

Mais longe que a insensibilidade moral dos Guaranís vai a sua insensibilidade física. Sofrem sem proferir uma queixa. Os doentes têm grande aversão pelos remédios e seus parentes só os fazem tomar quando pedidos. Si alguém reprova-lhes êsse desleixo, respondem que de

qualquer modo deverá acontecer o que for por Deus determinado.

O Sr. Paulette foi testemunha de um fato comprovante da indiferença desses índios perante a dôr: Um jovem peão, fazendo o rodêio, caiu do cavalo e foi arrastada durante alguns instantes; como o estribo, no qual seu pé estava preso, era de metal, um de seus dedos foi completamente decepado e os outros profundamente cortados; o menino, todavia, não proferiu uma palavra — tornou a montar e não parou senão quando o rodêio acabou.

Apesar de viverem já há muitos anos no meio de homens civilizados, os índios mantêm ainda vários hábitos da vida selvagem. Mesmo os que possuem vestuários têm prazer em andar sem camisa, apenas com um calção; gostam de ficar acocorados ao redor do fogo e preferem suas cabanas baixas, estreitas, mal ventiladas, construídas no mato, às nossas casas.

Os Jesuitas sem dúvida não ignoravam que lhes estavam contrariando o gôsto dando-lhes casas cobertas de telhas, agarradas umas às outras e escurecidas por varandas, mas nisso êles não procuravam agradar os índios e sim tornar sua vigilância mais fácil.

Durante todo o dia o tempo esteve lindo, mas permaneci aqui porquanto disseram-me que em seguida às chuvas as margens do *Icabacu* (ou *Camaquam*) ficavam muito perigosas e que não teria onde pôr as malas si fôsse preciso descarregá-las.

Há aqui várias dessas famílias índias, que atravessaram o Uruguai para fugir às crueldades de Ramirez. Tais infelizes dispersaram-se pela província e vivem na baixa indigência. As que aqui se acham não têm ocupação alguma e se alimentam apenas de abóbora e feijão, cozidos sem sal e sem gordura. Em *Entre-Rios* os índios

assistiram queimar-lhes as casas, tendo perdido quanto possuíam; faltando-lhes esperança de ressarcir os prejuízos, êles morrem de fome e ao relento, sem contudo proferir um lamento, conforme pude verificar.

Entre os povos brancos isso seria uma falta de coragem ou um áto heróico de resignação. No seio dos índios tudo não passa de uma prova, a mais, de sua apatia. Alguns dêles, já cometeram crimes, depois que estão entre os portuguezes, o que não é para se estranhar, pois há muitos anos não fazem outra coisa além da pilhagem e todas as atrocidades de uma guerra intestina.

Aliás não são sòmente índios que se refugiam entre os portuguezes. Enquanto estive em S. Borja vinham, todos os dias, homens brancos de Corrientes, de S. Roque e de outras aldeias de Entre-Rios apresentar-se ao coronel Paulette e pedir-lhe permissão para procurar colocação nas estâncias portuguezas.

Todos contam que no momento Ramirez faz um considerável levante de homens. Casados ou não, êle prende quantos possam ser postos em armas mas ninguém sabe positivamente quais sejam seus projétos. Uns acham que vai atacar Buenos-Aires; outros julgam serem contra o Paraguai suas intenções, enfim há quem suponha serem os Brasileiros o alvo de suas ambições.

Quaisquer que sejam seus *desiderata* não se póde ver hoje em suas manobras senão o desespero de um tirano insensato que, percebendo aproximar-se o termo de seus delitos, tudo arrisca antes de succumbir e quer ter o bárbaro consôlo de arrastar na quéda todas as vítimas de suas ambições.

Os homens de Entre-Rios, que vi em São Borja, são notáveis por sua grande estatura, brancura da péle, tamanho e beleza dos olhos. Ao par disso eu e o coronel notámos nêles um ar audacioso e resolutivo, de causar

admiração. Vestem-se como os habitantes dos campos de Montevidéu e têm uma aparência dos vilões de melodramas. Trazem os cabelos trançados e um lenço ao redor da cabeça; um outro lenço, a que dão um nó muito sôlto, serve-lhes de gravata; como arma exibem uma grande faca à cinta. Com calças brancas e franjadas, não usam poletó; as mangas da camisa trazem arregaçadas, à moda dos nossos açougueiros.

CAPÍTULO XVII

Estância do Silva. — Estância do Souza. — Aventura de um miliciano, duma índia e de um prisioneiro negro. — Feiura das índias; paixão que inspiram aos brancos. — Bonita paisagem. — Estância de S. José. — Propriedades do marechal Chagas. — Escândalo dessas aquisições. — Estância de Itaruquem. — Ruínas das velhas estâncias dos Jesuítas. — Chácara de Chico Pentiado. — Os moscardos. — Significação das palavras, estância e chácara. — Notas agrícolas. — Chácara de Santa Maria. — Passagem de Piratini. — Administração de S. Borja. — Aldeia de São Nicolau. — Descrição. — Ruínas. — Ao ar livre, às margens do Arroio de Caotchobai. — Ao ar livre, a meio quarto de légua de S. Luiz.

Estância do Silva, 3 de Março, 1 1/2 légua. — Como o tempo estivesse ontem muito bom, com o termômetro a 26 graus centigrados às quatro horas da tarde, pus-me a caminho, persuadido de não mais encontrar lama nas margens do rio Camaquã (1) no que não me enganei.

(1) NOTA DO AUTOR — *Camscuã* ou *leabuqual* nos mapas.

Para alcançar êsse rio atravesssei uma légua de terras planas e ainda semeadas de moitas de árvores.

O Camaquam, afluente do Uruguai, pode ter, no lugar onde se costuma passá-lo, mais ou menos a largura do braço do Montées próximo a Plissai e corre entre duas fileiras de árvores cerradas e copadas, de um verde tão escuro quanto o das matas virgens do interior.

Um destacamento de Guaranís, acantonado à margem do rio, é encarregado de transportar de uma margem à outra as pessoas que necessitarem.

Êsses homens construíram à beira dagua algumas palhoças onde vivem com suas mulheres. Ao chegarmos estas estavam inteiramente nús, ocupadas em lavar as roupas sôbre as pedras do rio. Absolutamente não se envergonharam com nossa presença e continuaram tranquilamente seu trabalho durante todo o tempo em que fazíamos passar nossa bagagem e a carroça. Esta foi transportada por meio de duas pirogas colocadas transversalmente e conduzidas a vara.

Após ficarmos cerca de uma hora do outro lado do rio, à espera de que se secassem as correias da carroça, puzemo-nos de novo em marcha, para chegarmos, meia légua mais adiante, à estância de um capitão de milícia. Mandei Matias à frente e não obstante a ausência do dono da estância fui condignamente recebido. Ofereceram-me jantar e cêia e mataram uma vaca, dando aos meus camaradas carne à vontade. Para mim prepararam um leito.

A dona da casa mandou-me uma cesta de maçãs perfeitamente maduras, as melhores que hei comido fóra de França, mas a hospedeira absolutamente não me apareceu e recusou a Laruotte permissão para secar papel na cozinha da casa. É de crer-se que essa mulher não seja da Capitania, pois durante toda minha permanência

no Rio Grande do Sul não me recordo de casa alguma em que as mulheres se escondessem à minha presença.

Da estância do Silva descortina-se inencho território, ligeiramente ondulado e coberto de pastagens entremeadas de bosques. Contudo o campo não oferece aqui o alegre verdor peculiar à zona existente entre Montevideu e Rio Negro; os pastos são de um verde sêco e na folhagem das árvores notam-se as colorações escuras das florestas virgem. A paisagem é infinitamente mais variada que a dos arredores de Rio da Prata. Lá é preciso encontrar-se um rio para verem-se algumas árvores; aqui muitas de diferentes fórmulas acham-se esparsas no meio das pastagens e o campo assemelha-se a um vasto jardim. Todas as estâncias onde parei, depois de Ibicuí, são cercadas, sendo fácil concluir não estarmos mais em contacto com os espanhóis.

Estância do Souza, 3 de Março, 3 léguas. — Ontem à tarde, quando estávamos na Estância do Silva, um soldado e um guaraní vieram prender um negro de Entre-Rios que praticára vários furtos nessa localidade. Os homens vinham de S. Borja especialmente para executar essa prisão. O miliciano trazia consigo sua mulher, uma índia. Tendo amarrado o prisioneiro para poderem dormir, o soldado e o guaraní, tiveram pela manhã a surpresa de constatarem sua fuga. Não teria interesse em mencionar êsse fáto, tão sem importância, si não fôsse a circunstância do soldado, encarregado de capturar um ladrão, ter-se feito acompanhar de sua mulher. Si êsse homem branco, natural de Santa Catarina, não tivesse emigrado para aqui nunca teria adotado essa prática de se fazer seguir pela mulher, em diligências idênticas, mas, pela convivência com os índios, acabou por imitar-lhes os costumes.

Mostrarei em outras páginas que a promiscuidade entre índios e brancos resulta, mórmente entre espanhóis,

em produzir hábitos mistos, conduzindo os brancos à barbaria. Os índios entretanto pouco melhoram no meio dos brancos, ao passo que estes muito perdem em contacto com aqueles.

Assim sendo a precaução dos Jesuitas em evitar as relações entre os espanhóis e os índios, conforme fiz já observar, era vantajosa às duas raças.

Por muito tempo houve nas Missões soldados da ilha de Santa Catarina, que procederam com muita galhardia, muito contribuindo para a expulsão dos gaúchos (1) sempre que apareciam. Depois da batalha de Taquarembó esses homens foram repatriados, mas simultaneamente foi dada permissão, aos que se quisessem alistar nas milícias das Missões para penetrar nesta província. Quasi todos tinham arranjado suas mulheres entre índias; alguns casaram-se com elas e levaram-nas com os respectivos filhos; outros abandonaram as amásias e seus filhinhos; e enfim houve uma centena deles que ficaram, pelo único motivo, digamos, de não se poderem separar de suas índias, as quais não podiam ser apresentadas às suas famílias.

As índias são feias, estúpidas, sem nenhuma graça. Têm um riso parvo e um andar ignóbil. Não se afeiçoam ao amante, sendo infinitamente inferiores às negras; entretanto, vê-se uma multidão de homens brancos chegar ao ponto de se apaixonar por elas.

Essa falta de gosto só pôde ser explicada pela estupidéz dessas mulheres, que as torna estranhas a todas as reflexões, a toda idéia referente ao futuro, levando-as a agir como animais, entregando-se totalmente à voluptuosidade, aumentando por isso o prazer do homem por elas recebido nos braços e que é bastante rude para só procurar na mulher o prazer carnal.

(1) O Autor escrevia *garuchos*.

Em nada difere das regiões atravessadas ontem e ante-ontem a que hoje percorri. Parei em uma estância cujo proprietário estava ausente no momento de minha chegada. Instalei-me num telheiro alto, onde a temperatura estava muito agradável, apesar do calor hoje reinante. Aqui encontrei um joven espanhol, criado dos donos da casa. Disse-me ter nascido em Montevideo, tendo sido forçado, há cerca de oito anos, a acompanhar Artigas. Desde aí tem estado sempre em Entre-Rios e ultimamente passou à guarda particular de Ramirez. Entretanto resolveu fugir e pôr-se sob a proteção dos portugueses. Informou-me que os habitantes de Entre-Rios são tal qual minha descrição, mas, acrescenta não possuem coragem alguma, nem a mínima amizade pelos chefes; poucos se casam por não serem homens de princípio nem honra, e são extremamente dados ao homicídio. Aliás já havia ouvido outras pessoas fazerem referências idênticas.

Enquanto isso chega o dono da casa. Pareceu-me um homem disposto, e após ver a minha portaria não pôs a menor dificuldade em me emprestar seus bois.

Hoje, como ontem, o calor tem sido insuportável; sem fazer exercício algum estamos sempre banhados de suor e meus camaradas passaram o dia a dormir. Entretanto, ontem, às 4 horas o termômetro indicava apenas 25 graus; hoje à mesma hora tivemos 25,5 graus, e durante todo o tempo em que estive em São Borja não ultrapassou esse número de graus. Como explicar tenhamos sido tão incomodados por esse calor, enquanto que antes de chegarmos às Missões experimentámos muitas vezes temperatura igual a 29 graus?

Saí a herborizar, à tarde, quando o ar foi se tornando mais fresco, fazendo-me acompanhar de um pequeno índio por mim trazido de S. Borja. A pouca distância da

casa do meu hospedeiro entrámos em um pequeno capão. Uma picada conduziu-me a pequeno regato, de dois ou três pés de largura, apenas, mas de uma limpidez extrema. Espesso bosque de árvores e arbustos impediu-me de seguir-lhe o curso, mas no lugar onde começa a aparecer fórma uma pequena cascata forrada de musgos e guardada de diversas espécies de *Filicíneas*. As árvores maiores, entrelaçando suas ramagens, tornam êste lugar impenetrável aos raios solares, emprestando-lhe toda a frescura e majestade das florestas virgens. Grandes lianas baloçam entre os ramos das árvores e vêm roçar a superfície das águas; por toda a parte massas sombrias de vegetais, sendo impossível distinguir as espécies de *per si*. Parasitas prendem-se ao troncos das árvores e o tapete de relva é, aqui, de um verde inalterável.

Esta província oferece, pois, simultaneamente, todas as belezas das regiões descampadas e as das zonas de mata virgem. É claro que os Jesuitas só se estabeleceram aqui por terem encontrado índios dóceis e dispostos a acatar-lhes as ordens, mas si o critério da escôlha fosse o topográfico êles não teriam encontrado lugar melhor.

As terras comprehendidas entre o Ibicuí, o Uruguai e o Camaquam são excelentes para a criação de gado. As que se estendem entre Camaquam e os limites da Província, do lado da Serra, não possuem boas pastagens, mas em compensação mostram-se muito próprias para culturas e podem produzir, abundantemente, trigo, milho, arroz e algodão. Escolhendo-se lugares abrigados, e terras melhores, pode ser cultivada a cana de açúcar nas partes mais quentes da Província. Consta que os Jesuitas dedicavam-se a esta cultura para agradar aos índios, muito gulosos pelas cousas doces, e, em nossos dias, o marechal Chagas colheu também uma quantidade sufficiente de cana para poder fazer melado e uma pipa de aguardente.

Já disse não existir mais em S. Borja senão um pequeno número de índios descendentes dos que outrora compunham a população dessa aldeia; ao mesmo tempo acrescentei que toda a juventude das missões se achava reunida na aldeia, incorporada a um regimento que pode ter uns quinhentos homens, na maioria casados ou amasiados.

Em 1820 foram feitos em S. Borja 200 batizados, dos quais 141 de índios, e, de Janeiro a fins de Fevereiro de 1821 já se realisaram 37 batizados, sendo 36 de índios.

Estância de S. José, 5 léguas. — Região ondulada, agradavelmente ornada de pastagens e bosquetes. Ao meio dia parei em uma estância, onde, sem que eu pedisse, trocaram-me os bois, trazidos da estância do Souza, por outros novos. Deram-nos jantar e não quiseram aceitar retribuição alguma.

O homem que me recebeu é europeu. Durante a refeição encaminhou a conversa para os negócios do governo, censurando-lhes os abusos. Os brasileiros, de classe inferior, resignam-se com admirável paciência, mas ainda não vi um português que se não queixasse. Tal diferença mostra, sem dúvida, o espírito que distingue os europeus dos americanos. Têm os primeiros espírito inquieto, atormentado pela concepção do futuro; os outros pensam pouco, são apáticos, e recebem as cousas conforme vierem. Está claro que não me refiro aos homens educados; entre estes há luta contra o exemplo e contra a influência climática, e sem perturbar inteiramente o caráter americano, a índole apática foi muito modificada.

Fiz poiso em uma estância dependente da aldeia de S. Tomás, situada à outra margem do rio e pertencente ao marechal Cbagas. Como em todas as estâncias construídas pelos Jesuitas, havia outrora aqui uma capela, hoje abandonada e quasi destruída, estando também em ruínas os edifícios da Estância.

Antes da entrada dos Gaúchos em São Nicolau (25 de Abril de 1819), possuía o marechal grande número de bovinos, em São José. Como êsse official nunca contribuíra para o fornecimento das tropas os milicianos que passaram por suas terras, para irem defender a aldeia de S. Nicolau, aproveitaram a ocasião e mataram muitos animais, vingativamente. Querendo salvar os que sobram o marechal os fez atravessar o Camaquam, enviando-os a S. Donato, ficando, dessa época para cá, inúteis as terras de São José.

Já passei por três estâncias pertencentes ao marechal Chagas, e, entre chácaras e estâncias possui êle oito na província das Missões, calculando-se em 24 léguas a extensão do terreno que podem ocupar. Todas essas terras foram compradas, porém a preços baixos e, a acreditar-se na voz do povo, foi o medo que por mais de uma vez obrigou os proprietários a vendê-las. Admitindo-se mesma nunca tenha sido empregada a coação, é preciso reconhecer-se ser escandaloso um comandante de província tornar-se, durante seu govêrno, possuidor de tamanha extensão de terrenos, enquanto deixava seus administrados em completo abandono.

Escandaloso que o mais abastado proprietário da província, porque fôsse comandante, não tivesse fornecido sequer uma vaca para alimentação das tropas, enquanto sugava dos pobres todo o produto de suas terras. Escandaloso, ainda, seus empregados não contribuirem para o serviço militar, enquanto pais de família, os mais úteis, eram arrancados anos inteiros do convívio de seus lares, da cultura de suas terras e criação de seu gado.

Em govêrno algum devia ser permitido ao administrador tornar-se proprietário na região sob sua jurisdição, mas, sobretudo em se tratando de um govêrno militar essa medida devia ser esperada.

Estância de Itaruquem, 4 léguas, 6 de Março. — Terreno um pouco desigual, mas sempre dotado de pastagens e bosquetes. Em S. Borja a terra era vermelha escura e aqui tem coloração negra, bem pedregosa em alguns sítios, sendo nêstes a erva quasi rasa.

Parámos em uma estância pertencente a índios de S. Nicolau. Ao tempo dos Jesuitas todas as aldeias das Missões possuíam estâncias próprias para a criação de gado. Frequentemente eram muito distanciadas da aldeia de que dependiam, como por exemplo, *Pai Sando de Yapejú* (*sic*).

Várias aldeias da margem direita do Uruguai tinham, como as da margem esquerda, estâncias que há muito tornaram-se propriedade de agricultores portuguezes. Os comandantes nem sequer cuidaram das pertencentes a aldeias de domínio portuguez; doaram-nas ou deixaram-nas perder o gado que possuíam.

Santo Angelo (1) não tem mais estâncias. O Conde de Figueira deu ultimamente a um de seus ajudantes de campo uma estância que pertencia à aldeia de S. Luiz. S. Borja possui ainda a de S. Gabriel, mas sem gado algum; S. Lourenço tem a de *Tupansinetã* (Povo de Nossa Senhora) em condições idênticas e enfim *Conceição*, pertencente a S. João, está igualmente sem animais.

A unica estância que conserva alguma importância é a de S. Vicente, onde existem quatorze mil bovinos, pertencente a S. Miguel. Os animais de Itaruquem desapareceram quando os gaúchos entraram em São Nicolau. O marechal Chagas para aqui remeteu alguns e atualmente existem uns mil bois nesta estância.

Consideráveis são as suas construções; a capela principalmente é muito grande. Há aqui índios e brancos, dos que atravessaram ultimamente o Uruguai. À noite põem-

(1) O Autor escrevia S. Anjo.

se a dançar com as índias, enquanto um deles toca o violão e canta, segundo o costume, com voz detestável.

Chácara de Chico Pentiado, 7 de Março, 5 léguas. — Como meus bois estivessem extremamente cansados mandei pedir outros em uma estância vizinha de Itaruquem, sendo-me emprestadas 8 juntas, sem mesmo examinarem minha portaria. Êles nos eram bem necessários, pois, apesar de ter chovido ontem e hoje, o calor continúa excessivo e logo que começa a ser sentido os bois, os cavalos e nós mesmos somos cobertos de moscardos de quatro espécies diferentes. Em parte alguma do Brasil tenho visto tão grande quantidade d'esses insetos. Quando ficava alguns instantes sem espantá-los não havia lugar, no pescoço e na cabeça de meu cavalo, que não ficasse coberto deles. Estando a cavalo pouco me incomodavam, mas parando alguns instantes para colher plantas, vinham logo poisar sôbre meu rosto e sôbre minhas mãos e me picavam mesmo através das roupas.

Hoje percorremos região ainda mais desigual que a por nós atravessada, e os bosquetes são mais numerosos. Depois de S. Borja as pastagens são sempre de um belo verde e pintalgadas de grande número de flores. Nos lugares húmidos a erva cresce à altura do ventre dos cavalos. As principais plantas aí encontradas são: a *Gramínea* n.º 2698, a *Hyptis* n.º 2656 bis e a *Composta* n.º 2716. Nos sítios secos depois das *Gramíneas* são as *Compostas* que apresentam maior número de espécies e de indivíduos. A *Charrua* n.º 2671 bis, outras espécies d'esse gênero, as *Vernonias* e a n.º 2671 podem ser contadas entre as *Compostas* mais comuns neste lugar. Não encontrei nenhuma *Melastomacea*. As *Cassias* são igualmente muito raras.

Parei em uma chácara habitada por um paulista. Conforme disse já, uma estância é uma propriedade onde

podem existir algumas culturas, porém ocupando-se principalmente da criação do gado. A chácara tem área menor e só se destina á agricultura.

Meu hospedeiro gabou muito as terras desta região, que a seu vêr nunca se esgotam, produzindo abundantemente o trigo, milho, algodão, feijão, arroz, amendoim, mandioca, melancia, abóbora, melão e todos os frutos europeus. Há dois anos vem plantando, duas vezes por ano, no mesmo terreno, sem nunca ter adubado, não tendo notado diminuição alguma nas colheitas.

As primeiras sementeiras fazem-se em Maio, Junho ou Julho, colhendo-se em Novembro ou Dezembro. Logo após a colheita semea-se uma segunda vez para colher-se em Março. Podem ser cultivados com igual successo os campos e as matas; todos os capões, indistintamente, possuem terreno absolutamente bom, enquanto noutros lugares, próximos a S. Paulo, é necessário fazer-se escolha. Cuidam tão pouco da agricultura, nesta região, que chegam a vir de S. Borja á casa de meu hospedeiro para comprar frutas e amendoins. Dado os preços elevados de todas as mercadorias, nesta zona, poderia êle fazer fortuna si tivesse produções mais avultadas.

Esse homem estabeleceu-se no terreno que ocupa sem título algum. O marechal Chagas quis fazê-lo sair, resistindo, acabou por tornar-se possessor passivo de sua terra. Outros portuguezes, que nao tiveram a mesma perseverança, retiraram-se havendo hoje apenas um ou dois brancos estabelecidos nas terras da aldeia de S. Nicolau, do outro lado do Piratini.

Seria louvável Chagas garantir os índios em suas terras, e êstes cuidarem de cultivá-las, si êle tivesse sido severo consigo mesmo como fôra para com os outros. Mas, formando, como formou a uma légua de S. Nicolau uma chácara onde construiu um engenho de cana, somos tentados a supôr que seu intento era descartar-se dos por-

tuguêses das Missões, afirm de não ter testemunhas para sua péssima administração.

Quando os insurrectos espanhóis apossaram-se da aldeia de S. Nicolau, o marechal Abreu veio com suas milícias em socorro da província, e, assegura-me meu hospedeiro que em sua retirada êsses soldados causaram maiores danos que os próprios inimigos, pilhando sem escrúpulo, carregando com o gado e com os cavalos das estâncias por onde passavam.

Segundo tudo quanto ouvi dizer, parece que de fâto a população da zona administrada pelo marechal Abreu, isto é, de Capela de Alegrete e distritos circunvizinhos, é de toda a Capitania a que mais se assemelha aos Gaúchos, e os próprios costumes de Abreu pouco differem dos homens conhecidos por êsse nome.

Chácara de Santa Maria, 8 de Março, 5 ½ léguas. — Até ao rio Piratini o terreno continúa desigual e sempre dotado de pastagens e bosquetes de aspecto agradável.

O Piratini é um dos maiores afluentes do Uruguai. No lugar onde o atravessamos, pode ter a mesma largura do Montées em sua embocadura, sendo guarnecido de duas fileiras de árvores, çerradas e copadas.

Meus objéto foram transportados em uma péssima piroga, pertencente a um velho índio, residente em uma palhoça, próxima ao rio. Como o rio é vadeável aos animais, exceto apenas no centro da correnteza, os bois puxaram a carroça de um lado para o outro.

Na outra margem do Piratini a região torna-se mais agradável ainda, sendo a ondulação dos terrenos mais sensível, os bosquetes mais próximos uns dos outros, formando uma espécie de decoração semelhante aos maciços de um jardim inglês, disposta no meio de um vasto prado.

Os moscardos, embora menos numerosos que ontem, estão ainda muito incômodos.

Parámos na Chácara do Marechal Chagas, uma simples palhoça, porém situada em encantadora posição. Deante da casa o terreno forma um declive suave, elevando-se em seguida, do mesmo modo; daí se veem os dois lados de um imenso vale bordado de pastagens e bosques.

Nesta região os campos são, como os de Minas, situados nos vales e grotas, onde se vê ordinariamente alguma fonte ou pequeno regato de águas límpidas.

O feitor do Marechal confirmou-me o que foi dito ontem por Chico Pentiado, sôbre a fertilidade das terras desta região, assegurando-me que eias nunca se cansam, tendo visto semear duas vezes em um mesmo terreno em uma estação, durante vários anos seguidos, sem que perdesse a fecundidade.

A cana de açúcar, conforme disse, produziu suficientemente, tendo sido feita considerável quantidade de aguardente, ficando boa de cortar ao fim de nove meses e dando cinco sócas, perdendo-se contudo muitos pés, devido às geadas. É de crer-se que esta zona da provincia seja tão boa para a pecuária como para a agricultura. Pode dispensar-se dar sal aos bois, mas, si não fôr dado às vacas, estas emagrecem e morrem.

Havia outrora em todas as aldeias das Missões um *cabildo* composto de diversos officiais que, sob a direção dos Jesuitas, eram encarregados de policiar a região. Os espanhóis, e posteriormente os portuguezes, mantiveram essa fórma de governo municipal, substituindo, como disse, a autoridade dos Jesuitas pela de um administrador branco.

Em S. Borja, hoje considerada apenas como praça de guerra, não mais existe o *cabildo*, mas conservaram o

administrador, um mestiço de branco e guarani. Todavia, como não há mais a comunidade nessa aldeia, o administrador não passa de um comissário do comandante, transmitindo suas ordens aos operários. Estes são hoje em número muito reduzido; estão velhos e o último comandante não cuidou de arranjar aprendizes. Assim a agricultura e os ofícios vão se tornando estranhos aos índios.

Entre os artífices existentes em S. Borja contam-se — um torneiro, um serralheiro e carpinteiros. Todos trabalham no *curralão*, por conta do rei, e se não os pode mandar fazer nada sem permissão do comandante. Esses infelizes não recebem pagamento algum além de uma ração igual à dos soldados, isso é, quatro libras de carne por dia. Ademais a distribuição é injusta, pois os casados recebem quantidade igual à dos solteiros, o que também se dá em relação aos militares.

Pode dizer-se que não há na administração do Marechal Chagas nada que não demonstre, à saciedade, a mais criminosa negligência e a maior ignorância do que seja a arte de governar.

O administrador conserva ainda em S. Borja dois cargos creados pelos Jesuitas: o *cunhanrequaro* (guardião de mulheres) e o *avanuquaro* (guardião de homens). Esses guardas são encarregados de fiscalizar os trabalhos das mulheres e dos homens respectivamente.

Durante o tempo que estive em S. Borja o coronel mandou comprar lã para o fabrico de ponchos, encarregando o *cunhanrequaro* de distribuir a todas as mulheres certa quantidade para fiar.

Aldeia de S. Nicolau, 9 de Março, 1 légua. — A pouca distância da chácara do Marechal corre um pequeno rio vadeável, chamado *Iguaracapu*. Para além a região torna-se montanhosa com pastagens e matas em

partes iguais. A alguma distância de S. Nicolau começa-se a perceber essa aldeia, situada sôbre pequeno promontório.

Matias havia tomado a deanteira, anunciando-me a um alferes atualmente encarregado, pelo comandante, de inspeccionar a aldeia. Esse militar teve a idéia de prevenir ao administrador sôbre minha chegada, tendo eu encontrado uma casa bem preparada para receber-me.

Antes de entrar na aldeia passei por estreita picada, ladeada de pessegueiros e densas brenhas, precursoras das ruínas que vamos ver.

Entreí em uma larga rua de casas circundadas de galerias, e absolutamente semelhantes às de S. Borja. Mas quasi não se veem moradores nas casas; as portas estão arrancadas, os telhados e paredes estão em ruínas por toda a parte.

Aldeia de S. Nicolau, 10 de Março. — S. Nicolau foi construída segundo o mesmo plano de S. Borja. A igreja é igualmente voltada para o norte, erguida em uma praça regular e cercada de casas; tem também um pórtico, duas naves laterais, duas sacristias e três altares. Não tem campanário nem côro; enfim as paredes são igualmente feitas de terra e pedras, sendo a abóbada e as colunas de madeira. O convento fica, aqui como em S. Borja, do lado ocidental da Igreja. Nele se vê também um pátio contornado de galerias formadas pelo prolongamento dos telhados da igreja e do convento. Atrás há igualmente um pomar cercado de muros. Há ainda no convento um edificio destinado aos artífices.

As casas da aldeia não passam de divisões de compridas construções cobertas de telhas, cujos telhados, prolongados e sustentados por postes, formam ao redor uma grande galeria.

Os lados oriental e ocidental da praça possuem cada um duas construções separadas, como separadas são nos ângulos da praça. Cada casa compõe-se de um só quarto. Excetuadas algumas onde há janelas feitas ultimamente, não possuem outra abertura além de duas portas estreitas, abrindo-se para as galerias da frente e dos fundos, respectivamente.

Vou discriminar as principais diferenças existentes entre as duas aldeias:

S. Nicolau é infinitamente mais alegre, devido estar colocada em região mais pitoresca e por ter todas as casas caiadas. A igreja é mais baixa que a de S. Borja. O pórtico pelo qual se entra no templo tem sómente uma fila de colunas. Contei 96 passos da porta ao altar-mór e 34 de largura. As naves laterais são separadas da principal por oito arcadas sustentadas em colunas de ordem compósita. Os ornatos dos altares são dourados e sobem até à abóbada, como em S. Borja, mas são mais frescos e de melhor gosto. A igreja é ladrilhada como a de S. Borja, porém, com maior regularidade. Quanto à abóbada é ela pintada de arabescos grosseiros, cujo conjunto produz, entretanto, efeito muito agradável. Em uma pequena capela ficam as pias batismaes, capela que é ornamentada com muito gosto, com o tecto em forma de zimbório, de oito partes, tendo cada uma um emblema referente ao batismo, acompanhado de uma divisa.

Junto à igreja fica o cemitério, cercado de muros e plantado de laranjeiras. O telhado da igreja, prolongado e sustentado em colunas, forma de um lado largo alpendre sob o qual há também sepulturas. Sobre vários túmulos há pequenas pedras quadradas com inscrições em guaraní. São os mais simples epitáfios, pois indicam apenas o nome do morto e o ano do falecimento.

Mede a praça duzentos passos de léste a oeste por cento e cincoenta e sete de comprimento.

Em frente à igreja há um edifício de um andar, com nove sacadas e telhado à italiana; o rez-do-chão apresenta três arcadas deixando vêr ao fundo uma comprida rua terminada por uma aléa de laranjeiras, à extremidade da qual fica uma capela.

Do lado oeste as três ruas que terminam na praça estão intactas; há duas ruas a léste e uma ao norte, apenas.

A rua que termina no meio do lado oriental da praça, faz face a uma capela quadrada cercada de galerias, e à qual se vai por uma aléa de laranjeiras copadas. O verde escuro das laranjeiras e a sombra por elas comunicada à capela inspiram uma espécie de respeito religioso e lembram a idéia que se faz dos *lucus* da antiguidade.

Nem todos os sustentáculos das galerias são postes de madeira; vários são pilastras de pedra e alguns consistem em uma pedra única, de nove pés de comprimento.

Margens do Arroio Caotchobaí, ao ar livre, 11 de Março, 2 léguas e meia. — Durante todo o tempo em que estive em São Nicolau recebi do administrador dessa aldeia toda a sorte de gentilezas. Entretanto às refeições a farinha e o sal eram fornecidos por mim, pois êsses gêneros não são encontrados na aldeia. No primeiro dia deram-nos apenas legumes, mas ontem tivemos carne fresca porque o coronel, a pedido do administrador, remeteu a São Nicolau algumas vacas apreendidas na estância de Itaruquem. Delas deram-me um quarto, para o consumo de viagem até São Luis. Nada querendo dever a êsses indios, tão pobres, presenteei com 3 ponchos as crianças mais necessitadas.

Para vir até aqui atravessei região ainda um pouco montanhosa e agradavelmente dotada de pastagens e bosquetes onde se veem belas árvores, boas para a construção de casas, para marcenaria e carroçaria.

Os moscardos não estiveram menos incômodos que durante o trajeto de Itaruquem à estância de Chico Pentiado. Nossos cavalos tinham a cabeça e o peito inteiramente cobertos. Parei duas ou três vezes para colher plantas, o que bastava para êsses insetos virem poisar sobre minha cabeça e minhas mãos, mordendo-me de todos os lados, a êles juntando-se além disso outros mosquitos e pequenas abelhas. Não podendo suportar tal martírio fui obrigado a renunciar descer do cavalo e deixar escapar algumas plantas ainda não colecionadas.

Atravessámos, nessa caminhada, três riachos: o primeiro, afluente do Piratini, chamado *Guaracapo*, já nosso conhecido quando iamos da Chácara de Santa Maria a S. Nicolau; o *Taquarati* (rio das Taqueras) (1) e enfim o *Caotchobai*, à margem do qual acampámos no meio de uma pastagem encerrada entre dois tufos de árvores.

Experimento sempre contrariedades devidas aos meus companheiros, apesar de não poder negar que me prestam grandes serviços. Matias é-me extremamente útil mas fala-me quasi sempre de modo insolente ou não se dá ao trabalho de responder-me ás perguntas. Firmiano está mais moleirão, aborrecido e irritante que nunca; Laruotte não passa de uma criança grande, mal criada; José Mariano não se mostra muito mal humorado mas tem grande prazer em contrariar-me e desencorajar-me. Para viver em paz o meu único recurso é manter profundo silêncio, mas torna-se penoso concentrar-me, não podendo conversar um instante sequer com os que me acompanham, e nunca receber uma prova de amizade.

(1) Taquara, junco selvagem. — (Nota do Autor).

O cuidado de manter provisões para meus camaradas torna-se extremamente fatigante, em uma região onde há carência de tudo. Há a carne, mas qualquer quantidade que lhes dou não dura um dia. Havia trazido metade de uma vaca para virmos de Itaruquem a S. Nicolau. No dia em que estivemos na estância de Chico Pentiado os homens encheram-se de carne, mas não tendo eu tomado precaução para conservar a que sobrasse, atiraram-na fóra. Todo o quarto que trouxemos de S. Nicolau foi comido hoje e ninguém se preocupa com o dia de amanhã. Em geral isso dá-se com todas as provisões. Meus homens são de tal modo inimigos de tudo quanto se relaciona com o futuro que, ao terem o estômago cheio, acham prazer em lançar fóra o que podia dar para viverem vários dias, mesmo quando têm a certeza de nada encontrarem no dia seguinte.

Disse que as pastagens eram muito boas até Camaquam e mesmo até Piratini, mas referi-me à necessidade de dar se sal aos animais aquem dêste último rio. Essa diferença tem algo de extraordinário, pois conquanto os tufos de árvores sejam mais numerosos, e em maior extensão, não vejo na vegetação das pastagens nenhuma diferença notável.

Ao ar livre, a um quarto de légua de S. Luiz, 12 de Março, 4 1/2 léguas. — Persiste o solo um pouco montanhoso e agradavelmente bordado de matas e pastagens. Aquelas apresentam espessos bosques de árvores, lianas e arbustos onde seria impossível penetrar, salvo si se abrisse passagem de machado à mão.

Os campos daqui são muito parecidos com os dos arredores de Curitiba, mas são mais alegres, pela ausência da *Araucária*.

Após termos caminhado cerca de meia légua passámos pelas ruínas de uma capela dedicada a São Jerô-

nimo, e deixamos os bois descansar à margem do pequeno riacho *Pirajú*, a quatro léguas e meia de S. Nicolau.

Desde as 4 horas da manhã começámos a ser incomodados pelos moscardos, mas foi principalmente às 3 ou 4 horas da tarde que se tornaram insuportáveis. As quatro espécies já minhas conhecidas juntaram-se duas outras, novas. O ar está cheio deles e por toda parte assemelham-se, pelo número, aos enxames de abelhas saídos da colméia. Estavam enovelados sobre o pescoço e o peito de meu cavalo, cobrindo-o de sangue. Passam e repassam defronte do meu rosto, lançam-se em meus olhos e cobrem minhas roupas. Os movimentos feitos pelo meu cavalo, e por mim mesmo, para espantar os insetos, tornaram-me de tal modo fatigado que fiquei como si fôsse um bêbado.

Chegámos ao lugar onde parámos ao pôr-do-sol; durante meia hora, mais ou menos, êsses insetos continuaram a nos assaltar e a nos picar, mas ao cair da noite cessaram repentinamente tal perseguição. As pessoas do lugar dizem que êles aparecem todos os anos durante o mês de Março, não os havendo, entretanto, na mata. Nas margens do rio S. Francisco, ao contrário, onde tais insetos são muito menos numerosos que aqui, é no inverno que aparecem e êles habitam principalmente as matas.

O calor excessivo e as picadas dos moscardos castigaram bastante meus bois e meus cavalos. Trouxe de S. Nicolau duas juntas pertencentes ao Marechal Chagas e apesar disso, foi com grande dificuldade que fizemos ontem duas léguas e meia, e não teríamos chegado até aqui si não tivéssemos saído pela madrugada.

CAPÍTULO XVIII

São Luis. — *As ruínas da civilização implantada pelos Jesuitas inspiram-nos respeito por êsses Padres.* — *Atual indigência dos índios.* — *Mestre-escola.* — *Os índios de S. Nicolau têm melhor aparência que os de S. Borja, provando isso a ação corruptora dos brancos.* — *Paléstra com uma índia.* — *Hospital construído pelos Jesuitas.* — *Administração antiga e atual.* — *Descrição de S. Luis.* — *Alguns artífices e um bom administrador.* — *Variola.* — *Chácara do administrador de São Lourenço.* — *Chácara da comunidade de S. Luis.* — *Boa aparência dêsse estabelecimento.* — *São Lourenço.* — *Miséria dos índios.* — *Mau administrador.* — *Descrição da aldeia.* — *Velho quincôncio de erva-mate.* — *Colheita do mate.* — *São Miguel.* — *Bom estado dessa aldeia.* — *O marechal Chagas.* — *Abusos.* — *Soldados não pagos.* — *Igreja de São Miguel.* — *Hospital sem médicos e sem remédios.* — *Essa aldeia é a menos pobre de todas.* — *General Siti, indio, bêbado e ladrão.* — *Pequenos índios frequentemente roubados.* — *Engenho daçucar construído pelos Jesuitas.* — *São João.* — *O cura de S. Miguel.* — *Santo*

Angelo (1). — *O Juimirim e Juicuassú, — População da aldeia. — Triste condição das índias. — Agricultura dos guaranis: sua charua, trigo, mandioca, milho, algodão e feijão. Impudor ingênuo das índias.*

São Luis, 13 de Março, 1/4 de légua. — A regularidade da aldeia de São Nicolau e o tamanho de seus edificios causaram-me um sentimento de admiração e de respeito quando considerei tudo aquilo como obra de um povo semi-selvagem guiado por alguns religiosos; mas, quanto amargor invadia tal sentimento, ao deparar ruínas onde há pouco demorava numerosa população. São Nicolau caíra, já, em deplorável estado de decadência quando os gaúchos aí entraram, em Abril de 1819, e acabaram de destruí-la. Eles assaltaram as casas, arrombaram as portas e fizeram buracos nas paredes afim de assestarem os fuzis nas horas de luta. Os habitantes fugiram, dispersaram-se e um grande número não mais regressou. Além disso foram recrutados todos os jovens, para fazerem-nos soldados. Atualmente o número de casas habitadas não vai além de duas dúzias, sendo seus moradores constituídos de velhos, mulheres e crianças.

A igreja não está em tão mau estado quanto a de S. Borja; entretanto a abóbada e as colunas caem em ruínas.

As construções chamadas *curralão* estão quasi destruídas. Não se pode entrar nos apartamentos do *cabildo* senão por uma escada e somente o convento mostra-se bem conservado. Isso não é para se admirar

(1) O Autor escreve Santo Anja.

visto ser, há muito, residência do Marechal Chagas. As diferentes peças que a compõem eram outrora independentes. O marechal mandou fazer portas nas paredes divisórias, providência completamente inútil visto ser possível passar de um quarto a outro, por meio das galerias, sem apanhar chuva ou sol. Além disso o marechal mandou construir novas peças, as quais ainda não foram terminadas; nisso trabalharam durante muitos anos, sempre á custa dos índios, enquanto deixavam suas estâncias ao abandono e negavam-se-lhes meios de subsistência.

Em São Nicolau existem poucos índios e êsses mesmos na maior indigência. A comunidade existe ainda entre êles, porém teoricamente, pois nada há a dividir. A administração atribue tal penúria á sêca observada ultimamente e o público á sua fraquesa e incúria. No momento há cerca de 25 índios, todos velhos, empregados nos trabalhos da comunidade. Suas plantações, por mim visitadas, ficam a uma légua da aldeia e consistem em algumas geiras de milho, com belo aspecto e quasi maduro, e geira e meia de algodoeiros cujas capsulas começam a abrit.

Tais plantações não podiam ser maiores porque a comunidade não possúe bois e os agricultores são velhos e mal nutridos.

Morando, com suas mulheres, em uma grande palhoça próxima á lavoura, são chamados ao trabalho pelo toque de um tambor. Vê-se na palhoça um pequeno oratório cheio de pedaços de imagens de santos. Semelhantes restos de imagens são encontrados em todas as casas e provêm das igrejas destruidas, da margem direita do Uruguai, e das capelas que tiveram a mesma sorte nas aldeias portugúesas.

Há um cura em São Nicolau, o qual não vi porquanto se achava em sua chácara. Nessa mesma aldeia

há também um mestre-escola, de raça guarani, e que ensina a ler, escrever e contar a uma dúzia de crianças. Estive em sua casa durante uma aula. Cada criança tinha à mão um pedaço de papelão em que estavam escritos, em letras muito bem feitas, da autoria do mestre, alguns versículos da Escritura Sagrada, que serviam de exercício de leitura. Na falta de livros o mestre é obrigado a escrever o que os alunos devem ler, sendo essa prática comum em quasi todo o Brasil. A única recompensa recebida pelo mestre-escola de São Nicolau, dada pela comunidade, consiste em gêneros alimentícios, o que significa vir exercendo gratuitamente, há muito tempo, suas funções.

Notei nos índios de São Nicolau um ar mais franco, alegre e modos mais delicados que os de S. Borja, provando isso a ação nociva da mistura com os brancos. Os brancos com os quais os índios têm mais ligação pertencem em geral à mais baixa classe da sociedade; frequentando-os os Guaranis aprendem seus vícios, e, tratados com desprezo adquirem um caráter de desconfiança que se nota até na fisionomia das crianças.

O asseio é uma das qualidades que me parecem distinguir as mulheres guaranis; são frequentemente andrajosas porém limpas. Sua vestimenta consiste apenas numa camisa e um vestido de pano de algodão; seus cabelos são muito compridos e trazem-nos enrolados atrás da cabeça e quando vão à igreja usam um véu branco.

Em São Nicolau o Administrador mostrou-me uma índia e disse-me, em presença dela, que seu marido a havia abandonado, porém havia ela vivido posteriormente com homens brancos, com os quais tivera sucessivamente sete filhos.

Segundo o que me contam, disse-lhe eu, parece-me que essas mulheres não são susceptíveis de afeição algu-

ma; seguem seus maridos por toda a parte, é certo, mas fazem-no unicamente porque seus maridos são homens; seguiriam outro qualquer em seu lugar, si se apresentasse.

“— Há tão pouco tempo que êsse branco está aqui e vejam como nos conhece já!” — exclamou a índia.

Vi em São Nicolau um hospital construído pelos Jesuitas. Compõe-se de quatro salas; uma que servia de capela, uma destinada aos homens, a terceira para as mulheres e a quarta destinada a velhos e aleijados. Hoje êsse estabelecimento tornou-se inútil, não mais existindo os leitos para os doentes e não havendo na aldeia um único medicamento. Um curioso português mete-se entretanto a tratar os doentes por meio de plantas da região, podendo-se avaliar sua competência pelo seguinte: um indiozinho queimára um lado do rosto e parte do peito, estando hoje curado, porém, com aderência do queixo ao peito.

Disse haver outróra em cada aldeia um conselho municipal (*cabildo*) incumbido do policiamento sob a direção dos Jesuitas e depois sob a dos administradores. O de São Borja compunha-se de 12 membros, hoje inexistentes, mas em São Nicolau os quatro principais cargos do *cabildo* são ainda preenchidos, a saber: o de *capitão co-regedor*, o de *tenente co-regedor*, o de *alcaide* e o de *escrivão*. Êsses homens exercem ainda algumas funções sem importância mas nunca se reúnem para deliberações.

São Luiz, 13 de Março. — Não entrei ontem em São Luiz porque era muito tarde e não haveria tempo de preparar uma casa. Estando a noite muito bonita mandei fazer minha cama em baixo da carroça; mas à meia-noite o trovão fez-se ouvir e a chuva começou a cair. Tudo foi posto apressadamente na carroça, no meio da escuridão, passando eu a noite assentado sôbre úa mala, no

meio das bagagens empilhadas. Meus camaradas refugiaram-se sob a carroça e deixaram de fazer ronda aos bois para impedi-los de fugir. Esta manhã não foram os mesmos encontrados, saindo todos à procura, o que occasionou chegarmos tarde à aldeia.

O administrador estava ausente mas fui recebido por um de seus cunhados, o qual mandou arranjar uma casa para mim, na aldeia.

Provavelmente não fui hospedado no convento por ser a residência do administrador, tendo lá ficado sua mulher e seus filhos. Seu cunhado mostrou-me a igreja, o *curralão* e toda a aldeia. Fiz-lhe inúmeras perguntas, mas o homem era de tal estupidez que não pôde responder a nenhuma e terminei por nada mais perguntar.

São Luiz, 14 de Março. — São Luiz demora-se sobre uma colina donde se avista região um pouco montanhosa, agradavelmente disposta, cortada de pastagens e bosques. Salvo algumas diferenças, atinentes a dimensões, foi esta aldeia construída sob o mesmo plano das de S. Borja e S. Nicolau. Contudo as casas são mais altas, que as dessas aldeias, mais claras e construídas com mais cuidado, sendo as galerias que as circundam sustentadas por pilastras de pedras. Também são pilastras de pedras que suportam as galerias do claustro, e várias, constituídas de uma única peça, são muito altas.

Ainda não estava a igreja completamente terminada. Foi feita, como o resto da aldeia, sob o mesmo modelo seguido em S. Borja e S. Nicolau, porém é mais bonita que as dessas duas aldeias. É em parte pavimentada de pedra e os ornatos dos altares são mais novos e de melhor aspecto. A abóbada, que não foi completamente acabada, deixa ver um vigamento onde a madeira foi prodigamente empregada, mas denotando cuidados na construção.

Enfim essa aldeia não se apresenta em melhor estado que a de São Nicolau.

Nenhum vestígio resta da casa do *cabildo*. As únicas casas ainda existentes são as do redor da praça, na maioria em ruínas. A igreja não foi melhor conservada; a inúmera quantidade de morcegos nela existente empresta-lhe muito mau cheiro.

Quatrocentas almas constituem a população de São Nicolau e das terras dependentes dessa aldeia; aqui não há senão trezentos habitantes, todos velhos, mulheres e crianças. Os rapazes, tal qual os de São Nicolau, foram levados para o Regimento e estão em S. Borja.

É o cura de São Nicolau que atende às necessidades religiosas da aldeia de S. Luiz, para o que recebe retribuição igual das duas localidades, devendo portanto dividir, igualmente, entre elas, seu tempo e seus cuidados. Todavia êle apenas vem aqui para ministrar a comunhão pascoal aos habitantes, privando-os dos socorros espirituais durante todo o resto do ano.

Aqui as crianças não dispõem de um mestre-escola, como em S. Nicolau.

Há em S. Luiz diversos artífices, principalmente tecelões, que trabalham para a comunidade, mas, tal é o desleixo do Marechal Chagas que nunca se lembrou de dar ordens para que as crianças aprendessem o ofício.

Também aqui os índios possuem o semblante alegre e franco dos de S. Nicolau, e até parecem mais saudáveis e mais satisfeitos. Têm a felicidade de serem administrados por um homem inteligente, o qual, tratando-os com delicadeza, os obriga a trabalhar e tem o cuidado de ver que nada lhes falte. Esta tarde veio êle visitar-me e fiquei satisfeito pelas suas atitudes honradas e pela sua conversa agradável.

Vi no convento um grande número de surrões cheios de arroz, milho e feijão. Esses gêneros, fruto do trabalho da comunidade, destinam-se à alimentação dos habitan-

tes da aldeia. O excedente das colheitas e dos tecidos é trocado por bovinos de modo que nunca falta carne aos índios de S. Luiz. Excetuados os artifices todos trabalham nas plantações da comunidade, mas além disso o administrador lhes permite fazer plantações particulares e lhes dá dias de férias para cuidá-las. Vi várias dessas plantações ao redor da aldeia, achando-as bem tratadas. As plantas que os índios aí cultivam de preferência são: feijões, milho, mandioca mansa, batatas, abóboras e melancia. Têm o costume de construir pequenas palhoças no meio das plantações, onde ficam nas ocasiões de colheitas afim de evitar os furtos.

Notável é que essas rocinhas não são fechadas e não se recorda quando foi que estiveram incultas.

Entre as principais causas de despovoamento desta província deve ser incluída a varíola. Desde o tempo dos Jesuitas ela vem ceifando vidas, repetindo sua influência de três em três anos. É sabido que em geral essa moléstia poupa menos os índios que os homens doutra raça. Ela atacou um grande número de pessoas e somente o povo de Santo Angelo foi poupado porque o administrador mandou vaciná-lo logo que soube da epidemia nas outras aldeias. Havia já muito tempo que a vacina era conhecida no Brasil. Entretanto o Marechal Chagas nunca procurou introduzi-lo entre os índios das Missões e mesmo após constatar os estragos causados pela bexiga não se preocupou em prevenir contra o retôrno do flagelo.

Chácara do Administrador de S. Lourenço, 15 de Março, 3 léguas. — Nenhuma mudança notável no aspecto da região, sempre desigual e dotada de pastagens e bosquetes.

Após as chuvas, que venho apanhando desde Belém, as pastagens têm tomado a mais bela coloração verde e não hei cessado de encontrar flores. Depois de Piratini

as plantas mais comuns têm sido — os dois *Eryngium*, *Vernonias*, a *Charrua n. 2.671 bis* e uma multidão de espécies do mesmo gênero.

Afim de dar um pouco de descanso aos meus bois pedi ao administrador de S. Luiz os da comunidade, o qual prontificou-se a emprestar-mos, dando-me também um índio para acompanhá-los.

A uma légua da aldeia desviei-me do caminho para ir ver a chácara da comunidade. Os índios que aí trabalhavam ordinariamente haviam ido à aldeia levar sacos de milho e feijão, por isso sómente encontrei o tenente co-regedor e um outro funcionário, os quais receberam-me gentilmente e mostraram-me todas as plantações. O terreno foi muito bem escolhido, estendendo-se em declive sôbre a margem direita dum pequeno regato, nascendo próximo e formando a orla de uma grande mata e de um vasto campo, de modo que se pode estender a chácara em um ou outro.

No meio das cabanas dos plantadores, localizadas à margem direita do rio, há uma pequena capela, coberta de colmos, e dedicada a Santo Isidoro, na qual o tenente co-regedor mostrou-me, respeitosamente, a imagem, grosseiramente esculpida.

Muito bonitas e de grande extensão apresentam-se as plantações, consistindo em algodoais, um campo de milho, outro de feijão e um soberbo arrozal.

As mulheres ocupavam-se em capinar um terreno a ser plantado no próximo ano. À minha chegada postaram-se em duas filas e pediram-me a benção, de mãos juntas, segundo a usança da região. Em seguida voltaram ao trabalho e puzeram-se a rir como loucas. Em geral observo que quando as índias veem um estrangeiro começam por fazer-lhe delicadezas, com ar sério e encabulado, para depois porem-se a rir, êsse riso tolo e infantil que lhes é peculiar.

Gostei muito do tenente co-regedor e do outro funcionário, nos quais surpreendi uma aparência alegre, franca e feliz. Falaram-me muito bem do administrador. Repetiram-me que êle trata os índios com atenção, amando-os e tendo cuidado em nutri-los e vesti-los. Ao elogiarem êsse homem notei a preocupação que têm em repetir o fato dêle fazer trabalhar seus administrados. Os índios são em tudo como crianças, e por isso preguiçosos; entretanto, reconhecem que devem trabalhar e não gostam dos chefes que os deixam na ociosidade. Assim acontece com os estudantes negligentes: gostam de troçar os professores relapsos.

Perguntei aos dois índios da chácara de S. Luiz si o administrador de S. Lourenço era tão bom quanto o dêles.

— Quem sabe lá? — responderam-me.

Julguei tal resposta uma evasiva por temerem dizer-me o que pensavam, e não insisti nêsse assunto, mas êles mesmos voltaram ao caso e disseram-me que o *carai-major* (administrador) de São Lourenço não era igual ao dêles pois ocupava-se muito de sua chácara e pouquíssimo da da comunidade.

Foi nessa chácara uma das nossas paradas. Fica apertada entre dois bosques e em terreno ondulado, dando os acidentes encanto à paisagem. As plantações são consideráveis e acredito não ter visto mais belas depois que me acho no Brasil. Não há ervas daninhas e as plantas acñam-se simetricamente alinhadas.

Logo ao apear-me um emigrado paraguaio, aqui servindo como capataz, trouxe-me uma prodigiosa quantidade de excelentes melões. Êsse homem indo tratar de alguns negócios em Entre-Rios fôra obrigado a pegar em armas, tornando-se em seguida oficial, mas, conseguindo fugir veio procurar guarida entre os portugueses. Foi

extremamente atencioso para comigo, respondendo delicadamente às perguntas que lhe fiz.

Tive ocasião de ver, em minhas viagens, um grande número de paraguaios e mesmo entre os que são tidos como brancos foi-me fácil reconhecer a mistura do sangue indígena. Tais homens são geralmente grandes, de porte esbelto, semblante espiritual e franco, sendo comunicativos e demonstrando, nas conversas, inteligência e espírito.

Entre os índios que trabalham na chácara do administrador encontrei um falando muito bem o português, cousa muito rara entre aqueles que nunca foram soldados. Pus-me a conversar com o mesmo, perguntando-lhe si estava satisfeito com o patrão.

“— Vêde si posso estar satisfeito, disse-me mostrando os andrajos sobre seu corpo; sirvo-o há muito tempo e vêde como sou vestido! Mas José Maria vai tomar-lhe esta chácara e entregá-la aos habitantes da aldeia. Com efeito estas terras são nossas e eles não têm escravos.”

Esse José Maria a quem se refere o índio fôra administrador de várias aldeias; Chagas exonerára-o mas o coronel Paulette dispensou-lhe confiança e incumbiu-o de fazer visitas às aldeias relatando o que nelas se passa; via-o todos os dias em S. Borja, onde fazia refeições em casa do comandante, tendo me alcançado à estância de *Bicu*, reencontrando-nos em S. Nicolau. Contou-me, em *Bicu*, que depois de minha partida de S. Borja um capitão de Entre-Rios, homem branco, viera apresentar-se ao coronel Paulette, com cinquenta homens, dizendo-lhe que Ramirez havia perdido inteiramente a confiança da tropa e que dentro em pouco estaria, sem dúvida, completamente abandonado.

Chegaram hoje aqui trezentos índios, conduzidos por um cabo, parente do alferes de Rincão da Cruz. Esses

homens faziam parte, disse-me o sub-official, de um destacamento de quatrocentas praças que vinham de atravessar o Uruguai e pedir asilo ao comandante. Êste perguntou-lhes si havia entre êles algum que quisesse entrar para o Regimento de Guaranis-portuguêses; cem a isso se prontificaram e os restantes dirigem-se a São Miguel, onde se encontra *Siti*.

O cabo louva muito a paciência e docilidade dessa gente. Conta que Ramirez foi inteiramente abandonado pelos seus correligionários, tendo um regimento de negros, de sua confiança, passado ao Paraguai e que Pires, tendo recusado obedecer à ordem de atacar êsse país, havia se asilado em Buenos-Aires. Informou-me que êsse Pires é filho de um paulista estabelecido em Entre-Rios, no *Arroio de la China*, não tem ainda 20 anos de idade e é analfabeto, mas por sua coragem e bravura conquistára a confiança de Ramirez.

São Lourenço, 16 de Março, 2 léguas. — Região sempre encantadora, bordada de pastagens e bosquetes, em terreno acidentado.

Encontrei no caminho os índios de que falei ontem. Êsses infelizes, que se fazem acompanhar de mulheres e filhos, nada possuem além de seus magríssimos cavalos, estando todos andrajosos. As mulheres vão a pé porque suas montarias não podem aguentá-las mais.

Antes de chegar a S. Lourenço, um sub-official guaraní, da comitiva de José Maria, veio ao meu encontro e a primeira cousa que fez foi falar do administrador. Disse-me que José Maria estava muito contrariado com êsse homem, cuja escrituração não se apresentava corrêta e do qual todos os índios se queixam.

À minha entrada na aldeia o administrador veio cumprimentar-me, demonstrando grande empêho em que eu ficasse muitos dias na localidade. Avistando José

Maria aproximei-me para dar-lhe bom-dia e nessa ocasião ouvi-o fazer violentas censuras ao administrador. Segundo diz, os índios são aqui castigados a vergalho. Transformou o colégio em bordel e é acusado de todas as sortes de crimes.

Terminada essa discussão pedi ao administrador que me mostrasse a igreja. É também voltada para o norte e construída sob o mesmo plano das outras aldeias, porém, nenhuma delas é mais bela que esta. Tem oitenta e seis passos de comprimento por quarenta de largura; as naves-laterais são sustentadas por duas filas de colunas de madeira, de ordem compósita. Em vez de três ela tem cinco altares, todos com ornatos dourados e de muito bom gosto. Enfim o edifício apresenta-se no melhor estado possível.

Também o convento está muito bem conservado, apesar do mais achar-se em ruínas. O *curralão* apresenta-se completamente destruído; afóra a praça só existe um pedaço de rua e mesmo a metade de um dos lados da praça acha-se derrubada.

Menor que a das outras aldeias é a população desta, montando a duzentos indivíduos apenas, e isso mesmo velhos, crianças e mulheres. Os habitantes são geralmente sujos, mal-vestidos, tristes e sonsos, isso certamente devido aos maus tratos infligidos pelo chefe.

Os índios, tenho-o dito centenas de vezes, são como crianças: alegres e francos quando tratados com carinho; melancólicos e aborrecidos quando tratados rudemente.

Ao ficarmos sós o administrador pôs-se a relatar-me seus queixumes, atribuindo julgamentos injustos a José Maria, e pediu-me interessar por êle junto ao coronel-comandante. Desculpei-me do modo mais honesto que me foi possível, dizendo-lhe do pouco valor de meu testemunho, visto ser um viajor em rápida passagem pela aldeia.

À tarde fui herborizar e passei por um vasto quincôncio de erva-mate, limítrofe com a aldeia, e datando do tempo dos Jesuitas. As árvores têm a grossura de uma coxa e como as irrigam anualmente sómente mostram brotos novos. Alguns índios da margem direita do Uruguai estavam ocupados em preparar a erva; eis a sua técnica: duas cêrcas compostas, cada uma, de três forçados mais ou menos da altura de um homem são colocadas verticalmente no solo; entre os dentes do forçado duma mesma cêrca, dentes êsses muito curtos, fica um grosso pau, em posição horizontal e enfim paus menores são amarrados transversalmente sôbre os dois grossos paus opostos; essa espécie de mesa, denominada *carijo* é destinada às últimas operações a que é a erva submetida.

Junto ao *carijo* é acesa uma alongada fogueira. Em pequenas varas, previamente rachadas até ao meio, os índios enfiam pedaços de ramos de mate e em seguida fincam, obliquamente, essas varas no chão, ao redor da fogueira (sapecar) (1) assim torrando os ramos e folhas. Quando tal operação está concluída levam os ramos para os varais transversais de modo que os galhos fiquem em baixo e as folhas em cima. Depois acendem novo fogo afim de aquecer o mate que é em seguida pilado por meio de um tóco de madeira e um pequeno saco de couro.

Os Jesuitas, que faziam considerável comércio de erva mate, não se contentavam em colhê-la no estado espontâneo em que se encontrava nas proximidades de Santo Angelo; trataram de fazer plantações ao redor das aldeias, infelizmente quasi todas destruídas. Em S. Borja, S. Nicolau e S. Luiz essas culturas desapareceram completamente e ninguem cuida renová-las, mau grado as grandes vantagens que decorreriam para as aldeias.

(1) O Autor escrevia *sapicar*.

Após haver atravessado os quincôncios de mate fui passear nos arredores da aldeia e vi, como em S. Luiz, várias chácaras muito bem mantidas.

Entrando em uma delas sómente encontrei mulheres, que me receberam com semblante alegre e franco. A mais velha falou-me bastante, porém, como sómente conhecia o guaraní foi-me impossível compreendê-la. Em seguida foi apanhar uma abóbora, presenteando-me de muito boa vontade.

Não sei si é o hábito de ver índias que vai fazendo desaparecer a meus olhos qualquer cousa da feiura delas, mas parece-me de fato existir entre essas mulheres algo de agradável, em seu sorriso infantil.

São Miguel, 17 de Março, 3 léguas. — Como as admoestações de José Maria causaram grande transtôrno ao cérebro do pobre administrador de São Lourenço sómente ao meio-dia pude conseguir os bois que lhe havia pedido, motivo pelo qual tivemos de suportar excessivo calor. Embora menos numerosos, que os do dia de nossa chegada a S. Luiz, os moscardos atormentaram-nos muito.

O terreno continúa com o mesmo aspécto, porém mais montanhoso em determinados lugares e o caminho apresenta-se muito pedregoso.

Junto a S. Miguel veem-se muitas chácaras dispersas pelo campo.

Essa aldeia situa-se em uma colina, e, de todas até agora vistas, é a que se apresenta em melhor estado. Tomando a deanteira, acompanhado do Matias, fui logo apresentado ao administrador, um mulato idoso, natural da Capitania de Minas. Tendo sido prevenido de minha chegada recebeu-me com essa polidez humilde, característica nos homens de côr oriundos daquela capitania. Parece ser inteligente e dirige-se aos índios com bondade. Sua conversação prova, ademais, que êle não é desta lo-

calidade, pois em geral os homens desta região falam pouco, demonstram extrema ignorância, pouco espírito e sentimento. São grandes, bem feitos, bonitos, mas parece que a natureza só lhes deu dons exteriores.

Poucas horas após minha chegada recebi a visita de um tenente, comandante de um destacamento de guaranis e homens brancos do Regimento da Província. Apresentei-lhe uma carta do coronel e consegui d'ele um vaquiano para acompanhar-me até mais adiante.

São Miguel, 18 de Março. — Em virtude do excessivo calor de hoje nada pude fazer. Pela manhã estive de prosa com um europeu que foi durante muito tempo secretário do Marechal Chagas e que, como todos os europeus, muito clama contra os abusos do governo. Lamenta principalmente a sorte desta província, e, há convir, tem toda razão. No início da guerra vieram trezentos soldados catarinenses, mas excetuados êsses, sómente os milicianos da província defenderam-na contra seus inimigos, lutando às suas próprias expensas, pois em onze anos de serviço apenas receberam dois anos e meio de sôlido e sómente um uniforme. Contudo nunca deixaram de estar em armas, longe de suas famílias e seus lares, e de fornecer gado e cavalos, sem retribuição alguma.

Depois que o Conde de Figueira veio governar a Capitania a fazenda-real fez algumas despesas com o Regimento dos Guaranis, mas até então êsse regimento vivêra às expensas dos povos. No comêço não havia nem fuzis e o marechal foi obrigado a mandar fazer lanças com ferro adquirido com verbas das aldeias. Seu secretário afirmou-me que da criação do Regimento à partida do Marechal Chagas as comunidades forneceram para manutenção de tropa nada menos de setenta e três mil cruzados. Assim sendo o regimento era sustentado por velhos e mulheres, os quais tinham ainda o encargo de, por seus trabalhos, manter os curas e os administr-

dores das aldeias, pagos pelos índios. A junta da fazenda de Porto Alegre chegára ao cúmulo de exigir pagassem êles os dízimos, mas tal medida foi revogada.

São Miguel, 19 de Março. — Aldeia também situada sôbre pequena colina, em região pouco montanhosa e bordada de pastos e bosques.

Em S. Borja os bosquetes não eram ainda bastante numerosos; à medida que se encaminha para léste, e por conseguinte em direção às montanhas, êles tornam-se mais frequentes e nos arredores daqui pode-se dizer que há mais bosques do que pastagens.

S. Miguel é a mais conservada de todas as aldeias que hei visitado até agora. Além das casas constitutivas da praça veem-se várias ruas. O curralão apresenta-se em bom estado. A casa do cabildo necessita reparação, mas subsiste ainda. A igreja, construída pelos Jesuitas, é toda de pedra e possui uma torre que servia de campanário, mas, há vários anos, um raio caindo sôbre ela destruiu-o completamente. João de Deus, um dos primeiros governadores desta província, pretendia fazer reparação nêsse edificio, tendo para isso reunido os materiais, dispendendo muito dinheiro, mas, tendo sido substituído, o sucessor não levou avante seus projéto. As reparações foram interrompidas e as despesas feitas tornadas inúteis. Tal é ainda um dos inconvenientes do poder absoluto outorgado aos governadores de província. Cada qual dá início a uma determinada obra e quasi nenhum continúa a de seu predecessor; o dinheiro público é dissipado e as províncias se indídam para sempre.

Em substituição à velha igreja foi construída uma outra, baixa, estreita, comprida, em nada parecida com os vastos edificios construídos pelos Jesuitas.

São Miguel também é feita segundo o mesmo plano das outras aldeias, entretanto, além da diferença já demonstrada com referência à velha igreja existe outra re-

lativa à posição dos três edifícios principais. Em todas as aldeias que visitei a igreja é colocada à direita do convento, e o curralão à esquerda; aqui ao contrário o curralão fica à direita e a igreja à esquerda.

O hospital, ainda existente, compõe-se de várias peças extremamente sombrias. Nêle ainda recebem doentes, mas não há médicos, nem enfermeiros, nem remédios.

Em São Luiz e São Lourenço não há cura nem mestre-escola, mas aqui há uma cura e um jovem guaraní ensina leitura às crianças.

Esta aldeia é a menos pobre de todas, possuindo uma considerável plantação de mate e importante estância onde são marcados três mil animais cada ano.

Os habitantes, bem nutridos, bem vestidos e tratados carinhosamente por seu administrador, têm um ar alegre e franco, demonstrando satisfação.

S. Miguel é a primeira aldeia onde vejo realizar algumas reparações. Si desde o início tivessem cuidado disso, sempre que fôsse necessário, em todas elas, as aldeias não estariam em quasi total destruição, mas numa região onde não são reparados os próprios edifícios públicos não se pode esperar que os administradores, cujo principal interesse é o lucro, cuidem de fazer concertos em imóveis que lhes não pertencem e que pouco lucro lhes dão.

Em todas as aldeias que tenho percorrido até agora, as ripas foram substituídas por bambús unidos uns aos outros e amarrados com cipós. Nenhuma falha existe nos madeiramentos.

Serviu-me de vaquiano de S. Borja até aqui um soldado guaraní, cuja família se acha nesta aldeia há três anos. Ao chegarmos felicitei-o pela ventura de rever sua mulher e seus filhos, tendo êle demonstrado frieza ao ouvir-me. Esta manhã veio dizer-me que não sabia o que

fazer, si voltar para S. Borja ou ficar aqui. Respondi-lhe que ia perguntar ao tenente quais ordens teria recebido, a êsse respeito, do comandante da provincia. Após entender-me com o dito tenente encontrei o guaraní e disse-lhe ser-lhe permitido permanecer aqui o tempo que quisesse, pois nêsse sentido escreveria ao comandante. Respondeu-me que partiria dentro de 8 dias. Não assinalo isso como um traço particular de indiferença e sim como exemplo da característica dessa raça.

O abade Casal fala da existência de pinheiros na provincia das Missões; não se veem dessas árvores em toda zona por mim percorrido desde Ibicuí, mas vi dois exemplares no jardim do convento de S. Nicolau e meia dúzia no do convento de S. Miguel, todos plantados pelos Jesuitas.

São Miguel, 20 de Março. — Conforme disse, já, foi esta a aldeia designada pelo marechal Chagas para residência do general *Siti*. Fui vê-lo ontem às onze horas ou meio-dia, e disseram-me que visto ser dia de São José, êle provavelmente já estaria embriagado. Tendo trazido consigo grande quantidade de objéto e ornamentos de igreja, êsse homem em vez de vendê-los em lote afim de conseguir fundos para adquirir uma estância, vai dispendo de peça por peça e como dinheiro apurado compra aguardente, com que se embriaga diariamente, sem cogitar do dia de amanhã.

Não tendo podido visitá-lo ontem procurei fazê-lo hoje pela manhã. Deparei um homem de cerca de 40 anos, de tipo insignificante e estatura mediana. Sua pele branca e rosada podia fazê-lo passar por branco si o seu curto pescoço, a dureza de seus cabelos e a largura de suas espáduas não indicassem claramente o seu sangue mestiço. Estava vestido, à minha visita, com um mau uniforme escarlata, camisa muito suja e lenço azul ao redor da cabeça. Vários gaúchos, semelhantes aos nossos

bandidos de melodrama, achavam-se sentados em bancos, ao redor da sala. No meio via-se uma grande mala inglêsa; três ou quatro relógios estavam sôbre úa mesa e em uma prateleira viam-se vários estojos. *Siti* manteve-se de pé durante todo o tempo de minha visita e nem mesmo ofereceu-me assento, mas acredito que assim agiu devido mais à falta de costume, ao acanhamento, que à arrogância.

Após os primeiros cumprimentos fiz cair a conversa a respeito da guerra. *Siti* estava já à frente dos índios quando Ramirez assumiu o comando da província de Entre-Rios e eis o que me contou acerca dos últimos acontecimentos:

Ramirez prometera-lhe deixar estar dez anos sem fazer a guerra, mas ao cabo de alguns meses mandára-lhe ordem de marchar com toda a sua gente. *Siti* fez algumas representações, infrutíferas, e Ramirez atacou-o. Foi então que resolveu, com seus índios, atravessar o Uruguai. Alguns, supondo que o chefe tencionava vendê-los aos portugueses, preferiram ficar com Ramirez, mas a maior parte acompanhou-o. Aqueles, isto é, os que não vieram com *Siti*, acabam de atravessar também o Uruguai, e como o comandante da província ordenou fossem distribuídos pelas aldeias, *Siti* falou-me com ar triunfante: "Eles não me quiseram seguir e agora têm de se sujeitar ao regime da Administração, ao passo que os meus companheiros só prestam obediência a mim."

Estavamos em palestra quando apareceu um espanhol que serve de secretário do cura e pôs-se a falar de Buenos-Aires, do Chile, de Carlos V e de Francisco I. Com pezar meu não se falou mais sôbre os índios e como a hora do jantar estava próxima fui obrigado a retirar-me. Esperava que o general índio me pagasse a visita mas não me foi dada essa honra, e eu lamentei isso, porque a

minha qualidade de estrangeiro permitia dar-lhe alguns conselhos que podiam ser úteis a êle e aos portuguezes.

Apesar de seus homens não contribuirem, em nada, para os trabalhos da aldeia que habitam, é-lhes dado, desde há muitos mêses, ração diária de carne. Além disso é permitido a setenta dêles a colheita de mate nas matas pertencentes à aldeia de Santo Angelo.

A generosidade dos portuguezes merece ser elogiada, considerando-se que essa gente foi a mais bárbara para com êles durante a guerra, massacrando impiedosamente os prisioneiros e até arrastando à praça, em S. Nicolau, um doente que se achava no hospital, para matá-lo a tiros de fuzil. Eu mesmo vi um estancieiro trazido da outra margem do Uruguai, com sua familia, e ao qual deram todos os maus tratos imagináveis. Mas essa nobre generosidade, por mim homenageada, deve ter um limite. Os portuguezes não podem manter êsse sacrificio e chegará um momento em que dirão aos índios de *Siti*: "Já vos temos sustentado muito, sem que nada tenhais feito; é preciso pois que trabalheis". Não seria mais conveniente. *Siti*, evitar êsse momento, pedindo permissão para deixar S. Miguel e formar uma nova aldeia, com toda sua gente, em qualquer lugar ainda deshabitado, como por exemplo nos arredores de Santa Vitória? Dêsse modo preservaria seus índios do regime administrativo, do qual estão deshabitados, continuaria como chefe e tornar-se-ia útil à região que lhe serviu de asilo.

Visitei hoje o curralão de São Miguel, achando-o em melhor estado que os das outras aldeias. Nêle encontrei vários tecelões, um curtidor, um bom serralheiro e um aprendiz junto a cada artífice, por determinação do administrador. Não tinha razão quando disse ser necessária para isso uma ordem do comandante da provincia; a autoridade do administrador é sufficiente, mas o coman-

dente devia zelar para que seus subalternos não esquecessem cousa tão importante.

É também no curralão a séde da Escola e notei que dos quinze alunos apenas dois ou três passavam de dez anos. Logo que êles estão aptos a qualquer serviço, não furtados ou fogem.

Os roubos dos indiozinhos são abusos dos mais teríveis que se praticam aqui. São levados a trabalhar como escravos, e se inutilizam para o povoamento do solo, visto como longe de suas terras não encontram mulheres com que se possam casar.

Vi no curralão um pequeno engenho de cana, do tempo dos Jesuitas. Os padres, conhecendo o gôsto dos índios pelos alimentos doces, plantavam cana em todos os lugares onde podia medrar. Mas, nesta província, não se acha senão uma pequena cultura porque é preciso cortá-la ao fim de nove mêses devido às geadas.

Aqui, como em várias outras aldeias, mandam os índios ajuntar pedaços de uma grande concha terrestre com que é feita a cal para a caiação das igrejas e conventos.

São João, 21 de Março, 3 léguas. — Antes de deixar *São Miguel* fui despedir-me do cura, dominicano espanhol que antes da destruição das aldeias de *Entre-Rios* serviu à paróquia de *São Tomé*. Quando do incêndio dessa aldeia fugiu, aproveitando a escuridão da noite, vindo refugiar-se nas *Missões* portuguesas. Foi-lhe confiada a paróquia de *São Miguel* e além disso atende aos habitantes de *São Lourenço* e *São João*. Como os demais curas, recebe de sua paróquia 150\$000 e úa ração, além de 50\$000 de cada uma das outras aldeias. Queixa-se muito dos roubos que *Siti* praticou nas igrejas de *Entre-Rios* e das profanações que comete enfeitando suas concubinas com objéto sagrados.

Prosegue o terreno desigual e dotado de pastos e bosques. À medida que se distancia de S. Borja os bosques tornam-se mais comuns e a qualidade das pastagens vai se modificando, tornando-se a erva muito dura. Os sub-arbustos são aqui muito comuns. Os animais morrem si não recebem ração de sal. Embora menos numerosos os moscardos atormentaram-nos muito.

Chegando a S. João fui muito bem recebido pelo administrador, prevenido de minha chegada pelo coronel Paulette e José Maria. Em toda a parte hospedam-me nos conventos (colégios) na dependência chamada *residência*, outrora reservada ao Provincial, em suas visitas, e hoje destinada ao comandante da Província.

Santo Angelo, 22 de Março, 4 léguas. — Tendo sido avisado que minha carroça teria dificuldade em vir até aqui, deixei-a em S. João e pús-me a caminho acompanhado sómente por Joaquim Neves, um pequeno índio, e de um jovem guia que me foi dado pelo administrador de S. João.

A região por mim percorrida para vir até aqui é montanhosa e florestal. Parece-se muito com os arredores de Curitiba, mas não se vê nenhum prado. As pastagens são de má qualidade, a erva muito crescida e muito dura; as matas são densas e cheias de bambús.

Atravessámos dois rios muito volumosos, o Juimirim (1) (rio dos Sapos) e o Juicassú, ambos guarnecidos de matas. O primeiro lança-se no segundo, que é afluente do Uruguai. No momento ambos estão vadeáveis, cessando de sê-lo após chuvas um pouco consideráveis, tornando-se o Juicassú perigoso pela rapidez de sua correnteza. O Juimirim corre em leito de pedras escorregadias que o tornam difficil de transpor.

(1) NOTA DO TRADUTOR — Tanto quanto pude apurar parece tratar-se dos rios Ijuhi-Grande e Ijuhininho.

Santo Angelo é a última das aldeias das Missões no quadrante de léste. Para além crescem grandes florestas que se unem às do *Sertão de Lages* e servem de asilo aos índios selvagens. Esta aldeia é a mais escondida de todas por ficar plantada em região montanhosa e florestal e em sítio cujo acesso exige a travessia de dois rios perigosos.

Os Jesuitas parecem ter querido demonstrar, de modo simbólico, a sua intenção de não ir mais longe, pois sendo as igrejas de todas as aldeias voltadas para o norte, a de Santo Angelo olha para o sul.

Frequentemente aparecem índios selvagens nas cercanias daqui; algumas vezes têm matado guaranis e brancos, quando vão colher mate nos matos vizinhos.

A única diferença apresentada pela igreja de Santo Angelo está em sua posição, pois no mais é perfeitamente semelhante às de São Borja, São Nicolau, São Luiz e São Lourenço. O convento é entretanto menor, a praça tem mais ou menos 180 passos em quadro e além disso ainda existem algumas ruas.

A igreja, o curralão e mesmo o convento estão em ruínas e das numerosas casas seis estão praticamente habitáveis. Quanto à população não vai além de 80 pessoas, salvo crianças de 8 a 10 anos, e nêsse número apenas uns 10 homens estão em condições de trabalhar. Esses no momento ocupam-se em fazer mate e são suas mulheres que cuidam das plantações. Tais infelizes fazem diariamente duas léguas de ida e duas de volta no seu trabalho, além de suportarem todo o calor do dia e serem atormentados pelos moscardos.

Santo Angelo, 23 de Março. — Tencionava regressar hoje a S. João, mas choveu quasi todo o dia e fui forçado a permanecer aqui. Passei algumas horas em companhia do cura, residente no convento, e que me

cumulou de gentilezas. Disse-me, banhado em lágrimas, que houve tempo em que a miséria fôra tamanha na aldeia que os índios iam roubar couros de bois, para comer, tendo vários perecido de fome. Tudo quanto me falou a respeito dos guaranis coincide com o que venho consignando neste diário. Os guaranis, disse-me, levam à idolatria seu respeito pelas imagens, não têm idéia perfeita dos sacramentos do altar e não parecem dignos do batismo. As mulheres são despudoradas e parecem ter nascido para perdição dos homens de nossa raça.

São João, 24 de Março, 4 léguas. — Ao advento de bom tempo parti esta manhã de Santo Angelo, regressando pelo mesmo caminho.

Mau grado ter chovido apenas um dia os dois rios não mais se apresentavam vadeáveis, o que me obrigou passá-los em piroga. Índios encarregam-se dessa passagem, sem exigir retribuição alguma, e agradeceram-me muito um pequeno presente que lhes fiz.

Antes de deixar Santo Angelo visitei a igreja que encontrei em péssimo estado, não sendo porém, menos hela que as das outras aldeias.

São João, 25 de Março. — Choveu durante todo o dia. Fui obrigado a ficar em casa, tendo empregado o tempo em escrever uma longa carta ao coronel Paulette. Pintei-lhe o miserável estado da província e indiquei-lhe alguns paliativos: a supressão de três aldeias — São Luiz, São Lourenço e Santo Angelo, o que permitiria emprestar mais cuidado às que fossem conservadas; o aumento do sôlido dos administradores; confiar a direção espiritual das aldeias a religiosos estrangeiros; a entrega de uma parte dos terrenos dos índios a colonos açorianos, os quais ficariam isentos de impostos durante dez anos, e enfim, a separação dos índios e dos brancos.

Sei perfeitamente que não compete ao coronel tomar as providências por mim sugeridas, mas, si achar minhas idéias capazes de qualquer benefício, poderá procurar pô-las em execução.

De São João escrevi também ao cura de S. Borja, o qual me prometêra conseguir o significado de vários vocábulos e pedi-lhe remeter a Porto-Alegre a explicação prometida.

Achei muito bonita a residência de Santo Angelo. O leito, as cortinas das janelas e da porta são de damasco, mas chove dentro de casa e em breve tudo estará estragado.

Mostrei, já, que as mulheres guaranís, não tendo nenhuma idéia do futuro, não podem possuir pudor. Parecem crêr que o casamento não traz obrigação alguma; os homens, aliás, não pensam doutro modo. O cura de São Borja contou-me que frequentemente homens casados se apresentam para casar com outra mulher.

São João, 25 de Março. -- Acompanhado pelo administrador fui esta manhã, a cavalo, visitar as plantações desta aldeia. São imensas. As duas outras aldeias não lhes podem ser comparadas. Não obstante as daqui foram feitas por mulheres e meia dúzia de velhos. É preciso entretanto verificar si êsse trabalho não está além das forças de um pequeno número de pessoas, e eu acredito que sim. O administrador insiste que não pode admitir a ociosidade dos índios, fala a respeito dêles com profundo desprezo e parece tratá-los rudemente. Todavia, como as colheitas são abundantes, os índios são bem nutridos e têm em geral boa corpulência.

Nessa excursão vi a charrua de que se servem os guaranís; nada pode haver de peor e de mais simples. A peça principal é um comprido pau, não lavrado; um outro pedaço de madeira, pontudo, um pouco curvo e do

comprimento de um braço é cravado em ângulo agudo a uma das extremidades da peça principal e voltado para a extremidade oposta. Este último pedaço de madeira, que serve de rêlha, é fixado ao primeiro não sómente por um tórno mas também por meio de correias ligadas à parte pontuda. À extremidade da peça principal, oposta à em que fica a rêlha, liga-se a canga de uma junta de bois, de modo que a rêlha fica na direção dos animais. O lavrador conduz os bois com uma vara em uma das mãos, enquanto a outra dirige a charrua com auxílio de um cabo constituído por um pequeno bastão fincado verticalmente, acima da rêlha, na peça principal.

As terras d'êste lugar, como é notório nas de todas as Missões, são excelentes e produzem igualmente trigo, mandioca, milho, algodão, feijão, favas e todas espécies de legumes. O algodão é de qualidade inferior, mas os algodoeiros produzem muito e duram cerca de cinco anos. Após cada colheita cortam-se os pés. O trigo é batido de modo semelhante ao já descrito no diário referente a Santa Teresa. Para debulha do milho metem-se as espigas em um côcho, batendo-se com um pau, à guisa de pilão.

Quando entrámos nos algodoais as mulheres estavam procedendo à capina, trabalhando com muita atividade. Fiquei revoltado com o modo indecente em que lhes falou o administrador, com seus galanteios e gestos obscenos. Êste chamou-me a atenção para os lenços que algumas traziam à cabeça e disse-me que êles sómente poderiam ter sido dados por meus camaradas. Como Firmiano havia passado fóra a noite anterior, e não acreditando que êle me tivesse furtado qualquer cousa, desejei saber com qual das mulheres teria tido relações, afim de poder perguntar-lhe si havia recebido algum objéto. Prometendo colares, em um momento soube quais haviam tido rela-

ções com cada um dos meus empregados e todas disseram o que receberam, a exceção entretanto da que coabitou com Firmiano, a qual persistiu em responder não saber o que havia recebido. O que me surpreendeu nessa cêna indecente foi o ar de simplicidade, direi — quasi de inocência, com que as mulheres faziam tais relatos. Pareciam nem supor haver mal no que haviam feito.

Si há em todas as aldeias mais mulheres que homens não é porque os soldados de S. Borja não tenham perto de si suas mulheres e suas concubinas, e sim porque as mulheres não podem fugir tão facilmente quanto os homens. Vivendo somente no meio de velhos, entregam-se ao primeiro que se apresenta, seja negro, seja branco, e a mais das vezes não exigem retribuição alguma. Diariamente veem-se brancos fazerem caprichos por paixão pelas índias, mas em geral elas são infiéis. É notável que os velhos brancos mostram-se mais apaixonados que os jovens. Isso é devido à insensibilidade moral das índias, às quais os velhos não repugnam como acontece entre as brancas e mesmo no meio das negras. De resto as ligações das mulheres guaranis são sempre funestas. E sabido quanto são perigosas as moléstias venéreas transmitidas pelas índias aos homens de nossa raça, e quasi todas as mulheres das aldeias são portadoras de virus venéreo.

Quando estive em S. Nicolau, mulheres quasi nús vieram ter ao redor de minha carroça para aproveitar os restos dos alimentos, já apodrecidos, dos meus soldados, no que eram acompanhadas pelas crianças que amamentavam.

Cada aldeia contribúe para o pagamento de um cirurgião-mór, mas êle nunca sái de S. Borja.

CAPÍTULO XIX

Choupana de Piratini — Notas sobre São João — Habilidade manual dos índios, escrita, esculptura — Ao ar livre, às margens do Itapiru-Guassu — Estância de Tupamiretã — Estância de Santiago — Respeito que se devia ter pelos direitos dos índios sobre seus terrenos — Uma mulher do tempo dos Jesuitas — Estância de Salvador Lopes — Entrada do mato — Cultura de tabaco — S. Xavier — Maus costumes do Brasil — Comparação entre os negros e os índios — Toropi-Chico — Serra de São Xavier, de S. Martinho e Botucarai — Fertilidade desta região; excesso de requisição — Ao ar livre, às margens do Toropi-Grande — Estância de São Lucas — Estância de Filipinho — Estância do Durasnal de S. João da Coxilha do Morro Grande (1) — Estância do Rincão da Boca do Monte (2) — Propriedade incerta — Títulos de Sesmaria.

Choupana de Piratini, 26 de Março, 4 léguas. — Calcula-se em 200 almas a população de São João, entre

(1) NOTA DO TRADUTOR — No original está — "Durasnal de São João da coxilha do morro grande".

(2) NOTA DO TRADUTOR — No original — "Rincão da Boca do Monte".

as quais há apenas um exiguo número de homens, todos de idade avançada. Tal população foi aumentada de cerca de sessenta indivíduos, tirados entre os que atravessaram o Uruguai nos últimos tempos. O administrador fá-los trabalhar sob a feitoria de um dêles. É fácil ver, pela lentidão de seus serviços, que já haviam perdido o hábito do trabalho.

De todas as aldeias das Missões São João é a que menos se assemelha às demais. A praça é muito mais larga que comprida, o convento é construído com muita elevação sobre o solo, obrigando à construção de várias escadas; o curralão fica à direita do convento e a igreja à esquerda. Esta foi incendiada, ao que parece, por negligência de um sacristão, dela não havendo nada, além de ruínas. Substituíram-na por uma pequenina capela pouco util, aliás, visto como não há cura em S. João.

Essa aldeia também não possui mestre-escola, sendo isso lamentável, pois os índios aprendem com extrema facilidade tudo quanto se lhes ensina. As igrejas das aldeias, construídas e pintadas por êles, mostram do quanto são capazes e eu tive ainda uma prova de suas habilidades; vi na capela de São João a *Glória* e o *Credo* escritos com tanta perfeição que somente olhando muito de perto pude convencer-me não serem impressos. Fôra autor um velho índio, que exerce as funções de escrivão (um dos cargos dos antigos cabildos), que parece ser um bom auxiliar do administrador.

Ainda na mesma capela veem-se algumas imagens de santos, esculpidas pelo sapateiro da aldeia, o qual não se serve de outro instrumento além de uma faca. Sem dúvida não se trata de obras-primas, mas é preciso lembrar que êsse homem não teve mestre, nem viu modelos senão alguns muito imperfeitos. A habilidade dos índios está em relação à sua imprevidência; não sabem tirar

partido dessas qualidades, nêles existentes à guisa de instinto, como acontece à abelha ou à formiga.

A região por nós percorrida, para virmos até aqui, é pouco montanhosa e muito florestal. Parece-se muito com os arredores de Curitiba, não sendo mais alegre.

Devido à má qualidade das pastagens meus bois e cavalos enfraquecem-se cada vez mais, os moscardos continuam a perseguí-los e acredito em breve não poder mais avançar.

De S. João até aqui não vimos casa alguma, nenhuma cultura, nem viva alma nos campos. Antes de chegarmos ao Piratini foi preciso atravessar um mato, extremamente fechado, que o margea. O caminho era muito apertado e embaraçado por bambús. Era necessário abrir passagem à medida que avançávamos, a carroça abalroava continuamente troncos de árvores e várias vezes tive a impressão de que ela ia ficar em frangalhos. Muitas vezes foi preciso desatrelar os bois; foi com extrema dificuldade que alcançámos as margens do rio. Durante essa dura caminhada sobreveiu a chuva, um boi desgarrrou-se, fomos obrigados a abandonar um cavalo que não podia mais caminhar e já passavam de 4 horas da tarde quando aqui chegámos, sem nada termos comido durante o dia. Meus camaradas, que vinham já fatigados à saída de S. João, estão agora extenuadíssimos e muito mal humorados.

Há aqui duas choupanas construídas de modo aceitável e habitadas por índios. Nos arredores nenhuma plantação; entretanto é possível haja algumas, pois bastante milho e abóboras nas choupanas.

Os moradores apenas falam o guaraní, motivo pelo qual fiquei privado de perguntar-lhes uma porção de cousas que desejava saber. Em geral, já o disse, apenas os índios de S. Borja sabem falar o português.

Deram-me por guia, em S. Miguel, um velho índio, parecendo ser bom carreiro, o qual irritou-me bastante hoje porquanto não foi possível fazê-lo entender-me.

Em nenhuma aldeia existe o *cabildo* completo; em S. João apenas há o escrivão mencionado e um tenente co-regedor; não se lhe pode dar qualquer outro auxiliar visto não existir na localidade quem saiba ler.

Não obstante a dignidade do tenente, o administrador trata-o rudemente, ameaçando-o à minha presença e à de vários índios, dar-lhe pauladas. Acho que si o tenente comete alguma falta será melhor repreendê-lo em particular, ou ao menos fazê-lo delicadamente.

Choupana de Piratini, 27 de Março. — Choveu durante todo o dia, motivo pelo qual permaneci aqui. Meus homens estão de insuportável mau humor, o que se dá sempre que deixamos uma cidade ou uma aldeia. Acontece ficarem fatigados por excessos sexuais e é preciso passar três ou quatro dias de viagem para torná-los ao natural. Larotte discutiu com Joaquim, acusando-o de matar dois bois e os cavalos. Matias tomou para êle tal acusação e veio dizer-me que não queria mais cuidar de nada. Acalmei-o do melhor modo possível, e êle foi dormir. José Mariano não me apareceu durante todo o dia; como vivia gabando sua prudência, acredito tivesse ficado envergonhado por causa da aventura de S. João. À tarde, após a chuva, encontrei-o com o semblante do maior mau-humor, mas falando-lhe em tom normal fi-lo voltar à calma. Para mim o mais desagradável foi ver que todas as provisões êles distribuíram com as índias. Tenho ainda muito caminho a percorrer antes de poder renová-las e sei que meus empregados, desperdiçados como são, virar-se-ão para mim quando tudo acabar.

As palhoças dos índios são demasiado pequenas e muito mal arrumadas, nelas se vendo apenas espigas de

milho dependuradas de varais, um pouco de algodão, abóbaras, uma rêde, alguns molambos, úa marmita, uma chaleira para fazer mate, alguns banquinhos e catres forrados de tiras de couro, cruzadas. Êste último móvel é encontrado em todas as casas dos índios, por pobres que sejam seus moradores.

Ao ar livre, às margens do Itapiru-Guassú (Lugendinho-Grand Port), 28 de Março, 5 léguas. — A região é apenas ondulada, nada limitando a vista; os bosquetes já são raros e as pastagens melhores. Os moscardos, apesar de pouco numerosos, atormentam ainda nossos bois e nossos cavalos, de si tão fatigados. Não deparámos viajante algum, nem vimos gado ou cavalos nos pastos.

Após termos parado, ao meio-dia, à margem de um pequeno regato chamado Itapiru-Mirim, que corre em leito de pedras, viemos passar a noite à margem de outro regato, não maior, chamado entretanto Itapiru-Guassú. Corre, como o primeiro, em leito de rochas e é igualmente marginado por árvores, entre as quais vi muitas palmeiras. Vi hoje uma planta com folhas semelhantes à da palmeira, que pela quarta vez encontro no Brasil.

Estância de Tupamiretã, 28 de Março, 6 léguas. — A região continúa ondulada e dotada de pastagens a perder de vista, semeadas de pequenos tufo de árvores.

Sempre a mesma solidão. Não se veem mesmo, como nos desertos de Guaraim, nem veados e avestruzes. Ê verdade que êsses animais existem na provincia das Missões, mas é possível que não sejam muito comuns, pois não me recordo os ter visto depois de Ibicui.

As pastagens continuam a ser de uma bela verdura, mas as plantas em flôr muito menos frequentes. Tais são principalmente os *Eryngium* n.º 2758 e em seguida *Compostas*, sobretudo uma *Radiada* a *Nicandra* n.º 2733 e uma *Vernonia*.

O Jaguarí, que atravessámos antes de aqui chegarmos, é um pequeno rio, extremamente rápido, correndo sobre leito de rochas e que é, segundo me disseram, consideravelmente piscoso.

Conforme disse, a estância onde parámos pertence à aldeia de São Lourenço. Uma pequena capela, meio destruída, e um par de palhoças, em péssimo estado, constituem tudo quanto aqui se vê. O gado foi inteiramente dizimado.

Estância de Santiago, 30 de Março, 3 léguas. — O aspecto da região continúa o mesmo, talvez com menor número de flores nas pastagens. Havia apenas uma hora estávamos em marcha quando sobreveiu a chuva, que nos acompanhou até aqui.

Outrora esta estância era habitada por um espanhol, donde seu nome ainda hoje é conservado. Atualmente é ocupada por um brasileiro que morava em Guaraim, e que tendo suas propriedades assaltadas pelos gaúchos, durante a guerra, e pelos próprios portugueses, veio refugiar-se aqui. "Apenas adquiri a casa, disse-me êle, pois que as terras pertencem aos índios". Fiquei admirado de ouvir fazer tal distinção, por isso que nas outras zonas da província sómente doavam terras pertencentes às aldeias.

Si o govêrno dos Estados Unidos reconhecem não poder legitimamente avançar um só passo sobre as terras dos indígenas nômadés sem os indenizar, com mais forte razão não devia reconhecer como sagrado o direito dos índios guaranis às terras que ocupam há tanto tempo, cultivando-as e construindo bemfeitorias? Eles são hoje tão pouco numerosos que não poderiam cultivar a milésima parte da província; seria pois absurdo impedir os portugueses de aí se estabelecerem, mas seria justo exigir indenizassem aos índios, ou então instruir entre os

homens das raças uma linha de demarcação a ser respeitada por uns e outros.

Quanto às terras que pertencem às aldeias da margem direita do Uruguai, está claro que, si nada está regulamentado pelo governo espanhol, os portuguezes delas podem dispor com melhor lhes parecer, conservando-as pelo direito de conquista.

Aqui encontrei vários homens dos campos-gerais, compradores de cavalos, os quais devem passar o inverno nesta estância. Atravessaram o sertão em Setembro, como é da praxe, e fizeram suas compras no verão para regressarem às suas terras no próximo mês de Setembro. É nessa época que os pastos se apresentam melhores no sertão, facilitando a condução dos animais adquiridos. Também é nessa época que ficam menos sujeitos à epidemia chamada "mal de varo", capaz de matar grande número de cabeças, em outras estações, na travessia do deserto.

É de notar-se não haver em toda a provincia das Missões nenhuma inscrição ou epitáfio que lembre os Jesuitas. Provavelmente todos os monumentos desse género foram destruidos pelos espanhóis, com o fito de fazer que os índios se esquecessem desses padres. Entre os índios apenas vi úa mulher nascida sob o regime jesuítico, a qual pronuncia o nome de *Jesuita* com profundo respeito. Contudo muitos guaranis lembram haver ouvido seus pais e avós referirem-se aos religiosos da Companhia de Jesus, dizendo que o tempo do governo desses sacerdotes foi a era da felicidade na região.

Estância do Salvador Lopes, 31 de Março, 2 léguas.

O gado desta região tem a mesma inclinação pelo sal que o da Capitania de Minas. O homem em casa de quem pernoitei ontem possui muitas vacas leiteiras, as quais vivem rondando a casa; notei que elas seguem as pessoas que saem para urinar. Durante a noite tiveram

a astúcia de tirar da carroça o saco onde tínhamos nossa provisão de sal, comendo-o todo.

A região recomeça a tornar-se mais florestal. Vêem-se algumas pequenas montanhas à direita. Tinha a intenção de ir até à encosta chamada Serra de S. Xavier, mas logo ao comêço de nossa excursão o tempo transtornou-se e à nossa chegada a chuva caiu torrencialmente, durante todo o dia, acompanhada dum *minuano* já muito fresco.

Esta estância compõe-se de algumas palhoças onde chove de todos os lados e onde por conseguinte ficámos muito mal instalados.

A última vaca que me restava não pôde ser abatida porque a chuva impediria a secagem da carne. A provisão de farinha acabou-se; nosso feijão, que vem de Montevideu, está de dureza extrema e estamos na contingência de fazê-lo cozinhar com sêbo. Um regime alimentar tão reduzido torna meus camaradas mais insupportáveis que nunca. Ninguém diz palavra, nem sorri, e eu passo o tempo o mais tristemente possível.

Depois de S. João esta é a quarta casa em que paro. As duas primeiras eram habitadas por índios os quais apenas se alimentam de milho cozido e de abóboras, e o paulista que possui gado e negros não se nutre senão de feijão sem farinha. Nada posso comprar, pois. Dar-me-ei por feliz si me vierem dar algumas abóboras, que poderemos comer assadas ao fogo ou cozidas n'água.

Persevejos, pulgas e piolhos são extremamente comuns na província de Missões. As mulheres guaranis comem essas duas últimas espécies de insetos, e censuradas respondem não ser possível tenha Deus feito êsses animais sómente para nos atormentar.

Milhares de vezes tenho notado quanto os habitantes dêste país suportam o cansaço e as intempéries. Ci-

tarei ainda um exemplo. Mariano saiu estafado de S. João; nada comeu depois de nossa saída dessa aldeia; ontem apanhou chuva de encharcar, não trocou de roupa e dormiu com as vestes molhadas. Hoje montou a cavallo, na hora de maior chuva, para ir buscar os bois, não mudou de roupa e tornou a dormir ensopado.

Entrada do Mato, 1.º de Abril, 3 léguas. — Reinou bom tempo à noite, porém com grande baixa de temperatura. Contudo devido à necessidade de reparos na carroça só partimos ao meio-dia. Meu hospedeiro, que não vi ontem à tarde, veio visitar-me e disse-me ser natural de Castro, tendo vindo para aqui há muitos anos; aqui cultiva a terra e vive do fruto de seu labor. Tão poucos são os agricultores nesta região que os gêneros alcançam preços exorbitantes. Comprei a êsse homem um alqueire de farinha de milho por 8 patacas. Isso dá muito lucro e os resultados que êle tira da cultura do arroz, do feijão e do amendoim não devem ser menores. Também cultivava o tabaco, que prospera bem, do qual faz fumo em corda para vender em Vacaria.

Si as aldeias não fossem tão despovoadas seria vantajoso mandar alguns homens cultivar o tabaco. Os índios são apaixonados pelo fumo e poder-se-ia estimulá-los pela distribuição de cigarros aos mais trabalhadores, obtendo-se com o excesso da colheita consideráveis resultados. Era sem dúvida por processo idêntico que os Jesuitas conseguiam conduzir os índios, dando-lhes garrapa onde era possível a cultura da cana. A esperança de honrarias nunca estimulará um índio, pois êle não sabe mesmo esperar; entretanto muito se animará à vista de um pedaço de carne ou de fumo.

Atravessámos região montanhosa e muito arborizada. Os caminhos passam sempre em pastagens, mas, para evitar as árvores, descrevem muitas sinuosidades. As-

semelham-se a aléas de jardim inglês, onde se veem gramados e maciços de bosques.

A carroça chegou antes de mim ao local onde devíamos parar, isto é, no ponto em que o caminho começa a atravessar a mata e onde se inicia a descida da serra.

Apenas encontrei Firmiano e José Mariano, os quais me disseram terem os soldados ido examinar o caminho que devemos percorrer amanhã. Entretanto Matias voltou logo, gritando, colérico, que o caminho estava horrível e que amanhã a carroça será reduzida a cacos. Acrescentou, insolentemente, ser eu o culpado por seguir o conselho de todo mundo menos os de meus empregados. Como não há outro caminho além desse e o da Serra de São Martinho, há muito abandonados, nenhum conselho teria a pedir. Todavia não respondi isso a Matias, limitando-me a dizer-lhe, com o maior sangue frio, que não teria hesitado seguir-lhe os conselhos caso conhecesse esse caminho, mas sendo a primeira vez que vinha a esta região falecia-lhe autoridade para me aconselhar. Em seguida reanimei-o com vasta dose de aguardente. Amanhã distribuirei dessa bebida a todos os camaradas e em seguida abandonar-me-ei à Providência.

S. Xavier, 2 de Abril, 2 léguas e meia. — Durante toda a noite fez muito frio, motivo pelo qual dormi mal. O tempo esteve hoje maravilhoso, favorecendo-nos magnificamente a passagem da Serra.

Logo ao início de nossa caminhada deparámos uma floresta virgem, muito densa e embarassada de bambús, formando acima de nossas cabeças uma abóbada impenetrável aos raios do sol. O caminho é íngreme e em mau estado. Ora passa sobre grandes rochas e frequentemente sobre pedras redondas. Algumas vezes atravessámos charcos. Entretanto Matias havia exagerado os perigos, pois a carroça transpôs a Serra sem novidade.

Tendo encontrado em S. João o homem em casa de quem parei, obtive dêle a gentileza de mandar-me, a Santiago, bois acostumados à travessia da Serra. Cumprida que foi a promessa tais bois prestaram-nos grandes benefícios.

Ao pé da Serra existem matas muito sombrias, dentro das quais o caminho faz uma légua e onde se goza sempre de agradável aspecto. Depois passa-se a uma pastagem desigual, cortada de regatos e ravinas, cercada de montanhas por todos os lados. Umas, principalmente as que ficam para trás, são cobertas de pastagens do mais belo verde, algumas enfim, oferecem ao mesmo tempo matas e relvados. Todas são pouco elevadas e nenhuma é muito íngreme, terminando sempre por uma eminência ou por uma plataforma. Entretanto a variedade apresentada em suas fórmãs e vegetações torna a paisagem deliciosa e hoje o bom tempo tornou-as encantadoras. O céu apresentava-se um tanto pálido, porém sem nuvens, assemelhando-se aos dos nossos belos dias do comêço de Setembro. A habitação onde parei fica situada no local que venho de descrever, e compõe-se de algumas choupanas esparsas. O proprietário goza entretanto de alguma fartura, pois possui gado, várias carroças, alguns negros e faz o comércio de couros, tecidos e mate, adquiridos nas Missões e vendidos em Rio Pardo.

Disse-me ser paulista, e, com efeito, é fácil constató-lo por seus modos polidos e seu ar agradável e comunicativo, que não é comum nesta província.

Quando os Paulistas, mórmente os do distrito de Curitiba, cometem qualquer falta ou querem fugir ao serviço militar, refugiam-se na Capitania do Rio Grande, onde se estabelecem e de onde não saem mais. Tais emigrações podem ser olhadas como grande benefício para esta Capitania.

A mistura de estranhos com os habitantes desta região renova continuamente a raça e atrapalha a adoção dos costumes espanhóis. Meu hospedeiro, que é branco, enamorou-se, em sua terra, de uma mulata. Tendo seu pai se oposto à união o jovem par fugiu e veio casar-se aqui. Depois o nosso homenzinho enfeitiçou-se por uma índia, com a qual tem alguns filhos, e apesar de saber que ela se entrega a qualquer um, não cessa de enchê-la de presentes. Sua legítima esposa desgostou-se com êsse estado de cousas e fugiu.

Quando cito êsses fatos, em si desinteressantes, é para mostrar a ação nociva da mistura de brancos e índios. E não é só quanto à constituição da família. Todos os cultivadores têm em suas casas índios que lhes servem de peões. Suas esposas e seus filhos têm continuamente sob os olhos o exemplo de libertinagem das índias, e, familiarizando-se com o vício tornam-se tão pouco castas quanto as próprias índias. Assim nesta província os lares frequentemente oferecem o exemplo da discordia e de todos os gêneros de desordens. Entregando às índias, os homens brancos embrutecem-se, tornando-se estúpidos e parvos. Disso tudo tive vários exemplos entre S. Borja e S. João.

Falando-me, esta tarde, de meu hospedeiro, Matias ridicularizou-o porque o viu remeter qualquer coisa à sua mulher, porém censurando-a por não querer ver em sua casa os filhos da concubina de seu marido. Eis os costumes do Brasil.

Os habitantes dêste distrito, quasi todos estrangeiros, fabricam farinha de milho, e servem-se, como em Minas, do monjolo (1). Há um em casa de Salvador Lopes e hoje vi outro. Fiz regressar hoje o velho índio que me

(1) Máquina hidráulica para quebrar o milho. (Ver "Voyage au Brésil", vol. I, p. 106 e 235).

NOTA DO TRADUTOR — No original está "monjole".

serviu de guia de S. Miguel até aqui. Recompensei-o bem; contudo êle apenas agradeceu-me sem despedir-se de mim nem de meus empregados. Os índios são geralmente os homens mais frios e mais indiferentes que existem no mundo. Sua imprevidência origina-se de organismo menos delicado que o nosso e é provavelmente essa rudeza de órgãos que os torna ao mesmo tempo insensíveis moral e fisicamente. Os negros, raça tão distante da nossa também, são entretanto superiores aos índios. Seu juizo não é tão bem formado quanto o nosso. Êles conservam qualquer coisa de infantil em seus modos, linguagem e idéias mas não são estranhos à concepção do futuro. Tem-se visto muitos adquirirem algum dinheiro, mesmo quando escravizados; enfim êles não são incapazes de afeição e generosidade. A negra do administrador falou-me, de modo tocante, de seu amor filial. "Meus filhos, disse-me, não precisam mais de mim, mas não há um dia em que eu não sinta saudades de minha mãe, por isso chorando. Meu patrão diz algumas vezes que deixará esta região e seguirá para o lugar onde ela está. Tenho mandado rezar diversas missas a Nossa Senhora da Aparecida para que êle realize essas boas intenções".

Toropi-Chico, 3 de Abril, 2 léguas e 1/2. — Durante minha permanência em casa de Joaquim José fui tratado com bondade inimaginável, sendo-me prestados todos os serviços dêle dependentes. De modo próprio ofereceu-me seus bois para conduzir-me até Toropi Grande, mas êsses animais achavam-se dispersos no mato e sómente depois de meio-dia pude partir.

O caminho que tomei para vir até aqui atravessa uma pastagem que serpentea entre montanhas cobertas de matas. Tais montanhas são a continuação e quasi extremidade de uma grande cadeia, em grande extensão paralela à costa do Brasil. Aqui toma o nome de Serra

de S. Xavier; oito léguas mais acima o de Serra de São Martinho e, pouco mais acima ainda, denomina-se Serra de Botucaraí. Segundo me disseram ela desaparece completamente a meia légua daqui.

Parei em uma pequena estância cujo proprietário se achava ausente, mas onde fui recebido por um curitibano residente nas vizinhanças. Lamenta êsse homem que tanta gente de sua terra para aqui venha, com intuito de ganhar a vida, se entregar a tantos disparates pelas índias não se enriquecendo nunca.

Vários fogem para não submeterem ao serviço do rei, o qual é aqui muito mais penoso que na Capitania de S. Paulo; outros vêm na esperança de fazer fortuna e se empobrecem mais. A maior parte não tem, aliás, o projeto de permanecer nesta Capitania; uns cometem maus negócios e envergonham-se de regressar; outros enrabiçam-se por índias e não suportam a separação; outros finalmente metem-se em diversos negócios complicados e envelhecem fazendo cada ano a intenção de atravessar o deserto, em retôrno, no ano seguinte.

Meu curitibano, inteligente e bem educado, confirmou-me tudo quanto tenho dito sôbre o caráter dos índios, sôbre o amor que as índias inspiram aos brancos (como uma espécie de encantamento), sôbre a desunião que elas produzem nas famílias, e os maus costumes reinantes nesta província tanto entre os homens, quanto entre as mulheres.

Disse-me ter visto uma porção de brancos morrerem em consequência de moléstias venéreas transmitidas pelas índias e assegura que essas mulheres podem ser portadoras dêsses males, independente de infecção.

Segundo me informou, e várias outras pessoas, pode-se criar gado neste distrito sem lhe ministrar sal; também as terras são aqui favoráveis a todos os gêneros de

cultura, produzindo algodão, milho, amendoim, trigo, arroz, frutas e legumes com abundância. Joaquim José contou-me que 16 alqueires de trigo lhe haviam rendido cem. O mesmo terreno pode produzir duas vezes por ano e durante seis anos, ou mais, sem necessidade de adubação nem de alqueive.

Os índios das aldeias são, como disse, muito mal vestidos. As distribuições de roupas dependem do capricho dos administradores; as mulheres não possuem mesmo uma coberta que as abrigue do frio. Em substituição à falta de agasalhos usam colocar braseiros em baixo das camas, que, conforme descrevi, compõem-se de um quadro guarnecido de correias cruzadas. Ainda dêsse modo aquecem os doentes, não sendo necessário acrescentar que a fumaça e o calor das brasas aumentam a intensidade das moléstias.

Joaquim José, meu hospedeiro de S. Xavier, pretende abandonar esta região, para ver-se livre dos vexames a que está sujeito. Frequentemente requisitam seus bois e seus cavalos e acabam de tomar-lhe, como a todos os estâncieiros das vizinhanças, um grande número de vacas para servir à nutrição dos soldados acantonados em São Miguel e aos gaúchos de Siti.

Todos os portugueses queixam-se do sacrificio a que são obrigados em benefício de homens que tantos maus-tratos lhes infligiram. A generosidade natural torna-os inclinados ao sacrificio, mas é certo que tudo deve ter um limite. Depois que êsses homens estão nesta região podiam, já, ter procurado meios de subsistência, pois si quizessem ser-lhes-ia fácil encontrar trabalho, dada a grande falta de braços existente em toda a parte.

Ao ar livre, às margens do Toropi-Grande, 4 de Abril, 1 légua e meia. — Da casa de Joaquim José havia escrito ao comandante do districto solicitado-lhe arran-

jar-me bois e um guia, sendo perfeitamente atendido. À pouca distância do rio Toropi-Chico, que corre a cerca de uma légua da casa onde pernoitei, notei que êsse rio, de ordinário vadecável, torna-se intransponível após as chuvas. Aconselhado pelo caritibano e por um velho índio das vizinhanças, escrevi ao comandante da guarda de Toropi-Grande pedindo-lhe me mandasse uma piroga. Esta chegou arrastada por uma junta de bois; meus objétoes foram tirados da carroça e passados ao outro lado. Tínhamos feito uma légua através da região florestal quando chegámos às margens do Toropi-Grande. Como não havia uma piroga para atravessá-lo foi preciso mandar buscar a que nos servira na travessia do Toropi-Chico. Era noite quando ella chegou e sómente amanhã poderemos passar.

Matias foi-me hoje muito útil; êsse empregado presta-me sempre bons serviços nos momentos difíceis, apesar de falar me de modo insolente e com ar de desprezo que o torna insuportável. Os outros não são menos desagradáveis; Firmiano vai-se tornando odioso, e si ainda o suporte é unicamente porque sei que em breve chegarei a Porto Alegre.

Reencontrei hoje em abundância, à margem dos riachos, o salgueiro dos campos de Montevideu e um arbusto igualmente comum nos arredores do Rio da Prata.

O índio retro-citado, é, entre os de sua raça, uma notável exceção. Além de saber ler e escrever fala bem o português, anda bem vestido e é muito honrado. Goza de uma certa abastança, possuindo uma estância, cavalos e gado. Conduz seus negócios com método e disse-ram-me ter casado suas filhas com homens brancos.

Estância de S. Lucas, 5 de Abril, 1 légua. — Começámos o dia com a travessia do Toropi-Grande. A bagagem passou na piroga e os bois puxaram a carroça, a

nado, para o outro lado. O Toropi-Chico lança-se, disseram-me, no Toropi-Grande, e êste no Ibicuí. Os dois primeiros têm pouco volume, depois das chuvas tornam-se profundos. O Toropi-Grande não é vadeável. Os índios dão a êste último simplesmente o nome de *Toropi*, que significa — *rio dos couros de touro*; quanto ao outro chamam *Tororaipi*, significando *rio dos couros de bezerro*. Pode haver uma légua entre o Toropi-Grande e o Ibicuí, e na área por êles demarcada o terreno é plano e coberto de pastagens.

Acaba de ser instalada, nas margens do Toropi-Chico, uma guarda encarregada de só deixar entrar ou sair nas Missões pessoas munidas de passaporte. Tal medida foi sem dúvida tomada para evitar a deserção dos índios e o roubo de crianças pelos brancos. Parece-me, entretanto, que essa providência é completamente ineficaz pois os índios são excelentes nadadores, não precisando atravessar o rio junto a guarda, e os brancos poderão também passar por outros pontos, a cavallo, trazendo as crianças, roubadas, à garupa.

O Ibicuí, cuja largura é aqui inferior à do Essonne deante de Pithiviers, era ontem vadeável mas hoje avolumou-se e foi preciso descarregar a carroça, passando os objétoes numa piroga. Todas essas passagens de rios dão muito trabalho aos meus homens e os tornam ainda mais mal humorados.

Parámos a um quarto de légua do Ibicuí, em uma estância composta de várias palhoças cuja principal é muito grande e de construção recente. O proprietário, entretanto, respondeu ao Matias, que lhe havia pedido poisada, não haver lugar para nós. Contudo acrescentou que si nós contentássemos com pouco poderíamos pernoitar em sua casa. Apesar de receber-nos friamente prometeu-nos cavalos para conduzir-nos à estância vizinha.

Os mineiros recebem os estranhos com atenção, respondem às suas perguntas e fazem outras. O povo desta região tem um ar desdenhoso e limita-se a responder ao que se lhes pergunta.

Estou agora no caminho que vai de Rio Pardo a S. Borja; é um pouco acima do Toropi-Chico, que se dá a ramificação das duas estradas, havendo também uma que vai daqui ao Rincão da Cruz, sem passar por S. Borja.

Estância de Filipinho, 6 de Abril, 4 léguas. — Há, na estância onde pernoitei ontem, um negro muito interessante. É velho, porém, completamente imberbe; pelo tamanho de suas nadegas pode rivalizar-se com a Venus hotentote; tem andar gíngado e todos os modos de mulher. Sua voz é, entretanto, máscula e êle me disse possuir todos os órgãos do sexo, porém, de extrema pequenez.

Percorremos até aqui uma região plana, pantanosa e coberta de altas pastagens. À esquerda, veem-se, contudo, árvores de pequeno porte, entre as quais muitos salgueiros e palmeiras. Ao longe veem-se montanhas. A vegetação das pastagens pareceu-me pouco variada, sendo mais comum uma *Composta*.

Cavalos e bovinos são frequentes nesses campos; nenhuma cultura, entretanto, se vê e não encontramos um cavaleiro sequer.

Da estância onde parámos, situada na alto de uma colina, avista-se vasto panorama. Algumas choupanas, em péssimo estado, compõem essa habitação. Uma negra, que me recebeu, quis abrigar-me em um casebre próximo, mas mostrei-me contrariado e fiz-me importante, de modo que me foi aberta a melhor e mais limpa de todas as casas. Todavia é ela tão mal coberta que si chover entrará agua por todos os lados.

Soube, por velhos negros zeladores da estância, pertencer esta a um homem rico, o qual submetia uma mu-

lher livre a crueldades inauditas. Tendo sido perseguido pela justiça e metido em prisão, findou por fugir para S. Paulo, onde morreu. Durante êsse tempo seus bens foram abandonados, sendo essa a causa do mau estado da estância.

Estância do Durasnal de São João da Coxilha de Morro Grande, 7 de Abril, 4 léguas. — Enviei, ontem à tarde, um empregado à casa do comandante do distrito para pedir-lhe cavalos e bois. O homem que serviu de guia ao meu empregado voltou dizendo-me não ter encontrado o comandante, mas que eu encontraria o rapaz no caminho, com os bois.

Até aqui atravessámos região pouco montanhosa e dotada de pastagens entrecortadas de bosquetes. De longe em longe veem-se palhoças em péssimo estado. Cavalos e bovinos pascem no campo.

Grandes bâtegas de chuva começaram a cair, quando estava-mos a pouca distância daqui. Até então não havíamos encontrado Joaquim Neves, o meu empregado que fôra em busca dos bois. Julguei estivesse êle em uma casa existente à direita do caminho e para lá me dirigindo realmente encontrei-o. Informou-me que tendo procurado bois em todas as casas dos arredores nada conseguira. Quero crêr que os agricultores desta região, atormentados pelas frequentes requisições de animais, nem sempre pagas, criam na menor quantidade possível.

Fui perfeitamente recebido na casa em que parei. Sem possuir o espírito e a inteligência dos mineiros, o proprietário desta estância é dotado do sentimento de hospitalidade e tem modos agradáveis. Serviu-nos (a mim e aos meus empregados) almôço e jantar, tendo eu comido uma boa carne de carneiro e tomado magnífico leite. A casa não demonstra riqueza e, efetivamente, seu dono confessa ser pobre, não obstante me

ter servido as refeições em muito boa prataria. Sua mãe appareceu-me e nós conversámos bastante. Notei ser possuidora dêsse senso peculiar às mulheres do continente. Essa mulher tem muitos índios em sua casa e queixa-se amargamente da indiferença dessa gente. "São pessoas, disse-me, que só podem ser tratadas com brutalidade para se conseguir alguma coisa delas".

À tardinha, tendo um dos meus camaradas se machucado, provocou risos dessa mulher, a qual riu-se muito também ao ver-me friccionar aguardente no joelho do pequeno Pedro, que vem claudicando há alguns dias.

Creio não ser muito de se estranhar o pouco afeto dos índios pelos patrões, uma vez que elles são tratados como animais.

Toda a região por mim percorrida de São João a Ibicuí pertence à paróquia de São Miguel, onde apenas existe um padre. Está claro que os habitantes da paróquia nunca podem ir à missa e não podem receber sacramentos nem mesmo à hora da morte. Disseram-me haver crianças que montavam a cavallo para irem se batisar.

Os cultivadores, residentes aquem da Serra, obtiveram permissão para construir uma capela no lugar chamado Santo Antonio, mas, não havendo grande interesse na construção, tão cêdo não será ella terminada.

A instrução moral e religiosa dos brasileiros é inteiramente esquecida. O govêrno arrecada os dízimos e não cuida de dar assistência ao seu povo, descurando da manutenção de pastores, conversão e construção de igrejas nos locais de população densa.

O Ibicuí serve de limite entre a Capitania do Rio Grande e Província das Missões, mas o comandante da província é subordinado ao capitão geral de Rio Grande. Assim as Missões não passam de um departamento da Capitania.

Estância do Rincão da Boca do Monte, 8 de Abril, 2 léguas — Durante toda a manhã continuou a chover, e eu já havia tomado a deliberação de pernoitar na Estância do Durasnal de São João, mas cerca das duas horas o tempo melhorou e puzemo-nos em marcha.

Enquanto em casa de Claudiano Pinheiro fui alvo de todas as atenções por parte dele e de sua mãe. Claudiano tem experimentado muitas desgraças e tem sido vitima de muitas injustiças, mas resigna-se à vontade de Deus, com tocante serenidade.

Disse que essa gente só fala aos índios com brutalidade, mas isso não é, realmente, entre os portugueses, prova de maldade. Testemunhas perenes da inferioridade dos homens dessa raça, elles acostumam-se a quasi confundí-los com os animais, e ninguem será tomado por bárbaro si para ensinar a um cão ou domesticar um cavalo fizer uso do chicote.

O humanismo, em certos casos, não pode ser olhado senão como fruto do raciocínio, do qual o homem sem educação não é susceptível.

Achei encantadora a região percorrida para vir até aqui. À direita o horizonte é limitado por uma cadeia de montanhas conhecida sob o nome de Serra Geral. O terreno é, em toda a parte, acidentado; pastagens cobrem o cume e o flanco das colinas; em todas as grotas existem bosques altos e copados. Pouco distanciadas, umas das outras, veem-se choupanas dotadas de pequeno quintal cercado por sebes sêcas e plantados de pessegueiros. Rebanhos de gado pascem aqui e acolá nos campos, e nas terras boas vêm-se culturas de milho e outros cereais. A belesa do tempo auxilia à da paisagem que eu contemplei com tanto mais encantamento quanto nos últimos dias de minha viagem me enfadava de ver desertos.

Parei em casa de um velho, sendo perfeitamente recebido.

Segundo me informou, confirmando o que ouvi de Claudiano, os campos por mim percorridos desde o Ibi-cuí e os que se estendem até às margens do riacho dos Ferreiros faziam outrora parte da zona neutra, onde nem os portugueses nem os hespanhóis podiam se estabelecer. Mas aconteceu aqui o mesmo que nos campos neutrais dos arredores de Rio Grande; os portugueses aproveitaram-se da condescendência dos comandantes das duas nações para apossarem-se das terras neutras, de modo que quando Portugal tomou conta das Missões já ali encontrou vários lusitanos estabelecidos.

Contou-me meu hospedeiro que seu cunhado foi um dos primeiros que se fixaram nesta região, antes dela ser inteiramente do domínio português, mas depois disto um cidadão tirára títulos de sesmaria do terreno por êle occupado, pretendendo expulsá-lo. Fazendo representação ao Conde, êste houve por bem mandar as partes á justiça. Quero crêr, entretanto, não haver a menor dúvida sôbre essa questão. Naturalmente a fidelidade dos tratados não permitia que os comandantes portugueses condescedessem na invasão das terras neutras, mas um pobre que precisasse de um pedaço de terra para cultivar não era obrigado a impedir os melindres de seus superiores e desde que êstes autorizassem seu estabelecimento era evidente que o intruso havia de incorrer nas iras dos hespanhóis, e, uma propriedade adquirida sob tais ricos deve ter bastante valor, mórmente aos olhos dos portugueses.

Aliás não é o cunhado de meu hospedeiro o único que se acha nesses embaraços. O mesmo terreno é dado a vários pessoas. Mais frequentemente ainda succede que um pobre agricultor, inteiramente estranho às de-

mandas, estabelece-se em um terreno, com permissão do comandante, e quando tem construída sua choupana e localizado seu gado, homens ricos de Porto Alegre e de outros lugares, obtêm títulos de sesmaria desse mesmo terreno e pretendem expulsar quem já labutou, substituindo-o por um administrador afim de apurar rendimentos, sem constrangimento.

Disse-me meu hospedeiro que nesta região cultivam de preferência as terras de mata, onde a produção é melhor e onde se pode plantar durante 3 anos seguidos, com dois de repouso depois; queimando-se a capoeira que se forma novamente se cultiva durante outros 3 anos e assim sucessivamente. Então é preciso trabalhar à enxada, mas pouco a pouco as capoeiras tornam-se menos vigorosas e terminam por serem substituídas pela erva. Nesse ínterim as raízes das árvores apodrecem, sendo possível o uso do arado.

O arroz, o milho, o trigo e os feijões dão bem na região; o algodão produz de modo regular e a raiz da mandioca apodrece na terra, sendo por isso a colheita obrigatória.

CAPÍTULO XX

Capela de Santa Maria — Notícias da revolução no Brasil - A capela depende da paróquia de Cachoeira (1) — Simonia — Estância da Tronqueira — Nota sobre os cavalos selvagens — Violento tufão — História de Firmiano — Estância da Restinga-Sêca — Família do Silveira, camponês de Tronqueira — A sexta-feira da Paixão — Jejum rigoroso.

Capela de Santa Maria, 9 de Abril, 9 léguas. — Continuei a seguir, paralelamente à Serra, em belos campos cobertos de pastagens e matas. O terreno continúa desigual e de aspecto alegre. Atravessámos dois pequenos riachos: o das Taquaras e o dos Ferreiros, que se unem para formar o rio Arenal, cujas águas vão ter ao Jacuí.

Antes de chegar à capela, mandei Matias adiante para pedir uma casa ao comandante. Estando este ausente meu empregado falou ao seu substituto, um alferes, o qual se preparou para receber-me. Efetivamente esse official veio ao meu encontro, conduzindo-me a uma casa, cuja chave mandará procurar. Enquanto esperávamos perguntou-me si eu estava ao par dos últimos aconteci-

(1) No original está: *corueira*.

mentos. À vista de minha resposta negativa, mostrou-me um decreto do rei, pelo qual faz mudanças de ministros e declara estar disposto a aceitar as constituições das Côrtes. Estava eu em Montevideu quando receberam as primeiras notícias da revolução, que começou em Portugal; tais novas causaram sensação, mas o general e seus amigos responderam que todos os motins seriam abafados e que a causa do rei seria vitoriosa.

Dois dias antes de minha partida, um vaso francês entrou no porto. O capitão trouxera jornais; tive vontade de lê-los, mas o general mandou buscá-los e guardou-os. Até minha chegada ao Rincão das Galinhas ninguém me falou a respeito de Portugal e lá foi-me fácil verificar o quanto revoltadas se achavam as tropas europeias. O próprio general Saldanha pareceu-me inclinado ao movimento. Em São José nada me disseram sobre Portugal; mas em Salto falaram-me muito e os oficiais estavam indignados com o atraso de 31 meses no pagamento. Achavam que quarenta mil espanhóis teriam entrado nas províncias portuguesas para sustentar os insurrectos e contaram-me outros absurdos semelhantes. Daí a São Borja não se falou mais acerca de Portugal. Ali soube, pelo comandante, que a revolução terminára do melhor modo para a nação, sem o derrame de sangue.

Era evidente que os brasileiros não queriam viver sob governança absoluta, ao passo que os portugueses da Europa tinham um govêrno constitucional. Com efeito informaram-me aqui que o povo do Rio de Janeiro se reunira em massa sob as sacadas do palácio, pedindo a Constituição e o castigo dos homens que haviam abusado da confiança do Rei — os ministros Tomás Antonio Vilanova e Portugal, de Tarhini, de Paulo Fernandes, intendente de polícia e de José Maria, comandante do Regimento de Polícia.

Foi após êsses fatos que o Rei resolveu lavrar o decreto retrocitado.

O govêrno que os portuguezes acabam de conquistar não é novidade para a Nação, pois é aquele sob o qual foram tão gloriosos, e que os reis juraram nunca abandonar. O govêrno absoluto é, pois, o resultado do perjúrio e da usurpação e o único govêrno legítimo deve ser o constitucional. O povo não fugiu aos seus deveres, reclamando o que tinha direito; mas ao mesmo tempo é lamentável que o Rei não tenha conhecido o espírito da época, e o de seu povo, afim de prevenir seus justos pedidos e mesmo fazê-lo gozar seus direitos. Si tivesse agido espontâneamente ter-se-ia tornado um idolo e poderia ter imposto as restrições que julgasse conveniente.

Mas o povo, ditando as leis ao seu soberano, experimentando suas próprias tôrças, aprendendo a conhecê-las, não abusará de futuro?

Além disso si o novo govêrno é o único legítimo, o antigo era um atentado aos direitos dos povos, e o príncipe um usurpador. Sua bondade, bem conhecida, impedirá ao povo detestá-lo, mas será desprezado devido à facilidade com que deixava seus favoritos abusar do poder e ao mesmo tempo que o será, por tê-los abandonado perdendo assim sua autoridade.

Submissa e fiel, mais que qualquer outra, a nação portuguesa jámais sonhára reclamar seus direitos, si não fôra o exemplo de outros povos e, mórmente, o de seus vizinhos espanhóis.

Entretanto, os abusos atingiam o cúmulo, ou melhor, tudo era abuso. Os diversos poderes confundiam-se e tudo era decidido pelo dinheiro ou pelos favores. O clero era vergonha da igreja católica. A magistratura, sem probidade e sem honra; os desgraçados apodreciam pelas prisões sem serem julgados; os processos eram in-

termináveis, as leis em contradições e de qualquer modo a decisão do juri achava uma escusa em qualquer lei. Os empregos multiplicavam-se ao infinito, as rendas do Estado eram dissipadas pelos empregados e pelos afilhados, as tropas não recebiam seus soldos; os impostos eram ridiculamente repartidos; todos os empregados desperdiçavam os bens públicos; o despotismo dos subalternos atingiu o cúmulo, em tudo o arbitrio e a fraqueza andando ao par da violência. Nada de útil é empreitado. Há 14 anos que o Rei chegou ao Rio e o ministério não foi melhorado. A instrução moral e religiosa está esquecida; não se cogitou de favorecer os casamentos e a agricultura marcha na rotina; enfim, não se pensou senão em reprimir todos os sentimentos elevados e em sufocar a honra e a sensibilidade de uma nação, naturalmente espiritual e generosa.

Presenciei todos os abusos, e relatei vários neste diário. Frequentemente ouvi queixas dos portugueses, mas até ao presente momento só os tenho incitado à paciência; repito-lhes sempre que é melhor suportar todos os abusos que fazer uma revolução, e hoje lhes diria: "Tendes reconquistado vossos direitos, não ambiçioneis mais; não vos deixeis seduzir por teorias que vos podem conduzir a todos êsses males, que assolam vossos vizinhos espanhóis. Segurai-vos ao grande principio de legitimidade, único garantidor da tranquilidade dos impérios; não fiquéis aquem ou além de vossa constituição e trabalhai com prudência na extinção dos abusos".

Capela de Santa Maria, 10 de Abril. — Antes da guerra de 1801 havia uma guarda espanhola em São Martinho e uma guarda portugueza às margens do riacho dos Ferreiros, que passei para vir da estância do Rincão da Boca do Monte até aqui. Haviam construido no local onde está hoje a aldeia de Santa Maria uma pequena

capela, coberta de palha, onde o capelão da guarda portuguesa celebrava missa aos domingos e dias santificados.

Os comissários nomeados pelo Rei, para demarcação dos limites entre as possessões portuguesas e espanholas residiram, também, por algum tempo, nesse lugar.

Pequenos comerciantes para aqui vieram, estabelecendo-se com vendas, para fornecimento de fumo, aguardente e outras mercadorias; cultivadores das vizinhanças aí construíram palhoças, para se abrigarem nos dias em que viessem assistir missas.

A guarda foi retirada, os comissários passaram para outros lugares, mas a aldeia subsistiu com o nome de *Acampamento de Santa Maria*. Entretanto ela aumentou pouco a pouco, os habitantes obtiveram permissão para construir uma capela dependente da paróquia de Cachoeira e, no momento, pleiteiam torná-la em séde de paróquia autônoma.

Esta aldeia, geralmente chamada Capela de Santa Maria, situa-se em posição bucólica, a meio quarto de légua da Serra. É construída sôbre colina muito irregular. De um lado, avista-se alegre planície, cheia de pastagens e bosquetes e do outro lado a vista é limitada por montanhas cobertas de espêsas e sombrias florestas. A aldeia compõe-se atualmente de cerca de 30 casas, que formam um par de ruas, onde existem várias lojas, muito bem montadas. A capela, muito pequena, fica numa praça, ainda em projéto.

Nos arredores de Santa Maria existem muitos estancieros, os quais além da criação de gado dedicam-se á agricultura. Os produtos da lavoura são consumidos aqui mesmo. Todavia são exportadas pequenas quantidades para Capela de Alegrete, onde os proprietários, tendo quasi o mesmos hábitos dos gaúchos, ainda não se dedicam á agricultura.

Em quasi todas as estâncias dos arredores de Santa Maria há índios desertados das aldeias. Os homens empregam-se como peões e têm consigo toda a sua família. Os patrões lamentam a inconstância e falta de afetividade dessa gente. Dizem que quando recebem adeantamentos, retiram-se, e não reaparecem mais.

A capela de Santa Maria depende, como disse, da paróquia de Cachoeira, cujo vigário recebe de cada fiel meia pataca em cada confissão pascoal. Os moradores de Santa Maria cotizam-se e fazem um salário ao seu capelão. Este recebeu do cura licença para praticar a confissão; os penitentes pagam-lhe meia pataca que êle remete ao cura. Seria de toda a justiça que o cura pagasse ao capelão, como acontece em Minas; mas, para êle essa parte da paróquia é uma espécie de sinecura, em que usufrúe sem encargos e seu contrato com o capelão se reduz a isto: *"Permito-vos exercer as funções curiais no distrito de Santa Maria e receber salários de meus paroquianos, com a condição de reservardes para mim o produto das confissões pascoais"*. Creio ser impossível levar mais longe o comércio das cousas sagradas. . .

Soube, pelo meu hospedeiro do Rincão da Boca do Monte, que vários proprietários, inclusive meu informante, possuíam outrora muito gado, tendo sido despojados dos animais pelos roubos cometidos pelos vizinhos mais poderosos e pelos cultivadores que fazem invernadas na Serra.

Tudo quanto eu disse no diário de 8 de Abril, sôbre o número de anos durante os quais se pode cultivar, sem repouso, os terrenos de mata é exato para as terras altas; nos solos baixos e húmidos pode-se plantar durante nove anos sem necessidade de alqueive. Tal fertilidade está, contudo, bem longe da das terras da província das Missões.

Estância da Tronqueira, 11 de Abril, 5 léguas. — Enquanto estive em Santa Maria recebi muitas gentilezas do alferes, do comandante do distrito e de um capitão de milícia, também morador na aldeia. Havia pedido ao comandante me arranjasse uma vaca, para a alimentação do meu pessoal e alguns bois para a condução de minha carroça até o Jacuí, que é o limite dos distrito. Consegui tudo quanto precisava, e o comandante disse-me que os agricultores que forneceram a vaca e os bois não queriam retribuição alguma.

O caminho continúa a prolongar-se paralelamente à Serra. Compõe-se a região de montanhas cobertas de sombrias florestas, cujos rimos arredondados e quasi iguais, são de pouca altura. O lugar é alegre e agradavelmente entrecortado de pastagens e bosques. Veem-se muitos animais nos campos. Atravessámos duas matas, densas e copadas. Em todas as desta região veem-se árvores que podem servir para a confecção de carros, construção e marcenaria. Quando os espanhóis dominavam até ao riacho do Ferreiros, colonos oriundos de Biscaia exploravam o córte de madeira do lado do Rincão da Boca do Monte e mandavam as táboas que serravam, por terra, a Montevideu. Daí o nome de *Biscaino*, ainda hoje dado a êste distrito.

Para descanso dos bois parei em uma pequena estância, habitada por um velho de 78 anos, vindo para a ilha de Santa Catarina, aos 10 anos, com as primeiras famílias que o govêrno mandou vir das ilhas de Açores, para povoar aquela ilha e a capitania.

Um filho dêsse homem acompanhou-me até aqui e quando estávamos prestes a chegar disse-me que seria mellhor pararmos ao pé de uma mata, porquanto a carroça poderia tombar si viesse até aqui. Fui com meu pessoal examinar o caminho e, apesar de achá-lo efetivamente mau, vimos parar nesta casa.

Dei-me por feliz ter tentado correr os riscos apontados, pois foi chegarmos e cair uma chuva torrencial.

Tendo sob as vistas um artigo de Azara, a respeito dos cavalos selvagens, vou consignar aqui algumas observações, decorrentes de sua leitura: as tropas dêesses animais, que os portuguezes denominam *bagoaladas*, foram de tal modo perseguidas que hoje não mais se aproximam dos viajantes. Contudo, no dia em que poisámos junto ao rio Ibahá um grande número de animais veio rodear a carruagem. Galopavam dando saltos e aproximaram-se tanto, que o Matias pôde matar um jumento com una facada.

Azara e seu tradutor não estão de acôrdo sôbre a utilidade dos cavalos selvagens. E' evidente que êles não causam nenhum mal nos logares desertos, mas serão nocivos nas regiões povoadas, porque destroem as pastagens e desencaminham os cavalos domésticos. Os estancieiros fazem-lhe guerra com a dupla finalidade de afugentá-los e de aprisionar os potros para domesticá-los. Alguns mesmo caçam-nos para vender o couro. Os cavalos selvagens de cada tropa caminham sempre muito juntos, mas não seguem nenhuma ordem em sua marcha. Entre êles e os cavalos mansos da região não há diferença alguma, o que não é para se admirar, pois êstes últimos não recebem nenhum cuidado especial e quando não são destinados à montaria, ficam ao deus-dará, nas pastagens, em toda a liberdade, como os animais selvagens. Uns e outros são menores e menos grossos que os cavalos de nosso País; não trotam de modo tão bom quanto os nossos animais, mas galopam melhor: fazem longas caminhadas sem fatigar, são mais pacientes e suportam melhor a falta de alimento.

Não é verdade sômente existir entre êles 3 côres; têm todas as tonalidades que se observam nos cavalos

domésticos. Talvez ao tempo de Azara predominassem apenas 3 côres, enriquecidas depois de outras, mórmente durante a guerra, por mestiçagens continuas entre cavalos selvagens e domésticos.

Entre os portuguezes denominam-se *parelheiros* os cavalos de corrida. São preparados durante algum tempo, mantidos em estribarias, e treinados diariamente. A isso chamam, portuguezes e espanhóis, *compôr um cavallo*. Os estancieros portuguezes nunca montam em éguas.

Também os cavalos são submetidos ao redeio e em algumas estâncias, são êles acostunados a comparecer juntamente com gado bovino.

Nas Missões, os índios, muito pobres para possuírem cavalos, criam burros montaria. Mesmo em Santa Maria vi muitos burros pertencentes a índios. Êsses animais são aqui menores que em França e têm todos uma côr esbranquiçada.

Tronqueira, 12 de Abril. — Devido ao tempo, que esteve péssimo, não pude seguir viagem. A chuva, como quasi sempre acontece nesta região, era acompanhada de relâmpagos e trovões. Meu hospedeiro forneceu-nos alimentação (a mim e aos meus camaradas.) E' êle um excelente camponês, pouco dado a gentilezas, mas que oferece de bom grado quanto possui. De modo idêntico à maior parte dos cultivadores desta região, anda, em casa, descalço e de colête. Não vi mulher alguma.

Tronqueira, 13 de Abril. — Acompanhada de violenta ventania a chuva proseguiu noite a dentro. Durante toda a manhã tivemos alternativas de chuva e bom tempo, e quando não chovia o calor era excessivo.

Algumas horas antes de pôr do sol o ceu apresentou-se coberto de negras e espêssas nuvens e logo teve início um verdadeiro furacão, o mais terrível que tenho

presenciado em minha vida. A escuridão era tamanha que difficilmente se podia lêr. Por todos os lados o ceu era riscado de relâmpagos. As trovoadas sucediam-se, sem interrupção, e o ronco do vento sul ultrapassava o ruido do trovão, dada a sua violência. Nesse momento achava-me, em companhia do pequeno Diogo, na sala do meu hospedeiro. Estando abertas a janela e a porta, tudo quanto se achava sôbre a mesa foi carregado pelo vento; corri a fechá-las, mas, nesse momento, uma parte do telhado foi arrebatada, e, apesar da casa ser nova, um pedaço de parêde, construida com tijolo e barro, foi derrubado pelo furacão e entulhado por cima de minhas malas. A água caía torrencialmente dentro de casa; pedaços de telhas voavam ao redor de mim. Estava já ferido numa coxa e temendo maiores accidentes corri para o quarto vizinho; encontrei-o descoberto e alagado como a sala. Entrei, então, em um pequeno gabinete próximo, onde deparei as mulheres da casa, as quais, apertadas umas às outras, tremendo, pediam fervorosamente protecção aos ceus. Ao fim de sete ou oito minutos a intensidade do furacão diminuiu. Voltei à sala e trouxe as malas para lugares menos expostos à chuva. Entrementes, chegam Matias e Laruotte. O primeiro contou-me que ao início do furacão encontrava-se, com o Firmiano, na carroça e que não obstante o enorme pêso da viatura e a horizontalidade do terreno, fôra lançada contra uma árvore que ela arrancára, sendo a coberta atirada longe. Neves, chegando nesse momento, contou-nos que um telheiro sob o qual se abrigára, com o José Mariano, tinha sido destruido, ficando José um pouco ferido.

Emquanto isso um irmão de meu hospedeiro veio dizer-me que uma pequena palhoça próxima ficara intacta e induziu-me a levar para lá os meus objêtos.

Aceitando o conselho fiz retirar as malas dos escombros e instalei-me nessa palhoça.

Todos os meus objétoes estão molhados, as malas de igual modo, meus homens não têm roupa para mudar e provavelmente passaremos uma noite péssima.

O dono da casa estava ausente durante êsses successos; ao chegar mostrou-se com uma resignação e uma coragem de que poucos europeus seriam capazes: "Isso é um castigo do ceu; é a vontade de Deus", foram as únicas palavras por êle proferidas; antes de deitar-me notei que todos já riam do que havia sucedido.

E' preciso dizer que semelhante coragem é menos admirável em um americano que em um europeu. Êste teria minuciosamente apurado seus prejuizos, calculando o tempo que seria necessário para tudo reparar e quais as privações a que teria de se sujeitar. O feliz americano, pouco se preocupando com o futuro, abstem-se dêsses cuidados.

Cessada a chuva o pessoal da casa procurou um lugar mais enxuto para dormir sossegado. Não era preciso mais nada.

Tronqueira, 14 de Abril. — Aproveitei o bom tempo reinante para secar as malas e demais objétoes, enquanto meus homens tratavam de pôr nova cobertura à carroça. Por seu lado meus hospedeiros cuidaram de desentulhar a casa, lavar a roupa, e, auxiliados por alguns vizinhos, começaram a retelhar o prédio.

O furacão quebrou todas as espigas de um belo milhoal, prestes a ser colhido; desfolhou todas as laranjeiras e arrancou figueiras e enormes ipés (*Bignonia* de cinco folhas) que ensombream o pátio.

Os vizinhos disseram-me que não foram melhor tratados. Contudo todo mundo continuava alegre, como se nada tivesse acontecido.

À tarde fui herborizar nas margens da floresta e encontrei várias árvores derrubadas pelo furacão. As pastagens estão ainda verdes, mas não se veem outras flores além de algumas *Compostas*, comuns.

Tronqueira, 15 de Abril. — Como o tempo estava muito bonito, ontem, à tarde, mandei fazer minha cama na casa de meu hospedeiro, apesar da mesma estar ainda quasi inteiramente descoberta. Ouvi o ronco de trovões e saí ao pátio, deparando o ceu carregado de nuvens; fui acordar Laruotte e mandei transportar meu leito e minhas roupas para a casinha onde se achavam as malas. Felicitei-me de ter tomado essa precaução porque a tempestade não tardou a cair e o quarto que vinha de abandonar inundou-se em poucos instantes. Ao levantar-me o tempo estava extremamente carregado; receei um novo furacão e não saí.

Temendo estar sendo pesado ao meu hospedeiro, que vem fornecendo alimentação para mim e para os meus empregados, prontifiquei-me a pagar-lhe todas as despesas feitas; entretanto recusou receber e pareceu até ofendido com minha proposta.

À tarde chegou seu pai, que é o verdadeiro proprietário da casa. Pareceu-me ficar contrariado com os estragos ocasionados pelo furacão.

Outrora havia muitos avestruzes e veados na província das Missões, os quais foram quasi totalmente destruidos pelos índios, que os caçam no interesse da carne para alimentação.

Queria levar comigo, para França, um botocudo, afim de fazer conhecer em meu país essa tribo singular. Por esse motivo considerava Firmiano como um monumento de minha viagem. O hábito de vê-lo, o cuidado que lhe dispensava, sua alegria, a originalidade de seu caráter ligaram-me a elle, pouco a pouco; e terminei por

amá-lo como um pai ama a um filho. Enquanto viajamos em Minas não exigi d'êle nenhum trabalho; estava sempre alegre e compensava-me de sua inutilidade com o constante ar de contentamento que trazia no rosto.

Ao chegarmos ao Rio de Janeiro êle se instalou na cozinha, dizendo querer dormir ali, e que seria o cozinheiro. Com efeito Pregent, pelo qual o indiozinho se afeiçoara, ensinou-lhe a cozinhar arroz e feijão: êle limpava minhas roupas e meus sapatos, varria a casa algumas vezes e passava o resto do tempo a dormir. Obedecia com facilidade, não mostrava desejo algum, não sentia saudades, nem preocupação, nem inquietação pelo futuro. O menor presente encantava-o e dava-lhe perene contentamento. Eu gosava sua felicidade e repetia como que orgulhoso: — "Ao menos não morrerei sem ter tornado uma criatura humana perfeitamente feliz".

Êle não sabia contar, não conhecia o valor do dinheiro e era, entretanto, quem ia procurar as pequenas provisões necessárias à nossa vida. Meu criado, que sabia os preços, dava-lhe separadamente o dinheiro necessário à compra de cada objéto e êle nunca se enganava. Quando ia herborizar levava-o comigo; carregava algumas provisões que nós comíamos às margens de algum regato; êsses passeios eram para nós uma alegre recreação.

Pouco tempo após minha chegada de Minas conduzi-o a Copacabana, um dos sítios mais deliciosos dos arredores do Rio de Janeiro. Daí se vê, de um lado o alto mar, do outro montanhas altas e pitorescas, cobertas de matas virgens, e nos cumes casas de campo e terras de cultura. Subimos a uma colina; a vista do mar, nova para êle, arrancou-lhe um grito de admiração. Até então nunca lhe falára a respeito de Deus; aproveitei êsse momento para fazê-lo conhecer, perguntando-lhe

si sabia qual tinha sido o autor de tantas maravilhas. Respondeu negativamente.

“Nenhum homem, disse-lhe, seria capaz de crear uma gota d'água, um grão de areia nem a menor haste de erva. E' certo, pois, que tudo quanto vemos tenha sido feito por um sêr bem superior a nós; êsse sêr é Deus. Foi Êle quem fez o sol que nos alumia, a terra que nos sustem e o fruto que comemos; foi, também, quem fez nascer sôbre o corpo da ovelha a lã que fiamos para nossas vestes, quem colocou na terra o ferro que nos proporciona a arma e os instrumentos agrários. Em toda parte espalhou Êle seus beneficios, e ama-nos como um Pai. Devemos amá-Lo como filhos reconhecidos”.

No dia seguinte perguntei-lhe si sabia quem era Deus. Em resposta mencionou-me uma porção de obras do Creador e terminou dizendo que Deus era um grande Capitão.

Quando parti para o Rio Doce fiz ver lhe que não dispunha de ninguem para ajudar ao tropeiro nem para cozinhar e que nessa conjuntura contava que se prestaria a tais trabalhos. Respondeu-me aceitar de bom grado os engargos. Ao começo da viagem só elogios mereceu. Chegados ao aldeamento de índios civilizados, no litoral, sua qualidade de botocudo causou-lhe pequenas contrariedades, que suportou com paciência. Quando os índios o rodearam para o examinar, injuriando-o, êle corou-se, deixando pender a cabeça; vi algumas lágrimas rolar de seus olhos. Todavia acostunou-se pouco a pouco a resistir, terminando por tornar-se malicioso, e começou a responder-me, a mim, com insolência, desobedecendo-me.

Embarquei com êle de volta ao Rio de Janeiro. Aí ficámos sós durante um mês; ninguem o amolava e

tendo pouco que fazer retornou ao que era dantes, com grande satisfação para mim. Durante a viagem a Goiás continuou a proceder a meu contento. Imitador de quantos convivia, tornou-se tão alegre quanto Marcelino, e, como êle, nunca se lamentando. Então parecia interessar-se pelo que me pertencia; podia confiar-lhe a guarda de meus objéto; parecia ter prazer em conversar comigo; julgando-se pessoa de minha família apenas tinha afeição por Larotte, parecendo ver nos meus empregados portugueses simples auxiliares temporários, que não podiam ter por mim a mesma afeição que êle.

À saída de Marcelino substitui-o perfeitamente, mas aí seu caráter começou a modificar-se. Pregent, que desde o primeiro dia julgára-o melhor que eu, repetia sem cessar: "Firmiano só não é mau porque não convive com pessoas más; seu caráter amoldar-se-á sempre aos dos homens que o cercarem".

Ao vêr José Mariano faltar-me com o respeito, ao testemunhar o seu mau humor e a espécie de submissão a que eu era obrigado, começou a murmurar contra mim, a responder-me mal e a desobedecer-me. Em São Paulo fui obrigado a castigá-lo em consequência de sua cólera; ao que quis me intimidar, mostrando a ponta de uma faca que trazia. Fingi não ter percebido sua ameaça e continuei a ralhar-lhe, tendo êle, pouco a pouco, baixado sua faca.

Durante a viagem de São Paulo e Porto Alegre, constituiu objéto de contínuas zombarias do negro Manoel. Sempre contrariado por êsse homem, e, vendo-o queixar-se de mim sem cessar, êle tornou-se cada vez mais brigão e insolente. Seu caráter mudou-se completamente. Seu mau humor e sua inolência não conheciam limites. Não podia mais suportá-lo quando chegámos a Porto Alegre. Contudo não perdi as esperanças

a seu respeito, e, de fáto, ao ficarmos sós readquiriu sua alegria normal e o caráter de outrora. Com a mesma facilidade assimilou os defeitos dos soldados que me acompanhavam; houve uma ocasião, em Montevideu, em que êles não me quiseram obedecer, no que foram acompanhados por Firmiano, audaciosamente.

Embora prestando alguns serviços durante a viagem não demonstra a menor afeição. Adotou a linguagem grosseira dos soldados, e, ao par de uma porção de defeitos adquiridos, conservou toda a sua inexperiência, gula e desamor ao trabalho. Nada sabe e nada tem interesse em aprender; nunca procurou fazer qualquer coisa que me fôsse agradável. Ao receber alguma ordem resmungava sempre e só obedece com lentidão, capaz de fazer perder a paciência ao homem mais calmo do mundo.

Contudo conservei-lhe muita amizade, até à nossa chegada às margens do arroio Santana. Ao ver-me às portas da morte, sómente pensei nêle e pedi várias vezes, insistentemente, a Matias e Larotte para recomendá-lo, de minha parte, ao Conde de Figueira. Testemunhou êle essa minha súplica, vendo quanto me interessava por sua sorte e verteu algumas lágrimas. Que homem branco, após ter recebido tão inequívocas provas de afeto, não teria ficado emocionado e não teria procurado, ao menos durante alguns dias, mostrar-se reconhecido por uma conduta agradável?

Firmiano não agiu assim; desde o dia imediato, desrespeitou-me do modo mais insultuoso. Castiguei-o fisicamente e êle pareceu querer defender-se. Redobrei no castigo e êle cedeu, provavelmente receando a intervenção dos soldados. Daí por deante deixei de falar-lhe com carinho e comecei a desgostar-me de sua companhia.

Até à minha partida de São Paulo esse indiozinho mostrava-se indiferente ao outro sexo, dizendo mesmo, no Rio de Janeiro, que a presença de uma mulher tornava-o triste. A gula e o amor ao sono pareciam ser suas únicas paixões. Foi em Castro que começou a parecer menos indiferente, mas estou persuadido de que o exemplo de Neves e de José Mariano influiu mais nessa metamórfose que seu próprio temperamento. Nas Missões demonstrou inclinação pelas índias, provavelmente ainda por imitação; mas nessa ocasião causou-me muitas contrariedades por suas mentiras, sua desobediência e sua falta de respeito. Aí comecei a tratá-lo com dureza, continuando-o até agora. Tenho-lhe repetido que não é um homem livre e que posso dêle dispôr como me convier. A tais palavras nunca respondeu pois sabe que os homens de sua tribo vendem seus próprios filhos aos portugueses, pela menor bagatela.

Teria satisfação em desembaraçar-me agora desse rapaz, mas vejo-me, infelizmente, forçado a trazê-lo, como si fôsse uma expiação. Si êle pertencesse à nossa raça eu lhe diria: "Ou você muda de conduta ou vai procurar seu pão noutra parte!" Mas, de que me serve falar assim a um homem ignorante, descontente, preguiçoso, inexperiente e sem noção do futuro? Que fará si eu o abandonar? E devo abandoná-lo, após ter tido a infelicidade de tirá-lo de sua terra?

Acreditava, quando o tomei, que um índio não diferia de nós senão pela ausência de civilização; ignorava que essa gente era insensível a tais erros conduziram-me a uma porção de outros. Assim, todas as vezes que lhe dava uma ordem procurava fazê-lo sentir a necessidade: mas é lógico que tal método é inteiramente defeituoso para com aquêles cujas idéias não vão além do momento atual. Resultou dai tê-lo acostumado a

pedir-me explicação de tudo quanto eu mesmo fazia e a justificar as ordens que lhe dava, tal qual uma criança mal educada discute as ordens do seu pai.

Sem falar dos defeitos inerentes à sua raça, êle deve alguns dos que adquiriu à minha ignorância e indulgências excessivas. Os outros, tais como a grosseria, insolência e inclinação à mentira, deve aos homens que me acompanharam nas viagens. Talvez seja êsse um motivo a mais para não o abandonar. Eis-me, pois, embaraçado para sempre por um homem que será eternamente criança, pelo juízo, e ao qual é impossível fazer compreender que não é uma criança, não me sendo de utilidade, nem capaz de afeição ou gratidão.

Tronqueira, 16 de Abril. — Persistiu o mau tempo e não pude partir.

As pastagens dêste distrito são muito favoráveis à criação de bovinos e de ovelhas.

Nas casas fiam a Jã dos carneiros, com a qual fazem ponchos e outros tecidos.

Nos terrenos de mata plantam-se durante 7 ou 8 anos seguidos, sem deixar a terra descansar, mas quando as capoeiras sucedem-se às matas é preciso o alqueive.

Tronqueira, 17 de Abril. — O tempo continuou horrível. Não me foi possível prosseguir a viagem e apenas pude fazer um pequeno passeio, de meia hora, esta tarde.

Contrario-me de permanecer tanto tempo nesta casa, sempre bem alimentados, eu e meus homens, e não conseguir fazer meu hospedeiro aceitar a recompensa.

Além disso prevejo, dolorosamente, que partirei de Porto Alegre com o peor tempo, correndo o risco de perder o fruto de tão longa quão penosa viagem. Meus camaradas aborrecem-se aqui e parecem achar que sou culpado das consequências da chuva.

Aqui minhas refeições tornaram-se desagradáveis, por serem feitas junto a êles. Matias é frequentemente pouco respeitador e vive a clamar suas eternas queixas contra o Rei ou suas zombarias sôbre a religião e os padres. Estou certo de que repete êsses discursos porque já notou que me contrariam.

A exceção de algumas *Compostas* extremamente comuns, de algumas *Oxalis*, não se veem flores nas pastagens, ainda verdes.

Ainda não foi possível ao meu hospedeiro cobrir de novo sua casa, por falta de telhas, mas seus filhos já levantaram os dois paños de parêdes que haviam caído.

Após ter deixado a província das Missões vi, conforme disse, várias casas, bonitas e cobertas de telhas; porém, são construídas com uma só fileira de tijolos e de terra batida, motivo pelo qual são tão pouco sólidas.

Em geral os brasileiros não pensam, quando constroem, em seus filhos, mas é de convir que neste país as construções são fáceis.

Na capitania do Rio Grande predominam, de modo quasi absoluto, as casas térreas.

No distrito de Santa Maria as terras são, em geral, muito divididas, o que não impede de haver estâncias com 6.000 cabeças de gado; meu hospedeiro possui 1.000 e não é um homem rico.

Todos os proprietários cultivam a terra, ao mesmo tempo que se dedicam à criação de gado. O dono da casa e seus filhos cuidam do gado e os negros tratam da plantação; contudo, nesta região ninguém se envergonha de trabalhar. Os homens menos ricos possuem vacas de leite e cultivam a terra por suas próprias mãos.

Nesta zona do distrito, não se planta só para o consumo; vários agricultores vendem trigo, milho, etc., a Cachoeira e a Rio Pardo.

Estância da Restinga-Séca, 18 de Abril, 4 léguas. -- Esta manhã o tempo mostrava-se muito carregado e ameaçador. Havia já tomado a resolução de passar o dia em casa dêsse bom José Silveira, verdadeiramente vexado por incomodá-lo tanto, quando as nuvens dissiparam-se um pouco e pus-me a caminho com grande satisfação de toda a minha comitiva.

Antes de partir, disse ao Sr. Silveira desejar deixar-lhe algumas lembranças, mas nada tendo, infelizmente, para lhe oferecer, rogava aceitasse alguma coisa para si e seus filhos, e, assim falando quis dar-lhe cerca de dois *luses* (1), mas êle relutou em aceitá-los e eu tive de dar-lhe alguns pequenos objéto que ainda me restavam. Com seus filhos acompanhou-me até próximo daqui e foram-me muito úteis, porquanto as chuvas tornaram o caminho péssimo.

Continuámos a ter a Serra à nossa direita, sem dela distanciarmos muito. As montanhas que a constituem são sempre pouco elevadas e cobertas de matas, terminando quasi todas por um grande planalto.

O caminho atravessa região agradavelmente adornada de bosquetes e pastagens, povoadas de bois e cavalos.

Parámos alguns instantes em uma pequena venda, onde os bois foram trocados, e vimos poisar em uma estância, situada a alguma distância da estrada.

Silveira e seus filhos podem ser comparados, por seus modos, aos nossos camponêses ricos. O pai tráz em casa uma grossa jaqueta de casemira; os filhos usam

(1) NOTA DO TRADUTOR — Moeda de ouro do valor de 20 francos.

apenas um colete e todos trazem as pernas núas. Nenhum deles sabe ler nem escrever, e sua conversação gira, apenas, sôbre o pequeno mundo que os rodeia.

As mulheres são bonitas, brancas e coradas; parecem-se muito pouco com as nossas camponêsas. Mostram-se, contudo, acanhadas, pouco aparecendo e jámais comendo em nossa presença. Usam vestido de chita e um fichú; cabelos armados com uma travessa; pernas núas. Tais modos não são efetivamente os de Minas, mas não diferem dos que têm as mulheres das cidades.

É de notar-se que nesta parte da Capitania as mulheres se mostram menos aos estranhos e são geralmente mais tímidas que as residentes entre Rio Grande e Santa Teresa. Estas ultimas, embora não tenham os encantos das espanholas-americanas, muito se aproximam delas, entretanto.

Silveira disse-me que os alicerces de sua casa, feitos de pedra, tinham dois palmos; presumo ser êsse o padrão de todas as casas construidas da mesma maneira.

Potreiro da Estiva, 19 de Abril, 4 léguas. — Ontem à tarde, antes de deitar-me, estive durante muito tempo proseando com meu hospedeiro, que parece de condição mais elevada que o bom Silveira. Queixou-se muito dos abusos de que são vitimas os cultivadores desta Capitania, meu informante em particular, e espera providências da Côrte. Acontece sempre serem seus animais levados por officiais, os quais prometem devolvê-los da estância vizinha e nunca cumprem o prometido. Outras vezes êles são roubados, levados para longe e abandonados, quando não podem mais avançar; ou então cortam-lhes as pontas das orelhas, sinal de propriedade real. Como tudo se faz arbitrária e violentamente, não se observa regra alguma nas requisições; os que têm o direito de fazê-las não se dão ao trabalho de se dirigi-

rem ao Comandante, único capaz de fazer distribuição equitativa. Tomam no cultivador os animais que lhe são necessários, ou mesmo, arrebanham os que se acham nos campos e assim todo o onus recái sôbre aquêles residentes à margem das estradas.

Já disse a respeito dos animais tomados dos estancieros para nutrição das tropas, nunca pagos. Atualmente a causa é peor. Há algum tempo levaram muitos bois dêste distrito, para Belém e Capela de Alegrete, e acharam um excelente meio de evitar reclamações dos proprietários: não se lhes dar recibos.

Tenho sempre à minha direita a mesma cadeia de montanhas que se vai distanciando pouco a pouco. A região que percorri é desigual, com tufo de matas mais numerosos que as pastagens e estas não são de boa qualidade.

Em geral a coloração das pastagens no Brasil está na razão inversa da quantidade de matas nelas misturadas, e os melhores pastos que vi na América são os dos campos de Montevidéu, onde absolutamente não há árvores.

Há muitos dias não encontro plantas floridas, além de algumas *Compostas* e algumas *Oxalis*.

Continúo a vêr grande número de animais nos campos, mas de pequeno porte.

A uma légua da estância da *Restinga-Sêca* existe uma outra, pertencente a um paulista. Mandeí ali um de meus soldados, para arranjar bois, conseguindo quatro juntas, apesar de não mandar exhibir minha *portaria* e do soldado ter ido à paisana. Isso prova como essa gente está acostumada a tal espécie de amolação.

Quanto a mim tenho sempre, em todos os pedidos de bois que venho fazendo aos estacieiros, usado da

maior delicadeza possível, constantemente oferecendo retribuição, sempre recusada, aliás.

Noto que quanto mais simplicidade de modo e de conversa imprimo aos meus atos, menos deferência recebo. O contrário acontecia em Minas; lá quanto mais esforços fazia para tornar-me agradável, mais hospitaleiramente recebiam-me. A diferença está em que aqui estão de tal modo habituados ao militarismo e ao ar fechado dos oficiais, que não acreditam que um homem simples e honesto possa ter importância.

Hoje é sexta-feira santa e vejo todo mundo jejuar com rigor nunca visto porque em dia semelhante nunca estive em casa alheia.

Esta manhã meu hospedeiro disse-me não me ter oferecido café por ser dia de jejum. O estancieiro serviu-nos para o almoço — pão e água e o homem em casa de quem devo passar a noite não me deu cêia, pelo mesmo motivo. Meus soldados recusaram beber aguardente e não quiseram comer nada que fosse quente, contentando-se com pão e queijo.

O que houve de extraordinário nessa austeridade foi que José Mariano, o primeiro a falar do jejum, tendo rejeitado, indignado, o oferecimento de aguardente, não deixou passar o dia sem fazer zombarias a respeito de Deus e dos Santos.

CAPÍTULO XXI

Margens do Rio Jacuí — Notas sobre a administração de Chagas — Chácara de Pedro Moraes — Vila da Cachoeira — Margens do rio Botucaraí — Acidente — Os brasileiros desejam uma Constituição — Palestra sobre a província das Missões — Impossibilidades de empregar os negros — A meia légua da casa do major Felipe Carvalho — Lição de civildade — Vila do Rio Pardo — O sargento-mór José Joaquim de Figueiredo — Seiscentas léguas sem uma ponte — Venda da carroça para continuar a viagem por água — Decadência dos índios, completada pelos portugueses — Comércio de Rio Pardo — Couros e trigo — Descrição da cidade — Paixão do jogo, luxo de arreiames e comércio nas mãos dos europeus.

Margens do rio Jacuí, 20 de Abril, 4 léguas. — Para vir até aqui atravessei região perfeitamente plana, húmida, cercada de pequenas colinas e coberta de pastagens. Após as grandes chuvas a estrada fica intransitável, sendo preciso fazer uma variante pelo alto das colinas. Todas as plantas apresentam-se sem floração.

O Jacuí constitúe o térmo de nossa caminhada, sendo o rio que corre deante de Porto Alegre e termina por formar a lagoa dos Patos. Pode ter aqui a mesma largura do Loiret deante de Plissai, correndo majestosamente entre duas galerias de matas.

Meus trastes foram transportados de uma só vez, em três pirogas amarradas em bloco, sendo a do meio maior. A carruagem passou apoiada sôbre duas pirogas, dando muito trabalho; também os bois e os cavalos passaram após penosos esforços de minha gente, que trabalhou bastante, começando ao meio-dia e só terminando ao pôr-do-sol.

Com meus objétoes fui muito bem recebido em a casinha do cidadão incumbido da passagem do rio, o qual foi para comigo de extrema delicadeza e bondade.

Entre Ibicuí e Capela de Santa Maria vi muitas casas cobertas com cascas da palmeira chamada gerivá (1). Cortada pela metade, longitudinalmente, fórma duas calhas que, divididas em grandes pedaços, são colocadas como cobertura das casas, de modo idêntico às telhas de barro.

Chagas começou o seu govérno com traços aparentes de afeição pelos índios e até ao último instante parecia querer favorecer os homens dessa raça. Jámais os punia, permitia-lhes a saída da província quando desejavam e lhes dava, dizem, quasi sempre, razão contra os brancos.

Entretanto teria melhor mostrado sua afeição, parece-me, si tivesse tomado medidas assecuratórias da manutenção das aldeias, nunca permitindo que os administradores se enriquecessem à custa dêsses infelizes, desmoralizando-os e deixando-os morrer à mingua. Além disso devia fazer que algumas crianças aprendessem officios e devia ter introduzido a vacina na província por êle governada.

(1) NOTA DO TRADUTOR — No original francês está *giriba*.

Chácara de Pedro Motaes, 21 de Abril. 3 léguas. — Durante a passagem da carroça vários bois e cavalos foram pastar muito longe; foi preciso começar o dia com a procura desses animais, motivando isso nossa partida muito tardia.

O encarregado da passagem do rio havia-me dito que a estrada ordinária estava impraticável, sendo necessária uma grande volta. Pedi-lhe ensinasse o caminho aos meus camaradas, sendo atendido, mas percebi que meus homens o ouviam com grande mau humor.

Passámos uma planície húmida, parecendo ser a continuação da que ontem atravessei antes de chegar ao Jacuí. Tem igualmente pouca largura e é limitada à direita por diversas colinas (coxilhas) e à esquerda por matas, além das quais se vê a Serra Geral. Após ter feito cerca de duas léguas nessa planície, começámos a subir as colinas. A região que vimos depois desse momento é extremamente bonita, desigual e oferecendo um alegre rendilhado de pastagens e bosquetes. Continúa-se a avistar, ao longe, os cumes da Serra Geral, que são menos uniformes e por conseguinte mais pitorescos.

Estando os bois muito fatigados meus soldados propuzeram-me pegar alguns que pastavam tranquilamente no campo. Mau grado os oficiais munidos de portarias serem afeitos a essa espécie de violência, somente consenti imitá-los muito contrariado e se acedi foi menos em benefício de meus bois, que para evitar descontentar os soldados, já então possuídos de muito mau-humor.

Percebi ter ocasionado esse mau-humor o fáto de haver consultado o meu hospedeiro de Jacuí sobre os caminhos, fazendo-os dar uma volta de duas léguas. Matias, antes de chegarmos aqui, demonstrou-me sua zanga de modo o mais insultuoso; tive a prudência de

fingir não ter percebido sua intenção ofensiva, mas confesso não ser filósofo a ponto de tornar-me insensível.

Reconheço que êsses homens prestaram-me os maiores auxílios; creio que são induzidos contra mim por José Mariano, cujo caráter é detestável. Não me posso habituar aos seus modos rudes nem a ser frequentemente objeto de seu desdém e de sua brutalidade. Tudo isso torna-me insuportável o fim desta viagem; jamais tive tamanho desejo de chegar ao término. Consolar-me-ia si achasse algumas plantas floridas, mas não encontro nada além de sementes e essas sempre de espécie conhecidas. Posso indicar entre as mais abundantes a *Composita* n.º 2587 bis, uma outra *Composita*, algumas *Hyptis*, notavelmente comuns e a *Rubiacea* n.º 2759 ter.

O homem em casa do qual devo pernoitar não estava presente no momento de minha chegada. Fui ao seu encontro ao vê-lo aproximar-se. Pareceu-me mediocremente afável, não obstante ter me permitido descarregar as malas em um quarto de sua casa. Mostrei-lhe minha *portaria* e pedi-lhe bois, ao que me respondeu os ter vendido, bem como todos seus animais, com o fito de evitar ser amolado pelos militares que transitam por esta estrada. Acrescentou que ultimamente um soldado lavara seu último cavalo prometendo devolvê-lo da casa vizinha, não tendo cumprido o prometido.

Quanto a mim, estou de tal modo cansado de mendigar bois em toda a parte por onde passo e de achar tão poucas pessoas prestimosas, que si tivesse previsto isso, teria comprado bois, sem olhar os preços.

Vila de Cachoeira, 22 de Abril, 4 léguas. — Região sempre entrecortada de bosquetes e pastagens, desigual á principio, depois quasi plana e menos florestal.

Sempre a vista da serra, ausência completa de flores nos campos, havendo apenas plantas com sementes e sempre de espécies comuns.

A vila de Cachoeira é agradavelmente situada. Antes de chegarmos Matias veio à frente, trazendo minha *portaria*, para arranjar casa com o comandante, o qual lhe deu as chaves desta em que me acho.

Quando meus trastes foram descarregados, fui fazer-lhe uma visita, logo retribuida, e voltei à sua casa, à tarde, para saber algumas novidades, mas meu interlocutor nada me disse que eu não soubesse já.

Margens do rio Botucarai, 23 de Abril, 2 léguas. — A vila de Cachoeira, sede de dois juizes ordinários e cabeça de extensa paróquia, fica em situação agradável, á vertente de uma colina dominando o rio Jacuí. É uma vila de criação recente, ainda pequena, sendo a praça pública indicada por algumas casas esparsas.

Entre a vila e o rio, sôbre a vertente da colina, existem diversas miseras palhoças, separadas uma das outras, lugar êsse que tem o nome de *Aldeia*. As palhoças são habitadas por índios mandados vir de aldeia de S. Nicolau, vizinha de Rio Pardo, para lançar as fundações desta vila e que aqui permaneceram após terminadas suas tarefas.

Deve-se o nome da vila a rochedos, existentes em lugar pouco distante, que embaraçam o curso do rio, impedindo o transito de pirogas fóra do tempo das chuvas.

Até ao presente momento não fizeram obra alguma além de uma picada, para facilitar a descarga das mercadorias que vêm de Jacuí, e nem mesmo a estrada ligando a vila ao rio é conservada.

De qualquer modo, sendo a vila de S. João da Cachoeira a primeira povoação que se encontra na estrada

das Missões, tornou-se em uma espécie de entreposto, onde os negociantes e estancieiros que não querem fazer longas viagens deixam o produto da região e adquirem, de volta, as mercadorias de que necessitam.

As terras por nós percorridas, para virmos até aqui, oferecem ainda a alternativa de pastagens e bosquetes. Ao longe veem-se os cumes da Serra Geral. Nos campos, ausência completa de flores.

Chegando a Cachoeira, pedi ao comandante que me arranjasse bois, ao que respondeu serem necessários muitos dias para procurá-los. Resolvi então seguir com os meus, apesar de acharem-se muito fatigados. Apenas havíamos feito meia légua e avistámos imenso rebanho pastando pelos campos. Deixei ainda meus soldados pegar quatro juntas e pudemos chegar prontamente às margens do rio Botucaraí.

Como o tempo estivesse tempestuoso, tomei a deliberação de fazer descarregar meus objéto, deixando-os esta noite em casa do barqueiro, contentando-me hoje em fazer a passagem da carroça. Para execução desse plano seria preciso que o barqueiro quisesse receber-me em sua casa. Ao pedir-lhe permissão para isso, respondeu-me ser impossível, devido à pequenez da habitação não comportar meus trastes e recomendou-me ao seu vizinho, cuja casa é igualmente situada quasi à beira d'água. Apesar de dirigir-me a êsse homem com a maior polidez possível, êle recusou atender-me, muito grosseiramente. Insisti, sem resultado. Não querendo, todavia, arriscar o fruto de tão longa e penosa viagem, vali-me, pela segunda vez, do nobre título de que sou portador, e, atirando ao meio do quarto uma moeda de duas patacas, disse-lhe que, tendo pago a hospedagem acreditava ter o direito de ali dormir. Meu título produziu, creio, mais efeito que o dinheiro; o homem não disse mais uma

palavra e desocupou um pequeno quarto, que pode ter umas duas toezas em quadro. Tendo empilhado minhas malas, consegui lugar para fazer meu leito.

Enquanto isso meus homens ocupavam-se em passar a carroça para o outro lado do rio. Como êste rio tem pouca largura Matias supôs poder empregar o mesmo processo usado no Toropi. O barqueiro e várias outras pessoas presentes avisaram-lhe que a correnteza era muito grande e que a carroça iria ao fundo ou seria arrastada pelas águas. Matias insistiu em suas idéias e eu tive a leviandade de deixá-lo agir. O veículo entrou no rio puxado pelos bois e seguido de duas pirogas, cujos condutores deviam dirigir os animais. Matias atirou-se nágua mas foi mal ajudado pelo barqueiro e, apesar dos esforços dos meus camaradas, os bois e a carroça foram arrastados pela correnteza e desapareceram aos meus olhos, encobertos pelas árvores que margeam o rio. Entretanto soube logo que a carroça havia chegado ao outro lado, mas em local de difficil acêso, tendo morrido na passagem dois bois e um cavalo.

Margens do rio Botucaraí, 24 de Abril. — Meus camaradas estiveram durante muito tempo do outro lado do rio, fazendo uma picada na mata marginal, e quebrando a cobertura da carroça conseguiram tirá-la d'água.

Durante êsse trabalho a chuva caía torrencialmente. Os homens estavam molhados desde ontem à tarde, sem trocar de roupas e após tirarem a carroça de dentro do rio vieram almoçar, sem mudar ainda de roupa.

Voltaram à água para reunirem os bois e cavalos e sómente à tarde vestiram roupas sêcas. O povo dêste país suporta, como tenho dito, com extrema facilidade as maiores intempéries; é preciso que chova muito para que meus soldados não durmam ao reíento. Desde que seja necessário Matias lança-se nágua com qualquer tem-

po, sem dificuldade alguma, e, não obstante sua aparência de fraqueza, é um homem realmente infatigável.

De qualquer modo eis-me a oito léguas do fim desta viagem, sem saber quando poderei chegar, visto o tempo estar horrível e a carroça sem coberta.

Margens do rio Botucarai, 25 de Abril. — Ao partir de Rio Grande fui seguido por um cão, que me veio acompanhando até aqui. Entretanto demos por falta dêle ao sairmos de Cachoeira, tendo Matias dado uma batida em toda a vila, inutilmente. Supunhamos tivesse sido levado para o campo por algum negro.

Esta manhã, entretanto, um cidadão de Cachoeira, ao passar por aqui, com destino a Rio Pardo, reconhecendo-me informou-me que o animal tinha ficado fechado na casa onde nos tínhamos hospedado e que os vizinhos, incomodados pelo barulho por êle produzido, conseguiram abrir a porta para soltá-lo.

Aluguei um cavalo e mandei Firmiano ir buscar o cão. Imaginei que ao rever-nos daria o animal algum sinal de contentamento, mas êle nem ao menos respondeu aos nossos agrados, indo dormir tranquilamente. É de notar-se que os cães dêste país afeiçoam-se menos aos homens que os da Europa. Não vi nenhum lambe seu dono e é raro vê-los abanar festivamente a cauda, como fazem os nossos.

Sei que, em geral, os brasileiros maltratam muito os cães; o meu é bem nutrido e não leva pancada, mas continúa indiferente como os outros. Quero crer que uma tão grande diferença de temperamento entre animais da mesma raça deve ser atribuída à influência do clima. O que é singular é encontrar-se a mesma diferença entre os homens. Os brasileiros são bons, hospitaleiros, generosos, mas em geral, creio-o, pouco sensíveis à amizade. São pouco expansivos e não lhes noto quaisquer

sinais de alegria quando, após uma longa ausência, encontram-se com conhecidos e amigos.

Meus empregados colocaram couros aos lados da carroça, mas receio não protejam meus trastes da chuva incessante.

O tempo passa aqui do modo mais triste para mim; nada tenho a fazer e acho-me inteiramente desacomodado.

O rio Botucaraí, afluente do Jacuí, nêle lançando-se a cerca de meia légua daqui, é estreito, porém de muita correnteza. Todavia só não é vadeável após grandes chuvas. A passagem é arrendada pela fazenda real por 200\$000 anuais.

Da revolução que vem de se operar é interessante notar estar todo o mundo encantado com a Constituição, dela esperando grandes benefícios, sem que tal Constituição tenha sido feita ainda. A maioria mesmo dos que esperam tantas felicidades não sabem sequer o que seja uma Constituição. Tudo isso não é, contudo, tão ridículo como se poderia pensar. Era impossível que os brasileiros não se cansassem de tantos abusos e de tantos vexames consequentes de um poder arbitrário. Sem ter uma idéia bem precisa do que seja uma Constituição não ignoram, entretanto, ser um código de leis, capaz de pôr limites à autoridade absoluta, alegrando-se, por isso justamente. Até ao presente momento, todavia, não percebi entusiasmo em casa alguma; todo mundo está satisfeito, porém sem exaltação. Provém isso do caráter calmo dêste povo, o qual sómente portar-se-á com excessos em último recurso; mas nêste caso não haverá limites.

Não é para se admirar tenham os brasileiros rejubilado de vêr chegada a época de uma mudança qualquer; antes devemos surpreender-nos tenham suportado por tanto tempo a tirania de que eram alvo.

Os habitantes desta província, entre outros, tomaram todos parte na guerra, durante um grande número de anos e quasi nunca receberam sôlido, e, quando lhes pagavam levavam seus animais e suas carroças. As famílias ficavam expostas a vexames e rapinagem dos chefes e subalternos. Entretanto raros são os homens que se queixam. Pode dizer-se, com segurança, que os franceses não suportariam, sem revolta, a centésima parte do que aguentaram, com tanta paciência, os habitantes da Capitania do Rio Grande.

Margens do rio Botucaraí, 26 de Abril. — A noite esteve muito quente e choveu intermitentemente durante todo dia. As pessoas da região afirmaram que o tempo não melhorará enquanto o vento não passar para o quadrante sudoeste, e acrescentam não haver, há muitos anos, um Abril tão chuvoso.

Continuo a passar o tempo do modo mais triste possível, suspirando pelo momento em que possa me pôr a caminho.

Ao cair do dia aqui chegou um dos meus hospedeiros desta viagem, com o qual palestrei muito a respeito da província das Missões. Disse-lhe admirar-me dos estancieiros desta província não possuírem negros em vez de alugar peões a oito e a doze patacas por mês. Respondeu-me serem a isso forçados devido à predileção das índias pelos negros, pondo-os em perdição, transmitindo-lhes moléstias venéreas que os vitimavam. Afirmou que as índias preferem os negros aos homens brancos e aos próprios índios.

27 de Abril, 2 léguas. — Excessivamente enfadado da triste vida que levava às margens do Botucaraí, deliberei sair dêsse lugar, mau grado o tempo chuvoso desta manhã.

Matias colocou as malas na carroça, sôbre pedaços de madeira, que as alteassem e impedissem molhar por

baixo, cobrindo-as depois com couros. Terminado êsse trabalho foram atrelados os bois e puzemo-nos em marcha.

Persistem os aspectos da região — desigual com pastagens e bosquetes. Aqui e ali veem-se choupanas. Bois e cavalos pastam no campo e à esquerda veem-se, ao longe, as montanhas da Serra Geral, começando, já, a serem mais altas.

Após ter feito cerca de légua e meia parei junto à casa do major Felipe de Carvalho, homem rico e serviçal, que, segundo me disseram, poderia me emprestar bois para seguir mais longe. Estando êle ausente fui perfeitamente acolhido por sua mulher, a qual mandou servir o jantar, emprestou-me os bois para vir até aqui e deu carne aos meus camaradas. Essa mulher é muito distinta, apesar de faltar-lhe o encanto notado nas mulheres espanholas. Como tantas outras mulheres desta região, tem nos modos qualquer cousa de frio, desagradável e desdenhoso, jamais encontrado nas mulheres espanholas. Estas faziam-me comer em suas companhias, mesmo na ausência dos maridos, mas as brasileiras, que me receberam em suas casas quando seus maridos não se achavam, me faziam comer sózinho.

A casa do major é coberta de telhas, porém térrea; nesta capitania não vi casas de campo assobradadas.

Todo o mobiliário da sala em que fui recebido consistia em uma mesa e cadeiras dobradiças, de assento de couro.

Quanto à mesa era bem servida. É preciso que uma casa seja muito pobre para que não possúa alguns talheres de prata, mas o uso de pratos dêsse metal é desconhecido no Brasil.

Na Capitania do Rio Grande não há tapeçarias em parte alguma; as parêdes são caiadas e sem ornamentos.

Os bois do major Felipe conduziram-me apenas a meia légua da casa de seu dono.

Parei em uma casa pertencente a um cidadão que me pareceu muito bondoso e abastado. Logo ao chegar fez-me entrar a uma sala, onde se achavam reunidas sua mulher e suas filhas. A primeira, mãe de doze filhos, tomou logo parte em nossa conversação. Meu hospedeiro mandou servir-me uma refeição, assim como aos meus empregados, e prometeu-me bois para amanhã. Dizia-me, antes da cêia, que não dispunha senão de carne sêca e feijão para me oferecer, mas si eu quisesse carne fresca poderia mandar procurar uma vaca na estância vizinha. Respondi-lhe que estando para chegar a Rio Pardo não queria bater uma vaca, que seria desperdiçada. “Essa é a primeira vez, disse, que vejo um oficial mostrar tal delicadeza”.

Como me é dado o título de coronel, todo mundo acha que tenho o direito de levar os animais dos cultivadores, sem pagar, e toda a gente fica admirada porque não ajo dêsse modo.

Na verdade minha *portaria* autoriza-me a requisitar toda a espécie de auxílios, mas nunca me quis valer dela. Por isso meus soldados desgostavam de mim. Teria eu sido para êles uma verdadeira divindade si, em vez de admoestá-los, como fazia, deixasse-os matar uma vaca todos os dias, ou tirar cavalos dos estancieiros, a seu bel-prazer. A dificuldade em contentar êsses homens e em nutri-los, tornou-me esta viagem extremamente penosa.

28 de Abril, 5 léguas e meia. — Persistem os encantadores aspectos de uma região sempre desigual e entrecortada de pastagens e bosquetes. Aqui e acolá, veem-se palhoças e à dextra, ao longe, as montanhas da Serra Geral.

Depois de Santa Maria, e mais ainda, depois de Cachoeira, encontro no caminho muitas carroças e cavaleiros.

Após termos parado, ao meio-dia, junto a um bosque, vim pedir aqui permissão para pernoitar. Tomando a deanteira apresentei-me, sózinho, nesta casa, mas fui muito mal recebido. Meu hospedeiro censurou-me acerbamente por ter eu atravessado a cêrca que separa o pátio do campo. "Nem um homem mal educado, disse-me, procederia assim; devieis ter ficado fóra, chamando-me e esperando que eu respondesse". Tendo sempre incumbido Matias dos pedidos de poisada, havia, infelizmente, esquecido que foi por falta de tais formalidades que fui alvo das iras do padre Alexandre. Retruquei que não tinha intenção de ofendê-lo, conseguindo abrandá-lo um pouco, apesar de continuar a ser muito frio.

Rio Pardo, 29 de Abril, 1 légua. — Contaram-me aqui que os habitantes de Rio Grande haviam deposto, do comando da cidade, o major Mateus da Cunha Telles e que os de Porto Alegre haviam feito o mesmo com três chefes que governavam a Capitania, na ausência do Conde de Figueira.

Os portuguezes da Europa e os do Rio de Janeiro estabeleceram leis para o Soberano e elegeram os ministros, sendo pois natural que os habitantes das províncias depuzessem seus magistrados. Mas, quando o povo consegue conhecer sua fôrça torna-se afeito ao abuso. Acaso os cidadãos escolhidos para substituir os depostos serão do agrado geral? E si elles desagradarem a alguém não correrão o risco de serem depostos, como os primeiros?

Si o povo é capaz de dispôr dos cargos, está claro que os ambiciosos cuidarão de pô-lo em agitação, sem cessar. Além disso é impossível que os magistrados depostos não tenham amigos, os quais, naturalmente, procurarão praticar a vingança. Daí os partidos, a guerra civil, a desunião das províncias. No meio do entusiasmo causado por uma Constituição, ainda não elaborada,

alguns espíritos ponderados acham que foram ultrapassados os limites da prudência e que tudo vai a passos precipitados.

Quanto a mim, radicado como estou à nação portuguesa, vejo todas essas cousas profundamente contristado. Frequentemente supunha que, ao voltar à minha pátria, suspiraria pela calma destes belos desertos, mas atualmente é provável que me felicite de os deixar.

Entre a casa de onde venho e Rio Pardo o terreno continúa semelhante aos atravessados nos dias anteriores. Logo ao comêço da viagem, comecei a avistar a cidade de Rio Pardo, situada no alto de uma colina, ao pé da qual corre o rio que lhe empresta o nome. Chegado junto a êsse rio atravessei-o em companhia de Matias. O vigia-fiscal veio ao meu encontro, contando-me que há muitos dias o sargento-mór José Joaquim de Figueiredo Neves mandára um portador indagar si eu havia chegado. Êsse sargento-mór é primo do desembargador Moreira, do Rio de Janeiro, e irmão de Dona Josefa, mulher do capitão Antonio Gomes, de Itajurú. Das margens do Botucaraí mandára eu avisar que lhe trazia cartas e lhe pedira alugar-me uma casa, para alguns dias.

Acompanhado de um homem prestimoso que se ofereceu para me servir de guia, dirigia-me à casa do sargento-mór quando fui abordado por um velho que, após perguntar quem eu era, disse ser também irmão de D. Josefa e casado com a irmã do desembargador Moreira. Insistiu em convidar-me para deter-me em sua casa e disse-me que seu irmão, o sargento-mór, estava ausente, devendo voltar à tarde. Aconselhou-me a mandar o Matias ao rio para cuidar da passagem da carroça e convidou-me para o jantar.

Conversámos muito a respeito da Capitania de Minas e de nossos conhecidos e surpreendi, em meu hospe-

deiro, senhor de alguns estudos, essa facilidade de expressão e êsse gôsto pela conversação que, em geral, distinguem os mineiros.

A passagem da carroça e de meus objéto durou bastante tempo. Logo que o sargento-mór chegou fui conduzido à casa que me estava reservada. Êsse cidadão não é meñõs distinto que seu irmão e convidou-me a fazer refeições em sua casa, durante minha permanência em Rio Pardo.

Venho de terminar uma viagem de quasi 600 léguas, em região sulcada de rios, e é notável não ter encontrado uma só ponte. Em toda parte só se encontram pirogas, e essas mesmas quasi sempre em péssimo estado. A passagem de uma carruagem e de sua carga requer sempre muitas horas; é preciso sempre descarregar as mercadorias e em nenhum rio houve o cuidado de construir-se um galpão para abrigo de pessoas e cousas em caso de mau tempo. Não há outro recurso senão cobrir os objéto com couros e tal precaução não produz bons resultados, senão para determinados objéto. O sal, por exemplo, não fica livre de se estragar com essa espécie de abrigo.

Quando estive às margens do Botucaraí um estancieiro dos arredores de Alegrete, que se dirigia a Rio Pardo, appareceu à margem direita do rio, acompanhado de sua mulher e de uma cunhada, as quais pareciam delicadas e bem educadas. Fê-las passar para o outro lado, mas, apenas desembarcaram, caiu um temporal medonho e não sei o que seria dessas pobres mulheres si um carreiro, que havia passado antes delas, não lhes offerecesse abrigo na carroça, pois no local não havia nem mesmo uma cabana.

Estão construindo aqui uma ponte de pedra, sôbre o Rio Pardo, mas não obstante estar iniciada há muito tempo apenas se veem os começos das pilastras.

Os habitantes da região, robustos, habituados a nadar quando é preciso e infensos às intempéries, não lamentam os impecilhos incríveis que se deparam à passagem dos rios, mas não se deve esquecer que os retardamentos das viagens devem ser prejudiciais ao comércio e que a perda de bois e cavalos, afogados nessas passagens, representa prejuízos consideráveis. Também o carregamento de uma carroça custa nunca menos de cem mil réis, de Rio Pardo às Missões.

Sob esse aspecto a Capitania de Minas está mais adeantada que esta. Lá todos os rios têm pontes e em todos os caminhos há ranchos onde ao menos se pode abrigar sem incomodar os outros.

Vila Rio Pardo, 29 de Abril. — Acompanhado do sargento-mór José Joaquim de Figueiredo Neves e de seu irmão, o capitão Tomás Aquino de Figueiredo Neves, fui hoje fazer várias visitas. Fui apresentado ao tenente-general Patrício José Correia da Câmara, outrora servindo na Índia, e que há muitos anos comanda nesta parte da província, onde êle nasceu. Apesar de quasi centenário êsse velho denota juízo e vivacidade.

De sua casa fomos à de seu filho, o marechal Bento Correia da Câmara, o qual fez carreira muito rápida, devida à proteção do último ministro, Tomás Antônio de Vilanova e Portugal.

Enfim achei ser um dever visitar o marechal João de Deus Mena Barreto, um dos primeiros comandantes da província das Missões, hoje inspetor-geral das tropas desta Capitania.

Em toda parte falou-se muito dos últimos acontecimentos. Todo mundo está contente de ter uma Constituição; todos estão prontos a jurar-lhe fidelidade, embora não esteja ainda feita. Contudo ninguem se mostra entusiasmado. Quanto ao que se passou em Porto Alegre fazem motivo de riso, como si fosse um gracejo sem

consequência. Não me canso de admirar a calma com a qual essa gente faz revoluções.

Vila de Rio Pardo, 30 de Abril. — Pode-se ir por terra daqui a Porto Alegre, mas, como é preciso para isso passar todos os rios que desaguam deante da Capital, no Guaíba, resolvi ir por água e vendi a carroça, os bois e os cavalos. Tive grande prejuizo sôbre o preço da compra, contudo, devo felicitar-me por ter conseguido sair de Montevideu com um veículo de minha propriedade, pois até às Missões não teria encontrado carros para alugar e isso ter-me-ia custado infinitamente mais que o prejuizo experimentado na venda da minha caruagem. O que me impediu tirar melhor partido do negócio foi o fâto de ser a mesma de *ingá*, madeira aqui sómente empregada como lenha, enquanto é usada em construções em Montevideu, devido à escassez de essências florestais.

As índias dizem que se entregam aos homens de sua raça por dever, aos brancos por interesse e aos pretos por prazer.

Vila de Rio Pardo, 1.º de Maio. — Os dois minciros aos quais vim recomendando informaram-se de quando devia daqui partir um barco para Porto Alegre e tendo sabido que havia um a ser descarregado pos êstes dias fui ter com o capitão Tomás Aquino, em casa do tenente-general Patrício, para pedir-lhe ordenar ao patrão dêsse barco receber-me, com meus trastes e minha gente. Isso é uma espécie de direito preferencial, concedido aos officiais e cidadãos comissionados pelo govêrno.

Vila de Rio Pardo, 2 de Maio. — A pequena insurreição ocorrida em Porto Alegre não foi obra do povo e sim de tropas excitadas pelos negociantes. Receando não poder contá-la com os detalhes que ouvi aqui não a consignarei neste diário. O que parece certo é que tudo tenha passado em ordem, sem derrame de uma só gota

de sangue. Este povo faz revoluções com uma sabedoria que não canso de admirar, mas cujas causas são fáceis de conhecer. Os brasileiros são naturalmente frios, lentos e pouco apaixonados; depois que estou neste país, não encontrei um só que demonstrasse qualquer entusiasmo; as próprias crianças surpreenderam-me sempre por seu ar grave e pensativo — são homens pequenos. Com tal caráter e acostumado a uma cega submissão, este povo deve, naturalmente, conservar ainda respeito pela autoridade, mesmo quando se revolta contra ela.

A amizade que os brasileiros têm pelo Soberano é ainda uma das causas que, pelo menos durante algum tempo, os preservará de excessos. Todos pensam em agir em atenção ao Rei, seguindo-lhe as intenções e estou certo que muita gente não gabaria a Constituição si o Rei não a aprovasse.

Conta-se que o general Sebastião Barreto, comandante dos dragões desta Capitania, tendo sido convidado pelo genral Lecor para jurar a Constituição, respondeu-lhe, com uma nobreza digna dos maiores elogios, que estava disposto a reconhecer a nova forma de governo que se queria introduzir, mas tendo jurado fidelidade ao Rei, não se prestaria a outro juramento, sem a permissão do Soberano.

Uma das mais poderosas razões da calma com que se operam as insurreições neste país, é que, principalmente nesta Capitania, não existe praticamente o que se chama *população*, e quando existe é pouco numerosa. Os negros que a representam são muito distanciados dos homens livres e por demais subservientes para se metem nelleas cousas.

Segundo ouço dizer, por testemunhas oculares, quando os portuguezes tomaram conta das Missões, essa província ainda estava longe do estado de decadência em que se encontra. Sua população ascendia a 14.000 al-

mas; os índios eram bem nutridos e bem vestidos; havia vastos terrenos cultivados; os armazens estavam lotados de mercadorias e as estâncias de todas as aldeias cheias de gado. Os índios aprisionavam os animais selvagens, engordavam-nos em suas terras e nunca se socorriam dos das estâncias para a alimentação. Com a chegada dos portugueses foram êles obrigados a abandonar a caça, porque esta se dava em terras que continuaram sob domínio espanhol. Deixaram que fossem abatidos, ao seu talante, os animais das estâncias; os portugueses tiraram uma parte do gado para povoar suas próprias estâncias; por seu lado os administradores vendiam animais, em seu proveito e, ao fim de pouco tempo, as aldeias perderam essa grande fonte de recursos.

Vila de Rio Pardo, 3 de Maio. — O couro e o trigo constituem os principais gêneros de exportação desta cidade, sendo as importações de mercadorias, feitas diretamente do Rio de Janeiro.

Nos arredores da cidade cultivam muito trigo, mórmente nas paróquias da Encruzilhada e de Taquari. Também aqui todo mundo se queixa da "*ferrugem*", mas recentemente foram introduzidas na região duas variedades de trigo, chamadas *trigo-branco* e *trigo-moro*, que são muito menos sujeitos a essa moléstia que a espécie comum, à qual dão o nome de *trigo-crioulo*, porque é a mais antiga.

Disseram-me haver duas plantas muito nocivas às culturas do trigo, nascendo no meio das plantações e abafando os vegetais; uma tem o nome de *jôio*, e segundo me informaram, deve ser uma gramínea; a outra, denominada *calamo*, não é outra cousa senão a aveia comum. Esta é de tão difícil extermínio, que, mesmo depois de transformado em capoeira um terreno de trigal, derrubada e queimada a capoeira e feita nova cultura com sementes puras, a aveia reaparece em abundância.

Vila de Rio Pardo, 4 de Maio. — Embora fazendo excursões diárias não tenho encontrado quasi nenhuma flor; várias árvores das matas perderam, já, as folhas; as que ainda conservam, são espécies que as têm duras e de coloração verde escura e brilhante, tais como as *Mirtáceas*.

Depois que aqui estou, o tempo tem sido magnífico e informam-me ser normal todos os anos, nesta época, o decurso de alguns dias de bom tempo, chamados *pequeno verão do mês de Maio* ou *veranico de Maio*.

Vila de Rio Pardo, 5 de Maio. — A câmara desta cidade, seguida de uma companhia de milicianos, saiu a anunciar em todas as encruzilhadas que em tal dia seria prestado juramento à Constituição. O povo, absolutamente, não seguiu o cortejo e toda a cerimônia passou-se em calma e sem o menor entusiasmo.

Vila de Rio Pardo, 10 de Maio. — A Vila de Rio Pardo é inteiramente nova. Todos os que aqui vieram se estabelecer há menos de trinta anos, contam-me que, na ocasião, só se viam choupanas na localidade. A principio, para aqui vieram juizes regulares após substituídos por juizes-de-fóra.

A cidade, também séde de uma paróquia, fica em terreno acidentado à confluência do rio que lhe dá nome e a do Jacuí.

Sobre a crista de elevada colina corre a principal rua, ficando as demais nos flancos dessa e de outras colinas, adjacentes. A maior parte das ruas se comunicam diretamente umas com as outras; por assim dizer não passam de grupos de casas, atiradas aqui e ali, entremeadas de gramados, terrenos baldios e de cercados plantados com laranjeiras; conjunto variado e agradável à vista. A praça pública é pequena. A igreja parochial fórma um de seus lados e não está ainda acabada, o mesmo acontecendo a duas outras pequenas igrejas

existentes na cidade. A casa da Câmara, tendo anexo a cadeia, é um edificio térreo. A rua principal é, em parte, calçada e as demais ainda não o são. Todas as casas de Rio Pardo são cobertas de telha; várias grandes e bem construídas. Contam-se em grande número as assobradadas, de um e mesmo dois andares e quasi todas as que anunciam abastança têm sacadas envidraçadas.

E' na rua principal que se veem lojas e armazens de comestiveis, uns e outros bem sortidos.

Embora seja Rio Pardo uma localidade rica e commercial, nada se fez até agora para facilitar o desembarque de mercadorias. Não se cogitou de fazer um rampado à margem do rio e a rua acêso ao porto não é calçada, além de ser muito íngreme e mal conservada.

Os barcos que servem ao transporte de mercadorias entre Porto Alegre e Rio Pardo, têm propriamente o nome de canoa, que, no Brasil, significa propriamente *piroga*. São pontudas, têm um mastro, de 55 a 62 palmos de comprimento e até 20 de largura. Nunca se veem em número superior a dez, no porto de Rio Pardo, mas em geral gastam poucos dias nos trabalhos de carga e descarga.

Vila de Rio Pardo, 11 de Maio. --- Há muito dias o barco que me devia conduzir a Porto Alegre estava a carregar-se de couros em Rio Pardo. Como não se pode seguir as margens dos dois rios, por causa das árvores que as cobrem, não poderei ir falar ao patrão do mesmo e espero impacientemente que apareça no porto. Todos os dias eu ia queixar-me dêsse atrazo em casa do capitão Tomás Aquino Figueiredo Neves, fazendo-lhe vêr meus receios de ser de algum modo enganado, ao que me respondia não poder o patrão partir sem me levar, visto ter recebido ordens do tenente-general, sendo infundadas minhas inquietações; que o carregamento do

barco não podia demorar e que partiríamos de um momento para outro.

O tempo estava magnífico mas a estação autorizava-me a recear mudanças bruscas e minha permanência em Rio Pardo, ainda mais afligia-me, por causa do desespero de meus soldados, ansiosos por partir. Após ter vendido meus cavalos, êsses homens, que não podem dar um passo a pé, não saem mais de casa e nada tendo a fazer se aborrecem e tornam-se do maior mau-humor.

Fui hoje pôr o sargento-mór Joaquim Figueiredo Neves ao par de minhas contrariedades, tendo êste encarregado seu cunhado de ir saber algo a respeito do barco em questão. Êsse moço voltou logo, dizendo que a embarcação ainda se achava em Rio Pardo, mas havia outra no porto com a partida marcada para amanhã. Fomos, então, juntos, ao porto para vermos êsse último barco, o qual já estava lotado, mas o patrão prontificou-se a arranjar lugar para mim, meus homens e minha bagagem. desde que conseguisse induzir a um de seus colegas a carregar alguns surrões de mate.

Saindo daí encontrei o patrão do outro barco. Fiz-lhe as mais vivas censuras, por não me ter ao menos prevenido do retardamento da partida, a que se desculpou, incriminando o correspondente de seu patrão. Como êsse correspondente estivesse próximo dirigimo-nos a êle. O cunhado do sargento disse-lhe ser eu a pessoa recomendada pelo tenente para seguir a bordo de seu barco, estranhando não me terem ao menos dado satisfação sôbre o atrazo da partida. O correspondente respondeu nada saber a respeito, pois tinham se dirigido a um negro, em seu lugar, e que afinal, êle não podia tomar-me a bordo, adeantando, aliás, que o barco não sairia antes de 15 dias. Houve o comêço de uma discus-

são, mas, tendo a esperança de seguir noutro barco, induzi o cunhado do sargento-mór a retirarmo-nos.

Hoje recomeçou a chover e receio fazer viagem desagradável.

Várias vezes tenho assinalado a existência de homens muito ricos nesta capitania. Inúmeros são os entâncieiros que dispõem de renda de até 40.000 cruzados. Todavia, em suas casas, nada existe que anuncie uma tal fortuna. O major Felipe, por exemplo, é possuidor de 40.000 cruzados; entretanto um campônio francês, com mil escudos de renda, vive com mais conforto.

E' no tocante ao equipamento de seus cavalos que o povo desta região procura demonstrar maior luxo; os estribos fazem-nos de prata; as rédeas, testeiras e rabi-chos de seus cavalos são guarnecidos de chapas dêsse metal. Mas tal despesa não é repetida e apenas absorve uma pequena parte da renda dos que a fazem. Entretanto asseguram-me que os proprietários não ajuntam dinheiro; êles jogam muito menos que outrora e eu pergunto incessantemente, a todo mundo, em que empregam o dinheiro. Conhecendo o caráter desleixado dos americanos, acredito que êsses homens desperdiçam muito dinheiro e acho que não serão capazes de, no fim do ano, relatar como gastaram suas rendas. E' preciso dizer, também, que a generosidade de muitos deles absorve somas consideráveis. Suas bolsas estão sempre abertas aos parentes e amigos e êles dão ou emprestam com extrema facilidade. Essa liberalidade é muito menos meritória entre êles que entre os europeus, porque êstes últimos, sempre preocupados com a idéia do futuro, dão ao dinheiro um valor mais vasto.

Os homens ricos desta Capitania são os possuidores de rebanhos, aos quais não dão cuidado algum e que se multiplicam facilmente. O comércio, exigindo ordem

e economia, sendo baseado na idéia do futuro, o comércio, digo eu, está quasi inteiramente em mãos dos europeus, a maior parte sem educação e sem cultura, dos quais vários começaram como marinheiros, não sabendo ler nem escrever, e que, apesar de inferiores aos americanos, em espírito e intelligência, sabem enriquecer-se melhor, porque pensando sempre no futuro, economizam e tiram proveito da liberalidade dos habitantes do país.

Quando tais homens chegam de Portugal são de humildade extrema; mas tornando-se ricos esquecem sua baixa origem, tornam-se arrogantes e afetam desprezar os americanos, donde o ódio d'êstes contra os europeus. Nas colônias espanholas êsse ódio ainda era maior, porque a mestiçagem entre espanhóis e índios fez nascer uma diferença entre os europeus e os naturais do lugar, capaz de um desdém que os portuguezes não podem ter pelos brasileiros.

Rio Pardo, 12 de Maio. — Durante todo o dia o tempo esteve horrível. Esta manhã fui ver o patrão do barco, ao qual havia falado ontem, e êle disse-me que me poderia levar, sendo a partida marcada para o meio-dia, si o tempo melhorasse.

Após combinações ficou resolvido que eu mandasse meus objéto para o porto. O sargento-mór emprestou-me os bois e um carro. Uma parte da bagagem seguiu em uma primeira viagem sendo embarcada logo; o resto estava ainda em caminho quando o patrão mandou avisar ter adiado a partida. Fiz voltar o veículo e pernoitei ainda em Rio Pardo.

Contou-me o patrão do barco em que devo embarcar, haver dez outros fazendo continuamente a viagem entre Rio Pardo e Porto Alegre; entre êles sete pertencem a negociantes e três aos próprios patrões, que vivem dos fretes. Cada barco faz anualmente quinze a vinte viagens de ida e volta.

CAPÍTULO XXII

Sôbre o rio Jacuí, próximo à estância dos Dourados. — O cirurgião-mór, Vicente. — Passagem das cataratas ou cachoeiras. — Porto de D. Rita, sôbre o Jacuí. — Aldeia de Santo Amaro. — Sobre o rio Jacuí a 3 léguas de Porto Alegre. — Freguezia-nova. — Canoas. — Porto Alegre. — O sargento-mór João Pedro da Silva Ferreira. — Embarque para Rio Grande. — As Pedras Brancas. — Barra do Rio Pardo. — Separação do Guíba e do Rio de Porto Alegre ou Lagoa de Viamão. — Ancorado junto ao Morro do Cocc. — Notas sôbre Porto Alegre. — Inconvenientes do poder absoluto dos capitães-gerais. — Ao pôr-do-sol à altura dos Três Irmãos. — Reflexões sôbre as Capitánias do Brasil. — Saco de Bujuru. — Tempestade. — Partida do Rei para Portugal. — Inconcebível ausência de balisamento do lago, para a navegação. — À vista da ponta dos Lençois. — O Autor leva consigo um jovem guaraní.

Sôbre o rio Jacuí, próximo à estância dos Dourados, 13 de Maio, 6 léguas. — O tempo esteve soberbo, duran-

te todo o dia. O resto de minha bagagem foi embarcada pela manhã, cedo. Contudo partimos muito tarde porque o patrão teve de aguardar cartas do comandante da cidade.

Em minha permanência em Rio Pardo, recebi toda a sorte de distinções do sargento-mór, José Joaquim de Figueiredo Neves, e de seu irmão, Tomás Aquino Figueiredo Neves, tendo jantado, diariamente, em casa de um ou de outro. O tenente que encontrei junto ao Botucaraí prestou-me também muitos favores. O marechal Bento, filho do tenente-general Patrício, veio visitar-me por duas vezes, mas da casa do general João de Deus não vi ninguém, apesar de ter trazido cartas para seu filho mais velho, e ter viajado com outro de Porto Alegre a Rio Grande.

Geralmente em todas as cidades do Brasil a primeira pessoa a que sou encaminhado, com algumas cartas de recomendação, presta-me todos os serviços de que necessito e frequentemente oferece-me sua mesa e sua casa. É uma espécie de proteção a que se julgam obrigados, em atenção a quem escreveu a carta de recomendação. Em lugar algum recebi convites, de ninguém. Não pude, pois, julgar a sociedade de Rio Pardo, a qual me haviam gabado, muito. Haviam-me dito que as mulheres desta vila tinham modos tão agradáveis quanto as de Montevidéu, mas apenas vi a mulher e as filhas do sargento-mór, efetivamente muito distintas e educadas.

No momento do meu embarque o cirurgião-mór Vicente veio ao porto e prometeu mandar-me, por intermédio do sargento-mór, algumas amostras de minerais. Esse cirurgião-mór é um cidadão instruído, conhecedor de química e mineralogia, que foi encarregado pelo Conde de Linhares, Dom Rodrigo, de fazer pesquisas sobre

os minerais existentes nesta capitania e que em seguida viajou, com o mesmo fim, pelos arredores do Rio de Janeiro. Esteve muito tempo nessa última cidade para relatar ao ministro os resultados de seus trabalhos e gastou muito dinheiro; suas descobertas foram logo esquecidas, tendo êle regressado à sua terra, cheio de desgostos.

Nas seis léguas hoje feitas o rio Jacuí pode ter a largura do Loiret, deante de Plissai. Suas margens são planas e o curso é feito magestosamente entre duas carreiras de mata pouco elevada, porém copada e de verde sombrio. As árvores não estão desfolhadas, mas um grande número delas têm coloração pardacenta, oriunda da *Tillandsia-usneoides*, de que estão cobertas e que baioçam ao menor vento. Segundo me informaram essas matas não têm, em lugar nenhum, mais de uma légua de largura, e em vários sítios apenas há estreita faixa. Asseguram-me, ainda, que elas só perdem a folhagem com as geadas muito fortes, ou quando a sêca é muito dura-doura.

Atravessámos hoje seis cataratas (cachoeiras) a saber: a dos Biscoitos, dos Granadeiros, dos Ilheus, das Pombas, das Bandeirinhas e do Cosme, que no momento não apresentam dificuldade de travessia e que apenas se percebem pela altura das águas. Excetuada a dos Granadeiros não se pode passá-las sem descarregar os barcos; então vários patrões reúnem-se para fazer a viagem, auxiliando-se mutuamente e fazendo o transporte da carga em barcos mais leves.

Passámos deante da embocadura de um riacho, o Capivarí, afluente à margem direita do Jacuí.

Apenas vimos uma casa, na qual pernoitámos. Antes de aí chegarmos o patrão mandou seus camaradas içar o corpo de um de seus negros, que se afogara quan-

do o barco estava em Rio Pardo. Quando avistámos o cadáver dêsse infeliz, o patrão gritou: "Ah, meu dinheiro! Meu dinheiro! Que me custa tanto a ganhar!" Sua mulher foi, em uma piroga, presidir o enterramento do corpo; sôbre a sepultura foi fincada uma cruz de bambú. Quando a mulher regressou ao barco estava banhada em lágrimas, mas a rudeza com a qual trata os escravos fez-me crêr que ela não chorava outra cousa senão seu dinheiro.

Porto de D. Rita, sôbre o Jacuí, 14 de Maio, 10 léguas. — Devido ao vento reinante ser contrário à nossa direção não foi possível navegar a vela. Os negros do patrão, auxiliados por meus soldados, remam em uma piroga ligada ao barco, trazendo-o, assim, a reboque.

O rio continúa com a largura ontem mencionada e com o mesmo aspecto nas margens.

Da estância dos Dourados passámos, durante algum tempo, na Xarqueada do Curral Alto de S. João da Fortaleza, onde o patrão devia embarcar uma partida de carne-sêca. Antes de chegarmos sua situação foi-nos anunciada por nuvens de urubús, que escureciam o ceu.

A fase da matança terminára, havia muito tempo; contudo havia ainda muita carne no chão e vísceras de bois, putrefatas espalhavam forte mau cheiro ao redor da casa.

Essa fica em situação encantadora. A colina sobre a qual foi construída domina uma vasta extensão de terras; a espessa mata que margina o Jacuí borda o campo e êsse rio deixa ver, intervalos, grandes trechos de seu curso, assemelhando-se a lagos.

Antes de chegarmos a Curral Alto passámos deante da embocadura do riacho Francisquinho, que corre à direita do Jacuí. Vimos, em seguida, a foz do Arroio do Carajá, à mesma margem do anterior e um pouco antes

de anoitecer passámos deante da aldeia de Santo Amaro, séde de uma paróquia. A localidade onde está essa aldeia é descampada, mas à direita e à esquerda da povoação existem matas. A igreja planta-se sôbre o cimo de uma colina e, na vertente, veem-se pequenos grupos de casas, entremeados de laranjeiras e gramados. Tal aldeia não seria grande cousa, si constasse sómente dessa parte que se avista do rio, mas afirmaram-me que na vertente oposta há muitas casas. Após passarmos por Santo Amaro deixámos, ainda à nossa direita, um regato chamado *Arroio do Conde*.

No correr do dia passámos, sucessivamente, as cachoeiras: do *Pouso*, do *Milho*, dos *Três Irmãos*, do *Padre José Carlos* e da *Praia d'Anta*. Atualmente são pouco notadas, devido ao volume das águas, mas no verão só se pode passá-las descarregando os barcos, de modo idêntico ao que mencionei ontem, relativamente às cataratas.

A cerca de onze léguas de Rio Pardo costeámos uma ilha, que se estende por espaço de três léguas, do lugar chamado *Cangussú* até à *Praia d'Anta*, e que é inteiramente coberta de mata. Quando as águas estão altas passa-se pelo canal da direita, e quando estão baixas pelo da esquerda, que é maior, porém mais profundo.

Sôbre o Jacuí, a 3 léguas de Porto Alegre, 15 de Maio. — Estando a noite de admirável luar navegámos durante uma parte dela. Próximo ao sítio onde parámos passámos pela *Cachoeira de D. Rita*, a última que se encontra rio abaixo. À nossa direita deixámos o *riacho do Jacinto Roque*. Em seguida defrontámos uma aldeia, situada à margem direita do rio e que tem o nome de *Freguezia Nova*. Um pouco abaixo dessa aldeia existem várias xarqueadas.

È próximo à Freguezia Nova que o rio Taquari, muito volumoso e vindo da Coxilha-Grande, lança suas águas

no Jacuí, tornando-se êste, então, muito mais largo, mas sempre bordado de matas semelhantes às que ontem descrevi. Abaixo de Freguezia Nova vimos uma ilha habitada, de cerca de uma légua de comprimento.

A uma légua dessa aldeia existem ainda xarqueadas; à direita passámos por um riacho, denominado *Arroio dos Ratos*. Enfim, passa-se, sucessivamente, deante de várias ilhas, algumas das quais nem nomes têm, sendo mais notáveis a *Ilha da Fanfa*, medindo uma légua, a *Ilha Rasa*, habitada, e, enfim, a *Ilha do Boticário*.

Estavamos já a alguma distância da Freguezia Nova quando me levantei e fui agradavelmente surpreendido, indo à coberta, ao ver a largura que o Jacuí tomára depois dessa aldeia. E' agora um belo rio, talvez tão largo quanto o Loire deante de Orléans, tendo o curso menos rápido. Cruzámos com vários barcos, muito bonitos, em demanda de Rio Pardo. Tais são as embarcações de que se servem aqueles que têm pressa em ir de Porto Alegre a essa cidade. São feitas de tábuas, porém são estreitas e alongadas como as pirogas; ordinariamente levam pintura de côr verde e são cobertas por um baldaquino igualmente pintado de verde. Chamam-se *canoas ligeiras* para distinguí-las dos barcos de transporte, aos quais chamam *canoas grandes*.

Mais ou menos a seis léguas de Porto Alegre começa-se a ver um grande número de casas às margens do rio. Já avistamos as luzes de Porto Alegre; ali celebram, hoje, uma festa, provavelmente para o juramento da Constituição, e ouvimos o ruido dos tambores. Estamos em frente à cidade, mas, devido ao vento contrário, o patrão julgou prudente lançar a âncora. São nove horas; vemos a iluminação, ouvimos o som dos instrumentos e os gritos de alegria. A noite está magnífica e permaneço durante muito tempo sôbre a coberta do barco, a admirar-lhe as belezas.

Porto Alegre, 13 de Junho. — Desembarquei em Porto Alegre a 16 de Maio. O meu primeiro passo foi apresentar-me em casa do sargento-mór, João Pedro da Silva Ferrêira, o qual me recebeu gentilmente, conduzindo-me a uma pequena casa vizinha da sua, que alugára para mim, e convidou-me a fazer refeições em sua casa durante todo o tempo que estiver aqui. Aceitei êsse convite; diariamente passo vários horas com o sargento-mór e não páro de receber gentilezas de sua parte e da de sua mulher, D. Gertrudes.

O Sr. Pedro nasceu em Portugal; estudou matemáticas e um pouco de francês e é possuidor de espirito e sensatez. Nossas conversas versam sôbre os acontecimentos desenrolados em Portugal e no Brasil, sôbre as operações das Côrtes e sôbre as consequências da revolução, e elas têm para mim tanto maior interesse quanto noto que o Sr. João Pedro não tem prevenção alguma contra a América, o que é raro entre os portuguezes da Europa. Além disso é êle inimigo do despotismo e da anarquia, conhecendo os homens em geral e particularmente os deste país.

No dia seguinte à minha chegada aqui fui visitar as diferentes pessoas de quem havia recebido distinções no ano passado, e comecei pelo tenente-general Marques, que, depois da partida do Conde de Figueira, governa esta Capitania, auxiliado pelo ouvidor-general da Comarca e pelo mais velho vereador da Câmara.

Pedi ao coronel Antêro, ajudante de campo do tenente-general, que escrevesse ao comandante da Freguezia de Santo Antonio, onde moram quasi todos os carros dos arredores, ordenando-lhes enviar-me duas carroças. Sómente quinze dias depois veio a resposta do comandante, dizendo não haver em seu distrito pessoas que possuíssem bois e carros capazes de fazer a viagem daqui

a Laguna. Havia recomendado bastante ao coronel Antéro que os carreiros seriam pagos pelo preço corrente da região, mas os cultivadores estão de tal modo acostumados a levar calote, pelas requisições oficiais, que o receio de trabalhar gratuitamente impediu a êsses de Santo Antonio de atender às propostas de seu comandante. Pedi, então, ao coronel Antéro, uma carta para o comandante da Freguezia da Serra, mais distante que a de Santo Antonio, e, para evitar as atrasos, mandei Matias levá-la, recomendando-lhe repetir ao comandante e aos carreiros que seriam honestamente pagos. Ao fim de oito dias Matias regressou, acompanhado do carreiro que me trouxera aqui no ano passado, e que, mediante oito "doubles", dispôs-se a alugar-me dois carros daqui a Laguna.

Entretanto como Matias e outras pessoas asseguram-me que o caminho está horrível, que a planície existente além de Boa Vista está inundada, que minbas malas correrão o perigo de serem molhadas na carruagem, enfim, como um dos carros à minha disposição não é coberto e o não poderá ser antes de chegarmos a Tramandaí, começo a desgostar-me do projéto de regressar por terra ao Rio de Janeiro; e tais reflexões acabaram por fazer-me renunciar ao projéto.

Aliás foi também em Junho que passei por aqui, no ano passado, quasi nada colhendo nessa viagem; por conseguinte está claro que recomeçando-a nêste momento não haverá lucro para a história natural e talvez as colleções corraim maior risco que por mar, devido ao péssimo estado dos caminhos, aos diversos rios a atravessar, à travessia da barra de Santa Catarina, enfim, devido não haver habitação alguma na última metade do caminho. Sendo obrigado a alugar duas carroças as despesas de viagem seriam enormes; teria dificuldade em achar condução em Laguna e seria talvez obrigado a ficar durante

muito tempo em Guarapuava. Sofri horrivelmente em a viagem por ali feita no ano passado; as pessoas que me servem são as mesmas e eu não teria nem mesmo consolo de ver cousas novas.

Haviam-me dito que uma sumaca da "arrecadação dos couros" estava prestes a partir para Santa Catarina; tive, então, a idéia de aproveitá-la para transportar-me daqui a essa localidade, onde eu poderia embarcar com destino a Santos e ir buscar, antes de seguir para o Rio de Janeiro, as vinte caixas que deixei em São Paulo.

Fui procurar o caixeiro que substitue o sr. José Antonio de Azevedo e pedi-lhe um lugar na sumaca. Disse-me esse cidadão que a mesma tinha sido fretada até Rio Grande mas si eu quisesse ir até essa cidade em um hiate poderia aí tomar a sumaca. Aceitei esse oferecimento e, conduzido pelo Sr. Antonio Cândido Ferreira, sempre muito atencioso para comigo, fui ver um hiate que deve partir breve, do qual muito gaba seu patrão. Entendi-me bem com tal cidadão e voltei à casa do caixeiro José Antonio de Azevedo para comunicar-lhe isso. Esse homem havia-me dito que daria ordem ao capitão da sumaca para esperar-me em Rio Grande, caso chegasse antes de mim, mas logo voltou atrás, mostrando claramente que ficaria satisfeito si eu renunciasse seguir. Pensei então em dirigir-me ao capitão da sumaca, mas tendo alguém me dito que os barcos entre Santa Catarina e Santos eram muito raros, passando meses sem haver um, resolvi ir diretamente ao Rio de Janeiro. Escrevi logo ao comandante pedindo-lhe alugar-me uma casa e tomar-me passagem em qualquer navio.

Confesso que a barra do Rio Grande me causa um certo horror e si eu tivesse um empregado de confiança preferia mandar meus manuscritos por terra. Todavia como me asseguram que as saídas são muito boas, sobre-

tudo após o fechamento da barra do norte, esforço por tranquilizar-me e espero que a Providência, que me tem já preservado de tantos perigos, me protegerá a bem de minha Mãe.

Pedras Brancas, 3 léguas, 18 de Junho. — Chegando a Porto Alegre pedi ao tenente-general Marques para arranjar a baixa de meus dois soldados, sendo atendido com muita gentileza. Contudo avisou-me que, para evitar que êsse meu pedido servisse de pretêsto para que outros idênticos lhe fossem feitos todos os dias, sómente daria o officio de baixa de meus soldados nas vésperas de minha partida.

Durante toda a minha viagem tratei êsses homens do melhor modo que me foi possível, nunca lhes zanguei e supor-tei pacientemente suas grosserias e impertinências. Protegi-os aqui durante um mês, sem que me fossem de utilidade nenhuma. Ontem, pela manhã, mandei-lhes a baixa, assinada pelo general; dei-lhes dinheiro e três cavalos e não recebi nenhum agradecimento. Nem ao menos se despediram de mim. Tinha contado, como fêto extraordinário, que um índio me havia deixado, após 15 dias de convivência, sem agradecer-me a recompensa que lhe dera e sem despedir-se da gente; nunca supuz que teria de relatar um acontecimento idêntico, porém, muito mais forte, com homens de nossa raça.

Custa-lhes muito dar provas refletidas de reconhecimento, porquanto elas são sempre a confissão de um benefício usufruído e há receio em, com isso, mostrar inferioridade. O europeu será ingrato de caso pensado, mas não haverá um, por muito mau que seja, que não agradeça, no momento, benefícios semelhantes aos que prestei aos meus soldados. Êsses dois homens diferem muito dos europeus e se parecem com os índios; eis, por conseguinte, um exemplo da alteração que nossa raça sofre na América, sendo possível citar uma porção de outros.

Aliás o americano, em sua ingratidão, está longe de ser tão culpado quanto o europeu; em seu país não há o orgulho refletido; si é ingrato é devido à sua insensibilidade, à ignorância que tem do valor de um benefício e porque não prevê as consequências. O que prova essa asserção é o fâto dos meus dois soldados não mostrarem nenhum sinal de alegria, nem a mim, nem aos meus camaradas. É sabido que os guaranís são igualmente insensíveis aos benefícios e aos mãos tratos. Tal é, com efeito, o caráter dessa gente, mas o dos brancos assemelha-se-lhes mais ou menos, segundo a educação que recebem; e a vida dos habitantes do campo, os exercícios violentos a que se entregam, a falta de policiamento a que estão submetidos, o hábito de ver correr sangue e maltratar os animais, devem abafar o pouco de sensibilidade de que a natureza os dotou.

O patrão da sumaca, que me deve levar a Rio Grande, avisou-me estar a partida marcada para amanhã. Despedi-me de todas as pessoas de quem recebi favores, fiz carregar minhas malas e embarquei esta manhã com Larrotte, José Mariano, Firmiano e os dois peões. Deixei, com muitas saudades, o sargento-mór João Pedro da Silva Ferreira e sua mulher, D. Gertrudes. Aquele acompanhou-me até à praia, parecendo bastante comovido. Receei estar menos, pois o hábito de ver cada dia novas caras impede-me de afeiçoar-me aos hospedeiros, tanto quanto outróra. No comêço de minhas viagens ficava emocionado sempre que me separava das pessoas que me haviam recebido hospitaleiramente; esta idéia "até nunca!", causava-me profunda impressão. Hoje não mais acontece isso; minha sensibilidade moral diminuiu como a sensibilidade física. Sinto menos a privação das cousas necessárias à vida, resigno-me mais às contrariedades e sou menos tocado pelos adeuses.

Quasi não ventava e a sumaca seguia lentamente. Após sairmos do porto dobrámos a ponta da colina em que fica a cidade de Porto Alegre e, em seguida, tivemos sob nossos olhos, durante muito tempo, o lado ocidental dessa mesma colina. Ao alto a igreja, os relvados sôbre as vertentes e as casas à margem, à face da praia formavam um fundo encantador; à esquerda o lago é guarnecido de colinas cobertas de pastagens e matas; à direita, o terreno é menos desigual e parece inteiramente coberto de matas.

Dobrámos várias pontas, sendo mais importantes as da *Casa da Pólvora* e do *Dionísio*, e viemos lançar a âncora junto d'esses rochedos, que se percebem de Porto Alegre, no meio do lago e aos quais dão o nome de *Pedras Brancas*. A ponta da *Casa da Pólvora*, bem como a do *Dionísio*, fica do lado esquerdo do lago, e tem esse nome devido ser aí o depósito de pólvora de Porto Alegre.

Antes de partir dessa cidade fui passear a cavalo em uma colina situada nos arredores da dita ponta. Daí descortina-se vista magnífica: a colina onde foi construída a capital, todos os campos circunvizinhos, a embocadura dos rios que passam em frente à cidade, uma grande porção do lago formado pela junção d'esses rios, e pôde-se fazer uma idéia da topografia da região.

Re'atei, no ano passado, as razões que me autorizavam a considerar as águas que se estendem de Porto Alegre a Itapuã, como sendo a continuação do *Guaíba*, mas, a vista percebida do alto dessas colinas fez-me mudar inteiramente de opinião. Com effeito, daí se vê, evidentemente, que os rios *Cai*, *Sinos* e *Gravataí* não se lançam no *Guaíba*, mas reúnem-se a este último em um reservatório comum, e esse reservatório, infinitamente mais largo que o *Guaíba*, não tem outra continuação além da dos quatro outros rios, parecendo mesmo prolongá-los

mais que o próprio *Guaíba*, visto estender-se na mesma direção daqueles, enquanto o *Guaíba* aflúe lateralmente. Os donos dos hiates que navegam entre Rio Grande e Porto Alegre não consideram essas águas como continuação do *Guaíba* e distinguem perfeitamente o ponto onde termina êsse rio e dão-lhe impropriamente o nome de *Barra do Rio Pardo*, chamando *Rio Porto Alegre* ao curso d'água de que tratámos. Como disse, já, algumas pessoas dão-lhe o nome de *Lagoa de Viamão* ou de *Porto Alegre*; mas, em geral, quando os porto-alegrenses a ela se referem, dão apenas o nome de *rio*. De tudo isso resulta dever-se indicar o *Guaíba* como terminando em frente a Porto Alegre.

Ancorado junto ao Morro do Coco, margem esquerda do rio Porto Alegre, 4 léguas, 19 de Junho. — Conforme relatei no ano passado, no artigo referente às embarcações que navegam entre Porto Alegre e Rio Grande, elas são obrigadas, por causa dos escolhos, a seguir uma certa via, chamada canal, entre Porto Alegre e Itapuã. Êsse canal forma uma série de zig-zags; tem geralmente quatro braços, mas em vários lugares é menos profundo, v. g. nas vizinhanças das *Pedras Brancas*.

De junto dessas ilhas ainda se avista Porto Alegre, mas logo ela desaparece. Até aqui temos visto sempre as duas margens do lago; a oriental, da qual o canal se aproxima com mais frequência, é mais acidentada, mas depois que deixámos de enxergar a Capital não vimos nada digno de menção. Cerca de duas léguas das *Pedras Brancas* deixámos do lado léste a *Ponta Grossa*; duas léguas mais adiante passámos deante de uma ilhota, coberta de mata, chamada *Ilha de Francisco Manuel*, muito próxima da margem oriental; enfim, saltando-nos vento lançámos ferro junto dessa margem, ao pé de um monte denominado *Morro do Coco*, muito pedregoso e coberto de matas.

Até aqui nenhum rio se lança no lago pelo lado de este, mas a oeste contam-se quatro, embora pequenos: o *Arroio do Conde da Cunha*, cuja embocadura fica a duas léguas de Porto Alegre; o *Arroio Petim*, a cinco léguas da mesma cidade; enfim, o *Arroio de Manoel Alves* e o do *Padre Salgado*, que se lançam em um mesmo sítio, a oito léguas de Porto Alegre.

No momento o lago não apresenta corrente sensível, mas na ocasião das enchentes suas águas adquirem grande velocidade.

Ancorado junto ao Morro do Coco, margem esquerda do rio Porto Alegre, 20 de Junho. — O tempo esteve soberbo, mas a calmaria forçou-nos a não arredar pé. O dono do hiate mandou cortar lenha para vender em Rio Grande. As árvores que seus empregados preferiram foram — uma *Mirtácea* chamada cambuí e a *Mirsinácea* denominada *capororoca de folha larga*, cujos lenhos queimam bem, mesmo estando verdes, provavelmente por conter sucos resinosos.

Durmo com dois outros passageiros e os dois peões no quarto do patrão. José Mariano, Firmiano e Laruotte dormem no porão. Como à minha custa; Firmiano é o cozinheiro, o que quer dizer que a comida é salgada e detestável.

O patrão e seus marinheiros são de uma distinção rara em gente dessa classe. O primeiro é natural de Portugal, tendo vindo muito jovem para o Brasil; enriqueceu-se como acontece a quasi todos os europeus, no meio de homens que temem o trabalho, não pensam no futuro e não têm método nem espírito de economia.

Referi-me, no ano passado, ao edificio da Alfândega, de muito mau gosto, construído na rua da Praia, em frente ao cais, em Porto Alegre. Esse foi demolido, tendo sido iniciado o levantamento de outro com melhor projéto.

Entretanto insisto em acreditar que seria melhor, para embelezamento da cidade, não encobrir o cáis e formar deante d'êles uma espécie de praça onde continuassem a realizar a feira. Logo que o Conde Figueira partiu interromperam-se os trabalhos da praça existente abaixo da Igreja e do Palácio. As enxurradas já rasgaram ravinas e a obra será em breve totalmente perdida, si continuar esquecida.

Disse que haviam começado um cáis destinado ao arsenal, de frente da igreja das Dôres. Também iniciado sob o governo do Conde de Figueira foi interrompido após sua partida. Aliás tinha o grande defeito de não ser colocado em esquadro com a igreja; mas não era só — por uma economia absurda estava sendo construído com barro e pedras; as águas já o estragaram muito e, em breve, nada mais haverá.

Tudo isso é ainda uma prova dos inconvenientes do poder absoluto atribuído até agora aos capitães-generais. Sem nenhum obstáculo podem seguir todas as suas idéias, executar todos seus planos, por exdrúxulos que sejam, e seus subalternos nunca deixam de se extasiar deante do que êles fazem. Mas, quando um general deixa a capitania, procuram vingar seu despotismo, depreciando todas suas obras; seu sucessor abandona-as, e começa outras, que por sua vez serão um dia esquecidas.

Ao pôr do sol, à altura dos Três Irmãos, 21 de Junho. — O Brasil é um imenso país, cujas províncias diferem singularmente entre si pelo clima, pela natureza do solo e pelas produções, e essas diferenças têm naturalmente originado outras, não menos sensíveis, nos costumes das populações. Enquanto o Soberano estava na Europa podia adotar a política do sistema colonial, de favorecer o isolamento das províncias, meio fácil de oprimí-las e de impedir que se reúnam contra a metrópole. Mas, depois

que veio se estabelecer no Brasil, seus interesses adaptavam-se melhor aos de seu povo, receava, portanto, mais separações parciais que um levante geral, e era evidente dever de cuidar de estabelecer ligações entre seus súditos, tratando de criar entre êles um espírito público, imaginando um sistema de administração que se ligasse a um centro comum. Mas os ministros dos reis não são capazes de tão altos pontos de vista.

Era impossível continuar a considerar como colônia um país onde o Soberano tinha sua residência. Declararam-no, então, igual às províncias européias e abriram seus portos a todas as nações. Mas pararam aí, e por singular contradição deixaram uma administração colonial em um país que não era mais colônia. Cada capitania ficou sendo uma espécie de "pachalick" (1) onde o capitão-general continuava a gozar de um poder absoluto e onde podia, a seu talante, reunir em si todos os poderes.

Nada mudou no processo desigual de lançamento dos impostos. Assim, apesar do empobrecimento dos mineiros, continuaram a taxá-los com um imposto duplo sobre as mercadorias que haviam já pago um primeiro nos portos. Apesar dos goianos não tirarem mais ouro de suas terras, nada tendo para vender continuaram a exigir-lhes os dízimos, que, aliás, só podem ser pagos em terras e objéto. Cada capitania conservou seu tesouro separado, sendo obrigada a viver de suas rendas. Enfim, não existe, ainda, uma armada brasileira, mas todas as províncias têm suas tropas particulares, que não se entendem com uma direção comum e nem se compõem de um só conjunto.

Tive, já, ocasião de expôr alguns inconvenientes dêsse sistema militar; para esta capitania êles existem e

(1) NOTA DO TRADUTOR — Conservamos o termo fielmente, conforme o original. "Pachalick" é um território governado por um pachá.

muito graves. Como os corpos dela dependentes são quasi inteiramente compostos de homens da região, tendo a guerra necessidade de grandes verbas e dando lugar a grandes fortunas, formou-se, aqui, uma espécie de aristocracia de família, embaraçosa para os capitães-generais e perigosa para a paz dos cidadãos.

Ao levantar-me esta manhã, já havíamos passado Itapuã e sómente avistavamos essa ponta ao longe. Em seguida não avistamos mais terra alguma. O vento estava favorável, nós avançamos rapidamente, em direção ao sul, e ao meio-dia percebemos à direita do lago a ponta de *Cristovão Pereira*. Até à noite tínhamos aos nossos olhos uma costa arenosa, onde cresciam, de longe em longe, algumas árvores raquíticas; ao cair do dia passámos pelo lugar chamado *Três Irmãos*. Depois de Itapuã seguimos sempre em direção ao sul e depois para sudoeste. Tivemos regularmente de 4 a 5 braças e meia de fundo.

São dez horas; a noite está excessivamente escura; ao longe riscam relâmpagos e o vento ameaça girar para o sul; o patrão achou prudente lançar a âncora.

E' em Itapuã que começa propriamente o lago e é lá que a navegação começa a se tornar perigosa, à falta de abrigo. Toda a manhã sentimos enjôos, os quais cessaram ao meio-dia porque o vento acalmou. À tarde a água do lago ainda era doce.

Já tive ocasião de observar que, nesta região, se empregam, em vários mistéres, os diversos produtos do gado. Devo acrescentar que nos barcos, navegando entre Porto Alegre e Rio Grande, usam cordames de couro, os quais têm o inconveniente de esticar muito quando molhados.

Abro ao acaso minha Bíblia inglesa e deparo estas palavras do salmo XXIX: "*The voice of the Lord is upon the waters; the god of glory thundereth: the Lord*

is upon many waters. The voice of the Lord is powerful; the voice of the Lord is full of majesty".

Esses versículos, parecendo feitos para a situação em que me encontro, encham-me de uma espécie de terror religioso; entretanto continuei a leitura do salmo, reanimando-me com o último versículo: "*The Lord will give strength unto his people with peace*". A lembrança de minha mãe apresentou-se em meu espírito e senti-me enternecido; acredito que devo minha integridade física às suas preces.

Saco de Bujurú, 22 de Junho. — Durante a noite rompeu violenta tempestade. O hiato baloiçou, sôbre as âncoras, de modo furioso, parecendo que se ia abrir ao meio ou emborcar. O patrão não sabia onde estávamos e aguardava impacientemente o dia. Quando o sol nasceu pôde êle reconhecer que estávamos a uma légua de uma pequena enseada vizinha da Estância de Bujurú e que se chama Saco de Bujurú. Levantámos ferro e viemos, mau grado a tempestade, em busca dêste abrigo. O vento demonstrava, então, menor furor; lançámos a âncora e aqui estamos ainda, às 8 horas da noite. Durante êsse tempo, o vento acalmou-se e espero que amanhã nos poderemos pôr em marcha. Os passageiros são obrigados a ajudar a equipagem, composta de 5 pessoas apenas, inclusive o patrão. Todo mundo trabalhava em silêncio, numa espécie de recolhimento íntimo, mas quando se viu afastado o perigo começaram-se as conversas e os encorajamentos mútuos.

Receio que nunca tenha estado mais desanimado que nessa ocasião. Agora mesmo, afastado o perigo, não deixo de recear a continuação de minha viagem até ao Rio de Janeiro. Na que fiz por mar, da Vila de Vitória a êsse porto, parecia-me que nada podia acontecer e no meio da tempestade, experimentada à altura de Cabo Frio, dormi profundamente. A que attribuir essa diferen-

ça? Não posso culpar aos pressentimentos, pois que os que havia formado nos desertos de Goiaz não foram verificados. Si estou mais sensível ao temor é por causa do esgotamento de minhas fôrças e por que não sou mais sustentado pelo mesmo entusiasmo.

De qualquer modo arrependo-me de não ter deixado em São Paulo o meu diário de viagem, referente a Goiaz, e lamento não ter portador seguro que possa levar, por terra, todos os meus papéis.

Segundo me disse o patrão do hiate a ponta de Itapuã, que forma a entrada do lago, faz parte de sua margem oriental, ficando do lado oposto o *Morro das Formigas*. Junto à ponta de Itapua fica a *ilha das Pombas* e a nordêste da mesma a *Ilha do Junco*. O canal passa entre a *Ilha do Junco* e a terra firme. Ainda no lago, a pouca distância de sua entrada, fica a *Ilha da Barba Negra*. Navegámos em direção ao sul, dois graus a sudoeste, até aos *Três Irmãos* e em seguida na de sul-sudoeste até Bujurú, sempre com quatro braças, mas no verão a profundidade diminúe.

Durante o tempo em que estive em Porto Alegre, soube, sucessivamente, de várias novidades importantes. O comércio do Rio de Janeiro havia apresentado à Câmara da cidade um requerimento, fundado em razões muito fortes, para induzirá a pedir ao Rei sua permanência no Brasil; mas êste último não lhe deu atenção alguma. Em 21 de Abril, quando os eleitores da paróquia estavam reunidos, sob a presidência do juiz-de-fóra, o povo apresentou-se em massa no local da assembléia, pedindo, aos gritos, que os eleitores supplicassem ao Rei de dar ao Brasil a constituição espanhola, enquanto se esperava a conclusão da que estava sendo elaborada em Lisboa. Os eleitores, dos quais vários, ao que parece, aprovavam êsse pedido, foram efetivamente pedir ao Rei baixasse um decreto conforme o desejo do povo. As tropas, entretanto,

absolutamente não se reuniram ao povo, e, quando procuravam conter a multidão, um soldado recebeu uma facada de um popular. Essa morte irritou os militares e tendo encontrado resistência, quando cuidaram evacuar a sala onde havia a reunião, mataram um grande número de pessoas. O Rei, seguro do apoio das tropas, anulou em 22 seu decreto de 21. e no mesmo dia nomeou seu filho príncipe-regente, para governar em sua ausência, aguardando que a constituição fôsse posta em vigor.

A 26, partiu êle, acompanhado de duas mil pessoas repartidas em 14 embarcações, quasi todas fretadas para êsse fim. O Rei, que foi sempre um modelo de piedade filial, fez transportar em um dos navios, os ossos de sua mãe, com destino a Lisbôa. Todos os maioraes do reino, que se achavam no Rio de Janeiro, acompanharam o Rei, à excepção de quatro, dos quais dois, o Conde dos Arcos e o Conde de Louzã, fazem parte do ministério.

Quando o Rei embarcou estava profundamente emocionado, mas o povo não deu demonstração alguma de pesar.

O príncipe-regente começou seu govêrno fazendo grandes reformas nas despesas do palácio; occupa-se muito dos negocios do Estado, assiste às manobras das tropas, visita o arsenal e os tribunais, e assinou vários decretos, tendentes a minorar as misérias do povo. Já o Soberano havia assinado um, antes de sua partida, que deve ter grande influênciã sôbre as capitãniãs do interior. Por êsse decreto fica suprimido o dízimo em todo o território brasileiro, substituindo-o direitos que devem ser pagos à saída dos portos pelas mercadoriãs exportáveis, tais como o açúcar, o algodão, o café, etc., e á entrada de cidades e aldeias sobre os gêneros de consumo interno, como sejam o feijão e o milho.

Os dois decretos do príncipe-regente não são menos importantes: um dêles suprime o imposto do sal; o ou-

tro proíbe às autoridades tomarem bens dos proprietários para serviço do Rei, sem prévio consentimento e ordena que todos os fornecimentos necessários ao serviço se façam por compra e que sejam perfeitamente pagos. Farei diversas observações nos artigos dêste diário.

Saco de Bujurú, 23 de Junho. — O vento continuou a ser contrário, durante todo o dia, e continuámos ancorados.

O patrão mandou seus negros cortar lenha nas margens do rio e eu os acompanhei. Durante muito tempo passêi pelos terrenos próximos do lago, achando-os arenosos e cheios de brejos e poças d'água. Árvores raquíticas, tais como *Mirtáceas* e *Mirsináceas* trançam-se sobre a praia; veem-se sobre as águas, ou nas vizinhanças, um grande número de aves aquáticas, tais como as garças brancas, andorinhas do mar, baiacús e cegonhas; diversas espécies de patos e patos-arminhos. A vegetação continúa a mesma que pinteí no ano passado nesta mesma época. A erva tem coloração amarelada, e só de longe em longe veem-se algumas flores, salvas da estação má.

Entre Porto Alegre e Itapuã veem-se, no lago, algumas balisas colocadas aqui e ali, por patrões bem intencionados.

Contou-me o patrão do hiate que, há um par de anos, um engenheiro oferecêra ao comércio indicar o canal, por meio de duas linhas de balisas, à direita e à esquerda, mediante certas condições, não tendo sido atendido.

E' verdadeiramente inconcebível não tenha o governo, até agora, tomado medida alguma para tornar menos perigosa uma navegação tão útil e que tanto contribúe para a riqueza da Capitania. Há alguns pilotos que se encarregam de conduzir os barcos de Rio Grande a Porto Alegre, e vice-versa, mas não são revestidos

de nenhum caráter legal, e pode acontecer tomar-se algum inhábil.

Além da enseada onde lançámos âncora, as embarcações podem achar abrigo junto à porta de *Cristovão Pereira*; aliás não há outros entre Itapuã e Rio S. Gonçalo.

À vista da Ponta dos Lençóis, 24 de Junho, 9 léguas. — Esta manhã levantámos ferros e reentrámos no lago. Fizemos três léguas, com vento fraco; em seguida sobreveiu a calmaria e ficámos muito tempo estacionados. À tarde o vento soprou de novo e levou-nos à entrada do estreito. Como não se pode entrar senão à vista das ba-lisas o patrão achou prudente lançar ferros. O dia esteve bonito e quente; a noite está igualmente bela e estrelada, mas o vento mostra-se impetuoso.

Referi-me, neste diário, a um pequeno índio que o Conde Figueira aprisionára na batalha de Taquarembó, anteriormente pífano das tropas de Artigas. O Conde achava que, como eu levava para a França um índio do norte do Brasil, seria útil, para comparação, levar um do sul e teve a gentileza de oferecer-me o seu indiozinho. Vendo o seu amor por essa criança recusei aceitar a oferta. Entretanto, a idéia do Conde me sorrira e aceitei uma carta sua para o marechal Chagas, pela qual era êste recomendado a dar-me um pequeno guaraní. Então não sabia ainda si faria uso dessa carta; todavia achando-me tão mal acompanhado, com tão poucas distrações em viagem, vendo sempre semblantes contrariados, decidi pedir um peão ao coronel Paulette, na esperança que uma criança atenderia aos meus cuidados, que me sorriria, que me testemunharia alguma afeição e me serviria de distração. Disse ao coronel desejar um refugiado espanhol, órfão de pai e mãe. Achou êle em S. Borja um menino nas condições; tem oito ou nove anos e um semblante agradável

e espiritual; seus pais morreram durante a guerra; atravessou o Uruguai com outro índio espanhol que se apiedára d'êlé. O pobre pequeno estava inteiramente nú e como dei algum dinheiro ao homem que d'êlé cuidára até então, fiz de uma vez dois benefícios.

Desde o primeiro momento o pequeno Pedro mostrou o maior desejo de agradar-me, grande interesse em servir-me, esforçando-se por tudo fazer, mesmo o superior às suas forças. Do segundo ao terceiro dia em deante tenho-o trazido sempre comigo nas excursões ao campo. Distráí-me por sua graça; ajuda-me a colher sementes; corre atrás de todos os inséto e tráz me todas as flores que encontra. Esta criança denota a vivacidade e a curiosidade de um europeu, e possúe a docilidade característica de sua tribu. Tem chorado diversas vezes ao se lhe dizer que se vai separar de mim, mas éra raro derramar lágrimas quando ofendido e dorme sôbre uma de minhas caixas, envolto em uma simples coberta; come ordinariamente muito, mas não se queixa quando se lhe não dá alimento algum. Ensinei-lhe a recitar o *Pater* em francês; entende já tudo quanto se lhe diz em português e começa mesmo a falar essa lingua.

Quando deixei S. Borja o coronel Paulette pediu-me tomar em S. Miguel um outro pequeno indio espanhol e mandá-lo, ao chegar ao Rio de Janeiro, ao marquês de Belas, irmão do Conde de Figueira. Não podia recusar êsse ato de prestimosidade; por isso trouxe de São Miguel um guaraní.

NOTA DO TRADUTOR — Chegando à cidade de Rio Grande, Saint-Hilaire aí demorou-se algum tempo e seguiu, deoçis, para o Rio, onde chegou após feliz travessia, que durou dez dias, segundo carta que escreveu do Rio de Janeiro, em 4 de Setembro de 1821.

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 3.ª edição (aumentada).
 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionais do Brasil — 3.ª edição.
 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente Ilustrado — 2.ª edição.
 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
 27 — Alfredo Ellis Júnior: Populações Paulistas.
 59 — Alfredo Ellis Júnior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — Angione Costa: Introdução à Arqueologia Brasileira — Ed. Ilustrada.
 137 — Anibal Matos: Prehistória Brasileira — Vários Estudos — Ed. Il.
 148 — Anibal Matos: Peter Wilhem Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira. Ed. Ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — Pandá Calógeras: O Marquês de Barbacena — 2.ª edição.
 11 — Lutz da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. Ilustrado.
 107 — Lutz da Câmara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1879) — Edição Ilustrada.
 18 — Visconde de Taunay: Pedro II, 2.ª edição.
 20 — Alberto de Faria: Mauá (com tres ilustrações fora do texto).
 54 — Antônio Gontijo de Carvalho — Calógeras.
 55 — Lúcia Miguel Pereira: Machado de Assis — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição Ilustrada.
 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbú — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1829.

- 81 — Lemos Bello: A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império — Frei Caneca — Edição Ilustrada.
 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. Ilustrada.
 88 — Hélio Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
 114 — Carlos Süßkind de Mendonça: Silvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1889 — Com uma introdução etnográfica — Ed. Ilustrada.
 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Lutz Gama — Ed. Ilustrada.
 120 — Pedro Calmon: O Rei Filósofo — Vida de D. Pedro II — 2.ª Edição Ilustrada.
 133 — Heltor Lira: História de Dom Pedro II — 1825-1891 — Vol. 1.º: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. Il.
 133-A — Heltor Lira: História de Dom Pedro II — 1825-1891 — 2.º Volume: "Fastígio": 1870-1889 — Ed. Ilustrada.
 135 — Alberto Pizarro Jacobina: Dias Carneiro (O Conservador) — Ed. Ilustrada.
 136 — Carlos Pontes: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1875.
 140 — Hermes Lima: Tobias Barreto — A Época e o Homem — Ed. Ilustr.
 143 — Bruno de Almeida Magalhães: O Visconde de Albuquerque — Ed. Ilustr.
 144 — V. Correia Filho: Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. Ilustrada.
 153 — Mário Matos: Machado de Assis, (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). Ed. Ilustr.
 157 — Otávio Tarquínio de Souza: Evaristo da Veiga — 1.º vol. da série "Homens da Regência" — Edição Ilustrada.
 160 — José Bonifácio de Andrada e Silva: O Patriarca da Independência — Dezembro 1821 a Novembro 1823.

BOTANICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. Hochne - Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI - (Pesquisas e contribuições).
77 — C. de Mello-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição Ilustrada.
99 — C. de Mello-Leitão: A Biologia no Brasil.

CARTAS

- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Ed. Ilustrada.
38 — Rui Barbosa: Mocidade e Exílio (Cartas inéditas, Prefeitas e anotadas por Americo Jacob na Lacombe) — Ed. Ilustrada.
61 — Conde d'Eu: Viagem Militar no Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fricgens) — Edição Ilustrada.
109 — Georges Raeders: D. Pedro II e o Corde de Gobineau (Correspondência inédita).
142 — Francisco Venâncio Filho: Euclides da Cunha e seus Amigos — Edição Ilustrada.

DIREITO

- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.
165 — Nina Rodrigues: O alienado no direito civil Brasileiro — 3.ª Edição.

ECONOMIA

- 90 — Alfredo Ellis Júnior: Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição Ilustrada.
100 e 100-A — Roberto Simonsen: História Económica do Brasil — Ed. Ilustrada em 2 tomos.
152 — J. P. Normano: Evolução Económica do Brasil — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
155 — Venâncio Brito: Pontos de partida para a História Económica do Brasil.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a história da educação no Brasil) — 1.º Volume — 1823-1853.

- 87 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1858.
121 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1851-1859.
147 — Primitivo Moacir: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º vol. Das Amazonas às Alagoas.
147-A — Primitivo Moacir: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1825-1889 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.
99 — Fernando de Azevedo: A Educação Pública em São Paulo — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 — Batista Pereira: Figuras do Império e outros ensaios - 2.ª edição.
6 — Batista Pereira: Vultos e episódios do Brasil — 2.ª edição.
28 — Alberto Rangel: Ramos e Perspectivas.
41 — José-María Belo: A inteligência do Brasil — 3.ª edição.
43 — A. Saboia Lima: Alberta Torres e sua obra.
56 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefácio e notas de Gasfão Penhalva.
70 — Afonso Arinos de Melo Franco: Conceito de Civilização Brasileira.
82 — C. de Mello-Leitão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
105 — A. C. Tavares Bastos: A Província — 2.ª edição.
151 — A. C. Tavares Bastos: Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
118 — Agenor Augusto de Miranda: Estudos Piauienses - Ed. Ilustrada.
150 — Roy Nash: A Conquista do Brasil — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição Ilustrada.

ETNOLOGIA

- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondônia — 3.ª edição (aumentada e Ilustr.)

- 44 — Estêvão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.^o Tómo.
- 112 — Estêvão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.^o Tómo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.^a ed. completa, com parte original Tupi-Guaraní.
- 69 — Emílio Rivasseau: A vida dos Índios Guaiurus — Ed. Ilustrada.
- 75 — Afonso A. de Freitas: Vocabulário Nheengatú (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guaraní (com 3 ilustrações fora do texto).
- 92 — Almirante Antônio Alves Câmara: Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 2.^a edição Ilustrada.

- 101 — Herbert Hultus: Ensaio de Etnologia Brasileira — Prefácio de Afonso de E. Taunay - Edição II.
- 139 — Anglone Costa: Migrações e Cultura Indígena — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. Ilustrada.
- 154 — Carlos Fr. Phill Von Marilus: Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844) — Trad., Prefácio e notas de Pirajá da Silva.

FILOLOGIA

- 25 — Mário Matroquim: A Língua do Nordeste.
- 46 — Renato Mendonça: A influência africana no português do Brasil — Ed. Ilustrada.
- 164 — Bernardino José de Sousa: Dicionário da Terra e da Gente do Brasil — 4.^a Edição da "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".

FOLCLORE

- 57 — Flausino Rodrigues Vole: Elementos do Folclore musical Brasileiro.
- 103 — Sousa Carneiro: Mitos Africanos no Brasil — Edição Ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 — Cap Frederico A. Rondon: Pejo Brasil Central — Ed. Ilustrada, 2.^a edição.
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 35 — A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil — Ed. Ilustrada — 2.^a ed.

- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeografia Brasileira.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
- 63 — Raimundo Moraes: Na Planície Amazônica — 4.^a edição.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição Ilustrada.
- 86 — Aurélio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Ed. Ilustrada.
- 104 — Araújo Lima: Amazônia — A Terra e o Homem — (Introdução à Antropogeografia).
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.^a edição.
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional, O São Francisco — edição Ilustrada.
- 97 — Lima Figueredo: O Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 138 — Gustavo Dodt: Descrição dos Rios Paraíba e Gurupi — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. Ilustrada.

GEOLOGIA

- 102 — S. Fróes Abreu: A riqueza mineral do Brasil.
- 134 — Pandiá Calógeras: Geologia Econômica do Brasil — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tómo 3.^o, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Dt. refundida e atualizada por Djahina Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro. — 3.^a ed. (II).
- 13 — Vicente Leifão Cardoso: A margem da História do Brasil, 2.^a ed.
- 14 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.^a edição.
- 40 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 1.^o Tómo — Espírito da Sociedade Colonial - 2.^a edição Ilustrada (com 13 gravuras).
- 93 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 2.^o Tómo — Espírito da Sociedade Imperial. Ed. II.
- 15 — Pandiá Calógeras: Da Regência à queda de Rozas, 3.^o volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Pandiá Calógeras: Formação Histórica do Brasil — 3.^a ed. (com 3 mapas fora do texto).
- 23 — Evaristo de Morais: A escravidão africana no Brasil.
- 26 — Alfredo Ellis Júnior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.^a edição.

- 27 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. Ilustrada), 2.^a edição.
- 47 — Manuel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Mauá.
- 48 — Urbino Viana: Bandeiras e sectaristas Bandeirantes.
- 49 — Gustavo Barroso: História Militar do Brasil — Ed. Ilustrada. (com 50 gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: História secreta do Brasil — 1.^a parte: "Do descobrimento à abdição de Pedro I" — Edição Ilustrada, 3.^a edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambos — Decadência patriarcal e rural no Brasil — ed. Ilustrada.
- 69 — Prado Maia: Através da História Naval Brasileira.
- 89 — Coronel A. Jourdain de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independência — Edição Ilustrada.
- 106 — Padre Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Serões comentados por Pedro Calmon.
- 111 — Washington Lutz: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.^a edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descritivo do Brasil em 1587 — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.^a edição.
- 123 — Hermann Wätjen: O Domínio Colonial Holandês no Brasil - Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Lutz Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas de documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Ed. Il.
- 125 — João Dornas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira.
- 127 — Ernesto Ennes: As Guerras nos Palmares (Subsídios para sua História) 1.^o Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — Almirante Custódio José de Melo: O Governo Provisório e a Revolução de 1831 — 1.^o Volume, em 2 tomos.
- 132 — Sebastião Pagano: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 — Edição Ilustrada.
- 146 — Aurelio Pires: Homens e Fatos do meu tempo.
- 149 — Alfredo Valadão: Da aclamação à maioridade, 1822-1840 — 2.^a edição.
- 158 — Walter Spalding: A Revolução Farrroupilha (História popular do grande decênio) — 1835-1845 — Edição Ilustrada.
- 159 — Carlos Seidler: História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1831 — Trad. de Alfredo de Carvalho, Prefácio de Sívio Crave.
- 168 — Padre Fernão Cardim: Tratados da Terra e Gente do Brasil — Introduções e Notas de Batista Coelho, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia — 2.^a Edição.

MEDICINA E HIGIENE

- 29 — José de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Escudero, 2.^a edição.
- 51 — Otávio de Prettas: Doenças africanas no Brasil.
- 129 — Afrânio Peixoto: Clima e Saúde — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

POLITICA

- 3 — Aldeias Gentil: As Ideias de Alberto Torres (síntese com índice remissivo) 2.^a edição.
- 7 — Batista Pereira: Diretrizes de Rui Barbosa — (Segundo textos escolhidos) — 2.^a edição.
- 21 — Batista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro, 2.^a edição.
- 17 — Alberto Torres: A Organização Nacional, 2.^a edição.
- 24 — Pandiá Calógeras: Problemas de Administração, 2.^a edição.
- 67 — Pandiá Calógeras: Problemas de Governo — 2.^a edição.
- 74 — Pandiá Calógeras: Estudos Históricos e Políticos - (Res Nosttra...) — 2.^a edição.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise atual.
- 50 — Mário Trivastos: Projeção Continental do Brasil — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.^a edição ampliada.

- 55 — Hildebrando Accioly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.
- 131 — Hildebrando Accioly: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição Ilustrada com 8 mapas fora do texto.
- 81 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Município — Ed. Ilustrada.
- 95 — Osório de Rocha Diniz: A Política que Convém ao Brasil.
- 115 — A. C. Tavares Bastos: Cartas do Solitário — 3.^a edição.
- 122 — Fernando Sabala de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
- 141 — Oliveira Vianna: O idealismo da Constituição — 2.^a edição aument.
- 169 — Hiljo Lóbo: O Panamericanismo e o Brasil.

VIAGENS

- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas-Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay — 2.^a edição.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem à Província de Santa Catarina (1829) — Trad. de Carlos da Costa Pereira.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 1.^o tomo. Tradução e notas de Clodo Ribeiro de Lessa.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.^o tomo. Tradução e notas de Clodo Ribeiro de Lessa.
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlo Madeira.

- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição Ilustrada — Tradução e notas de Clodo Ribeiro de Lessa.
- 167 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azeredo Penn.
- 19 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII), 2.^a edição
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia — 4.^a edição.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. Ilustrada. (com 19 figuras).
- 62 — Agnô Augusto de Miranda: O Rio São Francisco Edição Ilustrada.
- 95 — Lutz Acassiz e Elizabeth Cary Acassiz: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Bülckind de Mendonça, Edição Ilustrada.
- 113 — Gastão Cruz: A Amazônia que eu Vi — Obidos — Tumuc-Humac — prefácio de Roquette-Pinto Ilustrado — 2.^a edição.
- 116 — Von Spitz e Von Martius, Atraves da Baía — Excertos de "Reise in Brasilien" ... Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 120 — Major Frederico Rondon: Na Rondônia Ocidental — Ed. Ilustr.
- 143 — Silveira Neto: Do Gualrá aos Saltos do Iguaçu — Ed. Ilustrada.
- 155 — Alfred Russel Wallace: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — em 2 tomos Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basílio de Magalhães.
- 161 — Rezende Rubim: Reservas de Brasilidade — Edição Ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

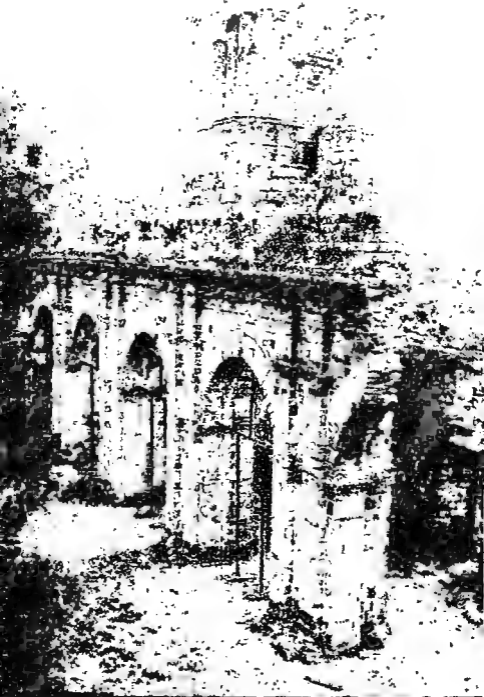
Edições de

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

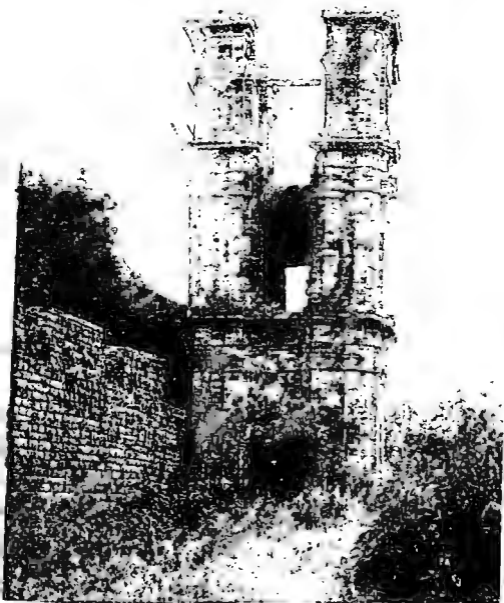
Rua dos Guimarães, 118/140 — São Paulo.



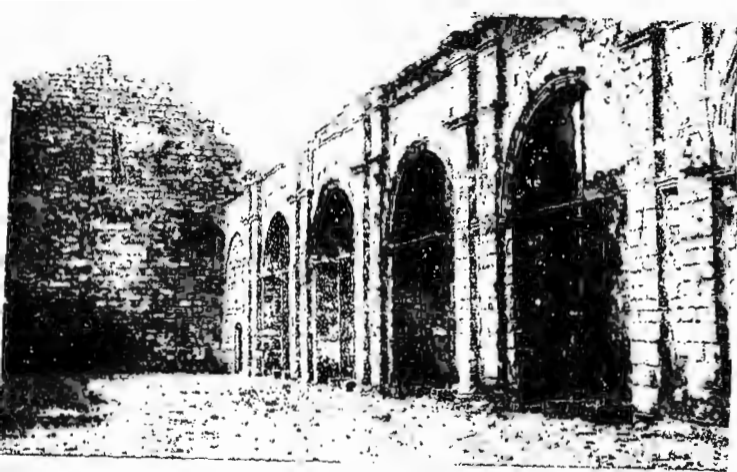
Ruínas de S. Miguel, nas Missoes. — PaçInd. de Itap'á. - (Foto da "A Noite").



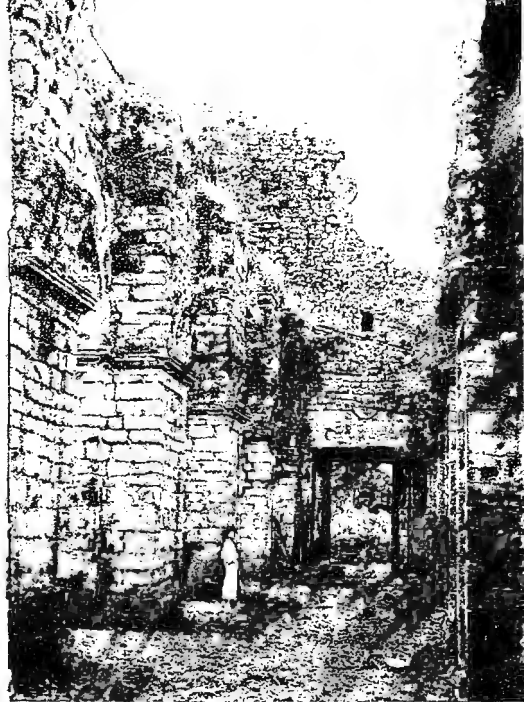
Restos de S. Miguel, nas Missões Jesuíticas. (Foto da "A Noite").



Ruínas de S. Miguel, nas Missões. — Torre do templo. (Foto da "A Noite")



Ruínas do S. Miguel, nas Missões. — Interior do templo. (Foto de "A Noite")



Ruínas de S. Miguel, nas Missões. — Interior do templo. (Foto da "A Noite")



Restos de S. Miguel, nas Missões. — Porta principal.